



MINISTÉRIO DA CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO
EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA

IBICT 70 ANOS: UM RESGATE HISTÓRICO DAQUELES QUE FIZERAM O INSTITUTO

ORGANIZAÇÃO

DANIELA A. P. CUNHA

AUTORES

ANA SUELY PINHO LOPES

ANDRÉA DOYLE

FABIENE CASTELO BRANCO DIÓGENES

FREDERICO RAMOS OLIVEIRA

GUSTAVO SILVA SALDANHA

LENA VANIA RIBEIRO PINHEIRO

LILLIAN MARIA ARAUJO DE REZENDE ALVARES

LUANA FARIAS SALES

MARIA DE FÁTIMA DINIZ LOBO

MILTON SHINTAKU

NANCI ELIZABETH ODDONE

RICARDO CRISAFULLI RODRIGUES

RICARDO MEDEIROS PIMENTA

ROSILENE PAIVA MARINHO DE SOUSA

TIAGO EMMANUEL NUNES BRAGA

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente da República

Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho
Vice-Presidente da República

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Luciana Santos
*Ministra da Ciência, Tecnologia e
Inovação*

INSTITUTO BRASILEIRO DE
INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E
TECNOLOGIA

Cecília Leite Oliveira
Diretoria

Reginaldo de Araújo Silva
*Coordenação de Administração -
COADM*

Gustavo Saldanha
*Coordenação de Ensino e Pesquisa
em Informação para a Ciência e
Tecnologia - COEPI*

José Luis dos Santos Nascimento
*Coordenação de Planejamento,
Acompanhamento e Avaliação - COPAV*

Marcel Garcia de Souza
*Coordenação-Geral de Informação
Tecnológica e Informação para a
Sociedade - CGIT*

Bianca Amaro de Melo
*Coordenação-Geral de Informação
Científica e Técnica - CGIC*

Tiago Emmanuel Nunes Braga
*Coordenação-Geral de Tecnologias de
Informação e Informática - CGTI*

Milton Shintaku
*Coordenação de Tecnologias para
Informação - COTEC*



MINISTÉRIO DA CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
Instituto Brasileiro de Informação em
Ciência e Tecnologia

IBICT 70 ANOS: UM RESGATE HISTÓRICO DAQUELES QUE FIZERAM O INSTITUTO

Organização

Daniela A. P. Cunha

Apoio

Gustavo Silva Saldanha
Milton Shintaku

Autores dos capítulos

Ana Suely Pinho Lopes
Andréa Doyle
Fabiene Castelo Branco Diógenes
Frederico Ramos Oliveira

Gustavo Silva Saldanha
Lena Vania Ribeiro Pinheiro
Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares
Luana Farias Sales
Maria de Fátima Diniz Lobo
Milton Shintaku
Nanci Elizabeth Oddone
Ricardo Crisafulli Rodrigues
Ricardo Medeiros Pimenta
Rosilene Paiva Marinho de Sousa
Tiago Emmanuel Nunes Braga



Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

Brasília, DF
2023

© Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), 2023.



Esta obra é licenciada sob uma licença Creative Commons - Atribuição CC BY-NC-ND 4.0, sendo permitida a reprodução parcial ou total, desde que mencionada a fonte, de uso não comercial e sem derivações.

EQUIPE TÉCNICA

Organização

Daniela A. P. Cunha

Apoio

Gustavo Silva Saldanha

Milton Shintaku

Apoio técnico

Claudia Aparecida Nóbrega Franco

Autores dos capítulos

Ana Suely Pinho Lopes

Andréa Doyle

Fabiene Castelo Branco Diógenes

Frederico Ramos Oliveira

Gustavo Silva Saldanha

Lena Vania Ribeiro Pinheiro

Lillian Maria Araujo de Rezende Alvares

Luana Farias Sales

Maria de Fátima Diniz Lobo

Milton Shintaku

Nanci Elizabeth Oddone

Ricardo Crisafulli Rodrigues

Ricardo Medeiros Pimenta

Rosilene Paiva Marinho de Sousa

Tiago Emmanuel Nunes Braga

Revisão de texto

Flavia Furlan Granato

Rafael Teixeira de Souza

Normalização

Fernando Pereira

Ingrid Schiessl

Maison Roberto

Marcelle Costal

Priscila Rodrigues

Raissa Meneses

Design gráfico e diagramação

Nuielle Medeiros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecário: Bernardo Dionízio Vechi CRB1/2775

112s Ibict 70 anos: um resgate histórico daqueles que fizeram o instituto / Daniela A. P. Cunha, organizadora ; Gustavo Silva Saldanha, Milton Shintaku, apoio ; Ana Suely Pinho Lopes... [et al.]. -- Brasília: Ibict, 2023.

220 p.

ISBN 978-65-89167-45-7

DOI:10.22477/9786589167457

1. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) – História. 2. Instituto de Pesquisa - Brasília (DF) - História. 3. Unidade de Pesquisa - Brasília (DF) - História. 4. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). I. Cunha, Daniela A. P., org. II. Saldanha, Gustavo Silva. III. Shintaku, Milton. IV. Título.

CDU 378.6(09)

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia ou do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

Endereço Ibict

Setor de Autarquias Sul (SAUS), Quadra 05, Lote 06, Bloco H - 5º andar

CEP: 70.070-912 - Brasília, DF

Lista de abreviaturas e siglas

ABC	Agência Brasileira de Cooperação
ABDF	Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal; Associação dos Bibliotecários e Profissionais da Ciência da Informação do Distrito Federal
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACV	Avaliação do Ciclo de Vida; Avaliação do Ciclo de Vida dos Produtos
AGRIS	Sistema Internacional de Informação sobre Ciências e Tecnologia Agrícola
ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
ANPUT	Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional
BDB	Biblioteca Demonstrativa do Brasil Maria da Conceição Moreira Salles
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BEAGRIS	Bibliotecas Estaduais de Agricultura
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BINAGRE	Biblioteca Nacional de Agricultura
BIREME	Biblioteca Regional de Medicina
BLLD	British Library Lending Division
BNB	Biblioteca Nacional de Brasília
C&T	Ciência e Tecnologia
CADAP	Cadastro de Dados
CAIN	Cadastro de Instituições
CAPDA	Comitê das Atividades de Pesquisa e Desenvolvimento na Amazônia
CAPES	Companha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPESQ	Cadastro de Pesquisas em Andamento
CARIS/FAO	Current Agricultural Research Information System
CBBB	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
CBICT	Centro Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
CCN	Catálogo Coletivo Nacional
CDC	Curso de Documentação Científica

CDU	Classificação Decimal Universal
Cenanci	Centro de Altos Estudos em Ciência da Informação e Inovação
Cendotec	Centro Franco-Brasileiro de Documentação Técnica e Científica
CEPLAC	Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira
CERTI	Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras
CEUB	Centro Universitário de Brasília
CGNP	Coordenação Geral de Pesquisa e Desenvolvimento de Novos Produtos
CGPC	Coordenação Geral de Pesquisa e Manutenção de Produtos Consolidados
CGTI	Coordenação Geral de Tecnologias de Informação e Informática
CIN	Centro de Informações Nucleares
CIR	Coordenação de Informação Rural
CNI	Confederação Nacional da Indústria
CNPq	Conselho Nacional de Pesquisa; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COEPE	Coordenação de Ensino e Pesquisa, Ciência e Tecnologia da Informação
Comut	Programa de Comutação Bibliográfica
CRIQ	Centre de Recherche Industrielle du Québec
CRIS	Current Research Information Systems
CT-PIM	Centro de Ciência, Tecnologia e Inovação do Polo Industrial de Manaus
DAMPI	Departamento de Assistência à Média e Pequena Indústria
DASP	Departamento de Administração do Serviço Público
Dr.	Doutor
DTI	Departamento de Tecnologias da Informação
Embrapa	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrater	Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural
ENAP	Escola Nacional de Administração Pública
FAO/ONU	Food and Agriculture Organization
Fapeam	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FCI	Faculdade de Ciência da Informação
FEBAB	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários
FEFIEG	Federação das Escolas Isoladas do Estado da Guanabara

FID	Federação Internacional da Documentação
FID/CLA	Comissão Latino-Americana da Federação Internacional de Documentação
Finep	Financiadora de Estudos e Projetos
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz
GT/ICT	Grupo de Trabalho em Informação Científica e Tecnológica
IACS	Instituto de Artes e Comunicação Social
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBC	Instituto Brasileiro do Café
IBECC	Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ibict	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IC	Iniciação Científica
ICT	Informação, ciência e tecnologia
IEL/CNI	Conselho Superior do Instituto Euvaldo Lodi da Confederação Nacional da Indústria
IFAP	Information for All Program
IFLA	International Federation of Library Association and Institutions
IICA/CIDIA	Instituto Interamericana de Ciências Agrícolas/Centro Internacional de Documentação e Informação Agrícola
IMPA	Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada
Inep	Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
Infolac	Rede de Informação Latino-americana e do Caribe em Ciência e Tecnologia
Inmetro	Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
INPI	Instituto Nacional de Propriedade Industrial
INT	Instituto Nacional de Tecnologia
IRGA	Instituto Rio Grandense do Arroz
ISDS	International Serial Data System
ITA	Instituto Tecnológico da Aeronáutica
ITAL	Instituto de Tecnologia de Alimentos
LUT	Loughborough University of Technology
MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia

MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NATIS	Sistema Nacional de Informação
NDC	Núcleo de Documentação Central
NDLTD	Networked Digital Library of Theses and Dissertations
NISO	National Information Standard Organization
Oasisbr	Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto
OCLC	Online Computer Library Center
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OJS	Open Journal Systems
OMS	Organização Mundial da Saúde
PADCT	Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
PGCIN	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PLANASUCAR	Programa Nacional de Melhoramento da Cana de Açúcar
PNBU	Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
Proálcool	Programa Nacional do Álcool
PRODOC	Acordo de Cooperação Técnica Internacional
Profa.	Professora
Prossiga	Programa de Informação e Comunicação para Ciência e Tecnologia
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
RCAAP	Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal
RedCLARA	Cooperação Latino Americana de Redes Avançadas
RNP	Rede Nacional de Ensino e Pesquisa
RSP	Revista do Serviço Público
SAF	Secretaria da Administração Federal
SB	Serviço de Bibliografias
SBRT	Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas
SCT	Secretaria de Ciência e Tecnologia
SDI	Disseminação Seletiva da Informação
Sebrae	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SEER	Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas
SEI	Secretaria Especial de Informática
Senai	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
Serpro	Serviço Federal de Processamento de Dados
SESU/MEC	Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação
SGPA	Sociedade Goiana de Agricultura e Pecuária
SIABE	Sistema Integrado de Automação de Bibliografias Especializadas
SIC	Serviço de Intercâmbio de Catalogação
Sistib	Sistema de Informação em Tecnologia Básica Industrial
SNBU	Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias
SNDCT	Sistema Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
SNICT	Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica
SNIDA	Sistema Nacional de Informação e Documentação Agrícola
SNIR	Sistema Nacional de Informação Rural
SPA	Sistema Público de Acesso a Bases de Dados
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TED	Termo de Execução Descentralizada
TEDE	Sistema de Publicação de Teses e Dissertações
TIB	Tecnologia Industrial Básica
UCB	Universidade Católica de Brasília
UDCC	Universal Decimal Classification Consortium
UFERJ	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal do Goiás
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	Universidade de Brasília



Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unesp	Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
Unifesp	Universidade Federal de São Paulo
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNISIST	United Nations Internacional Scientific Information System
UPR	Universidad de Puerto Rico
USP	Universidade de São Paulo
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná
VINITI	Russian Institute for Scientific and Technical Information of the Russian Academy of Sciences



SUMÁRIO

Apresentação	15
 CAPÍTULO 1 Lydia de Queiroz Sambaquy: 1954 a 1965	18
Introdução	19
Lydia de Queiroz Sambaquy	20
Biografia	20
Carreira profissional	23
IBBD	25
Considerações finais	27
Referências	28
 CAPÍTULO 2 Celia Zaher: travessias e infovias do IBBB ao Ibict no Brasil-mundo	34
Introdução as passagens	35
A Bibliografia e o Futuro	37
Todos os degraus da formação em Ciência da Informação: legados à América Latina	41
Considerações finais: O Ibict e o Brasil-mundo: a infovias abertas pela travessia Zaheriana	44
Referências	46
 CAPÍTULO 3 Hagar Espanha Gomes: do IBBB ao Ibict	48
Introdução	49
Biografia	50
O início da vida profissional: a atuação de Hagar no IBBB	52
A vida acadêmica	53
Da gestão no IBBB até o IBICT	55
A contribuição para o fortalecimento da Ciência da Informação para além gestão do IBBB	59
Considerações finais	61
Referências	63
 CAPÍTULO 4 Diretores do período de consolidação do Ibict	68
Introdução	69
Contextualizando a memória institucional	70

Os memoráveis ex-diretores do período de consolidação do Ibict	71
José Adolfo Vencovsky (1976-1977)	72
Carlos Augusto de Albuquerque (1977-1979)	74
Paulo de Souza Moraes (1979-1980)	75
Afrânio de Carvalho Aguiar (1981-1982)	78
Considerações finais	82
Referências	83

 CAPÍTULO 5 Contribuições de Yone Chastinet para o desenvolvimento da informação científica, tecnológica e educacional do Brasil	86
Introdução	87
Nascimento, juventude e família	89
Biblioteconomia: formação e primeiras experiências profissionais	90
IBBD	91
SNIDA	92
Atuação na direção do Ibict	95
Programas PNBU e prrossiga: idealização e implementação	100
Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU)	101
Programa de Informação e Comunicação para Pesquisa (Prossiga)	103
Considerações finais	105
Referências	106

 CAPÍTULO 6 Antonio Agenor Briquet de Lemos: um repositório de saberes e fazimentos	112
Introdução	113
Biografia	113
Um reservatório de saberes	113
A cidade	115
O poeta	117
O amor	118
O pai	118
O amigo	119
A vida acadêmica	121
O Ibict	124
O plano de trabalho	126
Os resultados	132

Considerações finais	132
Referências	133
Livros	133
Endereços eletrônicos	134
Periódicos	135
Lives	136
Documentários	136
Outras fontes e contatos	136
 CAPÍTULO 7 Antonio Lisboa Carvalho de Miranda: bibliotecário, escritor, poeta, 13º diretor do IbiCT	138
Introdução	139
O homem	140
Formação acadêmica	142
O professor	143
O bibliotecário	144
O diretor	147
Considerações finais	152
Referências	153
 CAPÍTULO 8 José Rincon Ferreira	156
Introdução	157
Pioneiro na gestão e na formulação de políticas institucionais e políticas públicas nacionais de informação tecnológica	159
Referências	162
 CAPÍTULO 9 Período de interinidade	164
Introdução	165
Carlos Américo Pacheco	165
Almiro Blumenschein	167
Eloi de Souza Garcia	168
Marisa Bräscher Basilio Medeiros	169
Nilson Lemos Lage	173
Paulo Blanco Barroso	174
Considerações finais	175
Referências	176

 CAPÍTULO 10 Emir José Suaiden: período de 2005 a 2013	180
Introdução	181
Emir José Suaiden	182
Biografia	182
Vida acadêmica	185
Diretor do Ibict	188
A vida profissional pós-Ibict	192
Considerações finais	193
Referências	194
 CAPÍTULO 11 Cecília Leite: como a gestão pela excelência permitiu o Ibict prosperar em tempos difíceis	196
Introdução	197
Uma gestão de desafios: as dificuldades enfrentadas pela ciência e pelo Ibict durante a última década	198
Dos desafios à inovação: avanços na gestão e nas estruturas informacionais	202
Da inovação ao reconhecimento institucional e individual	209
Considerações finais	210
Sobre o texto	211
Referências	212
Sobre os autores	214

APRESENTAÇÃO

O Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), completou 68 anos de existência em 2022. Este livro nasceu da ideia de registrar, em obra, relatos sobre antigos diretores – grandes nomes que constituíram o Instituto. A produção representa uma importante contribuição para a memória institucional ao percorrer parte do caminho trilhado ao longo das últimas sete décadas, contando com um conjunto precioso de depoimentos e histórias, desde a criação do Ibict até os dias de hoje.

Vale lembrar que o Ibict foi instituído em 1954 e que sua criação marcou o pioneirismo do Brasil nas discussões relacionadas à Ciência da Informação e seu consequente papel no desenvolvimento do País.

Nessa travessia, de 1954 a 2022, o foco da narrativa é na história de pessoas que atuaram na diretoria do Ibict, com relatos biográficos sobre os ex-diretores, fontes memoriais, dados pitorescos e muito mais. Para tanto, a fim de escrever sobre determinado diretor ou diretora, foram convidados pesquisadores especialistas na personalidade bibliografada. Os nomes dos escritores foram selecionados e homologados pelo conselho editorial da obra, composto pela coordenação do Instituto e sua atual diretoria.

Com a missão de promover a competência, o desenvolvimento de recursos e a infraestrutura de informação em ciência e tecnologia para a produção, socialização e integração do conhecimento científico e tecnológico, o Ibict contou com a valiosa contribuição de 22 diretores em sua construção como referência e vanguarda nas áreas de Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil.

Ao longo desse tempo, a estrutura organizacional passou por mudanças significativas. Neste livro é possível saber um pouco mais sobre o impacto da gestão dos ex-diretores e como foi liderar uma instituição que começou a sua história como Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) até se consolidar como o atual Ibict. Ao olhar para a evolução do Instituto, a obra também conta um pouco sobre a memória da Ciência, Tecnologia e Inovação no País,

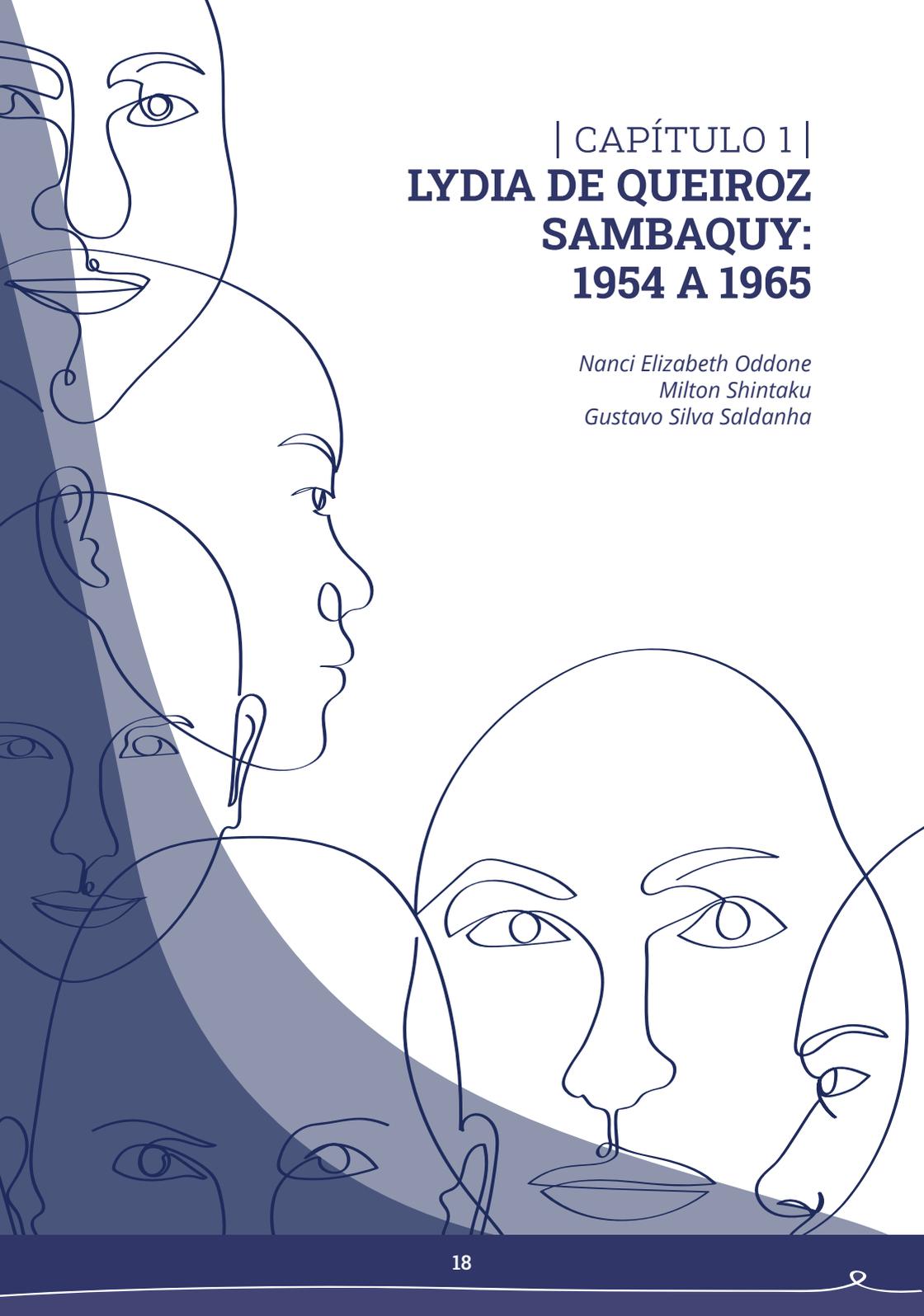
além da Ciência da Informação, construídas a partir do conhecimento e da experiência de agentes e atores e de muitas mudanças.

Ao olhar para o passado desses protagonistas, aprendemos lições úteis para o futuro. Na busca de soluções, encontramos novos significados, aprendizados, cultivo de relações, descobertas e valores para nossa existência. Ao completar 68 anos, o Ibict rompe também barreiras internacionais. Por meio de acordos de cooperação com instituições de ensino e pesquisa dos Estados Unidos, Colômbia, Cuba, Panamá, Colômbia, Peru, entre outros países, são desenvolvidos projetos de informação científica e tecnológica.

Em meio a tantas conquistas, o Ibict alça o posto de modelo de instituição, com a formação e a capacitação dos recursos humanos para pesquisa na área de Ciência da Informação, motivo pelo qual estabeleceu um convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e foi responsável por lançar o primeiro programa em Ciência da Informação, o qual se tornou modelo para a América Latina. A seguir, fique com os percursos dos ex-diretores da Instituição. O livro conta com 11 capítulos.

Boa Leitura!



The background of the page is a complex line-art illustration. It features several stylized human faces drawn with simple black outlines. The faces are arranged in a layered, overlapping fashion. Some are shown in profile, while others are frontal. The lines are clean and minimalist. A large, semi-transparent blue circular shape is positioned on the left side, partially overlapping the faces. The overall aesthetic is modern and graphic.

| CAPÍTULO 1 |
**LYDIA DE QUEIROZ
SAMBAQUY:
1954 A 1965**

*Nanci Elizabeth Oddone
Milton Shintaku
Gustavo Silva Saldanha*

INTRODUÇÃO

O ano de 1954 teve grande importância para a história do Brasil, sendo lembrado por muitos pelo final do governo de Getúlio Vargas, que se suicidou em agosto daquele ano. A famosa frase ao final da carta deixada pelo presidente – “Saio da vida para entrar na história”,¹ – se cumpriu. Assim, o período politicamente conturbado que o Brasil viveu naquele ano destacou-se pelo grande protagonismo de Vargas, ocultando outros acontecimentos que nem sempre são conhecidos, mesmo para quem é da área.

De certa forma, o mundo ainda vivia com a lembrança da grande guerra. As mudanças tecnológicas e científicas começaram a fazer parte do cotidiano, e a preocupação com a grande massa de conhecimento se fazia presente. Nesse sentido, Bush², em seu célebre artigo *As We May Think*, relata que a ciência e a tecnologia possibilitaram grandes avanços aos homens, criando tanto o bem-estar como as armas de destruição. Ele ainda ressalta que se não cuidarmos dos registros existentes, os homens poderão se destruir antes mesmo de aprender com eles.

Nesse contexto, em 27 de fevereiro de 1954, por meio do Decreto nº 35.125, foi criado o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), uma iniciativa que teve o apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), ao sugerir a criação de um centro nacional de bibliografia alinhado às tendências mundiais em documentação (GUGLIOTTA, 2019). Desde sua criação, o IBBB manteve um vínculo direto com o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), atualmente Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, criado três anos antes pela Lei nº 1.310 de 15 de janeiro de 1951.

1 FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil [CPDOC]. **Exposição virtual Getúlio Vargas e a propaganda política**. [S. l.]: CPDOC; FGV, 2023. Disponível em: <https://expo-virtual-cpdoc.fgv.br/>. Disponível também: <https://expo-virtual-cpdoc.fgv.br/saio-da-vida-para-entrar-na-historia-getulio-vargas-e-propaganda-politica>. Acesso em: 9 jan. 2023.

2 BUSH, Vannevar. *As we may think*. **The Atlantic**, [S. l.], July, 1945. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/303881/>. Acesso em: 9 jan. 2023.

Silva (1987) e Oddone (2004) relatam a importância da bibliotecária Lydia de Queiroz Sambaquy no planejamento e na criação do IBBD, sendo a grande mentora e primeira diretora do Instituto, demonstrando que, para além de fatos e acontecimentos, são pessoas que atuaram na realização da história. Assim, torna-se mister apresentar a mulher e profissional por trás da criação e estabelecimento do IBBD, um instituto de pesquisa, agora nomeado de Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), que se mantém na vanguarda dos estudos em informação.

A base deste capítulo é a tese intitulada *Ciência da Informação em Perspectiva Histórica: Lydia de Queiroz Sambaquy e o Aporte da Documentação (Brasil, 1930-1970)*, de autoria de Nanci Elizabeth Oddone, defendida em 2004 pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em parceria com o Ibict. Ao fim do capítulo, os leitores encontrarão referências a fontes de informação que abordam não só a trajetória de Lydia de Queiroz Sambaquy, mas também a de outros atores que participaram, ao lado dela, em projetos e iniciativas voltadas para a profissionalização das bibliotecas nacionais, para a consolidação do ensino de Biblioteconomia e para o progresso da Documentação e da Ciência da Informação, acompanhando o desenvolvimento da área no resto do mundo.

LYDIA DE QUEIROZ SAMBAQUY

Dar voz a antigos diretores do Ibict possibilita apresentar, mesmo que postumamente, os feitos e a pessoa por trás do título de diretor. Recuperar a memória institucional e apresentar aos mais novos os protagonistas que pavimentaram o caminho até o ponto atual possibilita ativar a história para que não seja esquecida, inspirando novos pesquisadores e gestores a alcançar novos feitos.

Biografia

A família do doutor Esperidião de Queiroz Lima, pai de Lydia, tem raízes em uma tradicional família cearense, da qual figuram proeminentes personalidades do direito, como Euzébio de Queiroz Lima e a

escritora Rachel de Queiroz, imortal da Academia Brasileira de Letras e prima de Lydia. Tendo origem no município de Quixadá, especificamente na fazenda Califórnia, Esperidião de Queiroz Lima formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com especialidade em veterinária. Segundo relata Oddone (2004), em razão de sua profissão e estudos voltados à doença provocada pelo *Trypanosoma equinus*, Esperidião é nomeado veterinário do Serviço de Indústria Pastoral, mudando-se com sua família para Belém, estado do Pará, em 1912, e permanecendo até 1915.

Esperidião de Queiroz Lima, casado com Maria de Góes de Queiroz Lima, formou uma família composta pelo filho Rodrigo de Queiroz Lima e pelas filhas Sylvia de Queiroz Grillo, Lydia de Queiroz Sambaquy, Myrta de Queiroz Maya e Doris de Queiroz de Carvalho. Como pesquisador e veterinário, desempenhou importante papel em estudos no combate à raiva (LIMA, 1934; 1935 apud ODDONE, 2004).

Como conta a neta de Lydia, Fabiola Queiroz, filha de Lúcia e Henrique Alberto, era desejo da Família Queiroz que Esperidião se tornasse oficial da Marinha. Com a opção de formar-se médico, a família o deserdou, o que o levou a se aventurar pelo norte do país a trabalho, passando por vários estados. Muitas dessas histórias estão relatadas no livro *Antiga Família do Sertão*, de autoria de Esperidião, publicado em 1946 pela Livraria Agir (Rio de Janeiro), em que se relata sobre a Família Queiroz.

Nesse contexto, Dr. Esperidião, com alto nível de formação, pôde proporcionar aos filhos uma formação sólida que iria reverberar mais tarde, as mulheres em destaque neste texto, Sylvia e Lydia. Possivelmente por isso, destoando da posição das mulheres da época, Lydia torna-se uma expoente na biblioteconomia e ciência da informação no Brasil, vindo a ser mentora da criação e presidente do IBBD.

Lydia nasceu em 23 de março de 1913, durante o breve período da família em Belém. Posteriormente, a família mudou-se para outros estados, incluindo Minas Gerais, em seguida, estabeleceu-se em São José do Rio Preto, interior do estado de São Paulo, uma próspera cidade que se tornou polo comercial do oeste paulista pela integração com a linha de ferro ainda em 1912. Nessa época, Esperidião trabalhou com cafeicultura.

Durante o período no interior de São Paulo, Lydia cursa o secundário, atual ensino fundamental segunda fase, entre 1925 e 1929, no Colégio das Irmãs de Santo André, uma escola religiosa feminina ainda em funcionamento. Com 16 anos, ao terminar o secundário, Lydia casa-se com Júlio Furquim Sambaquy, natural de Ribeirão Preto, que mais tarde se tornaria ministro da Educação do governo de João Goulart, entre 1963 e 1964, sendo um dos principais responsáveis pela transferência do Ministério da Educação do Rio de Janeiro para Brasília³.

No final da década de 1920, com as mudanças ocorridas no mundo devido ao efeito da Primeira Grande Guerra, o café não era um produto tão valorizado. Com isso, os pais de Lydia mudaram-se para o Rio de Janeiro em 1920, estabelecendo-se na antiga capital do país, visto que a cafeicultura não se apresentou tão promissora à família. Um ano mais tarde, Lydia e Júlio também se mudaram para a cidade do Rio de Janeiro.

Aos 20 anos, em face das mudanças ocorridas no currículo de ensino brasileiro com a criação do Ministério da Educação, Lydia retorna aos estudos, mesmo casada, para fazer o que atualmente é o ensino médio. Nesse período, ela estudou no Colégio Dom Pedro II, entre 1933 e 1936. Pela facilidade com matemática e pelos incentivos do seu professor Cecil Thiré, que a fez dar continuidade a essa linha, ela estudou engenharia por três anos, mas não concluiu.

Em 1941, aos 28 anos, Lydia se formou em biblioteconomia no curso da Biblioteca Nacional, já atuando na Biblioteca do Departamento de Administração do Serviço Público (DASP) por intermédio da sua irmã mais velha, Sylvia. Lydia ingressa na área de biblioteconomia como estagiária, participando de treinamentos ofertados pela Biblioteca do DASP. Depois, passa a ocupar o cargo de assistente e técnico administrativo.

Possivelmente, uma das grandes influências na formação de Lydia se deve à sua participação no curso ofertado a bibliotecários pela School of Library Service, da Columbia University (Universidade de

3 BRASIL. Ministério da Educação. Portal Gov.BR. Acesso à Informação. Institucional. Galeria de Ministros. **Ministro Júlio Furquim Sambaquy. Publicado em: 22 set. 2020. Atualizado em: 13 set. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/galeria-de-ministros/ministro-julio-furquim-sambaquy>. Acesso em: 18 set. 2022.**

Columbia), em Nova Iorque. Essa oportunidade surgiu graças à merecida bolsa de estudos recebida por ela.

Lydia e Júlio tiveram três filhos, respectivamente: Lúcia Thomas, Júlio Queiroz Sambaquy e Celia Baltar, caçula que, entre os filhos do casal, foi a que se tornou cuidadora da mãe com o passar dos anos. Celia também foi bibliotecária formada pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com diploma datado de 1970. Lydia teve uma vida longa, com grande atuação na biblioteconomia e ciência da informação, falecendo em 2006, prestes a completar 93 anos.

Carreira Profissional

Sylvia, irmã mais velha de Lydia, após ter concluído seus estudos na Columbia University, passa a gerenciar a Biblioteca do DASP, dando início ao treinamento de estagiários. Lydia passa a atuar nessa biblioteca em 1938, ainda como estagiária. Na época, com os seus 25 anos e já mãe de três filhos, ela contraria os padrões tradicionais do papel da mulher que era ser apenas a cuidadora do lar.

Com a entrada na Biblioteca do DASP, Lydia passou a frequentar o curso de biblioteconomia ofertado pela Biblioteca Nacional, um curso tradicional criado em 1915, que atualmente é ofertado pela UNIRIO. Ela se formou em 1941, já como coordenadora da Biblioteca do DASP, em decorrência do afastamento de Sylvia em 1939.

Lydia atuou na direção da Biblioteca do DASP sob orientação da irmã, dando maior visibilidade à unidade. Tal atuação marca significativamente a vida de Lydia, tendo em vista as articulações e a formação de rede social desenvolvida durante a atuação na biblioteca. Nessa época, a Biblioteca do DASP dava apoio à *Revista do Serviço Público*, que ainda está em circulação⁴, agora publicada pela Escola Nacional de Administração Pública (ENAP).

Nos números 1 e 2 da revista, publicados em 1939, Lydia escreve o artigo *O que é Biblioteca Moderna*, no qual enumera as atividades e serviços ofertados pela Biblioteca do DASP. Ademais, inicia a discussão

4 REVISTA DO SERVIÇO PÚBLICO. Brasília: ENAP, 1937-. ISSN 0034-9240. E-ISSN 2357-8017. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP>. Acesso em: 18 set. 2022.

sobre sistemas de classificação ainda pouco conhecidos no país, o modelo de classificação de Dewey e o Classificação Internacional de Bruxelas, revelando como a biblioteca estava na vanguarda no país não apenas pelas atividades, mas por sua atuação na área de biblioteconomia.

Nos quatro números da *Revista do Serviço Público* do ano de 1940, Lydia, sua irmã Sylvia e as bibliotecárias Francisca Marcondes Portugal e Nilza Lins de Almeida apresentam as instalações, atividades de aperfeiçoamento e padrões utilizados pela Biblioteca do DASP. Nesse contexto, mostram a importância das bibliotecas para o serviço público e para a atuação dos bibliotecários na sua gestão. Destaca-se a minuciosa publicação de todos os formulários e fichas utilizadas pela biblioteca na gestão do acervo, incluindo explicações de utilização.

Dentre as ações tomadas pela Biblioteca do DASP, destaca-se o curso Preparatório para Bibliotecários, instituído por meio do Decreto nº 6.416, com duração de seis meses, o qual possibilitou que funcionários da carreira pública fossem promovidos à carreira de bibliotecários. Tanto a formação ofertada pela Biblioteca Nacional (curso de biblioteconomia) quanto a ofertada pela Biblioteca do DASP serviram de apoio à institucionalização da carreira de bibliotecário no Brasil, pelo Decreto nº 2.166 de 06 de maio de 1940.

O curso de formação para bibliotecários ofertado pelo DASP tinha como objetivo capacitar funcionários para atuar em bibliotecas, com estrutura prática. Contava com a duração de um semestre, sendo ofertado duas vezes por ano, durante quatro anos, entre 1941 e 1944. Com isso, formou um quantitativo expressivo de bibliotecários, a ponto de ser citado em palestra do renomado estudioso Rubens Borba de Moraes, um dos organizadores da *Semana de Arte Moderna*, em conferência na Casa do Estudante do Brasil.

Afinadas com as ideias mais recentes na biblioteconomia, recebidas pela formação na School of Library Services da Universidade de Columbia, em 1943, Lydia profere palestra na *Exposição de Atividades de Organização do Governo Federal*, intitulada *A Ação Social da Biblioteca Pública*. No Rio de Janeiro e em São Paulo, a palestra intitulou-se *Como a Biblioteca Pode e Deve Servir ao Brasil*. Nelas, apresentou o que

a Biblioteca do DASP estava fazendo como uma biblioteca aberta ao público, além de operar como um laboratório em que estavam em vigor as mais modernas técnicas da biblioteconomia.

O Serviço de Intercâmbio de Catalogação (SIC), organizado pela Imprensa Nacional sob orientação da Biblioteca do DASP, serviu de padrão para que outras bibliotecas pudessem normalizar os seus processos de catalogação. Tal atitude seria a precursora para a formação de catálogos coletivos. Grande parte dessas ações, mantidas pela Biblioteca do DASP e voltadas para estabelecer e fomentar o uso de padrões bibliográficos, ajudaram no fortalecimento da biblioteconomia nacional.

Com isso, a atuação de Lydia na Biblioteca do DASP transcende as paredes da instituição, afetando toda a profissão de bibliotecário na medida em que fomenta a formação de profissionais. Entretanto, o desempenho político de Lydia em prol da profissão e das atividades de informação terá seu ápice na articulação para a criação do IBBD, em 1954.

IBBD

O IBBD, que futuramente se transformaria no Ibict, foi criado no final da era Vargas e do Estado Novo por meio do Decreto nº 35.124, de 27 de fevereiro de 1954, vinculado ao CNPq, o qual tinha sido criado anos antes, pela Lei nº 1.310 de 15 de janeiro de 1951. Entretanto, a criação do IBBD é o ápice de um movimento nascido antes, cuja articulação e ideias inovadoras vinham de Lydia.

Aliás, suas ideias sobre biblioteconomia, que posteriormente foram incorporadas ao IBBD, podem ser encontradas no artigo intitulado *Desenvolvimento das Bibliotecas Públicas na América Latina*, publicado na *Revista do Serviço Público* (RSP), de 1951. Da mesma forma, Lydia contribuiu com um relatório sobre bibliotecas públicas para o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), com ideias que comprariam o IBBD. Segundo a dissertação defendida por Luiz Antônio Gonçalves da Silva, funcionário do Ibict e então estudante da Universidade de Brasília (UnB), os documentos pessoais de Lydia comprovam que o projeto de criação do IBBD foi concebido por ela.

No IBBD, Lydia atuou de forma inovadora na formação de um centro de informação científica, no contexto dos anos 1950. Por meio de doações e outros fomentos financeiros, o IBBD forma uma grande coleção de periódicos científicos, de modo que Lydia projetava a criação da Biblioteca Nacional de Ciência e Tecnologia. Essa grande coleção possibilitou a criação de bibliografias temáticas, parte central das atividades do IBBD.

Como forma de manter as bibliotecas informadas das atividades do instituto, o IBBD publicava o Boletim Informativo, distribuído gratuitamente aos interessados, com informações sobre o CNPq e os seus institutos, além de informações sobre a biblioteconomia mundial. O serviço de informações técnico-científicas do IBBD mantinha uma base de dados sobre instituições, organizações e empresas brasileiras e estrangeiras, as quais atuavam em pesquisas científicas e tecnológicas, com vistas a apoiar intercâmbios. Outra ação do IBBD é a assistência técnica, que apoia a criação de bibliotecas especializadas e coleções bibliográficas científicas.

Entre 1955 e 1956, o IBBD ofertou o curso de Pesquisa Bibliográfica em Ciências Sociais. Foi um curso voltado a bibliotecários e que contava com o apoio de professores vinculados ao Museu Nacional e do Jardim Botânico, gerando a diplomação de doze alunos. Como forma de continuidade, o IBBD firmou acordo com a então Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculada ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), para cursos de Pesquisas Bibliográficas em Ciências Médicas, Ciências Naturais e Ciências Físicas e Matemáticas, com direito a bolsas de estudos. Com isso, houve uma grande melhoria na formação dos profissionais de bibliotecas.

Um dos destaques da gestão de Lydia no IBBD, que manifestava espírito inovador à frente do seu tempo, é a criação do Catálogo Coletivo Nacional (CCN), apresentando a essência do SIC. Esse serviço ofertado pelo Ibict constitui-se de fichas bibliográficas que representam metadados sobre obras publicadas conforme o padrão internacional. Inicialmente era composto por fichas físicas que poderiam ser consultadas na sede, passando, em 1968, a ser um serviço de consulta por meio de telefone ou carta. Entre 1970 e 1978, essa atividade ganhou publicação temática impressa, como bibliografias, passando para o formato de microfichas em 1978. Já em 1983, o CCN passou a operar com as publicações seriadas, conforme o padrão International Serial

Data System (ISDS), posteriormente alterado para National Information Standard Organization (NISO), padrão protocolo Z39.50, em 1989. Dez anos mais tarde, em 1998, passou a ser acessado pela web.

Lydia deixou a direção do IBBD em 1965, por questões políticas, visto que seu marido, Júlio, havia sido ministro da Educação da presidência de João Goulart, deposto pelo governo de exceção. Após onze anos à frente do IBBD, Lydia deixa a presidência do órgão, o qual segue suas atividades sob os cuidados das bibliotecárias Jannice Mont-Mór, Celia Ribeiro Zaher e Hagar Espanha Gomes, suas parceiras no projeto promissor do IBBD.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lydia de Queiroz Sambaquy foi uma mulher muito à frente do seu tempo, principalmente pela visão inovadora, marcando de forma significativa a biblioteconomia brasileira e, posteriormente, a ciência da informação. Por meio de suas ações, foi a grande mentora na criação do IBBD, o qual presidiu por onze anos, liderando uma grande equipe e dando o norte necessário para transformá-lo em um marco para a biblioteconomia e documentação no país.

O IBBD atuou de forma significativa no crescimento e difusão da biblioteconomia e da documentação no país. Em 1976, por meio da Resolução Executiva CNPq nº 20/76, o IBBD passa a ser oficialmente reconhecido como Ibict. Na longa história construída pelo IBBD/Ibict, a liderança feminina sempre se apresentou com destaque, não apenas por meio de sua grande idealizadora e presidente durante onze anos, Lydia de Queiroz Sambaquy, mas de tantas outras mulheres e bibliotecárias que atuaram de forma marcante na organização e no fortalecimento do órgão e da área de informação. Mesmo que o IBBD/Ibict tenha tido um maior número de homens na sua direção máxima, não há como ocultar a grande liderança de mulheres como Hagar Espanha Gomes, Celia Ribeiro Zaher, Yone Sepulveda Chastine e Cecília Leite de Oliveira, além de outras que ainda virão.

Após a sua saída do IBBD, Lydia atuou como professora na Federação das Escolas Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG), que posteriormente se tornaria a UNIRIO e na Fundação Getúlio Vargas.

Continuou atuando no fortalecimento da biblioteconomia com visão de futuro e inovações. Em 1972, ano em que o IBBD inicia a publicação da sua revista *Ciência da Informação*, publica um artigo na *Revista da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais*, descrevendo o que imagina ser uma biblioteca nos anos 2000, na qual a cooperação entre bibliotecas está presente, assim como o uso de computadores. O uso da informática na biblioteca também é tema de um artigo publicado na *Ciência da Informação*, em 1978, destacando os quatro pilares para uma biblioteca moderna e eficaz, composta por Treinamento, Normalização, Automação e Cooperação, evidentemente com os ajustes necessários.

Lydia de Queiroz Sambaquy faleceu de morte natural, em seu apartamento no Rio de Janeiro, no dia 13 de janeiro de 2006 sob os cuidados da filha caçula, Celia de Queiroz Baltar. Entretanto, sua presença na história da biblioteconomia brasileira é exemplar, de modo que se torna impossível falar da profissão sem remeter aos feitos dessa ilustre professora e sua atuação no IBBD e outras instituições.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nilza Lins de. Ensaio sôbre a organização de bibliotecas para o Ministério da Agricultura. **Revista do Serviço Público**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 2, n. 3, p. 164–166, jun. 1940. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/9205>. Acesso em: 18 set. 2022.

BORGES, Maria Alice Guimarães; BRITO, Marcilio de (org.). **Criação da Faculdade de Biblioteconomia da UnB: 1962-1967**. Brasília: Editora UnB, 2013. Disponível em: <https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/book/183>. Acesso em: 18 set. 2022.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. **Os usos do computador e a definição do campo da ciência da informação em relação à biblioteconomia no Brasil: uma análise sociotécnica**. 2008. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91932>. Acesso em: 18 set. 2022.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; OLIVEIRA, Ana Claudia D. C. de. Pelas mãos femininas de Lydia Sambaquy e Celia Zaher: as origens da CI brasileira. In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Natália Lima (org.). **O protagonismo da mulher na biblioteconomia e ciência da informação**. Florianópolis: ACB, 2018. Capítulo 1, p. 17–44. Disponível em: https://www.acb.org.br/wp-content/uploads/2018/08/LIVRO-COMPLETO_16.10.2018-1.pdf. Acesso em: 18 set. 2022.

CRIPPA, Giulia. O desenvolvimento e o entrelaçamento entre bibliografia, bibliometria e política no Brasil. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, n. esp., p. 14–38, 2019. V Seminário Internacional A Arte da Bibliografia. DOI: <https://doi.org/10.19132/1808-5245250.14-38>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/92407>. Acesso em: 18 set. 2022.

CUNHA, Murilo Bastos da; DIÓGENES, Fabiene Castelo Branco. A trajetória da biblioteca universitária no Brasil no período de 1901 a 2010. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 21, n. 47, p. 100–123, set./dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2016v21n47p100>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2016v21n47p100>. Acesso em: 18 set. 2022.

ESQUEMA DA ORGANIZAÇÃO DA BIBLIOTECA DO D.A.S.P. **Revista do Serviço Público**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 1, n. 2, p. 100–104, fev. 1940. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/9087>. Acesso em: 18 set. 2022.

ESQUEMA DA ORGANIZAÇÃO DA BIBLIOTECA DO D.A.S.P. (CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR). **Revista do Serviço Público**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 1, n. 3, p. 124–135, mar. 1940. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/9113>. Acesso em: 18 set. 2022.

GOMES, Hagar Espanha Gomes; VICENTINI, Abner L. C.; POMPEU, Angela Lerche; TEIXEIRA, Cesar; SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. Diretrizes básicas para a implantação do Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica (SNICT). **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 69–72, 1973. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/26>. Acesso em: 18 set. 2022.

GUGLIOTTA, Alexandre Carlos. **Da informação técnico-administrativa à científico-tecnológica**: a influência do regime de informação estadocêntrico na formação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/13816>. Acesso em: 13 set. 2022.

ODDONE, Nanci. O horizonte histórico da ciência da informação no Brasil e o testemunho de Lydia de Queiroz Sambaquy. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 7, n. 1, p. 3–9, jan./abr. 2020. Editorial. DOI: <https://doi.org/10.28998/cirev.2020v7n1ed>. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/10246>. Acesso em: 18 set. 2022.

ODDONE, Nanci. O IBBB e a informação científica: uma perspectiva histórica para Ciência da Informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 45–56, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1152>. Acesso em: 18 set. 2022.

ODDONE, Nanci Elizabeth. **Ciência da informação em perspectiva história**: Lydia de Queiroz Sambaquy e o aporte da documentação (Brasil, 1930-1970). 2004. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/691>. Acesso em: 18 set. 2022.

ODDONE, Nanci Elizabeth. Lydia Sambaquy e a Biblioteca do DASP: contribuições para a constituição do campo biblioteconômico no Brasil. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 77–91, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/%20article/view/515>. Acesso em: 18 set. 2022.

PINHEIRO, Ana Virginia; CATALDO, Fabiano; GUERRERO, Laura Klemz (org.). 100 anos de instalação da Escola de Biblioteconomia no Brasil: 1915-2015 da Biblioteca Nacional a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015. **Chromos**: publicação cultural da UNIRIO, Rio de Janeiro, v. 7, n. 10, 2015. Edição comemorativa. Disponível em: <https://bit.ly/3WmCGwy>. Acesso em: 18 set. 2022.

PORTUGAL, Francisca Marcondes. A publicidade dos serviços de biblioteca. **Revista do Serviço Público**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 2, n. 2, p. 188–190, maio 1940. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/9175>. Acesso em: 18 set. 2022.

SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. A biblioteca do futuro. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 62–68, mar./set. 1972. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/33110>. Acesso em: 18 set. 2022.

SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. Biblioteca do D.A.S.P.: o que é a biblioteca moderna. **Revista do Serviço Público**, Rio de Janeiro, ano 2, v. 3, n. 1/2, p. 75–83, jul./ago. 1939. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/9467>. Acesso em: 18 set. 2022.

SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. Da biblioteconomia à informática. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 51–60, jun. 1978. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/125>. Acesso em: 18 set. 2022.

SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. O IBBD e a informação científica no Brasil. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 7, n. 1, p. 10–18, jan./abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.28998/cirev.2020v-7n1a>. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/10193>. Acesso em: 18 set. 2022.

SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. **O IBBD e os serviços que se propõe a prestar**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1957. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/handle/1/1003>. Acesso em: 18 set. 2022.

SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. O serviço de intercâmbio de catalogação, uma cooperativa entre bibliotecas. **Revista do Serviço Público**, Rio de Janeiro, ano 12, v. 4, n. 3, p. 136–137, dez. 1949. Notas. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/7363>. Acesso em: 18 set. 2022.

SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. O serviço de referência nas bibliotecas. **Revista do Serviço Público**, Rio de Janeiro, ano 13, v. 1, n. 2, p. 68–70, fev. 1950. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/6880>. Acesso em: 18 set. 2022.

SAMBAQUY, Lydia de Queiroz; BÔA MORTE, Laís da. **O serviço de intercâmbio de catalogação e as críticas que lhe são feitas.** [S. l.]: Serviço de Documentação, Departamento Administrativo do Serviço Público, Presidência da República, 1955. Disponível em: <https://bit.ly/3kkTsPl>. Acesso em: 18 set. 2022.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima (org.). **O protagonismo da mulher na biblioteconomia e ciência da informação:** celebrando a contribuição intelectual e profissional de mulheres latino-americanas. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020. Disponível em: https://www.nyota.com.br/files/ugd/c3c80a_6a390e-a433624e6e90df1c1a34e72706.pdf. Acesso em: 18 set. 2022.

SILVA, Luiz Antonio Gonçalves da. **A institucionalização das atividades de informação científica e tecnológica no Brasil:** o caso do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). 1987. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação) – Departamento de Biblioteconomia, Faculdade de Estudos Sociais e Aplicados, Universidade de Brasília, Brasília, 1987. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/932>. Acesso em: 18 set. 2022.

WAHRLICH, Beatriz Marques de Souza. **Reforma administrativa na era de Vargas.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1983.

Como citar o capítulo:

ODDONE, Nanci Elizabeth; SHINTAKU, Milton; SALDANHA, Gustavo Silva. Lydia de Queiroz Sambaquy: 1954 a 1965. In: CUNHA, Daniela A. P. (org.). **Ibict 70 anos: um resgate histórico daqueles que fizeram o instituto.** Brasília, DF: Ibict, 2023. Cap. 1, p. 18-32. DOI: 10.22477/9786589167457.cap1.



The background of the page is a complex line-art illustration of human faces. The faces are drawn with simple black outlines and are arranged in a layered, overlapping fashion. Some faces are shown in profile, while others are frontal. The lines are clean and minimalist. A large, semi-transparent blue shape, resembling a stylized 'C' or a large letter, is positioned on the left side of the page, partially overlapping the line art. The overall aesthetic is modern and graphic.

| CAPÍTULO 2 |
**CELIA ZAHER:
TRAVESSIAS E
INFOVIAS DO
IBBD AO IBICT NO
BRASIL-MUNDO**

*Gustavo Silva Saldanha
Ricardo Medeiros Pimenta
Luana Farias Sales*

INTRODUÇÃO AS PASSAGENS

De família oriunda de portugueses e ingleses, Celia Zaher passou a infância em Copacabana, no Rio de Janeiro, e acompanhou as principais transformações do mundo na segunda metade do século XX, tornando-se referência para o contexto informacional do Brasil e do mundo. Mulher, pesquisadora e inovadora, Zaher lutou contra modelos políticos, o patriarcado e o machismo estrutural. Das viagens dos pais até o Brasil, suas travessias se multiplicaram no mundo biblioteconômico-informacional, trazendo ao País, por meio de seu conhecimento e de sua coragem, a pesquisa e a formação em Ciência da Informação, teorias, métodos, conceitos e modelos oriundos da França, da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Índia, entre outras escolas de pensamento.

Numa entrevista concedida a Rosali Fernandez de Souza em 1995, Celia se apresentava, academicamente, como

Bacharel em ciências jurídicas e doutora em direito do trabalho pela Fundação Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, bacharel em biblioteconomia pela Unirio e mestre em documentação pela Columbia University, N.Y., U.S.A. professora titular de documentação da Universidade Federal Fluminense, de 1964 a 1991 (ZAHER, 1995, p. 1).

Tal percurso podemos identificar no âmbito de um labirinto revolucionário de pessoas, ideias e instituições construídas pela pesquisadora. Em 1972, ao lado de Hagar Espanha Gomes, Celia Zaher escreve sobre sua compreensão do mundo-informação e sobre a demanda por transformações sociotécnicas em curso. Nesse caso, a pesquisadora e empreendedora não só fazia um diagnóstico de sua época, como buscava colocar-se, junto da instituição, no centro impulsionador das transformações (ZAHER; GOMES, 1972).

Seu trabalho informacional teve início aos dezessete anos, em uma biblioteca. E, no âmbito de uma coleção de Humanidades na Universidade do Brasil, futura Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), conhece Lydia de Queiroz Sambaquy. Em suas palavras,

Essa minha trajetória começou justamente aqui onde você está me entrevistando, que é a UFRJ, então a Universidade do Brasil. Meu

primeiro cargo foi funcionária da Biblioteca Central dessa Universidade. E foi aqui, trabalhando com Lydia Sambaquy, que me interessei por essa carreira. Era extremamente jovem e comecei a fazer o curso de biblioteconomia (ZAHER, 1995, p. 1).

Inicia-se, nesse contexto, a primeira grande passagem da travessia de Zaher no universo informacional do Brasil, atuando na representação descritiva, no serviço de referência e, ainda, descobrindo o horizonte biblioteconômico.

O contato com Sambaquy, um dos mais importantes nomes da história do campo biblioteconômico informacional da América Latina, desperta o desejo de cursar Biblioteconomia. Inicia-se, portanto, a trajetória acadêmica de Celia no território informacional do Brasil em direção ao mundo com a formação no curso biblioteconômico da Biblioteca Nacional. Esse contato com a Biblioteconomia se desdobra via bolsa Capes e Unesco para formação continuada, passando pela França, Alemanha e outros países da Europa, além de um período como estudante nos Estados Unidos (ZAHER, 2017).

Durante travessias internacionais, é na Columbia University que Celia definitivamente encontra o quadro teórico-metodológico, no âmbito do mestrado, para seu desenvolvimento como pesquisadora, gestora e empreendedora na vastidão biblioteconômica-informacional que a aguardava. Nasce ali sua paixão imediata, nos anos 1950, pela indexação e pela documentação, desenvolvimento teórico central daquela década (ZAHER, 2017).

De volta ao Brasil, em 1954, no contexto de intensas mudanças e da criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), Celia Zaher reencontra Sambaquy para iniciar o longo, profícuo e inovador projeto de revolução da pesquisa e da formação em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil.

Em seguida, em 1960, Celia ocupa o “cargo de docente em documentação no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação”, desempenhando, de 1968 a 1972, as funções de diretora de pesquisa no Conselho Nacional de Pesquisas, presidente do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação e presidente da Comissão Latino-Americana da Federação Internacional de Documentação (ZAHER, 1995).

A BIBLIOGRAFIA E O FUTURO

Zaher e Sambaquy, seguindo as abordagens históricas da Documentação via Paul Otlet, e paralelamente dialogando com a vanguarda do pensamento de Suzanne Briet, contemporâneo de ambas, iniciam no Brasil o grande processo de mutação de nosso campo biblioteconômico-informacional. O Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) constitui, pois, sob a atuação direta de Zaher e suas redes, um centro de circulação, produção e disseminação das grandes ideias informacionais de 1950 até o século XXI.

Zaher observa, no entanto, que as preocupações iniciais do Instituto Internacional de Bibliografia de Paul Otlet estavam focadas no desenvolvimento de um novo sistema universal de classificação, o qual se voltaria à identificação e à divulgação de novas técnicas de reprodução de documentos. A conhecida Classificação Decimal Universal (CDU) procuraria atender, no plano teórico-metodológico, a possibilidade de localização de quaisquer documentos no espaço, incluindo aqueles de alta complexidade temática. Assim sendo, estavam aqui representados, por exemplo, uma peça de arquivo, a revista, o livro, a medalha, a música, o filme, o disco, a emissão radiofônica, junto, ainda, de amostras, modelos, fac-símiles, enfim, todas as formas de registro existentes e as futuras possibilidades de fixação do conhecimento (ZAHER; GOMES, 1972).

A Bibliografia, assim como para Otlet, é o solo da construção do pensamento teórico zaheriano. A partir da influência de Sambaquy, Celia rapidamente compreende o elo entre Humanidades, Ciência e Tecnologia. As cartografias do conhecimento são centrais para a compreensão da relevância do campo (na ebulição terminológica entre Biblioteconomia, Bibliografia e Documentação) e sua aplicação para a mudança dessa perspectiva no País. Entre Bibliografia e Documentação são desenvolvidas as transformações do léxico conceitual e da práxis do campo.

[...] o novo conceito de documentação, de que a informação era mais importante do que o livro na sua totalidade, fazia com que precisássemos ter conhecimento de outros tipos de classificação. O Brasil era voltado totalmente para a classificação decimal de Dewey. E a FID tentava entrar

com a CDU no Brasil. Com muita dificuldade, eu, como vice-presidente da FID, achava que a CDU era um sistema que o IBBD usava, mas que não era a resposta. Achei que devíamos ter uma visão conceitual, teórica de todos os sistemas de classificação, e a ideia de falar de sistema de classificação, escolher um professor de alto nível que ensinasse conceito de sistemas para ter uma visão de estrutura de classificação, mais do que aplicação. Só se falava em aplicação, não se falava em conceitos estruturais de formação e de conceitos de classificação (ZAHER, 1995, p. 6).

Como consequência, em meados do século XX, soma-se à mutação conceitual da documentação o profundo desenvolvimento da indexação, que, além de influenciar Zaher e sua atuação no IBBD, afeta as transformações tecnológicas.

Eu havia feito o curso de indexação e resumos, da Columbia University, e que não era da área de biblioteconomia. Achei que tinha conceitos muito importantes que não eram levados em consideração e que era uma importante função do bibliotecário influenciar os editores, os livreiros em como fazer resumos que pudessem depois ser aproveitados no processo de indexação de conteúdo dessas próprias revistas. Se o resumo é mal feito, o processo de indexação é falho. Os conceitos das técnicas de indexação e resumos é que eram novos. Tive um professor extraordinário, que é Tauber, na Columbia University. Processamento de dados em documentação, porque os nossos conhecimentos eram totalmente incipientes na época e era uma coisa que eu já havia introduzido dentro do próprio IBBD, com as máquinas que existiam (ZAHER, 1995, p. 6).

Zaher passa a atuar e promover a pesquisa bibliográfica como campo do conhecimento no País. Trabalhando inicialmente no setor profissional, com a bibliografia jurídica, Celia multiplica seu conhecimento entre teoria e prática no solo bibliográfico. Nesse contexto, no âmbito do IBBD, desenvolve-se uma “escola de pensamento” da bibliografia especializada no Brasil, já sob os aportes da teoria otletiana (ZAHER, 2017).

Os serviços bibliográficos atendiam aos especialistas, criando modelos que se transformariam em manuais de aplicação e formação. Nesse meio-tempo escreve um livro, inaugural no Brasil, sobre Introdução à Documentação, fundamental para os anos 1950 e 1960. É na década de 1960, aliás, que surge a primeira pós-graduação

lato sensu em Biblioteconomia, o Curso de Pesquisa Bibliográfica do IBBD, conjugando teoria, metodologia, práticas laboratoriais, aplicação e impacto social (atendimento às demandas de domínios especializados) (ZAHER, 2017).

Essa conjugação indica uma mutação tecnológica. A preocupação de Celia Zaher com a automação das bibliografias é um desdobramento dos anos 1960, atenta que estava às mudanças que ocorriam em territórios visitados, como Índia e Estados Unidos, onde a automação já avançava. Em suas palavras,

O primeiro produto de automação do IBBD foi o Catálogo Coletivo. Para a produção do Catálogo Coletivo, eu apenas me baseei em leituras de uma experiência feita na Índia, porque eu tinha acabado de visitar aquele país e achei que seria interessante, mediante essa literatura, nós fazermos experiência similar, que foi como nós começamos a fazer com Kwic. Fizemos testes simultaneamente em São Paulo, onde se fazia com Kwoc, mas o IBBD foi o primeiro órgão que começou a fazer automação dos seus serviços tradicionais (ZAHER, 1995, p. 7).

Do ponto de vista da tessitura das redes e da internacionalização, se, em sua chegada, o IBBD já estava constituído pelo conhecimento e pela práxis de Lydia de Queiroz Sambaquy, a própria Zaher ampliará profundamente essas relações a partir de sua atuação mundial via fomento da Unesco.

Em 1972, a doutora Zaher vinculou-se à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em Paris, como diretora da Divisão para o Desenvolvimento da Documentação de Bibliotecas e Arquivos. De 1976 a 1982, desempenhou o cargo de diretora da Divisão de Promoção de Livros, Arquivos, Audiovisuais e Intercâmbio Internacional no Setor de Cultura e Comunicação. De 1982 a 1983, foi comissionada perante o Governo do Brasil para exercer o cargo de diretora geral da Biblioteca Nacional. Em 1984, retornou à Unesco, em Paris, como diretora geral adjunta em comunicação. Durante 1987 e 1988, foi representante da Unesco perante o México e a República Dominicana. Desde 1987, desempenhava o cargo de diretora da Divisão de Estudos Culturais. Celia Zaher é autora de diversas publicações e tem participado de numerosas conferências e missões da Unesco em todo o mundo. Também tem sido honrada com várias distinções e medalhas (ZAHER, 1995, p. 1).

O olhar sobre uma macropolítica de informação impactará diretamente o papel estratégico do IBBD e, posteriormente, do Ibict nos cenários nacional e internacional. É nesse contexto político que Celia propõe um sistema nacional de informação integrando todas as informações do País para o desenvolvimento científico-tecnológico (ZAHER, 1977).

Criar sistemas nacionais de informação (NATIS) envolve alcançar alguns objetivos básicos que vão desde o estabelecimento de uma política nacional de informação, até à realização de todas as etapas necessárias à sua implementação. O lançamento do programa NATIS visa a permitir aos países membros da Unesco uma análise de seus problemas no campo da informação de uma forma global, de maneira a evitar a proliferação de pontos fiscais sem coordenação. Da mesma forma, visa a auxiliar no estabelecimento de um reequilíbrio no acesso à informação por parte dos países em desenvolvimento que se acham em desigualdade com relação aos países industrializados (ZAHER, 1977, p. 373).

Em paralelo, a macropolítica de informação estava lado a lado com os horizontes tecnológicos. A preocupação com as mutações tecnológicas estava clara nas perspectivas teórica e administrativa de Zaher. Havia uma compreensão direta sobre o fenômeno da competitividade nos países de economia capitalista no contexto dos sistemas de informação pós-Segunda Guerra Mundial com influência direta no Brasil. Era um fato político diretamente vinculado ao desenvolvimento da indústria e dos institutos de pesquisa e desenvolvimento. Conforme as previsões de Paul Otlet, influência direta para Institutos como o futuro IBBD, o emprego de máquinas de circulação de registros do conhecimento estava próximo. A partir dos anos 1950, a Bibliografia e a Documentação já estavam, dentro das bibliotecas especializadas, objetivamente relacionadas com essas transformações, a começar pelas bibliografias automatizadas. Inicia-se, pois, nas décadas de 1950 e 1960, o desenvolvimento de metodologias vinculadas à automação para manipulação de grande massa de dados no que tange aos estudos estatísticos das mais distintas finalidades (ZAHER, GOMES, 1972).

Se, de um lado o computador permitia estudos do ponto de vista do conteúdo do documento, de outro possibilitava igual oportunidade para os dados relativos a usuários. Tornava, então, mais próximo o ideal de conseguir a informação certa para o usuário certo, realização que tem sua sofisticação maior nos sistemas de disseminação seletiva da informação (ZAHER, GOMES, 1972, p. 2).

Essas travessias internacionais e interinstitucionais, teóricas e metodológicas, de Celia Zaher, darão ao IBBD o papel estratégico nas políticas de vanguarda para educação, cultura e ciência, tendo a informação como elo conceitual e metodológico para transformação socioeconômica, e tendo o ensino como ponto seminal para disseminação de um legado teórico e empírico não apenas no Brasil, como em toda América Latina e Caribe.

TODOS OS DEGRAUS DA FORMAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: LEGADOS À AMÉRICA LATINA

Celia Zaher promoveu uma profunda transformação no ensino de Ciência da Informação do Brasil. Seu trabalho como pesquisadora-docente provocou uma revolução nos campos da graduação e da pós, atravessando todos os degraus de constituição de uma ciência nacional na conjugação entre ensino e pesquisa.

Da sua formação plural, entre os escopos nacional e internacional, Celia Zaher possibilitou uma junção de ideias e de métodos. Com seu perfil dinâmico de formação permanente, atualizou constantemente os espaços acadêmico-científicos por onde passou, tecendo, centralmente a partir do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), a integração de teorias do conhecimento de contextos distintos, da francofonia de Paul Otlet à anglofonia de Jesse Shera e seus sucessores (ZAHER, 2017).

No decurso dos anos 1950 e 1960, Celia Zaher foi professora do curso de Pesquisa Bibliográfica do então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) e nas graduações em Biblioteconomia da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). O diálogo entre pós-graduação e graduação criou espírito de vanguarda nas mudanças dos currículos de toda a formação nesse campo do território brasileiro, passando pela graduação, especialização, mestrado e doutorado (ZAHER, 2017).

Diante das grandes mutações nas décadas iniciais da segunda metade do século XX, como o avanço da bibliometria, da documentação

científica e da automação de serviços e de produtos em ciência e tecnologia, percebendo a necessidade de atualização e transformação dos contextos pedagógicos, Celia Zaher inicia a luta pela formação *stricto sensu* no Brasil (ZAHER, 2017).

Já em 1970, sob a regência de Zaher, surge o primeiro mestrado em toda a América Latina com diploma de Biblioteconomia e Documentação no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). A partir da contratação de pesquisadores e professores estrangeiros, principalmente oriundos dos Estados Unidos, via rede de pesquisadores estabelecida pelas travessias de Celia Zaher entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e instituições financiadoras estrangeiras, as primeiras gerações de mestres no campo biblioteconômico-informacional recebem conteúdos de vanguarda, partilhados em aulas ministradas em língua inglesa, proposta ousada e avançada para todo o contexto da ciência brasileira. Nas palavras de Zaher,

Não quis fazer em duas línguas, porque seria mais difícil, e recrutei todos os professores nos Estados Unidos e na Inglaterra. Nesse momento, eu tinha conseguido convencer o English Course, o Consulado Americano e a Ford Foundation da importância desse Curso que o IBBBD não tinha condições financeiras para bancar. Os cursos eram totalmente gratuitos, e não existia nenhuma taxa de inscrição. Todos os gastos deviam ser orçados pelo IBBBD, que não tinha nenhum dinheiro, nenhum orçamento previsto. Eu tinha acabado de assumir que iria fazer esse trabalho. O ano de preparação foi um ano para convencer órgãos de fora a financiar a vinda desses professores. Não existia literatura das cadeiras, e eu propunha, então, como parte do acordo, que o professor trouxesse toda a literatura, de tudo o que ele fosse ensinar naquele período. Isso fazia parte obrigatória da bagagem do professor. Ele teria que trazer cópia de todos artigos que citasse, cópia de toda bibliografia selecionada dos seus próprios cursos. Eu pretendia, assim, criar uma pequena biblioteca que fosse de referência. O outro problema é que as aulas seriam em inglês e nem todos os funcionários sabiam inglês. Para estes começamos um trabalho intensivo de ensino da língua inglesa (ZAHER, 1995, p. 5).

O longo e detalhado relato de Celia Zaher manifestado em sua entrevista a Rosali Fernandez de Souza, na Revista Ciência da Informação, em 1995, expõe o cenário de luta e vanguarda da pós-graduação

stricto sensu no campo biblioteconômico até ali, ou seja, até o final dos anos 1960.

Nessa época, existia uma ou duas pessoas no Brasil já com curso de doutorado na área de biblioteconomia, mas não moravam no Rio de Janeiro. Foi então que imaginei um curso. Primeiro porque não existia ninguém no Brasil com formação para as cadeiras que eu queria oferecer no Curso de Mestrado. Mas essas negociações foram difíceis, foram lentas, acho que levei bem um ano negociando isso, e foi realmente graças à influência de cientistas do Conselho Nacional de Pesquisas, que sediavam o Comitê, que conseguimos solucionar todos esses problemas. O que me valeu muito na época foi a argumentação que eu utilizei: nenhum professor poderia ser considerado como tal, se ele não tivesse pelo menos um curso de mestrado. Isso saiu em decreto. Ora, isso obliteraria a biblioteconomia no Brasil, porque ninguém tinha o curso de mestrado. Antes, esse argumento foi o que forçou a decisão da universidade, uma vez que não se pode impedir a melhoria do nível de profissionais, já que, por lei, esses profissionais não poderão exercer cargos de professores, no Brasil inteiro, dentro de cinco anos. Havia este prazo para tal exigência (ZAHER, 1995, p. 4).

Ainda de acordo com Zaher, a discussão na época era se esse curso deveria estar dentro ou fora da universidade, pois o IBBD não tinha quadro de professores. Assim, a argumentação usada por ela foi que “o corpo docente seria de professores do exterior, uma vez que as cadeiras revistas para o curso de mestrado não poderiam ser dadas por professores nacionais, pois não existia competência” (ZAHER, 1995, p. 4). Outro empecilho, segundo Celia, era que tradicionalmente os cursos de formação estavam encaixados dentro das faculdades humanísticas, e o IBBD pertencia ao Conselho Nacional de Pesquisas, o qual tinha interesse em oferecer uma visão que fosse afirmada como elemento essencial para o desenvolvimento científico e tecnológico, e não uma visão humanista voltada “apenas para a guarda de livros ou para o conceito de ciências sociais ou de comunicação social, que era a tendência da criação dos cursos e que permanece em muitas escolas de biblioteconomia até hoje, que prejudica um entrosamento maior com a comunidade científica” (ZAHER, 1995, p. 4).

O esforço e a visão de futuro de Celia Zaher resultam, pois, na inovação e na formação no campo biblioteconômico em toda América Latina a partir do IBBD. O primeiro curso de mestrado é constituído

e será base para o desenvolvimento da relação ensino e pesquisa em Ciência da Informação no Brasil e em diferentes países do mundo. Esse é também o passo decisivo para a construção da futura Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia (ANCIB), co-constituída em 1989 pelo já Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (nome adotado em 1976) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). Conforme a própria Cecília,

O IBBD tem uma trajetória de ter influenciado, em épocas diferentes, o movimento de biblioteconomia na América Latina. Ele não teria influenciado, porque teriam sido pessoas que teriam se esforçado sem nenhuma experiência. Ter trazido com o impacto foi um esforço muito grande (ZAHER, 1995, p. 8).

Nesse percurso inicial da formação *stricto sensu* do campo, a luta de Celia integra, em um só elo, dentro do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), ensino, pesquisa, gestão, orientação e produção acadêmico-científica. Ela mesma esteve em todas as funções e orientou, dentre tantos grandes nomes de nosso pensamento, Hagar Espanha Gomes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O IBICT E O BRASIL-MUNDO: A INFOVIAS ABERTAS PELA TRAVESSIA ZAHERIANA

Em 1972, Celia Zaher afasta-se da presidência do IBBD para assumir uma posição na Unesco. No entanto, deixa seu legado, projetos e planos a cargo de sua vice, Hagar Espanha Gomes, que busca cumpri-los ao longo de seus três anos de mandato, até que uma reforma transforma o IBBD em Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). Esse é o fim da primeira era zaheriana no IBBD.

Contudo, no século XXI, entre as décadas de 2000 e 2010, Celia Zaher retorna ao IBBD, o então Ibict, e recomeça sua segunda era de sua atuação. Reencontra a unidade de ensino e pesquisa do Instituto – a Coordenação de Ensino e Pesquisa, Ciência e Tecnologia da Informação (Coepe) – e sua pós-graduação em Ciência da Informação. Seu

papel é decisivo para a reconstrução da unidade e da pesquisa no século XXI, retomando o diálogo com a UFRJ e incluindo, sob incentivo da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), a reforma integral da unidade de ensino e pesquisa do Ibict, com o projeto de formalização do Centro de Altos Estudos em Ciência da Informação e Inovação (Cenacin).

Celia Zaher está entre as mentalidades de vanguarda no Brasil e na América Latina em diferentes domínios, como Biblioteconomia especializada, Bibliografia, Documentação, Bibliometria, Banco de dados, Automação de serviços bibliográficos, Digitalização etc. Suas viagens para instituições internacionais e sua participação em comitês de diferentes contextos, como atuação na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), na Federação Internacional de Documentação (FID), na *Internacional Federation of Library Association and Institutions* (IFLA) e no Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme) da Organização Mundial da Saúde, permitiram constituir, ao longo de 70 anos de pesquisa e docência, gestão e prática, metarredes de pessoas, de instituições e de ideias. Essas ações resultaram em teorias, fomento e multiplicação de escolas biblioteconômico-informacionais, contribuindo para marcar o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) em um dos maiores centros de produção do conhecimento em Ciência da Informação do mundo. A luz lançada pelo pensamento e pela obra de Celia Zaher posiciona o Ibict como casa de inovação do Brasil para o mundo no território informacional, incluindo o País como partícipe de todas as grandes transformações da segunda metade do século XX no campo biblioteconômico-informacional.

Soma-se à sua contribuição teórica a sua incrível atuação como gestora, especialmente em uma época em que poucas mulheres ousavam se aventurar no mundo do trabalho fora do lar. É importante lembrar de Celia Zaher como uma visionária, desbravadora, mulher de personalidade forte, marcada por características de liderança e coragem. Assim como outras diretoras que a sucederam, observa-se que essas características tenderam a se repetir na história do Instituto. Talvez por ter sido Celia Zaher um exemplo de gestora, talvez pela necessidade de perfis como o seu para mover instituições como o Ibict. Fato é que o legado de Celia vai além dos muros da Academia, e seu registro deve inspirar também novas gerações de mulheres que não queiram se conformar com a primeira negativa recebida.

REFERÊNCIAS

ZAHER, Celia. **Entrevista ao IMeS/IBICT**. [Rio de Janeiro]: Coordenação de Ensino e Pesquisa, Ciência; Ibict Núcleo Rio, 7 abr. 2017. 1 vídeo (1h23min53seg). Publicado pelo canal IMeS/IBICT. Escopo da pesquisa Memórias científicas: história oral da C. I. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fWkowQSoYWWM&t=178s>. Acesso em: 13 maio 2022.

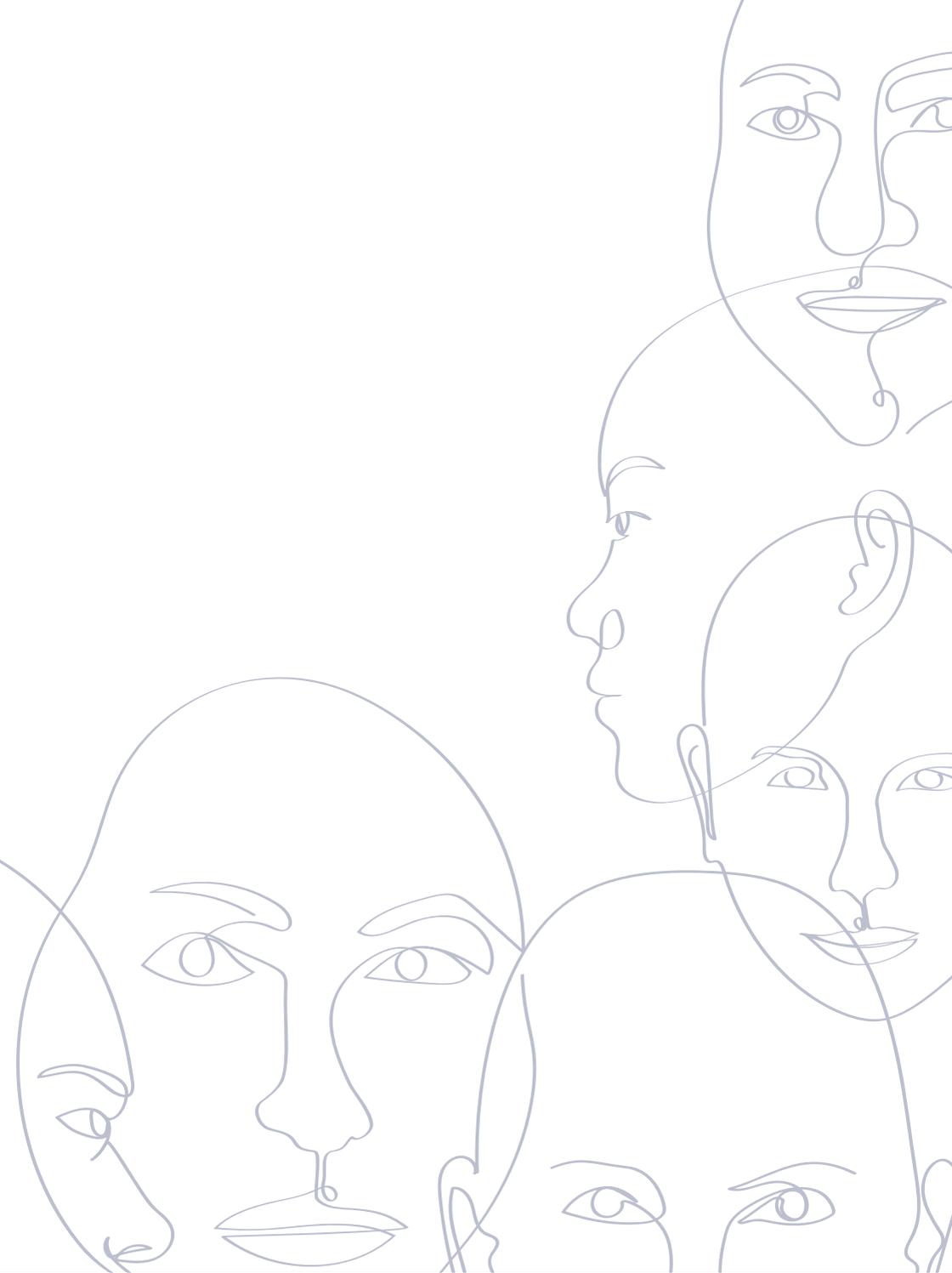
ZAHER, Celia Ribeiro. Entrevista: Celia Ribeiro Zaher. Entrevistadora: Rosali Fernandez de Souza. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/604>. Acesso em: 13 maio 2022.

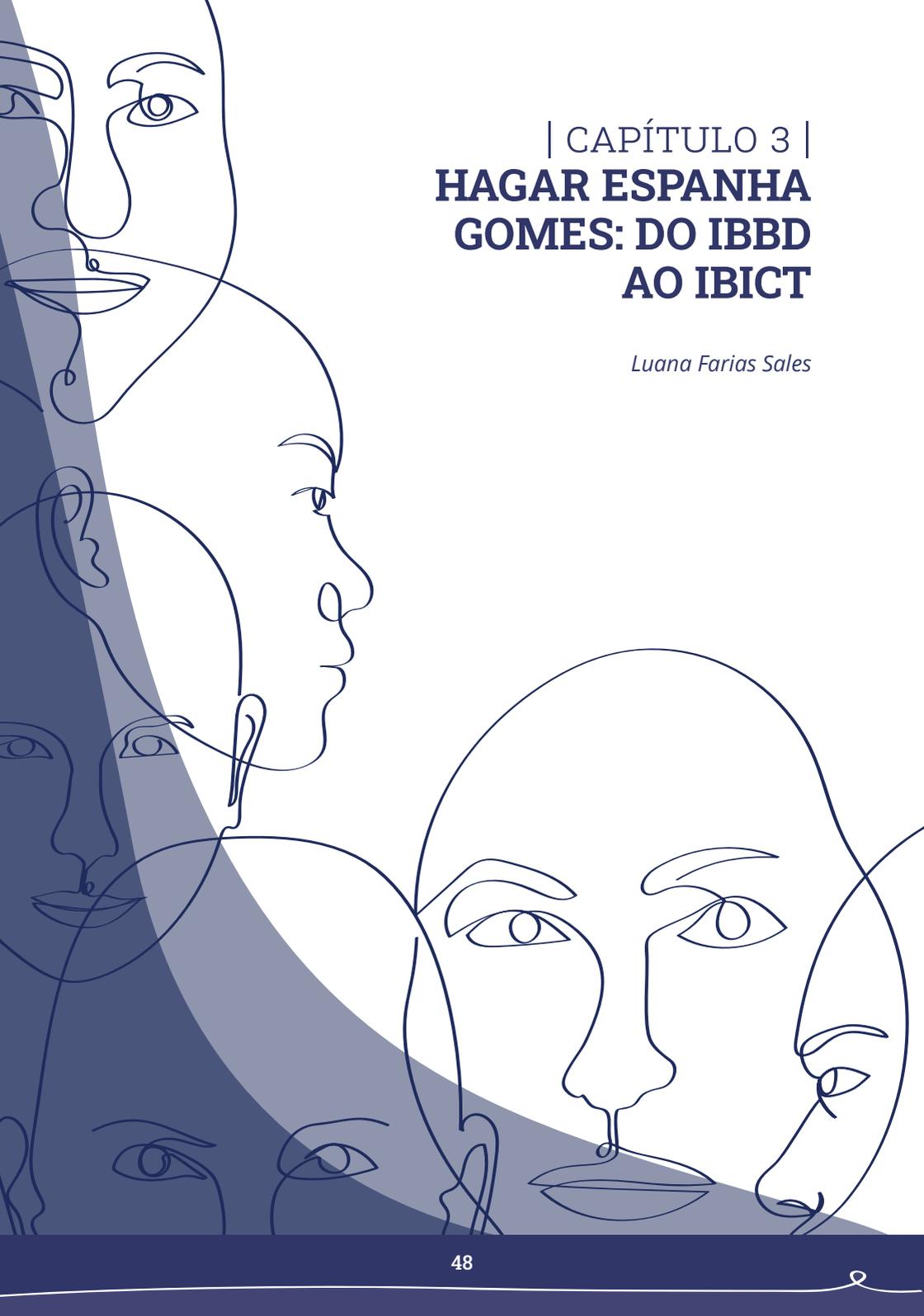
ZAHER, Celia Ribeiro; GOMES, Hagar Espanha. Da bibliografia à ciência da informação: um histórico e uma posição. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5–7, 1972. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1>. Acesso em: 13 maio 2022.

ZAHER, Celia Ribeiro. Planejamento das bibliotecas no contexto educacional: contribuição dos organismos internacionais. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 369–374, jan./jun. 1977. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/28774>. Acesso em: 13 maio 2022.

Como citar o capítulo:

SALDANHA, Gustavo Silva; PIMENTA, Ricardo Medeiros; SALES, Luana Farias. Celia Zaher: travessias e infovias do IBBD ao Ibict no Brasil-mundo. *In*: CUNHA, Daniela A. P. (org.). **Ibict 70 anos: um resgate histórico daqueles que fizeram o instituto**. Brasília, DF: Ibict, 2023. Cap. 2, p. 34-46. DOI: 10.22477/9786589167457.cap2 .



The background of the page is a complex line-art illustration of human faces. The faces are drawn with simple, clean black outlines. Some faces are shown in profile, while others are frontal. The faces are layered and overlap, creating a sense of depth and multiple perspectives. A large, semi-transparent blue shape, resembling a stylized letter 'C' or a partial circle, is positioned on the left side of the page, partially overlapping the faces. The overall style is minimalist and artistic.

| CAPÍTULO 3 |
**HAGAR ESPANHA
GOMES: DO IBBD
AO IBICT**

Luana Farias Sales

INTRODUÇÃO

Começo este capítulo registrando o quanto me sinto honrada não apenas pelo convite recebido para escrever sobre Hagar Espanha Gomes, mas principalmente pelo encontro que o destino gentilmente permitiu que eu tivesse com essa grande mestra. Embora outros artigos sobre a professora Hagar já tenham sido escritos por outros de seus discípulos (GOMES, 2020; PINHEIRO, 2020; CAMPOS; GUIMARÃES, 2015), o presente trabalho tem por objetivo relatar sua história como diretora do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) e relatar os momentos que antecederam sua transformação em Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). Assim, escrever sobre a professora Hagar, nesse momento, é também registrar parte da memória do Instituto – o que me deixa honrada em mesma proporção –, já que a instituição vem sedo a minha casa desde o mestrado e doutorado e, mais recentemente, como servidora e professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) do convênio Ibict e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Este capítulo histórico foi escrito a partir de uma pesquisa bibliográfica e documental exploratória, que se valeu de entrevista e registro de história oral contada pela própria professora Hagar Espanha Gomes como ponto de partida para que, posteriormente, a partir das citações da entrevistada, fosse realizada uma busca exploratória de dados e documentos que subsidiasse a evidenciação dos fatos.

Partindo do pressuposto de que a história de vida das pessoas influencia diretamente suas interpretações das situações do cotidiano e, conseqüentemente, suas tomadas de decisão, este capítulo se inicia com uma narrativa biográfica de Hagar Espanha Gomes, seguida de um relato sobre sua vida acadêmica, sua atuação no IBBD/Ibict como gestora e uma descrição resumida de sua vida após esse período, dando ênfase na sua vida como educadora na área de biblioteconomia, documentação e ciência da informação e o legado deixado para a área de ciência da informação, especialmente no campo da organização do conhecimento.

BIOGRAFIA

Hagar Espanha nasceu em 29 de setembro de 1930, em Santo André, interior do estado de São Paulo. Um ano marcado pelo fim da República Velha, pela Revolução de 1930 e pelo início de uma nova era política.

Filha de um tipógrafo, poliglota e anarquista convicto, Hagar foi levada por seus pais para o Rio de Janeiro aos dois anos de idade, mais precisamente para a cidade de Niterói, onde vive até hoje.

Em Niterói, além de completar seus primeiros anos de estudo, Hagar se dedicou ao aprendizado de música, estudando canto orfeônico com Heitor Villa-Lobos e aprendendo línguas. Em entrevista dada a Edson Serejo Neto (GOMES, 2020), Hagar nos conta sobre como a biblioteconomia surgiu na sua vida. Primeiramente, seu interesse pela língua, pela comunicação, pelas artes a levou ao curso de línguas anglo-germânicas na UFRJ, mas foi na biblioteconomia em que se encontrou.

Eu fazia Letras na UFRJ, então teve uma greve de dois meses e eu me desinteressei. O professor de latim lia biografias e tinha uma tradução que se chamava estágio, toda semana tinha uma tradução, naquele período da greve era Metamorfoses, de Ovídio, eram uns 15 ou 20 versos para traduzir. E apesar de ter estudado sete anos de latim, no Liceu, sabia muita gramática, mas tradução é difícil, você precisa conhecer bem a estrutura da frase. Um dia, na Biblioteca Pública, fui entregar um livro e uma colega de Liceu, um ano mais velha que eu, tinha entrado na Biblioteconomia e me perguntou: "por que você não faz Biblioteconomia?". Eu atravessei a rua para o Liceu, que tinha minha ficha de ginásio, chorei, implorei, me deram, era o último dia, fiz a inscrição. (GOMES, 2020).

Ela se forma em biblioteconomia pela Fundação Biblioteca Nacional, em 1955, e começa a estudar para um concurso da Biblioteca do Senado. Nesse período, frequentava diariamente a recém-criada biblioteca do IBBD para dedicar-se aos estudos. Assim, não demorou muito para que notassem a recém-formada e a convidassem para trabalhar no IBBD. Hagar conta que o convite podia ter sido feito por Lydia Sambaquy, que fora sua professora na graduação em biblioteconomia e dirigia o IBBD, mas não tinha certeza, pois nunca a perguntou sobre isso.

De qualquer maneira, o convite foi aceito, fazendo com que Hagar começasse sua vida profissional trabalhando com bibliografia e não na biblioteca do IBBD. Esse fato explica muito sobre sua visão ser considerada diferente dos demais bibliotecários. A própria Hagar explica que “com a bibliografia você organiza a informação e não o documento”, e foi essa ideia de composição e organização de bibliografias que estava no cerne do IBBD. Segundo a Hagar, “documentação” naquele momento era só uma palavra e que ainda não se tinha uma noção da “documentação como campo”, pois na Europa o conceito se referia a uma área diferente da biblioteconomia, especializada no tratamento de outros tipos de documento, como, por exemplo, os de empresa, de fábricas etc. Já nos Estados Unidos, as duas áreas estavam conectadas, culminando posteriormente no conceito de *information sciences*. Assim, o Brasil seguiu o primeiro modelo, sem saber muito sobre a que realmente se referia o conceito.

Historicamente é interessante relatar o momento político em que o IBBD surgiu no país. Gugliotta (2019), em sua tese intitulada *Da Informação Técnico-administrativa à Informação Científico-tecnológica: a Influência do Regime de Informação Estadocêntrico na Formação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD)*, analisa a importância da informação para o Estado brasileiro a partir da Era Vargas (1930-1945) até o início da década de 1950, quando o IBBD foi criado.

Nesse trabalho, o autor esclarece que,

durante a Era Vargas (1930-1945), o projeto de modernização do Estado, sob um regime político autoritário, resultou em mudanças nas concepções e ações informacionais por parte do poder instituído que necessitava da informação administrativa para levar adiante seus projetos de governabilidade. (GUGLIOTTA, 2019, p. 13).

No momento, a informação se apresentava como um instrumento estratégico relevante para as ações de desenvolvimento nacional.

No entanto, após a Segunda Guerra Mundial, a preocupação do Estado passa a ser “com o projeto de soberania nacional e o alinhamento com as nações ditas civilizadas em prol da expansão científica como fator de progresso econômico e social.” (GUGLIOTTA, 2019, p. 11). Culminando na necessidade de fortalecimento da pesquisa científica e tecnológica, o que se dava a partir do tratamento, organização e

disponibilização de informação técnico-científica. É nesse contexto que o IBBD é criado, em 1954. Já em 1957 Hagar é contratada para compor a força de trabalho do instituto.

O início da vida profissional: a atuação de Hagar no IBBD

Contratada para o trabalho no IBBD, Hagar Espanha Gomes se torna responsável pela produção de bibliografias, atuando na Divisão de Bibliografia dirigida por Edson Nery da Fonseca e, posteriormente, por Laura Maia de Figueiredo.

Nessa época, Lydia Sambaquy se aproxima da Federação Internacional de Documentação (FID) e realiza, no Rio de Janeiro, a *26ª Conferência Geral da Federação Internacional de Documentação* entre 22 e 31 de julho de 1960, tendo como principal recomendação a criação da Comissão Latino-Americana da Federação Internacional de Documentação (FID/CLA), cabendo ao IBBD a secretaria geral da comissão para o período de julho de 1960 a dezembro de 1962 (RIBEIRO, 1963, p. 2).

De acordo com o regulamento da comissão, os objetivos da FID/CLA (RIBEIRO, 1963, p. 2) eram: cooperar para a difusão entre os países da região, dos propósitos e atividades da FID, fomentar a criação e o desenvolvimento das atividades de documentação nos países da América Latina e coordenar os trabalhos de documentação nesses países. A fim de cumprir tais objetivos, foram planejadas as seguintes ações para o período de 1960/1962: estimular o maior número possível de bibliotecas e centros de documentação da América Latina a cooperar entre si, facilitando, assim, o intercâmbio de informações e de documentos; organizar, em cooperação com os centros nacionais de bibliografia existentes na América Latina – e, se possível, com o auxílio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e da Organização dos Estados Americanos (OEA) – um guia com as principais bibliotecas latino-americanas; compilar, com a cooperação dos centros nacionais de bibliografia latino-americanos, um catálogo coletivo dos periódicos técnicos e científicos existentes nas principais bibliotecas latino-americanas; contribuir, com bolsa de estudo e intercâmbio de professores, para o desenvolvimento das relações entre os centros de documentação e de informação latino-americanos; e promover reunião anual de

representantes dos centros nacionais de bibliografia latino-americana e interessados nos trabalhos da Comissão.

Nessa época, o IBBD oferecia um curso de especialização em Pesquisa Bibliográfica a fim de atender a uma demanda do FID/CLA, o qual, entre suas recomendações ao Brasil, sugeria que o país recebesse bibliotecários latino-americanos para treinamento e aperfeiçoamento de carreira, no que foi denominado, em 1964, de curso de Documentação Científica (CDC). A seguir, Hagar é convidada por Celia Zaher para ajudá-la no CDC, ministrando algumas disciplinas e preparando material didático.

Em 1970, o IBBD, sob a direção da Profa. Celia Zaher e por meio de um acordo assinado entre o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e a UFRJ, é criado o curso de Mestrado em Ciência da Informação, trazendo diversos professores estrangeiros para compor o corpo docente. A vinda dos professores estrangeiros abriu portas para que muitos brasileiros, posteriormente, fossem fazer seu doutorado fora do país.

A vida acadêmica

Como já contado anteriormente, a graduação em Biblioteconomia de Hagar veio após o desânimo com o curso de Letras da UFRJ. Assim, em 1955 Hagar termina sua graduação pela Fundação Biblioteca Nacional. Já o mestrado veio com a criação do Mestrado em Ciência da Informação pelo IBBD em 1972. Embora muitos colegas tivessem feito doutorado no exterior, Hagar opta pela livre-docência em bibliografia na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Embora sua formação tenha sido no campo da bibliografia, Hagar Espanha Gomes é conhecida por seus ensinamentos na linha de organização do conhecimento, atuando principalmente nos seguintes temas: indexação, linguagem documentária, tesouro, terminologia e taxonomia, áreas em que atua até hoje como consultora. Isto mostra que seu interesse nas língua(gen)s permaneceu, mesmo após a troca do curso de letras pelo de biblioteconomia, ainda que com um ponto de vista diferente dos linguistas em relação aos estudos terminológicos.

Hagar então inaugura, no Brasil, uma linha de estudo na área de organização do conhecimento, embora (ou por causa de) seus estudos na área de linguística privilegiassem o conceito por inteiro em detrimento da palavra. Essa abordagem de estudo – conforme mencionado por Campos e Guimarães (2015), em um capítulo que trata especificamente do percurso acadêmico da profa. Hagar Espanha Gomes – é denominada “abordagem onomasiológica”, e é definida pelas autoras como: forma de apreender a dimensão conceitual considerando que “a linguagem é um instrumento de construção de uma dada realidade e que é na língua em uso e referendada por um grupo de especialidade que se instaura, sustenta e altera os processos sociais.” (CAMPOS; GUIMARÃES, 2015, p. 177). Assim, para as autoras, a profa. Hagar propõe “uma forma metodológica que vai ao encontro do conceito, para permitir uma base segura a fim de nomear o assunto do documento.” (CAMPOS; GUIMARÃES, 2015, p. 178).

A escolha metodológica de Hagar tem relação com sua prática profissional. Hagar acompanhou o processo de automação das atividades de tratamento de informação no IBBD e isso a levou a ter uma preocupação especial com os aspectos representacionais do tratamento informacional e sua recuperação precisa posteriormente.

Academicamente também é importante destacar o papel da professora Hagar Espanha Gomes na introdução dos estudos da Teoria da Classificação e seu principal teórico, Shiyali Ramamrita Ranganathan, considerado o pai da biblioteconomia moderna. Os estudos sobre classificação possibilitaram a Hagar e seus seguidores uma forma especial de analisar o campo da organização da informação e do conhecimento (CAMPOS; GUIMARÃES, 2015).

Embora Hagar tenha escolhido a área de organização e representação do conhecimento como linha de pesquisa para toda a vida, sua marca também ficou registrada em outras disciplinas do campo da ciência da informação, como é o caso da disciplina de Comunicação Científica, introduzida por ela no programa de mestrado do IbiCT na década de 1970. Gomes (1996, p. 2) atribui à comunicação científica a consciência sobre certas ações em relação à revista e a relevância da publicação de artigos no fazer científico, ressaltando, ainda, “[...] o contato com a sociologia da ciência, que trata de questões muito importantes para o profissional que trabalha com informação científica.”

Em outra referência produzida sobre a professora Hagar Espanha Gomes sob a autoria de Lena Vania Ribeiro Pinheiro, intitulada *Hagar Espanha Gomes: Múltiplos e Inovadores Movimentos Acadêmicos e Pedagógicos*, publicada na Ciência da Informação em Revista em 2020, a autora destaca a reverência de Hagar aos clássicos e a divulgação deles em sala de aula, especialmente por meio de traduções de textos para o português, dando visibilidade à produção internacional da ciência da informação, como foi caso dos autores D. J. Foskett, com *Informática e Ciência da Informação Como Disciplinas Emergentes: Implicações Educacionais*; A. I. Mi-khailov, A. I. Chernyi e R. S. Gilyarevskiy em *Estrutura e Principais Propriedades da Informação Científica* (a propósito do escopo da informática); e Jesse Shera, escrevendo *Sobre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação*. Nesse sentido, Hagar sempre ressaltou que a tradução para ela era uma forma de estudar os textos e contribuir para divulgação de trabalhos interessantes no Brasil (PINHEIRO, 2020).

Da gestão no IBBD até o IBICT

Do IBBD ao Ibict Hagar exerceu diversos papéis administrativos e de docência. No IBBD, administrativamente, começou como chefe da Seção de Pesquisas Bibliográficas e Traduções de 1959 a 1964, passando para chefe da Seção de Assistência Técnica, de 1965 a 1968; e, simultaneamente, diretora-substituta do Serviço de Informações Técnico Científicas. Como docente, foi responsável pelas disciplinas Técnica da Pesquisa Bibliográfica, de 1962 a 1966; e, posteriormente, Técnica da Pesquisa Documentária, de 1967 a 1971. Hagar também exerceu os cargos de vice-presidente, em 1972, e presidente, entre 1972 e 1975. É justamente nesse período que começa a transição do IBBD para o Ibict.

Para entender o que foi a gestão de Hagar Espanha Gomes, é preciso compreender o momento político pelo qual a área de Ciência e Tecnologia (C&T) passava no Brasil. Os anos de 1970 foram marcados por uma reorganização das atividades de C&T no País. Registra-se, nesse período, a transformação do Conselho Nacional de Pesquisas para o então Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), ampliando o seu poder e transformando-o em fundação liada à Secretaria do Planejamento e à Presidência da

República. A profa. Hagar estava à frente do IBBD nesse momento de transformação e conta que, da mesma maneira que o CNPq, o IBBD passa por uma mudança, tendo inclusive uma alteração no nome para Ibict.

De acordo com a Resolução Executiva do CNPq nº 20/76, o Ibict é criado a partir do IBBD com o objetivo de “preencher uma lacuna do Sistema Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (SNDCT), quanto à necessidade de fornecimento de informações em Ciência & Tecnologia”, sendo sua meta o desenvolvimento de uma rede de informação no país, envolvendo entidades atuantes em C&T e criando, para o Brasil, um modelo de sistema de informação descentralizado. Em 2005, por meio do Decreto nº 5.365 de 03 de fevereiro, a missão do Ibict passa a ser “promover o desenvolvimento do setor de informação, por meio da proposição de políticas, da execução de pesquisas e da difusão de inovações, capazes de contribuir para o avanço da ciência e para a competitividade da tecnologia brasileira”.

Embora a resolução seja do ano de 1976, o processo de transformação do IBBD em Ibict inicia-se um pouco antes, já na gestão de Hagar Espanha Gomes, quando, em 1972, a Unesco envia Harold Borko como consultor para desenvolver estudos de recomendação sobre a organização e institucionalização de um Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica (SNICT), trabalho esse continuado por Hagar e sua equipe após a volta de Borko ao seu país de origem. O estudo culminou no trabalho intitulado *Diretrizes Básicas para Implantação do Sistema Nacional de Informações Científicas e Tecnológicas (SNICT)*, publicado por Hagar e seus colegas na revista *Ciência da Informação*, volume 2, número 1, de 1973.

De acordo com Coutinho (1994) o SNICT seria “o início da implantação de uma política nacional de informação para as áreas científicas e tecnológicas”, embora não tenha sido citado nos documentos que serviriam de base à formulação da proposta do Ibict em 1976 (MIRANDA apud COUTINHO, 1994, p. 162). Por meio do SNICT, Borko havia recomendado que o IBBD desempenhasse várias funções, ampliasse alguns serviços e modificasse outros. De acordo com Coutinho (1994, p. 164), entre as recomendações, destacava-se a de que “o IBBD se tornasse o depositário legal das publicações periódicas brasileiras de C&T e de todos os relatórios de pesquisas publicados ou não”. Por um lado, há anos o IBBD já recolhia e indexava as publicações periódicas

em C&T. Por outro lado, o mesmo órgão reconheceu a importância da recomendação, porém admitiu ser de difícil concretização. Ainda assim, o IBBD iniciou uma base de dados sobre pesquisas.

A função relativa ao Banco de Dados e Publicações se relacionava ao importante projeto SIABE (Sistema Integrado de Automação de Bibliografias Especializadas), já em desenvolvimento no IBBD, que incluía os artigos dos periódicos brasileiros nas diversas áreas de assunto. O SIABE viabilizava a produção das bibliografias especializadas. Evidente que o SIABE foi considerado de alta prioridade, e a ele, conjugado com o catálogo coletivo de periódicos; com o CAIN (Cadastro de Instituições); com o CAPESQ (Cadastro de Pesquisas em Andamento); com o CADAP (Cadastro de Dados sobre os Pesquisadores), todos automatizados, foi dado o nome de Banco de Dados. Além dos produtos já então obtidos pelo IBBD, foi recomendada a inclusão dos seguintes: Indicador dos Periódicos Brasileiros por Assunto; Indicador das Bibliotecas Especializadas do Brasil; Indicador dos Editores Brasileiros; Indicador dos Cientistas Brasileiros. (COUTINHO, 1994, p. 165).

Todos esses sistemas constituíam o que hoje denominamos de *Current Research Informations System*, mais conhecido pela sigla CRIS. Assim, pode-se dizer que, durante a gestão da professora Hagar, ao IBBD/ Ibict coube o pioneirismo de automação desses sistemas. Embora verbalmente Hagar tenha contado essa história algumas vezes, apenas recentemente foi feita a associação de ideias entre o antigo SIABE e o CRIS. Tal integração de informações sobre a pesquisa corrente em um banco de dados em diferentes subsistemas de informação foi registrada por Maria de Nazaré Freitas Pereira e seus colaboradores

O calendário marcava 1974. Estava criado o CRIS! Na equipe, a autora do artigo acima citado, Ilse Dumpel César, Yone Chastinet, Ida Maria Cardoso Lima (in memoriam) e outros profissionais. Ida Maria reunia raras habilidades, sendo capaz de corrigir no olho as referências bibliográficas perfuradas em cartões(!), empacotados para seguirem no carro do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), para sua sede em São José dos Campos. Somente lá os cartões poderiam ser processados em computadores de grande porte. A presidência do IBBD estava sob a batuta de Hagar Espanha Gomes, tantas vezes nomeada neste prefácio por seus estudos de sistemas de classificação para o projeto DS. (PEREIRA, 2019, p. 34).

O projeto CAPESQ teve seus objetivos registrados em uma comunicação assinada por Ilse Dümpe César e publicada no volume 3 da revista *Ciência da Informação* de 1974. A análise desses objetivos e a comparação com a missão do Ibict quando de sua criação não deixa dúvidas sobre a relação de sua implementação com a reformulação do IBBD e o nascimento do novo órgão, a saber:

- a) Fornecer às instituições responsáveis pelo planejamento e pela execução de atividades de pesquisa informações necessárias para o planejamento e a avaliação de tais atividades;
- b) Fornecer às instituições e aos pesquisadores subsídios para o conhecimento da pesquisa científica e tecnológica, em âmbito nacional;
- c) Proporcionar infra-estrutura à implantação do Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica (SNICT), no campo da pesquisa brasileira;
- d) Fornecer ao usuário, informações sobre a pesquisa científica e tecnológica antes mesmo da divulgação dos resultados a serem obtidos;
- e) Incentivar a comunicação no meio científico, a fim de evitar duplicidade de esforços, em setores de interesse comum;
- f) Proporcionar estudos no sentido de esboçar um diagnóstico da pesquisa brasileira;
- e g) Permitir a análise dos dados e das informações registradas, a fim de avaliar a posição da pesquisa nacional e facilitar a identificação de áreas prioritárias (CÉSAR, 1974, p. 183).

Ao perguntar à professora Hagar sobre o projeto, ela deixa claro que, embora instituído durante a sua gestão, o projeto foi um legado deixado pela sua antecessora Celia Zaher, a qual, ao se afastar para assumir um cargo na Unesco, confiou à Hagar a implementação do projeto. Ainda assim, cabe destacar que foi sob a gestão da professora Hagar que o projeto não foi só implementado, sob a coordenação de Yone Chastinet, mas automatizado e replicado em diversas regiões do país, conforme Pereira (2019).

Em Belém do Pará, Abner Lelis Vicentini (in memoriam) e Hagar Espanha Gomes transferem tecnologia, no âmbito do Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica (SNICT) para a Rede de Bibliotecas da Amazônia (REBAM), da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) para replicar o CAPESQ. (PEREIRA, 2019, p. 35).

Nota-se que o projeto CAPESQ foi um marco não apenas para a transformação do IBBD em Ibict, mas também para o surgimento da ciência da informação como campo teórico no Brasil, mudando o paradigma do tratamento de documentos para o paradigma do

tratamento e recuperação da informação. Foi justamente o exercício desse conjunto de atividades de tratamento automático da informação por parte do IBBD que caracterizou o início da escola de pensamento da ciência da informação no Brasil (CAMPOS; GUIMARÃES, 2015, p. 173).

Outro fato marcante na gestão de Hagar Espanha Gomes frente ao IBBD foi a criação, em 1972, de uma revista de natureza científica: a *Ciência da Informação*. Em entrevista feita pela professora Lena Vânia Ribeiro Pinheiro, em 1995 (GOMES, 1995), a professora Hagar relata como surgiu a ideia de criação da revista, mais uma vez atribuindo a Celia Zaher, gestora que a antecedeu, a fonte de energia que movia o Instituto, introduzindo no Brasil a questão da pesquisa na documentação e o valor da publicação de trabalhos como elemento de desenvolvimento de carreira. Mais uma vez, a ideia é atribuída a Celia, sendo implementada na gestão posterior com o apoio entusiasta de Laura Maria de Figueiredo. Assim, foi nas mãos de Hagar que a revista tomou forma, tendo sido criada com comissão editorial e avaliação por pares. Essa herança de projetos de uma gestão para outra não aconteceu por acaso, pois, de acordo com Hagar, ao saber da possibilidade de seu afastamento do IBBD, Celia a chama como vice-presidente e a incumbe de tocar seus projetos mais queridos.

A gestão da professora Hagar no IBBD termina em 1976, quando – pela Resolução Executiva 20/76, de 23 de março – o então presidente do CNPq, José Dion de Melo Teles, cria o Ibiict, designando como diretor do Instituto o analista de sistema José Adolfo Vencovsky. Conforme observado por Coutinho (1994, p. 329), “apesar de constar da Resolução Executiva 20/76 o termo ‘criação’, o que ocorreu de fato foi a transformação do Instituto com a redefinição de função e novos objetivos”.

A contribuição para o fortalecimento da Ciência da Informação para além gestão do IBBD

Na década de 1960, Hagar, juntamente com outros colegas, inicia em Niterói uma nova possibilidade de estudos no campo da biblioteconomia e documentação, criando um curso na antiga Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFERJ). De acordo com

Sousa (2017, p. 33), “o curso Autônomo de Biblioteconomia da UFERJ surgiu graças à iniciativa de professores que sugeriram sua criação à Reitoria.” Sendo aprovado em 16 de abril de 1963 pelo conselho universitário, o curso iniciou suas atividades a título experimental e reconhecido pelo Conselho Federal de Educação em 25/06/70 (Decreto n. 61.199/70). Em 1969, o seu nome é alterado para curso de Biblioteconomia e Documentação, o qual permanece até os dias de hoje, embora a UFERJ tenha se transformado em UFF.

Hagar inicia sua carreira de professora do curso de biblioteconomia da UFF lecionando as disciplinas de bibliografia, referência e documentação. Posteriormente, se dedica também às disciplinas de indexação e classificação. Estas proporcionaram a Hagar um novo olhar para a biblioteconomia e a documentação, expandindo seus horizontes para o que estava sendo tratado: o conteúdo e não o suporte.

Na UFF, Hagar exerceu o cargo de coordenadora do curso, sendo ainda diretora do Instituto de Artes e Comunicação Social (IACS), deixando sua marca na criação do Núcleo de Documentação Central (NDC) da UFF, no processo de centralização das bibliotecas e documentação na Universidade Federal Fluminense. O núcleo foi idealizado por Hagar e Celia com o objetivo inicial de modernizar as bibliotecas existentes na UFF, propiciar um espaço de estágio para os alunos do curso de biblioteconomia e documentação e de trabalho para os profissionais egressos do curso (SOUZA, 2000; SÁ, 2000; ESPOSEL, 2001).

Hagar também exerceu importante papel na coordenação dos trabalhos realizados na Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) para tradução e adaptação da norma internacional de terminologia para o português. Nessa época, esteve em Viena fazendo um curso de terminologia, capitaneado pelo então diretor do Ibict José Rincon. Tão logo, Hagar consegue aprovar a tradução da norma brasileira, usando a Teoria do Conceito de Dahlberg (1978), isto é, uma unidade de conhecimento. No entanto, ao voltar ao Brasil, a comissão de tradução da norma havia sido desfeita e a norma acabou não sendo publicada. Em todo caso, rendeu a tradução de diversos documentos interessantes, que posteriormente foram usados em seus estudos na área de organização do conhecimento.

Porém, o maior legado deixado por Hagar Espanha Gomes foi no Ibict. Ainda quanto à ciência da informação, ela colaborou na formação de uma linha de pensamento no âmbito da organização do conhecimento: a abordagem extralinguística ou onomasiológica. Com ela, o documento é nomeado com base em um conceito estabelecido a partir do objeto e não de um contexto.

Para a concretização dessa abordagem no âmbito da organização do conhecimento e da ciência da informação brasileira, a professora Hagar introduz, na área as teorias da Classificação Facetada de Ranganatha (1967), a Teoria Geral da Terminologia de Wüster (1981) e a Teoria do Conceito de Dahlberg (1978), as quais são usadas frequentemente como base para diversas pesquisas no campo da ciência da informação brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, Cunha (2005, p. 7) afirma que, ao tratar do Ibict, é impossível deixar de fazer uma alusão ao IBBD, órgão que lhe deu origem e, como tal, possui com ele enormes ligações históricas. Como consequência, falar de Hagar Espanha Gomes é falar da origem do Ibict e dos momentos que antecederam sua criação. A história da professora se mistura não apenas com a criação do Instituto, mas também com o estabelecimento da ciência da informação como área do conhecimento.

Em uma época em que a o processamento automático de informações era implementado, sequer era sabido como denominar um campo que teorizaria sobre isso. *Ciência da Informação ou Informática?* (FOSKETT *et al.*, 1980) – esse foi o nome dado à coletânea traduzida por Hagar e publicada pela editora Calunga. O título da publicação registrava exatamente a discussão terminológica que se apresentava em voga na época. Prevaleceu o termo *ciência da informação* – defendido por Hagar e validado por Celia – denominando a área que seria mais do que o emprego do computador nas atividades documentárias, mas que envolvia também “[...] muitos estudos que poderiam ser feitos e que não implicavam, necessariamente, o emprego de computadores”, conforme afirmado em entrevista a Lena Vânia Ribeiro Pinheiro (GOMES, 1996).

Interessa notar também como as questões que estavam na essência do que era o Ibict retomam nas duas gestões de Cecília Leite Oliveira o seu devido valor.

Assim, o IBICT vem investindo, desde 2014, na realização de estudos, na articulação de parcerias nacionais e internacionais e na promoção de eventos de capacitação e de tomada de decisão, no sentido de reunir esforços para a construção de um Sistema de Sistemas (SoS) da Pesquisa Brasileira, nos moldes de sistemas do tipo CRIS (do inglês Current Research Information Systems). Uma dessas ações foi a submissão de um projeto, intitulado “Dos padrões internacionais de estruturação da informação de pesquisa aos indicadores”, à Iniciativa Diálogos União Europeia Brasil (Diálogos Setoriais), no âmbito da 9ª Convocatória de 2017, no tema Sociedade da Informação. (OLIVEIRA, 2019, p. 12).

Após essa experiência teórica em 2019, empiricamente o sistema CRIS do Ibict começa a tomar forma sob liderança do Dr. Washington Segundo (PINTO *et al.*, 2022). Registro aqui a minha satisfação por estar escrevendo essa história que começa na gestão da querida professora Hagar Espanha Gomes e poder acompanhar sua continuidade por meio da implementação dos princípios FAIR – *Findable, Accessible, Interoperable e Reusable* – (HENNING *et al.*, 2018) no sistema em construção BrCRIS.

Além disso, a construção de sistemas de informação sobre a pesquisa merece ser ofertada também para ações desenvolvidas em outras coordenações da instituição. Ela está especialmente ligada aos nomes de Marcel Garcia de Souza (2021), na projeção de construção de um sistema CRIS voltado especificamente para informação tecnológica, e Milton Shintaku, que iniciou os estudos sobre CRIS em 2016, deixando publicado o *Guia de Instalação DSpace-CRIS* (SILVEIRA; SHINTAKU; BOLLINI, 2016) que em 2022, se alia ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) no esforço de integração semântica entre os diversos sistemas CRIS existentes no governo.

Fecho o presente capítulo confirmando a importância de conhecermos o passado e registrarmos o presente para construção do futuro. No registro do nosso presente, deixo como palavra-chave o conceito de interoperabilidade, que pode significar a transição de informações entre sistemas, mas também pode ser visto como

a transição de informações entre pessoas e entre gerações, já que somos sistemas complexos. Assim sendo, a interoperabilidade, quando realizada com base em conceito, promoverá o avanço e a construção de novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; GUIMARÃES, Ludmila dos S. Um olhar sobre o percurso acadêmico da profa Hagar Espanha Gomes. *In*: MOSTAFA, Solange Puntel; SILVA, Márcia Regina da; SANTARÉM SEGUNDO, José Eduardo (org.). **Pensadores brasileiros da ciência da informação e biblioteconomia**. João Pessoa: Editora UFPB, 2015. p. 169–187. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/253>. Acesso em: 15 jul. 2022.

CÉSAR, Ilse Dümpel. Projeto CAPESQ. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 183–187, 1974. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/51>. Acesso em: 15 jul. 2022.

COUTINHO, Maria Esther de Araújo. **A trajetória do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) de 1972 até sua transformação, durante o ano de 1976, em Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict)**. 1994. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação) – Universidade de Brasília, Brasília, 1994. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35895>. Acesso em: 15 jul. 2022.

CUNHA, Murilo Bastos da. Ibict: 51 anos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 7–8, jan./abr. 2005. Editorial. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1096>. Acesso em: 15 jul. 2022.

DAHLBERG, Ingetraut. A referent-oriented, analytical concept theory for INTERCONCEPT. **International Classification**, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 142–150, 1978.

ESPOSEL, José Pedro. Para que a história não se perca III: o NDC - 1983/1986. **Boletim do NDC**, Niterói, ano 10, n. 1, jan./jul. 2001. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/618>. Acesso em: 15 jul. 2022.

FOSKETT, D. J.; MIKHAILOV, A. I.; GHERNYI, R. S.; SHERA, J. H. **Ciência da informação ou informática?**. Tradução de Hagar Espanha Gomes. Rio de Janeiro: Calunga, 1980.

GOMES, Hagar Espanha. Entrevista. Entrevistadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, set./dez. 1996. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/624>. Acesso em: 15 jul. 2022.

GOMES, Hagar Espanha; VICENTINI, Abner L. C.; POMPEU, Angela Lerche; TEIXEIRA, Cesar; SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. Diretrizes básicas para a implantação do Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica (SNICT). **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 69-72, 1973. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/26>. Acesso em: 15 jul. 2022.

GOMES, Hagar Espanha. “Nunca se falou tanto em informação e nunca se teve tão pouco de informação”. Entrevistador: Edson Sejejo Neto. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1-14, out./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n4.57787>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/57787>. Acesso em: 15 jul. 2022.

GUGLIOTTA, Alexandre Carlos. **Da informação técnico-administrativa à científico-tecnológica**: a influência do regime de informação estadocêntrico na formação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/13816>. Acesso em: 15 jul. 2022.

HENNING, Patricia *et al.* Desmistificando os princípios FAIR: conceitos, métricas, tecnologias e aplicações inseridas no ecossistema dos dados FAIR. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 1-23, 2018. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/458>. Acesso em: 15 jul. 2022.

LEITE, Cecília. Apresentação. In: PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas; CHAVES, Hélia de Sousa; ARAÚJO, Ronaldo Ferreira (ed.). **Dos padrões internacionais de estruturação da informação de pesquisa aos indicadores**: primeira incursão na temática. Brasília: Ibict:

Diálogos Setoriais União Europeia Brasil, 2019. p. 12. Disponível em: <https://www.gov.br/ibict/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes/LivrocoletaneaBRCRIScompleta.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.

PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. Prefácio: chamadas de CRIS. *In*: PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas; CHAVES, Hélia de Sousa; ARAÚJO, Ronaldo Ferreira (ed.). **Dos padrões internacionais de estruturação da informação de pesquisa aos indicadores**: primeira incursão na temática. Brasília: Ibict: Diálogos Setoriais União Europeia Brasil, 2019. p. 13-37. Disponível em: <https://www.gov.br/ibict/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes/LivrocoletaneaBRCRIScompleta.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Hagar Espanha Gomes: múltiplos e inovadores movimentos acadêmicos e pedagógicos. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 7, n. 2, p. 1-6, maio/ago. 2020. Editorial. DOI: <https://doi.org/10.28998/cirev.2020v7n2ed>. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/11024>. Acesso em: 15 jul. 2022.

PINTO, Adilson Luiz *et al.* Brazil Developing Current Research Information Systems (BrCRIS) as data sources for studies of research. **Ibero-american Journal of Science Measurement and Communication**, Estonia, v. 2, n. 1, p. 1-12, 2022. DOI: <https://doi.org/10.47909/ij-smc.135>. Disponível em: <https://pub.colnes.org/index.php/ijsmc/article/view/135>. Acesso em: 15 jul. 2022.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **Prolegomena to library classification**. 3rd ed. Mumbai: Asia Publishing House, 1967.

RIBEIRO, Fernanda Leite. À propósito do programa da FID/CLA (Comissão Latinoamericana da Federação Internacional de Documentação). *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 4., 7 a 14 de julho de 1963, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: FEBAB, 1963. Tema 4 – Educação do Bibliotecário-documentalista. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/571>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SÁ, Elizabeth Schneider de. Para que a história não se perca II. **[Boletim do NDC]**, Niterói, ano 9, n. 2, maio/dez. 2000. Discurso da Diretora do NDC no período 1978-1982, por ocasião das comemorações

dos 30 anos do Núcleo de Documentação. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/617>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SILVEIRA, Lucas Ângelo da; SHINTAKU, Milton; BOLLINI, Andrea. **Guia de instalação DSpace-CRIS**. Brasília: Ibict, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18225/978-85-7013-118-8>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SOUSA, Márcia Valéria Barbosa de. **O curso de biblioteconomia e documentação da Universidade Federal Fluminense: da criação a reforma universitária em 1968**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) – Departamento de Ciência da Informação, Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/24498>. Acesso em: 15 jul. 2022.

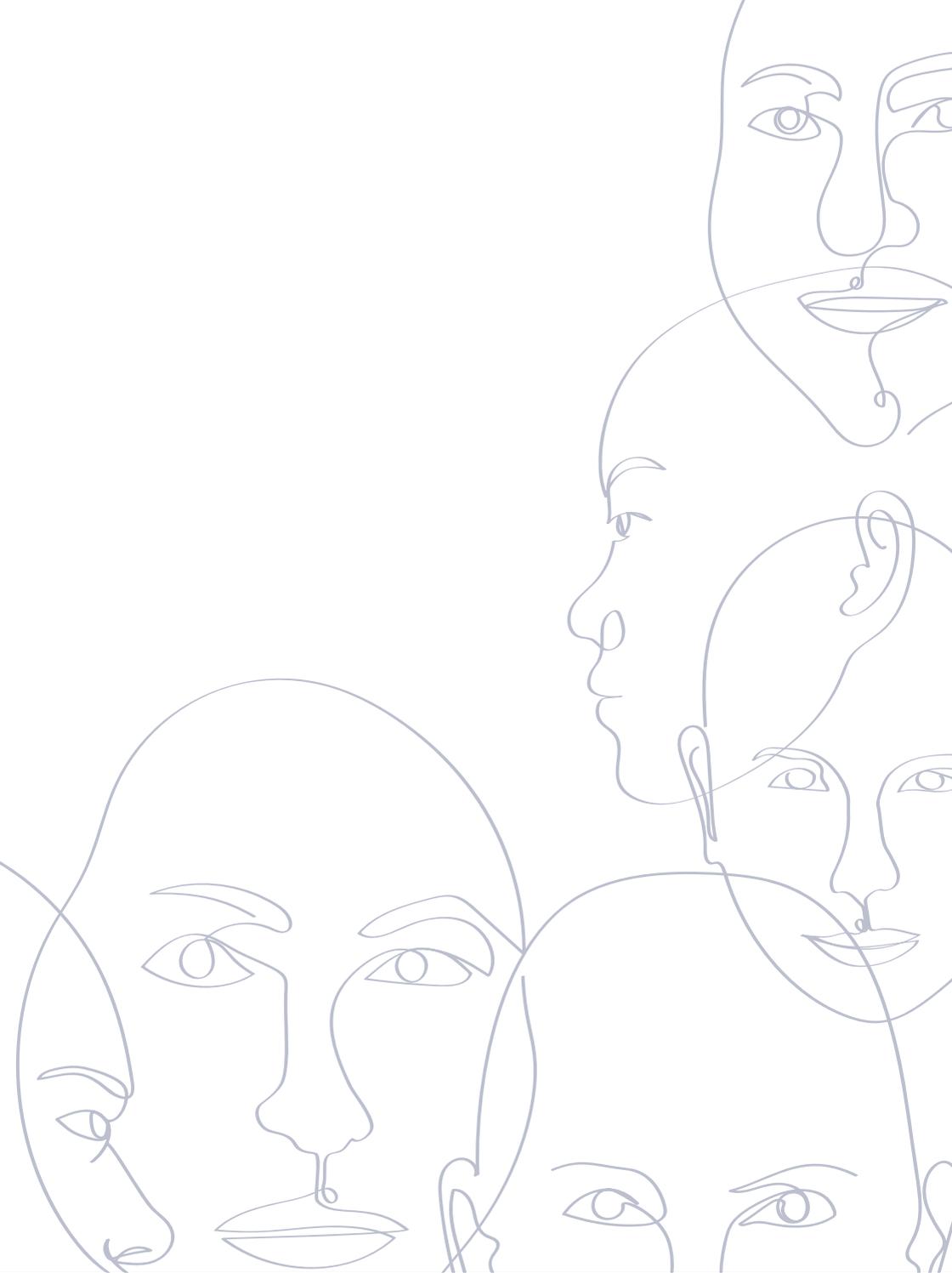
SOUZA, Eliana da Silva e. NDC 30 anos: “para que a história não se perca”. **Boletim do NDC**, Niterói, ano 9, n. 1, jan./abr. 2000. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/616>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SOUZA, Marcel. **Informação tecnológica no Brasil: BrCRIS-T**. Brasília: Ibict, 2021. Projeto em andamento, não publicado.

WÜSTER, Eugen. L'Etude scientifique générale de la terminologie, zone frontalière entre la linguistique, la logique, l'ontologie, l'informatique et les sciences des choses. *In*: RONDEAU, G.; FELBER, H. (ed.). **Textes choisis de terminologie**. Québec: Université Laval, 1981. p. 55-113.

Como citar o capítulo:

SALES, Luana Farias. Hagar Espanha Gomes: do IBBD ao Ibict. *In*: CUNHA, Daniela A. P. (org.). **Ibict 70 anos: um resgate histórico daqueles que fizeram o instituto**. Brasília, DF: Ibict, 2023. Cap. 3, p. 48-66. DOI: 10.22477/9786589167457.cap3 .





| CAPÍTULO 4 |
**DIRETORES DO
PERÍODO DE
CONSOLIDAÇÃO
DO IBICT**

*Rosilene Paiva Marinho de Sousa
Ricardo Medeiros Pimenta*



INTRODUÇÃO

Ao iniciar a escrita deste capítulo, registra-se a imensurável satisfação em contribuir para a concretização de uma obra de tamanha relevância para a memória institucional do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict).

Cabe-nos a responsabilidade de apresentar uma versão escrita do período de 1976 a 1982, buscando retratar a reconstrução da memória institucional a partir da atuação de ex-diretores que conduziram o Ibict nesse período (José Adolfo Vencovsky, Carlos Augusto de Albuquerque, Rosalvo Mariana da Silva Neto, Paulo de Souza Moraes e Afrânio de Carvalho Aguiar) e, sob esse contexto, apresentar as suas experiências com relação à informação em virtude da construção da memória coletiva e institucional.

A informação tem o poder de delinear a continuidade ou a ruptura dos processos históricos, inclusive na forma como a memória institucional pode ser conduzida e registrada, a fim de que a sociedade possa compreender o contexto de sua construção quando evocada.

A busca por possíveis caminhos em prol da evocação da memória institucional do Ibict figura-se, a seguir, em um breve traçado a partir da memória coletiva de seus ex-diretores, visando a garantir a continuidade do transcurso da memória à história.

A memória permite desvendar o sentido, alcance e valores inculcados na sociedade a partir dos “Lugares de Memória”, como colocado por Pierre Nora (1993), evidenciando a necessidade de registro de sua construção passada a partir da posição do narrador, considerando a lembrança de atos humanos, na busca de evitar que o tempo os conduza ao esquecimento.

O esquecimento, por sua vez, pode ser considerado no contexto em que, ao se referir a acontecimentos passados, pressupõe a pretensão ao apagamento de rastros que levam a uma verdade factual. Nesse sentido, o direito ao esquecimento deve ser ponderado ao considerar a liberdade de expressão, acesso à informação, proibição à censura, e o interesse público, que em muitos casos se sobrepõe ao interesse particular.

A relevância do acesso ao conteúdo desta obra para a Ciência da Informação e para toda a sociedade vislumbra-se enquanto garantia ao direito fundamental da memória, a partir do próprio acesso à informação, justificando-se pelo dever do Estado de proporcionar meios de acesso a esse registro histórico.

CONTEXTUALIZANDO A MEMÓRIA INSTITUCIONAL

A memória, enquanto objeto de estudo, permite diversas acepções e interpretações considerando o ponto a partir do qual pode ser observada. Isso, em conformidade com o tempo e a finalidade, relaciona-se com o presente e sua expectativa de futuro, apoiando-se numa história vivenciada para representação do passado.

Conforme exposto por Dantas (2010, p. 19), a memória pode ser considerada como “[...] a capacidade humana de reter e evocar experiências, permitindo a consciência da passagem do tempo, além de conferir ao indivíduo e à coletividade um passado singular que os caracteriza”.

Monteiro, Carelli e Pickler (2008) esclarecem que, enquanto fenômeno social, a memória pode ser entendida como a História, a tradição, a cultura de um povo ou, ainda, como memória coletiva, entendida como a que ultrapassa a memória individual e biológica de um indivíduo por se tratar da memória de uma sociedade.

Conforme Halbwachs (2013), a memória coletiva pode ser compreendida como memória social ou memória de grupos. O referido autor afirma que ela, embora derive de acontecimentos individualizados, é uma construção coletiva, dependendo inerentemente das relações sociais para ser constituída.

A memória social contribui para a formação da memória institucional e, nesse sentido, refletir sobre a importância do papel das instituições nos permite delinear uma compreensão baseada na interação de indivíduos legitimados que moldam a sua interação social.

Segundo Thiesen (1997, p. 137), “[...] toda instituição só existe em processo e é da sua natureza comportar uma face instituída e outra instituinte”.

Segundo Carvalho, Viegas e Carvalho (2014, p. 284), as instituições podem ser consideradas como “[...] qualquer padrão de comportamento coletivo, constitutivo do universo cultural de uma sociedade”, ou seja, são uma extensão do modo pelo qual os seres humanos processam informações. A materialização dessas informações revela-se por meio de documentos físicos que representam a articulação da memória social, intelectual ou científica de uma sociedade.

Já segundo Santos e Valentim (2021, p. 222), a memória institucional forma-se a partir da imagem pessoal e do outro, uma vez que as instituições em si não possuem memória, “são os sujeitos que constroem sua memória, eles a validam coletivamente como bem social, pois as experiências, ações e conquistas em benefício da construção da sociedade institucionalizam-na e a perpetuam”.

Nesse sentido, registra-se a presente obra como instrumento de preservação da memória institucional do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – Ibict, por meio de registros de informações exercidos por ex-diretores da instituição.

OS MEMORÁVEIS EX-DIRETORES DO PERÍODO DE CONSOLIDAÇÃO DO IBICT

Apresentam-se as experiências dos ex-diretores do Ibict com relação à informação para a construção da memória institucional, considerando a Biblioteca do Ibict como lugar de memória funcional, cujo objetivo seria a conservação dos registros de suas produções. Registra-se, no período de 1976 a 1982, a atuação dos seguintes ex-diretores, que conduziram o Instituto em sua fase de consolidação: José Adolfo Vencovsky, Carlos Augusto de Albuquerque, Rosalvo Mariana da Silva Neto, Paulo de Souza Moraes e Afrânio de Carvalho Aguiar. Registra-se também que os dados obtidos foram oriundos de publicações encontradas no âmbito do acervo da Biblioteca, conforme especificado nos quadros das respectivas seções que seguem.

José Adolfo Vencovsky (1976-1977)

Criado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) surge por meio da Resolução Executiva do CNPq nº 20, de 25 de março de 1976, como desenvolvimento natural do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação – IBBD, ao se considerar a necessidade de fornecimento de Informação em Ciência e Tecnologia à sociedade, visando a agilizar o Sistema Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (SNDCT) (IBICT, 1976, p. 111).

Concomitantemente, o presidente do CNPq, José Dion de Melo Telles, por meio da Designação CNPq nº 20-100.000-01/76, de 25 de março de 1976, designa José Adolfo Vencovsky para a função de Diretor do Instituto.

Vencovsky passa a atuar no Ibict de 1976 a 1977 e, dentre os registros encontrados, destaca-se o Projeto de criação do Centro Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – CBICT, enviado ao sr. Antonio Carlos Rego Gil, diretor do CNPq, em 07 de outubro de 1976, do qual, inclusive, participou como coordenador da comissão de elaboração.

O referido projeto de criação do CBICT foi estruturado em dez itens, sendo sete deles dedicados ao projeto, dois aos subsídios quantitativos da proposta, e o último sobre operacionalização de sua existência, tornando o IBBD uma de suas partes integrantes. Nesse contexto, ele apresentava objetivos; mecanismos de ação; áreas de atuação, fontes e recursos; documentos, produtos e serviços; organização; núcleo central; e cronograma de implementação, orçamento e operacionalização.

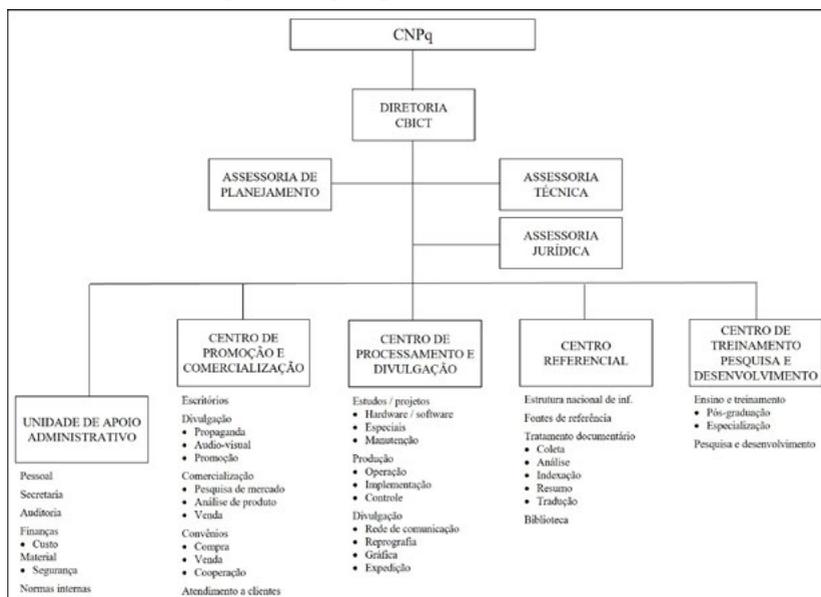
No Projeto, ficaram estabelecidos os objetivos do CBICT de coordenar as atividades de informação e atuar como órgão supletivo no trabalho de informação em áreas consideradas ainda carentes no país; desenvolver esforços cooperativos para a normalização dos processos documentários; criar condições favoráveis à evolução e ao desenvolvimento integrado dos serviços de documentação/informação nas entidades atuantes em ciência e tecnologia do país; promover a articulação de diferentes etapas no processamento da informação por meio da implantação de esquemas cooperativos com unidades-fonte de informação das entidades de ciência e tecnologia do país; garantir que a documentação e as informações em ciência e tecnologia

se tornassem acessíveis aos pesquisadores, tecnólogos, docentes e estudiosos; além de assegurar o completo registro da produção bibliográfica nacional, em ciência e tecnologia, e sua integração em sistemas de informação no exterior (CBICT, 1976, p. 6).

Como orientação das ações do CBICT, também no Projeto, ficou determinado que deveria atuar como órgão normalizador, coordenador e executor por meio de alguns mecanismos, dos quais se destacam a execução de programas de pesquisa básica e aplicada no campo da Ciência da Informação; a formação e capacitação de recursos humanos mediante incremento de programas de ensino de pós-graduação em ciência da informação e da computação aplicada à informação; e o treinamento de usuário como produtor e consumidor da informação (CBICT, 1976).

A organização do CBICT tinha como previsão de estruturação a unidade de Direção; as assessorias de planejamento, técnica e jurídica; a unidade de execução composta por centros específicos; e a unidade de apoio administrativo, conforme especificado na Figura 1:

Figura 1 - Organograma do Núcleo Central.



Fonte: Vencovsky (1976, p. 21).

Quanto à operacionalização, o Projeto centrava a diretoria e assessorias com sede em Brasília e as unidades executivas no Rio de Janeiro, tendo a designação da diretoria para proposta de implantação das atividades de curto prazo.

Carlos Augusto de Albuquerque (1977-1979)

Sucessor de José Adolfo Vencovsky, Carlos Augusto de Albuquerque assumiu a direção do Ibict no período registrado de 1977 a 1979, com base em consulta realizada na Biblioteca do Ibict.

Em 1977, durante o 9º Congresso Brasileiro e a V Jornada Sul-Rio-Grandense de Biblioteconomia e Documentação, o ex-diretor publicou o trabalho intitulado A Informação em Ciência e Tecnologia e o Ibict, destacando a ação direta do Instituto em coordenar sistemas que envolviam administração e operação apenas no campo da Ciência da Informação.

Na referida publicação, apresentava-se a atuação do Ibict a partir de sua criação em 1976, após reestruturação do CNPq, antes Conselho Nacional de Pesquisas e, a partir de 1975, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, representando uma evolução natural do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação-IBBD.

Registra-se também em seu trabalho a atuação do Ibict mediante convênios em quatro áreas, quais sejam: educação, em que, por meio de convênio com o Ministério da Educação, teve como primeiro produto o Catálogo de Teses, originado do Banco de Teses; Agricultura, por meio de convênio com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), que opera o sistema Agrícola, bem como o convênio com a Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Embrater) que, junto do Sistema Nacional de Informação Rural (SNIR), cuida do sistema AGRIS; energia solar, por intermédio do convênio estabelecido com a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) que, por meio do Centro de Informações Nucleares (CIN), mantém serviços de Disseminação Seletiva de Informações (SDI) e busca retrospectiva utilizando o sistema INIS, registrando que o CIN, ao tempo de sua publicação, já atendia a aproximadamente mil usuários; e tecnologia industrial, que ao tempo encontrava-se em fase

de negociação com o Instituto de Pesquisas Tecnológicas, para a utilização do sistema Compendex (ALBUQUERQUE, 1977).

Como produto, o ex-diretor expõe que manteve conservado em seu programa de trabalho o conjunto de bibliografias especializadas que vinha sendo editado pelo IBBD. Além disso, propõe divulgar os levantamentos efetuados desde 1973 e manter sua atualização corrente de forma descentralizada, sendo necessário rever o projeto para garantir a captação dos recursos documentários existentes em núcleos informativos. Para além disso, também cita o programa de desenvolvimento de recursos humanos e faz menção ao lançamento do primeiro número da Revista Ciência da Informação, lançada no referido Congresso, um subproduto do programa de Mestrado do Programa de Pós-graduação do Ibict, na UFRJ, como veículo de divulgação do desenvolvimento da Ciência da Informação no Brasil e no exterior (ALBUQUERQUE, 1977).

Por último, com base nos dados encontrados na Biblioteca do Ibict, registram-se as produções de Carlos Augusto Albuquerque no período de sua atuação, quais sejam:

- × ALBUQUERQUE, Carlos Augusto de. A informação em ciência e tecnologia e o IBICT (1975). [Rio de Janeiro]: BRJ: s. n., 1975].
- × ALBUQUERQUE, Carlos Augusto de. A informação em ciência e tecnologia e o IBICT (1977). [Porto Alegre: BRS: 1977]. Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (9.: 1977: Porto Alegre) Anais v. 2.

Na gestão de Carlos Augusto Albuquerque, a importância está na consolidação das atribuições do Ibict em relação à produção de informação e ao controle de seu fluxo, além dos produtos desenvolvidos e implementados por meio de convênios feitos nesse período.

Paulo de Souza Moraes (1979-1980)

A gestão de Paulo de Souza Moraes ocorreu de 1979 a 1980, e, nesse período, registraram-se dois pareceres emitidos pelo então diretor. O primeiro se refere à carta-consulta da Biblioteca Central da Universidade

Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), relativa ao projeto de avaliação e desenvolvimento da coleção de materiais bibliográficos da UFRGS.

No referido documento, Paulo evidencia que “O desenvolvimento científico e tecnológico depende, em grande parte, da informação que está disponível e ao alcance do usuário” (MORAES, 1980, p. 1). Segundo o ex-diretor, estudos realizados pelo Ibict informaram a precariedade do estado dos acervos das bibliotecas brasileiras considerando todas as áreas do conhecimento, e que essa situação não refletia necessariamente as condições financeiras, mas a falta de planejamento quanto à seleção e aquisição dos documentos.

Ainda em seu parecer, ao discorrer sobre a política de desenvolvimento do acervo, esclarece que a Biblioteca Central da UFRGS integra a estrutura nacional de Informação, Ciência e Tecnologia (ICT) como núcleo externo ao Ibict e como subcentro da Biblioteca Regional de Medicina (Bireme) e da Biblioteca Nacional de Agricultura (Binagri), exercendo descentralizadamente atividades de coleta e análise de informações, bem como de fornecimento de cópias de documentos originais armazenados no estado do Rio Grande do Sul. Por último, no referido parecer, afirma-se que o Ibict reforça a necessidade de recursos para aquisição de material bibliográfico no que concerne ao desenvolvimento dos programas de pesquisa e pós-graduação (MORAES, 1980, p. 4).

O segundo documento se refere à carta-consulta da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a Finep, relativa ao projeto de desenvolvimento e consolidação da Biblioteca da UFPB. Nesse documento, Paulo de Souza Moraes ressalta que os centros de documentação/informação e sistemas de informação constituem atividades associadas à pesquisa, cuja função permite adequada e rápida transferência de conhecimento entre comunidades científicas, tornando-se possível apenas por meio de técnicas e processos sofisticados, considerando os usuários e os organismos promotores (MORAES, [1980], p. 1).

Nesse parecer, Paulo reflete sobre os sistemas de bibliotecas universitárias, destacando que elas se tornam centro para atendimento de demandas dos usuários por meio da “[...] facilidade de acesso, uso, rapidez, atualização, precisão e confiabilidade das informações, nas

diferentes áreas de especialização”, e que as referidas bibliotecas permitem maior apoio aos programas de ensino, pesquisa e extensão universitária (MORAES, [1980], p. 2).

Ademais, observa que a Biblioteca da UFPB foi criada por meio do regimento da Universidade em 1961 e implementada a partir de 1976 por meio da Portaria R/DP/nº 126, que a situava como Núcleo Coordenador do Sistema de Bibliotecas, garantindo o desenvolvimento de suas atribuições. Descreve, ainda, que ela possui um acervo geral de 174.270 volumes de obras diversas, armazenadas na Biblioteca Central do Campus de João Pessoa e nas bibliotecas setoriais do Campus de Campina Grande, Areia, Bananeiras e Cajazeiras. Sua operacionalização ocorre como “[...] sub-centro da BIREME - Biblioteca Regional de Medicina, da BINAGRI - Biblioteca Nacional de Agricultura, e do SDI - Subsistema de Informação e Documentação Educacional da CAPES”. Por fim, integra o Sistema Ibict de ICT, atuando descentralizadamente na atividade de coleta e análise de informações relativas a publicações seriadas (MORAES, [1980], p. 5).

Nesse parecer sobre a biblioteca da UFPB, considera os estudos efetuados sobre o Ibict que demonstraram a representatividade do número de bibliotecas da região Nordeste, a qual, ao seu tempo, indicava o segundo lugar na distribuição de bibliotecas cooperantes do sistema. Porém, o acervo era tido como precário, incompleto e duplicado, com ênfase em publicações seriadas. Para Paulo, o projeto apresentado à Finep, sobre obtenção de apoio financeiro para desenvolvimento e consolidação da biblioteca da UFPB, visava a obter maior eficiência no atendimento ao ensino de pós-graduação e à pesquisa científica e técnica (MORAES, 1980, p. 5).

Dessa forma, emitiu-se parecer favorável no sentido da aprovação do mérito da carta-consulta a fim de transformar a Biblioteca Central da UFPB em um centro regional de Informação em Ciência e Tecnologia.

Esses pareceres são considerados de extrema relevância para a conservação da memória institucional tanto da UFRGS quanto da UFPB, pela importância que as referidas bibliotecas exercem na atualidade em face da oferta de seus serviços disponíveis ao ensino, pesquisa e extensão. E, conseqüentemente, reflete na atuação de Paulo de Souza Moraes enquanto esteve à frente da gestão do Ibict.

Afrânio de Carvalho Aguiar (1981-1982)

Registra-se, nesse período, o *Pronunciamento do Dr. Afrânio na Reunião da CCT do CNPq, Subcomissão de Informática e Comunicações, realizada em 10/07/81* (AGUIAR, 1981). No referido documento é relatado o interesse específico da subcomissão de informática e telecomunicações, que, ao seu tempo, trabalhava em um plano de ação que refletia a estratégia pela qual o Ibiict pretendia abordar, interpretando diretrizes do III RBDCT e respondendo às necessidades específicas detectadas na comunidade científica e tecnológica. Um esforço mencionado no documento corresponde à tentativa de “viabilização da automação dos serviços nas principais bibliotecas na área de Ciência e Tecnologia no País, que são essencialmente bibliotecas médias e grandes de Universidades brasileiras e de um outro Instituto de Pesquisa”, buscando inclusive verificar a viabilidade de *softwares* que pudessem ser utilizados em conjunto com essas instituições (AGUIAR, 1981, p. 3).

No que se refere à informática, menciona o Decreto 85.790, de 06 de março de 1981, que cria a Secretaria Especial de Informática (SEI), estabelecendo a responsabilidade de “coordenar a montagem de um centro de informações sobre microeletrônica no país, com participação do CNPq”, tendo o próprio CNPq, por sua vez, comunicado à SEI, por meio de ofício, que se disponibilizaria a participar, por intermédio do Ibiict, da montagem desse centro de informações (AGUIAR, 1981, p. 1).

Nos registros da Biblioteca do Ibiict também foi possível encontrar um documento denominado de *Programa de Informação Tecnológica: Diretrizes, Implementação e Perspectivas de Desenvolvimento* (AGUIAR, 1982a), cujo objetivo seria registrar a atuação do Ibiict na área de informação tecnológica até dezembro de 1982, propondo diretrizes e indicando perspectivas de desenvolvimento das ações institucionais nesse campo. O documento se apresenta com a assinatura de Afrânio de Carvalho Aguiar, datado em 07 de dezembro de 1982.

O referido documento estabelece ações desenvolvidas pelo Ibiict durante sua gestão, envolvendo como diretrizes quatro linhas de atuação, a saber: a sensibilização e capacitação de pessoal; a organização da informação e provimento de serviços por tipo de material; o desenvolvimento experimental de centros especializados de informação tecnológica; e o desenvolvimento experimental de centros especializados de informação tecnológica, de atuação a nível regional (AGUIAR, 1982a).

Também são apresentadas no documento perspectivas de desenvolvimento consideradas subprogramas, como: Capacitação de Pessoal para Atuação no Campo da Informação Tecnológica; Cooperação Técnica Internacional no Campo da Informação Tecnológica; Desenvolvimento do Centro de Informação em Patentes e do Subsistema de Informação sobre Documentos Normativos; e Informação/Desenvolvimento de Centros de Tecnológica Especializados. Por fim, apresenta um conjunto de ações para a continuidade do programa durante o ano de 1983, dentre os quais se destacam a implementação do curso de especialização em Informação Tecnológica, em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); a definição de cursos de curta duração; e o firmamento de convênios e fontes extras de recursos financeiros (AGUIAR, 1982a).

Outro documento diz respeito à *Programação de Trabalho para 1982* (AGUIAR, 1982b), em que seu nome aparece como diretor à frente de diversos objetivos e metas, tais como normalização documentária de documentos técnicos e científicos CNPq; subsídios à formulação de políticas em ICT; e Implantação da Rede de Distribuição e Utilização dos Relatórios do NTIS (AGUIAR, 1982b).

Com base nos dados encontrados na Biblioteca do IbiCT, foram registradas 22 produções do ex-diretor Afrânio de Carvalho Aguiar entre 1981 e 1982, a saber (Quadro 1):

Quadro 1: Produção do ex-diretor Afrânio de Carvalho Aguiar

Ex-Diretor	Período	Produção
Afrânio de Carvalho Aguiar	(1980-1981)	<p>Análises quantitativas de informação Reunião Brasileira de Ciência da Informação (2.: 1979: Rio de Janeiro) Anais... Belo Horizonte: BMG : : [s.n.], 1979</p> <p>A atuação das agências financiadoras na implementação de diferentes serviços de informação. Seminário de Integração das Agências de Fomento para Informação Tecnológica (1993: Brasília) Trabalhos apresentados. Brasília: BDF: : MCT/SETEC, CNPq/IBICT, , 1993</p>

Ex-Diretor	Período	Produção
Afrânio de Carvalho Aguiar	(1980-1981)	<p>Automação de bibliotecas Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (2.: 1981: Brasília) Anais... Brasília : BDF : : CAPES, 1981</p> <p>Banco de dados sobre o potencial científico e tecnológico: informações sobre entidades, pesquisas, pesquisadores e resultados de pesquisas. [Brasília : BDF : : s.n.], 1980</p> <p>Centro de Informação Documentária em Política Científica e Tecnológica. [Brasília : BDF : : s.n.], 1980</p> <p>Considerações sobre a organização de um sistema de informação em Ciência e Tecnologia no CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico [Brasília] : BDF : : IBICT, 1981</p> <p>Coordenação de uma rede nacional de informação em ciência e tecnologia : um plano prioritário do IBICT. Congresso Regional sobre Documentação da FID/CLA (5. : 1980 : Rio de Janeiro) [Trabalhos apresentados] Brasília : BDF : : IBICT, 1980</p> <p>Desenvolvimento de recursos humanos para as atividades de informação em ciência e tecnologia. João Pessoa : BPB : : [s.n.], , 1981 *Nota: Aula inaugural do Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, proferida em João Pessoa, em 17/08/81</p> <p>Diretrizes do IBICT e suas interferências no planejamento das bibliotecas universitárias Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (2. : 1981 : Brasília) Anais... [Brasília : BDF : : s.n.], 1981</p> <p>Diretrizes referentes à questão da automação de serviços de biblioteca. [Brasília : BDF : : s.n.], 1981</p> <p>Existing conditions in developing countries for science and technology information activities Ad-hoc Panel of Experts on Information Systems for Science and Technology for Development Proceedings... Rome : US : 1985</p>

Ex-Diretor	Período	Produção
Afrânio de Carvalho Aguiar	(1980-1981)	<p>Notas sobre um sistema de informação em ciência e tecnologia. [Brasília : BDF : : s.n, 1980]</p> <p>O IBICT e os subsistemas de informação especializados. [Brasília] : BDF : : [s.n.], 1981</p> <p>O papel da informação no processo de inovação tecnológica Seminário sobre Inovação Tecnológica : Interação entre os Setores Produtivo e de Pesquisa Nacionais (1982 : Rio de Janeiro) Papers apresentados. Rio de Janeiro : BRJ : : FINEP, 1982</p> <p>Política de informação em ciência e tecnologia. [Brasília : BDF : : s.n.], 1980</p> <p>Programa de informação tecnológica : : diretrizes, implementação e perspectivas de desenvolvimento</p> <p>Programa de trabalho para 1982. S.I : BDF : : IBICT, 1982</p> <p>[Pronunciamento na reunião da CCT do CNPq, Subcomissão de Informática e Comunicações, realizada em 10/07/81]. [Brasília : BDF : : s.n.], 1981</p> <p>Proposta de operacionalização do Programa Nacional de Informação em Energia. Brasília : BDF : : IBICT, 1981</p> <p>Selective dissemination of information (SDI) systems : : an overall view. [S.I : IND : : s.n.], 1973. LIBS 573 - Information Retrieval Systems</p> <p>Sistemas de informações sobre regiões tropicais - mesa redonda. [Brasília : BDF : : s.n, 198-?]</p> <p>Transferência da informação. Brasília : BDF : : [s.n.], 1981.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Entre as publicações mencionadas, pode-se considerar a relevância de alguma delas, visto que envolvem aspectos relacionados ao período de sua atuação junto ao Ibict.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que os estudos sobre memória envolvem a investigação por diversos ângulos e consensos, evidencia-se o exame pontual realizado sobre os ex-diretores do Ibict no período de 1976 a 1982.

Com base nos registros encontrados e sem o intuito de esgotar o tema sobre os feitos realizados pelas referidas figuras públicas, institucionalizados mediante trabalhos desenvolvidos no âmbito do Ibict, observa-se a busca de possíveis caminhos para a reconstrução da memória referente ao período de consolidação do Instituto, evocando-se um traçado a partir da memória coletiva e institucional e a partir dos documentos fornecidos pela biblioteca enquanto prova documental.

Discorre-se sobre as experiências dos ex-diretores José Adolfo Vencovsky, Carlos Augusto de Albuquerque, Rosalvo Mariana da Silva Neto, Paulo de Souza Moraes e Afrânio de Carvalho Aguiar, em relação à informação e no que diz respeito à construção da memória institucional no período já mencionado. Registra-se também que Rosalvo Mariano da Silva Neto atuou, como diretor interino do Ibict, no ano de 1979, tendo ficado pouco tempo na gestão, não sendo possível obter informações sobre seu período de atuação na direção do órgão.

No intuito de detalhar a passagem dos memoráveis pelo Ibict, foram apresentados, a partir das fontes documentais, aspectos relevantes considerados para o período de consolidação do Instituto, demonstrando as relações com outras instituições públicas, como o CNPq, das quais se originou o Ibict, e os feitos realizados pelos ex-diretores nesse processo.

Diante disso, este capítulo busca preencher um período de evocação da memória institucional de consolidação do Ibict, tendo como foco a composição da obra como um todo. Enfatiza-se sua importância para a Ciência da Informação e para toda a sociedade enquanto garantia ao direito fundamental à memória a partir do próprio acesso à informação, e pelo dever do Estado de proporcionar meios de acesso a esse registro enquanto preservação de uma memória institucionalizada.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Afrânio de Carvalho. **[Pronunciamento na reunião da CCT do CNPq, Subcomissão de Informática e Comunicações, realizada em 10/07/81]**. [Brasília: s. n.], 1981.

AGUIAR, Afrânio de Carvalho. **Programa de informação tecnológica: diretrizes, implementação e perspectivas de desenvolvimento**. [Brasília]: Ibict, 1982. 1982a.

AGUIAR, Afrânio de Carvalho. **Programa de trabalho para 1982**. [S. l.]: Ibict, 1982. 1982b.

ALBUQUERQUE, Carlos Augusto de. A informação em ciência e tecnologia e o Ibict. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, 9.; JORNADA SUL-RIO-GRANDENSE DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 5., 2., 1977. **Anais do 9º Congresso Brasileiro & V Jornada Sul-Rio-Grandense de Biblioteconomia e Documentação**. Porto Alegre: [s. n.], 1977. v. 2, p. 41–66. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/1155>. Acesso em: 28 ago. 2022.

CARVALHO, André Cutrim; VIEGAS, Socorro de Fátima Souza da Silva; CARVALHO, David Ferreira. Instituições, governança e mecanismos de governança ambiental. *In*: COLÓQUIO ORGANIZAÇÕES, DESENVOLVIMENTO & SUSTENTABILIDADE, 5., 2014. **Anais [...]**. Belém: UNAMA, v. 5, n. 1, 2014. p. 281–303. Tema: Inovações em debate. Disponível em: <http://revistas.unama.br/index.php/coloquio/article/view/216>. Acesso em: 28 ago. 2022.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica**. 1997. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/686>. Acesso em: 28 set. 2022.

DANTAS, Fabiana Santos. **Direito fundamental à memória**. Curitiba: Juruá, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Criação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - Ibict. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1/2, p. 111–112, 1976. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/78>. Acesso em: 28 set. 2022.

MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentin. A ciência da informação, memória e esquecimento. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 6, dez. 2008. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/6382>. Acesso em: 28 set. 2022.

MORAES, Paulo Souza. **Carta-consulta da Biblioteca Central da UFRGS a Finep, relativo ao projeto de avaliação e desenvolvimento da coleção de material bibliográfico da UFRGS**: parecer. [Brasília?: s. n., 1980]. 1980a.

MORAES, Paulo Souza. **Carta-consulta da Universidade Federal da Paraíba a Finep relativa ao projeto desenvolvido e consolidação do Sistema de Biblioteca da UFPB**. [Rio de Janeiro: s. n., 1980]. 1980b.

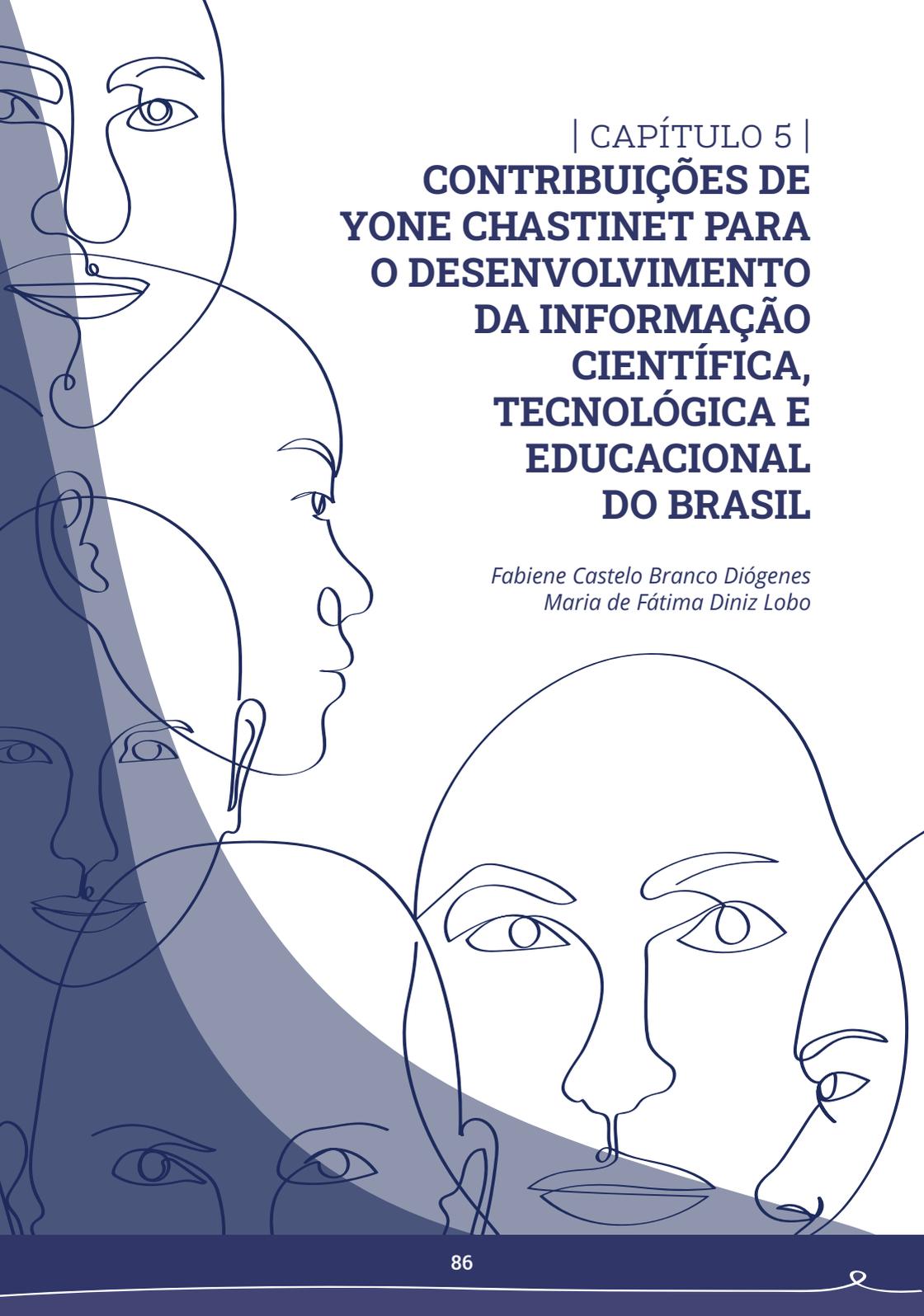
NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7–28, jul./dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 28 set. 2022.

SANTOS, Juliana Cardoso dos; VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Memória institucional e memória organizacional: faces de uma mesma moeda. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 208–235, set. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/4315>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/36235>. Acesso em: 28 ago. 2022.

VENCOVSKY, José Adolfo. **Centro Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - CBICT**. Rio de Janeiro: BRJ; Ibict, 1976. Nota: Projeto de criação do Centro Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - CBICT enviado ao Sr. Antonio Carlos Rego Gil, diretor do CNPq, em 07/01/1976.

Como citar o capítulo:

SOUSA, Rosilene Paiva Marinho de; PIMENTA, Ricardo Medeiros. Diretores do período de consolidação do Ibict. *In*: CUNHA, Daniela A. P. (org.). **Ibict 70 anos: um resgate histórico daqueles que fizeram o instituto**. Brasília, DF: Ibict, 2023. Cap. 4, p. 68-85. DOI: 10.22477/9786589167457.cap4 .

The background of the page is a complex line-art illustration of human faces. The faces are drawn with simple black outlines and are arranged in a layered, overlapping fashion. Some faces are shown in profile, while others are frontal. The style is reminiscent of modernist or cubist portraiture. A large, semi-transparent blue circular shape is overlaid on the left side of the page, partially obscuring some of the faces. The overall composition is dynamic and artistic.

| CAPÍTULO 5 |
**CONTRIBUIÇÕES DE
YONE CHASTINET PARA
O DESENVOLVIMENTO
DA INFORMAÇÃO
CIENTÍFICA,
TECNOLÓGICA E
EDUCACIONAL
DO BRASIL**

*Fabiene Castelo Branco Diógenes
Maria de Fátima Diniz Lobo*

INTRODUÇÃO

Relatar a trajetória de Yone Sepulveda Chastinet e sua atuação no âmbito da informação científica e tecnológica é o objetivo deste trabalho, que, com satisfação, foi aceito pelas autoras a convite do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) para homenagear seus diretores.

Escrever sobre Yone é uma oportunidade de demonstrar e agradecer as experiências vividas por terem trabalhado sob a sua coordenação e serem testemunhas e admiradoras dos seus valores humanos, de sua competência, criatividade em ideias e processos na área da ciência da informação. Dessa relação nasceu uma profunda amizade que se mantém até o presente.

Como opção metodológica, realizou-se o levantamento bibliográfico em bases de dados, periódicos científicos *on-line*, consultas na Biblioteca física do Ibict, com identificação de relatórios institucionais e *papers* a partir dos quais foram levantados os fatos mais relevantes da vida de Yone Chastinet, com ênfase no período em que ela foi diretora do Ibict.

Para tanto, decidiu-se concentrar o relato na sua experiência em gestão de órgãos governamentais, nos quais ela participou do planejamento, implantando sistemas e serviços de informação por meio de tecnologias disponíveis que contribuíram para o desenvolvimento do setor de informação científica, tecnológica e educacional do país.

Sua experiência profissional teve início como estudante no final da década de 1960, em bibliotecas populares, e seguiu no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) entre os anos de 1961 e 1973.

A geração dos serviços e produtos de informação e a experiência adquirida no IBBB a capacitaram para assumir a Coordenação de Operações e Serviços do Sistema Nacional de Informação e Documentação Agrícola (SNIDA) de 1974 a 1982.

Durante sua atuação nesse órgão, foi eleita *chairman* em reunião ocorrida em Roma, na Food and Agriculture Organization (FAO/ONU) (CHASTINET, 2018 apud SANTOS; NUNES; ARAÚJO, 2020, p. 184).

Em 1982, retornando ao Rio de Janeiro, Yone voltou a atuar no seu órgão de origem, o qual, em 1976, passou a ser o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Ela assumiu como vice-diretora e, em seguida, retornou a Brasília como diretora do órgão, no período de 1982 a 1984.

Além disso, em 1982, foi eleita conselheira da Federação Internacional de Documentação (FID) durante Assembleia Geral realizada em Hong Kong, sendo a única representante latino-americana no colegiado da FID (SANTOS; NUNES; ARAÚJO, 2020, p. 185).

Depois de deixar a direção do Ibict, se aposentou, mas continuou sua trajetória em projetos inovadores, absorvendo tecnologias, atualizando conceitos, promovendo discussões com a comunidade de informação, dirigentes de órgãos decisórios, universidades e órgãos de pesquisa, sempre propondo novos caminhos a serem trilhados.

No período de 1986 a 2003, seguiu idealizando e implementando o Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU); Estruturação da Coordenação e Documentação e Biblioteca do Ministério de Educação; Programa de reestruturação das Bibliotecas Agrotécnicas; e o Programa de Informação e Comunicação para Ciência e Tecnologia (*Prossiga*).

Após esse período, realizou consultorias. Apesar de obter sucesso, em entrevista ao Instituto Museu da Pessoa de São Paulo, no âmbito do Projeto Memória Unimed/Rio, Yone relatou que a atividade de consultoria não a fazia feliz porque ela é “muito executiva”. Assim, se voltou para a família e sua vida pessoal (CHASTINET, 2021).

A partir desses recortes biográficos, serão apresentados relatos de sua vida pessoal, formação profissional e suas ações de gestão em órgãos públicos, detalhando sua atuação em ações que as autoras consideram destacadas por grande criatividade e singularidade nas práticas de planejamento, implementação e acompanhamento.

NASCIMENTO, JUVENTUDE E FAMÍLIA

Yone Sepulveda Chastinet nasceu no Bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, em 27 de setembro de 1939, filha de Djalma Chastinet Contreiras e Maria Sepúlveda Chastinet, ambos nascidos em Salvador, Bahia.

Seus pais, depois de casados, foram morar no Rio de Janeiro, onde criaram os filhos Carlos Alberto e Yone. Para Yone, o melhor lugar do mundo era Salvador, onde passava as férias desde os seus 11 anos até a adolescência. Um belo dia, diz ela, descobriu que o Rio era bonito e foi uma das maiores emoções, o Rio era melhor e se encantou com a cidade maravilhosa, e percebeu que ali era realmente o seu lugar. Nele daria o seguimento da sua vida.

Além de seu encantamento pela cidade, onde nasceu e viveu a maior parte de sua vida, a relação de Yone com a família era algo profundo, repleta de envolvimento e amorosidade.

Para ela, a família era sua mãe e a intelectualidade era seu pai. Sua mãe, dona de casa, era “uma pessoa incrível”, com uma capacidade ímpar de atrair e agregar pessoas, de se adaptar e definir prioridades em face das mudanças da vida, e grande responsável pelas decisões no âmbito familiar. Seu pai, alguém dotado de grande intelectualidade, era médico e, na sua visão, um ser especialmente “social”, voltado ao cooperativismo, além de ser um idealista e, acima de tudo, um filósofo da medicina social e do povo.

Yone atribui ao pai o seu amor pelos livros, livros com os quais ele a presenteava desde a adolescência. No início, ela se sentia impelida a ler porque tinha admiração por seu pai e para mostrar que poderia vir a ser uma intelectual como ele, uma vez que ele a intelectualizava. Segundo Yone, não era muito claro se lia por prazer da leitura ou porque tinha uma admiração enorme pelo pai. Mas o fato é que ela, na adolescência, usava a mesada para comprar livros na livraria Bolívar do bairro de Copacabana, onde vive até hoje (CHASTINET, 2021).

Também cultivou grande admiração pelo tio Anísio Teixeira, jurista, escritor, educador, um dos criadores da escola pública no Brasil. Defendia a democratização do ensino e a transformação social por

meio da educação. A convivência familiar com ele era muito estreita e contribuiu para ampliar a sua visão quanto à disponibilização da informação científica para o pesquisador brasileiro e para o desenvolvimento da ciência no país. Dentre seus projetos, produziu em meio virtual a Biblioteca de Anísio Teixeira, que lançou na Academia Brasileira de Ciência.

Teve três filhos de dois casamentos: Sergio, Mariana e Rodrigo. Para ser mãe, inicialmente foi difícil e de compreensão complicada. Depois, no entanto, concluiu que os filhos eram os fundamentos da vida e que “a única coisa que justifica a morte é a sua permanência por meio de outro ser que você gerou.” (CHASTINET, 2021). E recitava com um sorriso o *Poema Enjoadinho*, de Vinícius de Moraes, de 1954, “Filhos, filhos? Melhor não tê-los! Mas, se não temos, como sabê-los?”. Logo os netos chegaram. São cinco, e compartilham com a avó a “Sala da Alegria”, em que são reunidos livros, fotos em preto e branco do Rio antigo, música, obras de arte da Bahia, lembranças, cores e tudo o que encanta a vida.

BIBLIOTECONOMIA: FORMAÇÃO E PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS

Yone Chastinet usava a biblioteca do pai e, por esse motivo, não havia frequentado outras bibliotecas. Foi cursar biblioteconomia depois de uma conversa com tia Zezé, bibliotecária, esposa de seu tio, que lhe disse que a profissão era ótima e que logo ao iniciar a faculdade já encontraria emprego.

Graduada pelo curso de biblioteconomia e documentação da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em 1958, foi bibliotecária da Biblioteca Municipal em 1959, onde trabalhou no setor de bibliotecas populares, quando fez um concurso interno e classificou-se em primeiro lugar. Suas atividades eram catalogar o acervo popular e distribuir os livros para as bibliotecas dos bairros cariocas (CHASTINET, 2021).

Fez especialização no Curso de Documentação Científica (CDC) do IBBD – 1960 e Mestrado em Biblioteconomia e Documentação – 1971/73, criado no IBBD⁵, em 1970, pioneiro na introdução do conhecimento da ciência da informação no Brasil e na América Latina, cursos esses que deram origem ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI).

Dentre suas primeiras experiências profissionais, merecem destaque sua atuação no IBBD, de 1961 a 1973, e como coordenadora do SNIDA, de 1974 a 1981.

IBBD

De 1961 até 1973 Yone Chastinet atuou no IBBD, órgão idealizado e criado em 1954 pela profa. Lydia de Queiroz Sambaquy, bibliotecária que o presidiu entre 1954 e 1965, com atribuições provenientes de órgãos que o antecederam com a perspectiva de fortalecer a ciência e tecnologia, estratégia primordial para impulsionar o desenvolvimento do país.

Yone trabalhou na Biblioteca do IBBD de 1961 a 1965, no Serviço de Intercâmbio de Catalogação (SIC) entre 1965 e 1968, e foi chefe da seção de ciências físicas e matemática do Serviço de Bibliografias (SB) entre 1968 e 1970. Foi membro oficial da Comissão de Estudos de Normalização em processamento de dados por computadores e da banca examinadora do concurso para bibliotecários do Departamento de Administração do Serviço Público (DASP).

Nesse ambiente, Yone vivenciou todo o processo de crescimento das atividades que iam sendo desenvolvidas no IBBD para atender às necessidades bibliográficas da comunidade científica. Sua atuação na geração de produtos, no uso da informática, terminologias especializadas, interação com órgãos de pesquisa para uso de recursos computacionais, como o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), e na elaboração de bibliografias especializadas se destaca nesse período de sua trajetória profissional. Essas experiências fortaleceram-na no conhecimento da informação científica brasileira.

5 Informações fornecidas por Yone Chastinet, em 23 de abril de 2022.

Segundo Oddone (2006, p. 54),

[...] os bibliotecários do IBBD, empenhados em oferecer soluções rápidas e precisas às questões documentárias e informacionais formuladas pela emergente comunidade científica [...] [eram] expostos à melhor literatura estrangeira especializada e em permanente contato com o desenvolvimento internacional da área, [...] respondiam [...] pela produção de inovações e pelo aperfeiçoamento dos profissionais graduados em biblioteconomia e documentação.

Oddone (2006) acrescenta que as atividades desenvolvidas no IBBD nesses 11 anos eram influenciadas, ao mesmo tempo, pela biblioteconomia, pela documentação e pelo moderno conceito de informação científica.

A importância do Instituto para o fortalecimento do setor de Informação Científica e Tecnológica foi objeto de estudos, teses e artigos por muitos autores que analisaram o papel do IBBD no cenário político e no contexto da informação nacional.

SNIDA

De 1974 a 1981, Yone atuou na implantação e gestão do SNIDA, programa previsto no Projeto PNUD/FAO/BRA/72/020 que o governo brasileiro criou, no ano de 1972, por meio do Ministério da Agricultura, firmando convênio com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO/ONU).

Esse projeto tinha o objetivo de fortalecer o setor agrícola na produção de conhecimento, pesquisa e produtividade seguindo a visão mundial de sistemas de informação apresentada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). O projeto visava a prover o país da formatação de um sistema de informação agrícola e acabou levando o Brasil a participar do Sistema Internacional de Informação sobre Ciências e Tecnologia Agrícola (AGRIS) da FAO. Já para implantação do SNIDA, contou-se com o apoio, assistência técnica e metodologias desses organismos internacionais, além da consultoria do diretor internacional Jaime Robredo.

Inicialmente, o projeto foi implementado em 1975 na Coordenação de Informação Rural (CIR) da Secretaria Geral do Ministério da Agricultura e, no ano seguinte, passou a ser administrado pela Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Embrater) até 1981. A partir dessa data, o projeto passou para a administração direta do Ministério da Agricultura.

Para implementação do SNIDA, Yone assumiu em Brasília a Coordenação de Operações e Serviços Documentários da CIR, responsável pelas atividades do sistema. Montou uma equipe multidisciplinar de profissionais bibliotecários, agrônomos, de informática, advogados, comunicadores, de administração, entre outros, para o desenvolvimento dos serviços e produtos e para atuar, de forma cooperativa, junto a órgãos de ensino, pesquisa e extensão rural.

Para viabilizar o modelo cooperativo do sistema, Yone elaborou e implementou intenso programa de treinamento no país com vistas à formação da rede de coleta e registro bibliográfico da produção agrícola nacional. Constituiu uma rede com 101 instituições participantes no país e 155 bibliotecários treinados na metodologia AGRIS, cooperando com o envio de registros dos documentos produzidos em suas instituições – abrangendo não só a informação publicada, mas com ênfase ao material não convencional –, o que resultou na criação da AGROBASE, base de dados com a produção agrícola nacional.

Esses registros eram enviados para a base de dados internacional AGRIS que reunia a produção de documentos agrícolas de mais de 100 países cooperantes. Assim, a produção brasileira era divulgada em nível internacional.

O SNIDA participava também do Sistema Interamericano de Informação para as Ciências Agrícolas enviando os registros brasileiros para a base de dados AGRINTER, alimentada pelos países da América Latina e coordenado pelo Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas/Centro Interamericano de Documentação e Informação Agrícola (IICA/CIDIA).

Sob a coordenação de Yone e contando com o apoio de consultores do PNUD/FAO foram desenvolvidos produtos e serviços para o fortalecimento da informação e do setor agrícola, como o Serviço de Disseminação Seletiva da Informação (BIP/AGRIS), o Thesaurus Agrícola Nacional (Thesagro) para indexação dos registros bibliográficos e

recuperação na AGROBASE, implantou a base de dados Current Agricultural Research Information System (CARIS/FAO) – Sistema Corrente de Informação sobre Pesquisas Agrícolas – com as pesquisas brasileiras em andamento. Foi, ainda, criada a Biblioteca Nacional de Agricultura (BINAGRI) prevista no plano global de modernização do Ministério da Agricultura, assim como a implantação de Bibliotecas Estaduais de Agricultura (BEAGRIS) para consolidação das operações do SNIDA.

Promovia com frequência reuniões técnicas com bibliotecários integrantes da rede, cursos e capacitações para a equipe local e das instituições participantes, formando melhores profissionais e favorecendo o perfil para atuação no sistema de informação. O modelo das BEAGRIS foi tema da dissertação de mestrado de Finkelstein (1981), na Universidade de Brasília (UnB).

Em parceria com órgãos especializados, foram elaboradas, nos anos 1975 e 1976, a Bibliografia do Café com o Instituto Brasileiro do Café (IBC); a Bibliografia do Arroz com o Instituto Rio Grandense do Arroz (IRGA); Bibliografia do Cacau em cooperação com a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC); a Bibliografia do Açúcar com o Programa Nacional de Melhoramento da Cana de Açúcar (PLANALSUCAR); e a Bibliografia de Tecnologia de Alimentos com o Instituto de Tecnologia de Alimentos (ITAL), oferecendo aos usuários do sistema (pesquisadores, professores, planejadores, divulgadores) instrumentos que facilitavam a busca das referências bibliográficas e o acesso aos documentos originais.

A experiência brasileira na área agrícola promoveu o desenvolvimento no campo da informação com a implementação de um sistema cooperativo com interconexões nacionais, regionais e internacionais com o International Information System for the Agricultural Sciences (AGRIS), à semelhança de experiências vividas em outras áreas, com sistemas de cooperação internacional em vários campos, tais como Medicina (MEDLARS), Energia Atômica (INIS), Alimentação (IFIS), Trabalho (ISIS) e Sistema Mundial de Informação Científica da Unesco, conhecido como UNISIST (CHASTINET, 1975; 1978; 1979; CHASTINET *et al.* 1978; CHASTINET *et al.* 1977).

Na visão de Yone, esse projeto internacional lhe proporcionou uma experiência positiva pela rica interação com os profissionais do sistema AGRIS em Roma, o que resultou em grande aprendizado, especialmente

na sua formação científica. Esse aspecto é reforçado na tese e no livro de Santos (2019, 2021), quando a autora afirma que a área de informação agrícola ofereceu a Yone experiência necessária em sistemas de informação, promovendo o desenvolvimento científico e tecnológico do país, e a capacitou ingressar como diretora substituta e, depois, diretora no Ibict (CHASTINET, 2021; SANTOS, 2020; 2021).

ATUAÇÃO NA DIREÇÃO DO IBICT

Quando Yone assume a direção do Ibict em 1982, indicada pelo Dr. Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a informação científica e tecnológica era vista pelo Estado como aspecto relevante para o desenvolvimento da Ciência & Tecnologia (C&T) no País, conforme previsto no *III Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico* (PBDCT), de acordo com as diretrizes básicas do *III Plano Nacional de Desenvolvimento* (PND) para o período de 1980 a 1985.

Assim, sua atuação como diretora do Ibict assegura, pela primeira vez, a formulação de uma política para o Setor de Informação Científica e Tecnológica (ICT) na efetiva utilização da informação científica, tecnológica e econômica, como recurso básico para o desenvolvimento econômico e social do Brasil (TARAPANOFF, 1992; SANTOS, 2019, p. 97).

Logo em seu primeiro ano como diretora do Ibict, em 1982, além de concentrar esforços na consecução das linhas prioritárias de sua gestão, ela lidou com questões urgentes, como a transferência do Ibict do Rio de Janeiro para Brasília, a transferência do Centro de Informação sobre Política Científica e Tecnológica (CPO) do CNPq para o Ibict e a transferência do Curso de Mestrado em Ciência da Informação para a Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A transferência do curso de mestrado para a UFRJ demandou de Yone habilidade e firmeza em face dos questionamentos constantes dirigidos à direção do Ibict por parte da comunidade de informação e da comunidade científica. A direção teve a preocupação de manter todos informados sobre os acontecimentos durante todo o período de articulação do acordo entre as instituições.

Em 17 de maio de 1983 foi firmado o convênio entre o CNPq e a UFRJ, incorporando o curso de mestrado em ciência da informação do Ibict à Escola de Comunicação (ECO) da universidade. Os resultados alcançados no ano seguinte confirmaram o acerto na transferência do curso, promovendo avanços demonstrados não só pelo interesse na área, mas pela confiança renovada diante da fusão Ibict/ECO (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 1983b; 1983c).

No seu primeiro ano como diretora, em consonância com as diretrizes nacionais e internacionais para os anos de 1982 a 1985, o Ibict estabeleceu quatro linhas prioritárias de atuação:

1) Fortalecimento do Ibict como centro coordenador do Sistema Nacional de Informação em Ciência e Tecnologia; 2) Desenvolvimento da indústria nacional de serviços de informação; 3) Desenvolvimento de instrumentos de tratamento e transferência da informação; e 4) Cooperação internacional da área de ICT.

No que se refere à linha de ação do *Fortalecimento do Ibict como Centro Coordenador do Sistema Nacional de Informação em Ciência e Tecnologia*, em 1982 foi definida uma política nacional e explícita de informação para o desenvolvimento, tendo sido, nessa ocasião, lançadas as bases essenciais para assegurar o melhor desempenho do papel do Ibict como coordenador de ICT no País.

Para implementação dessa linha prioritária de *Fortalecimento do Ibict como Centro Coordenador do Sistema Nacional de Informação em Ciência e Tecnologia*, seguindo seu Plano Diretor, o Instituto atuou junto às instituições executoras apoiando-as em todas as fases de desenvolvimento dos sistemas e centros, fornecendo-lhes assistência técnica para planejamento e operação na captação de recursos e colocando à disposição metodologias e padrões estabelecidos, bem como alocando recursos humanos.

Para essa diretriz foram desenvolvidas atividades que se concentraram em ações de coordenação e planejamento, no apoio dado ao desenvolvimento de criação de sistemas especializados, fortalecimento de infraestrutura de informação, obtenção de financiamento da área por meio de fontes nacionais e internacionais, como o Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT) e o estabelecimento de áreas afins à ICT.

Ainda no ano de 1982, o Ibict atuou em uma Política Nacional de Informação cujo anteprojeto do documento básico fora elaborado por meio de consultoria internacional do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD/UNESCO). Ao mesmo tempo, iniciou-se a elaboração da *Ação Programada de Informação em Ciência e Tecnologia* (ICT), instrumento de planejamento previsto no III Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PBDCT).

A Ação Programada de ICT foi aprovada pela Comissão de Informação do Conselho Científico e Tecnológico (CCT) do CNPq, em 25 de outubro de 1984, e juntou-se a outros documentos de Ação Programada já existentes, que contaram também com o apoio do CNPq, os quais abrangiam as demais áreas do desenvolvimento científico e tecnológico.

A importância dessa Ação Programada de ICT – 29 pode ser traduzida no seu objetivo, que deveria constituir-se em instrumento de coordenação e harmonização das atividades de ICT contempladas nas ações programadas de vários setores e prever o desenvolvimento da área de ICT em si. Paralelamente à elaboração da Ação Programada, o Ibict assumiu a tarefa de implementar um instrumento de acompanhamento das atividades de informação.

Para desenvolver esse instrumento de acompanhamento, o Ibict iniciou, em 1982, a implantação de um Sistema Integrado de Informação sobre o Setor de Informação (SISSI), conhecido na América Latina como um projeto-piloto. No final de 1983, o projeto apresentava os seguintes resultados: acompanhamento interno da produção do Instituto, dos projetos executados ou apoiados pelo Ibict e acompanhamento do cenário geral da informação.

Sob a gestão de Yone, tornou-se realidade a crescente consolidação da programação do Ibict voltada substancialmente para a coordenação e planejamento de sistemas especializados e para o fortalecimento da infraestrutura de informação no País, que progressivamente foi sendo executada em conjunto com um número cada vez maior de instituições ligadas à Ciência e Tecnologia (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 1983a; 1984a; 1985).

Em 1984, a Comissão de Informação em Ciência e Tecnologia (CICT) – antiga Comissão Transitória de Informação – do Conselho Científico

e Tecnológico (CCT) do CNPq estava em pleno funcionamento, com o apoio total do Ibict, o qual mobilizou os diversos componentes do setor de ICT no sentido de definir os princípios que norteariam a política nacional de informação. O primeiro trabalho da Comissão foi a elaboração de Ação Programada em ICT, no período de abril a outubro de 1984.

Para a consecução da segunda linha prioritária, sob a direção de Yone, o Ibict atuou fortemente na *Indústria Nacional de Informação: Apoio ao Desenvolvimento/Criação de Sistemas nacionais de informação especializada, de Bibliotecas e de Centros ou serviços de informação*, que constituiu o principal objetivo do Instituto. Para ele, todas as demais linhas convergiram. E exerceu-se, assim, sua ação coordenação de apoio ao desenvolvimento de infraestrutura de ICT e de promoção da cooperação internacional em assuntos de ICT, visando prioritariamente a apoiar e/ou criar sistemas e centros de informação especializados, capazes de atender, a nível nacional, as diversas necessidade dos usuários, fornecendo-lhes distintos tipos de informação.

Na realização dessas ações voltadas ao *Desenvolvimento da Indústria Nacional de Serviços de Informação*, o Ibict, de 1982 a 1985, ofereceu apoio à criação e desenvolvimento de Centros e Sistemas de Informação e de Bases de Dados Nacionais Especializadas, atuando com cerca de 35 instituições de reconhecida importância no cenário nacional, harmonizando suas atividades e estimulando suas interligações por meio da constituição de redes formais ou informais. Para isso, foram utilizados seus mecanismos de coordenação, ou seja, padronização, assistência técnica e fomento (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 1983a).

Com foco nessa diretriz de apoio à criação e desenvolvimento de Centros e Sistemas de Informação e de Bases de Dados Nacionais Especializadas, entre 1982 e 1984 foram criados e apoiados Centros e Sistemas de Informação nas temáticas Agrícola; Amazônia; Antártica; Antropologia; Botânica e Biotecnologia; Ciências Ambientais; Ciência da Informação; Educação, Cultura e Desportos; Energia; Ciência e Tecnologia; Geociências; Informática; Instrumentação; Informação Científica e Tecnológica; Imagem e Som; Indústria Moveleira; Meio Ambiente; Patentes; Pesquisa e Desenvolvimento; Planejamento Econômico e Social; Política Científica e Tecnológica; Química; Linguística; Semi-Árido; Tecnologia Mineral e Zoologia (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 1983a; 1984a; 1985).

Nesse período, o crescimento significativo dos Centros e Sistemas de Informação e de Bases de Dados Nacionais Especializadas refletiu o sucesso da implantação dessa diretriz, que vinha ao encontro da preocupação do Instituto na coordenação das atividades dos sistemas especializados de informação, aspecto enfatizado em palestra proferida por Yone no XII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 1983a).

Nesse período, foram desenvolvidas ações voltadas ao Acesso a bases de dados no exterior, Acesso à documentação primária (Catálogo Coletivo Nacional – CCN), Sistema Integrado de publicações Seriadadas (SIPS), Programa de Comutação Bibliográfica (convênio Ibict e CAPES, que em 1983 marcou o início de sua consolidação), Sistema de Informação Científica e Tecnológica do Exterior (SICTEX), desenvolvimento de recursos básicos para atividades de C&T, Seminários de Informação para Indústria, instrumentos para tratamento da informação, apoio ao desenvolvimento de softwares e desenvolvimento de infraestrutura para o acesso público a bases de dados nacionais e estrangeiras internalizadas no País.

Merece destaque o apoio às Bibliotecas Universitárias, tendo sido o Ibict convidado a participar do Comitê de Bibliotecas do MEC com o objetivo de propor diretrizes para as bibliotecas públicas, escolares e universitárias do Ministério da Educação e Cultura, contribuindo também para o planejamento de bibliotecas universitárias configuradas na elaboração e publicação do documento *Coletânea das Recomendações dos Seminários Nacionais de Bibliotecas Universitárias e Propostas de Atividades Baseadas na Ação Programada em Informação Científica e Tecnológica* que, revisado, constituiu o documento-base para a mesa Redonda *Diretrizes para o Desenvolvimento de Bibliotecas Universitárias* no 4º Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, em 1985.

Na terceira linha de ação prioritária, quanto ao *Desenvolvimento de instrumentos de tratamento e transferência da informação*, consonante a sua política de coordenação de esforços na área, o Ibict investiu em atividades de padronização, visando à constituição de base de dados especializada dentro de um sistema que assegurasse compatibilidade e intercâmbio de dados.

Em seus mecanismos de coordenação e padronização, assistência técnica e fomento, apoiou a produção de manuais, diretrizes e formatos: Manual de Registro Bibliográfico; usos do formato CALCO; criação do Escritório CALCO; desenvolvimento de macroterminologia para ciência e tecnologia; orientação para elaboração de serviços de alerta; desenvolvimento de tesouros; estudos para determinação de lista básica de periódicos nacionais e estrangeiros com vistas a um programa de aquisição cooperativa e planejada na área; *software* para a criação da base de dados nacional; e assegurou assistência técnica e fomento a todas instituições envolvidas nos programas.

Na quarta linha prioritária quanto à Cooperação internacional da área de ICT, o Ibict manteve a participação brasileira no Programa Geral de Informação da UNESCO, cooperou com instituições como: Centro Nacional do ISDS (Sistema Internacional de Dados sobre Serriados); Centro Latino-americano de Documentação Econômica y Social (CLADES)/Comissão Econômica para América Latina (CEPAL); Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana; e como membro nacional da Federação Internacional de Documentação e de sua sede na América Latina, além de receber apoio para o desenvolvimento da área de informação a nível nacional, principalmente por meio do projeto PNUD/UNESCO/CNPQ. Participou de Programas e Sistemas Regionais e Internacionais de ICT (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 1983a; 1984a; 1985).

Em função das mudanças de governo, Yone deixa a direção do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) em 1985, depois de alcançar avanços significativos no desenvolvimento das ações prioritárias definidas para o Ibict, especialmente como órgão central de coordenação de ICT no País.

PROGRAMAS PNBUE PROSSIGA: IDEALIZAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO

Ainda em 1985, Yone foi para a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), no Rio de Janeiro, atuar na área de financiamento do setor de informação, tendo em vista sua longa experiência na área de informação para o desenvolvimento científico e tecnológico.

Nesse mesmo ano foi convidada pelo Doutor Derblay Galvão, então assessor do secretário Paulo Elpídio de Menezes Neto, a integrar a equipe da Secretaria de Educação Superior, cuja missão foi formatar um planejamento para as bibliotecas universitárias, quando criou o PNBU (SANTOS, 2020).

Na sequência, de 1995 a 2003, o Programa de Informação e Comunicação para Pesquisa (*Prossiga*) foi concebido por Yone a convite do Professor Galízia Tundisi, então presidente do CNPq, onde o programa foi iniciado e assumido pelo Ibict, quando o diretor era José Rincon Ferreira.

Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU)

Novamente, Yone mostra sua capacidade intelectual e inovadora quando idealiza e cria o PNBU, por meio da Portaria 287 de abril de 1986, 1º PNBU, no Ministério de Educação, e da Secretaria da Educação Superior (SESU), que reconhece sua responsabilidade na função de coordenação da Política Nacional de Educação Superior para promover a biblioteca universitária brasileira.

As atividades de planejamento do PNBU se desenvolveram em meio ao processo de redemocratização do País e do fortalecimento da pós-graduação, o que refletiu positivamente nas bibliotecas universitárias, as quais passaram a organizar-se melhor (BRASIL, 1986; CHASTINET, 1990 apud DIOGENES, 2012; SANTOS, 2021).

A implementação do PNBU implicou em intensas atividades de Yone na articulação, planejamento e coordenação em níveis administrativo, político e técnico com diferentes instituições, e no acompanhamento, avaliação e elaboração de uma extensa documentação das atividades desenvolvidas pelo programa, reunida em três séries: documentos técnicos, documentos de planejamento e documentos do projeto/programa de estudos técnicos, pesquisas e desenvolvimento de recursos humanos (PET) (GARCIA, 1991, p. 19- 22).

O PNBU integrou doze diretrizes e 46 ações, concentrou suas diretrizes em seis principais áreas: 1) Planejamento - organizacional, financeiro, de recursos humanos e físicos; 2) formação e desenvolvimento de coleções; 3) processamento técnico de documentos; 4) automação de bibliotecas; 5) usuários e serviços; 6) atividades cooperativas.

Em 1989, onze das doze diretrizes do Plano já tinham sua implementação efetivada por meio da realização total ou parcial de 31 das 46 ações que o integravam (CHASTINET, 1990; GARCIA, 1991, CUNHA; DIÓGENES, 2016; SANTOS, 2021).

As ações mais evidentes e contínuas que o PNBU apresentou no período de 1986 a 1990 estão expressas nos seguintes projetos: Programa de Aquisição Planificada (PAP), Programa de Financiamento de Livros para cursos de graduação (BIBLOS), Programa de Estudos Técnicos, pesquisas e desenvolvimento de recursos humanos (PET); e, de certa forma, a decisão de apoiar a Rede Bibliodata, a Central de Duplicatas da Biblioteca Complementar de Engenharia (Bicenge) e o desenvolvimento do Curso de Especialização para Bibliotecários de Instituições de Ensino Superior (CEBIES) (GARCIA, 1991).

Após três anos de implantação, o PNBU apresentou resultados satisfatórios, e o seu sucesso foi reconhecido por vários pesquisadores e especialistas da área, como Garcia (1991); Silva (2009); Carvalho (2004) citado por Silva (2009), Diógenes (2012), Santos (2020; 2021), Santos, Nunes e Araújo (2020), os quais o consideraram um marco importante de política pública nesse segmento, com impactos em várias esferas técnicas e de gestão, criado com ampla participação da comunidade, sob liderança de Yone.

Um dos aspectos mais notáveis do PNBU, conforme Garcia (1991), foi a forte articulação da coordenação do programa com os atores envolvidos, e um dos elementos mais decisivos na consolidação dos programas, projetos e propostas do PNBU foi o fato de ele abrigar e operacionalizar as iniciativas nas BUs, em diferentes instituições.

Recentemente, em tese defendida por Santos em 2020, sob o título de *A Biblioteca Universitária Brasileira no Contexto do Desenvolvimento em Ciência & Tecnologia: Análise Histórica do Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU - 1986)*, e em 2021, no livro de Santos *Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU): Uma Política de Modernidade para as Bibliotecas Universitárias Tecida na Segunda Metade do Século XX*, a autora demonstrou a realidade histórica do PNBU, destacando o papel proeminente de Yone Sepulveda Chastinet como grande líder, que tomava para si ações de planejamento e, com sua criatividade e conhecimento na área de ciência da informação e C&T, ofereceu soluções a vários setores das bibliotecas universitárias.

Programa de Informação e Comunicação para Pesquisa (Prossiga)

Em face de sua atuação no PNUB, Yone foi convidada em 1995, pelo professor Galizia Tundizi – presidente do CNPq –, a implementar um programa que criasse e fortalecesse estratégias e mecanismos que assegurassem aos pesquisadores ligados ao órgão maior facilidade de acesso à informação necessária ao desenvolvimento de seu trabalho. Sintonizada com tendências mundiais da criação da web e com a convicção de que a informação científica e tecnológica devia estar alinhada às grandes mudanças e às políticas de C&T, ela disponibilizou, de forma pioneira, o Programa de Informação e Comunicação para C&T – Prossiga.

O Programa Prossiga, lançado em 1995, tinha como missão contribuir para a implementação das diretrizes e prioridades ditadas pelo governo para a área de CT&I. Nele, disponibilizavam-se serviços de informação na Internet voltados para as áreas prioritárias do Ministério da Ciência e Tecnologia e estímulo ao uso de veículos eletrônicos de comunicação pelas comunidades dessas áreas. Seus mantenedores eram CNPq e Ibict. O programa foi concebido como ferramenta de apoio para tomada de decisão de gestores de C&T, comunicação entre os pesquisadores e usuários e para divulgação da informação científica e tecnológica.

Nesse sentido, o Prossiga criou serviços que colocaram em um ambiente especializado informações qualificadas, coletadas em fontes primárias a partir de base de dados dispersas na internet, a fim de que gestores, pesquisadores e empresários obtivessem com maior rapidez as melhores informações sobre sua área de atuação, criando e disponibilizando na internet serviços de informação e comunicação para C&T.

Assim, o Prossiga desenvolveu o sistema de informação sobre fomento à C&T, que apresentou o potencial científico e tecnológico de cada Estado, mostrando as pesquisas em andamento e projetos de formação de recursos humanos apoiados por agências federais e estaduais de fomento a C&T, bem como informações sobre pesquisadores e instituições de pesquisa. Muito importante foi a ação do Prossiga nos Estados, a qual colaborou para uma rede de

informação por meio da qual 25 portais estaduais de informação à C&T disponibilizavam projetos em andamento financiados pelas agências de fomento.

O *Prossiga* construiu, também, as Bibliotecas Virtuais Temáticas, Bibliotecas Virtuais de Pesquisadores Notáveis; Portais para Fundos Setoriais; Portais para setores produtivos; Base de dados sobre páginas brasileiras na Internet que tratavam de educação, ciência e tecnologia; Eventos em C&T e o serviço de informação sobre Mercado de Trabalho em C&T, que disponibilizava oportunidades de trabalho para profissionais de C&T e informações sobre docentes e pesquisadores em busca de vínculo permanente de trabalho ou consultoria.

Complementando esses serviços e visando a contribuir para formação e consolidação de comunidades virtuais especializadas, o *Prossiga* colocou à disposição da comunidade veículos de comunicação como produção de boletins eletrônicos especializados, mural interativo para divulgação de notícias produzidas pela comunidade, conexão em C&T e salas de conversação *on-line*, promovidas por pesquisadores no País e no exterior, que resultaram na publicação de diversos artigos científicos.

Nessa linha, o *Prossiga* promoveu a inclusão digital de centenas de pequenas e médias empresas de acordo com a política de inclusão social do MCTI, lançou o Portal da Fome e Segurança Alimentar, muito bem recebido pelos que atuavam no combate à fome no âmbito do governo. Já no sentido de orientar os usuários no uso de serviços de informação na Internet, criou a Escola Virtual do *Prossiga* e construiu outro forte instrumento de orientação para o usuário, “Como achar o que deseja na Internet”, que respondia a perguntas e produzia boletins enviados a milhares de assinantes (CHASTINET, 2002a; 2002b; DIÓGENES, 2011).

Merece ser destacado o sucesso do Programa, traduzido não só por sua ampla utilização registrada nos livros de visitas do *Prossiga*, mas em inúmeras mensagens de reconhecimento pela qualidade da informação disponibilizada, em matérias publicadas na mídia e em manifestações de dirigentes do MCTI que chegaram a considerar o *Prossiga* como o melhor instrumento do projeto de federalização da ciência e o único programa do MCTI nos estados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Yone Chastinet teve uma vida profissional rica em desafios, os quais a impulsionaram a criar, executar e produzir o novo, além de enfrentar diferenças com fortes embates sempre em busca de soluções para o desenvolvimento de serviços e produtos para pesquisadores, professores, alunos, produtores do conhecimento científico e tecnológico no País.

Sua passagem de doze anos pelo IBBD lhe proporcionou conhecimento e experiência técnica na área de biblioteconomia que, durante oito anos, foram importantes na coordenação do SNIDA e viabilizou o modelo cooperativo do sistema, implementando uma da Rede de Coleta e Registro Bibliográfico da produção agrícola nacional e contribuindo, de forma decisiva, para o fortalecimento da informação e do setor agrícola.

Já sua experiência em planejamento, coordenação de redes e sistemas cooperativos na informação agrícola lhe deram a base necessária para atuar na direção do Ibict, onde realizou atividades de planejamento nacional em ICT, elaborando e implementando a primeira *Ação Programada de Informação em Ciência e Tecnologia do Brasil*, um instrumento de coordenação e harmonização de atividades de ICT voltado para os sistemas especializados e para o fortalecimento da infraestrutura de informação no País, o qual consolidou o Ibict como órgão central de coordenação em informação científica e tecnológica nacional.

Acumulando conhecimento e experiência, contribuiu no planejamento das políticas educacionais, de C&T e ICT, criando e implementando o PNBU, considerado a única política nacional que existiu para bibliotecas universitárias brasileiras e que muito contribuiu para o desenvolvimento harmônico das BUs no contexto da informação científica e tecnológica do País.

Finalmente, deu vida ao Programa de Informação e Comunicação para C&T – Prossiga, o qual disponibilizou na web serviços de informação para C&T quando a internet apenas começava no Brasil, resultando no aumento considerável de conteúdo do gênero na internet, aumentando a visibilidade da área no País.

Com seu espírito inovador, cooperativo, generoso e atento à evolução da Ciência da Informação e áreas afins, às rápidas e profundas transformações tecnológicas, incentivando os profissionais que com ela trabalharam, Yone mantém o relato de sua vida gravado “quando as pessoas pensam que eu estou chegando e parando, eu já quero voar” (CHASTINET, 2005), deixando claro que ela sempre voou alto em todas as iniciativas pessoais e profissionais em que participou.

Nossos agradecimentos a Yone e família pelas informações que nos foram repassadas. Agradecemos, ainda, a Rodrigo Chastinet Rovedo e Paulo Lobo, pela análise do texto e comentários. Por fim, nossa gratidão às funcionárias da Biblioteca do Ibict, Maria José e Alda, pela presteza no envio dos relatórios da gestão de Yone no Instituto.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria Nacional de Ensino Superior. **Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias: 1º PNBU**. [Brasília]: SESU, 1986.

BRASIL, Presidência da República. Decreto nº 98.964 de 16 de fevereiro de 1990. Institui o Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 3306, 19 fev. 1990.

CHASTINET, Yone Sepulveda. Os serviços de um sistema de informação e sua aceitação pelos usuários. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 123-130, jul./dez. 1975. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/28575>. Acesso em: 15 mar. 2022.

CHASTINET, Yone Sepulveda. **BINAGRI**: seus serviços aos usuários agrícolas. Brasília: SNIDA, 1978. 17 p. (BINAGRE.DOC030). Trabalho apresentado ao VII Encontro de Bibliotecas Agrícolas, São Paulo, 14 e 15 de agosto de 1978. 1978a.

CHASTINET, Yone Sepulveda. **O papel da Biblioteca Nacional de Agricultura - BINAGRI, como unidade central do Sistema Nacional de Informação e Documentação Agrícola - SNIDA**. Brasília, 1979. 19 p.

Trabalho apresentado na segunda Reunião de Ciência da Informação, 1979, Rio de Janeiro.

CHASTINET, Yone Sepulveda. **O Prossiga hoje:** seus serviços e uso pela comunidade em 2002. Brasília: Ibict/CNPq/MCT, 2002a.

CHASTINET, Yone Sepulveda. O Prossiga na internet: informação e comunicação para a pesquisa. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS*, 9., 1996. **Anais [...]**. Curitiba: UFPR; PUCPR, 1996. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4643>. Acesso em: 15 mar. 2022.

CHASTINET, Yone Sepulveda. Participação do Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias-PNBU. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS*, 6., Belém, nov. 1989. **Anais [...]**. Belém: Universidade Federal do Pará; Biblioteca Central; MEC/SESU, 1990. p. 38- 47. v. 2.

CHASTINET, Yone Sepulveda. **Programa de aquisição planejada de periódicos para as bibliotecas Universitárias (PAP)**. Brasília: SESu/MEC, 1986.

CHASTINET, Yone Sepulveda. **Prossiga:** informação e comunicação para a ciência e tecnologia: breve relato de sua história: período: 1995 – 2002. Brasília: Ibict/CNPQ/MCT, dez. 2002b.

CHASTINET, Yone Sepulveda *et al.* **Análise de expansão do Serviço de Bibliografias Personalizadas em Agricultura (BIP/AGRI):** um serviço brasileiro de disseminação seletiva da informação. Brasília, Sistema Nacional de Informação e Documentação Agrícola, Projeto PNUD/FAO/BRA/72/020, 1978b. 12p.

CHASTINET, Yone Sepulveda *et al.* A implantação da Rede de Coleta e Registro Bibliográfico do Sistema Nacional de Informação e Documentação Agrícola - SNIDA: uma avaliação. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO*, 9.; JORNADA SUL-RIO-GRANDENSE DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 5., 1977, Porto Alegre. **Anais do 9º Congresso Brasileiro & V Jornada Sul-Rio-Grandense de Biblioteconomia e Documentação**. Porto Alegre: [s. n.], v. 2, 1977. Resumos do painel 'Embrater'. p. 349. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/1155>. Acesso em: 15 mar. 2022.

CHASTINET, Yone Sepulveda. Os serviços de um sistema de informação e sua aceitação pelos usuários. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 123–130, jul./dez. 1975. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/28575>. Acesso em: 15 mar. 2022.

CHASTINET, Yone Sepulveda; FONSECA, Ana Flávia M. da; LÔBO, Paulo R. A.; ROBREDO, Jaime. Análise da expansão do serviço de bibliografias personalizadas em agricultura (BIP/AGRI): um serviço brasileiro de disseminação seletiva de informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 217–229, jul./dez. 1978. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/29190>. Acesso em: 15 mar. 2022.

CHASTINET, Yone Sepulveda. **Libra com ascendente em libra**. Entrevista cedida à Carla Vidal e Roberta Gonçalves, 29 set. 2005. Transcrito por Écio Gonçalves da Rocha; revisado por Maria Vittoria Voltarelli Regini de Andrade. Publicado em: 9 jun. 2021. São Paulo: Museu da Pessoa, 9 jun. 2021. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/libra-com-ascendente-em-libra-193904>. Acesso em: 15 mar. 2022.

CHASTINET, Yone Sepulveda; FONSECA, Ana Flávia M. da; LÔBO, Paulo R. A.; ROBREDO, Jaime. Análise da expansão do serviço de bibliografias personalizadas em agricultura (BIP/AGRI): um serviço brasileiro de disseminação seletiva de informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 217–229, jul./dez., 1978. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/29190>. Acesso em: 15 mar. 2022.

CUNHA, Murilo, B; DIOGENES, Fabiene. A trajetória da biblioteca universitária no Brasil no período de 1901 a 2010. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 21, n. 47, p. 100-123, set./dez., 2016. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2016v21n47p100>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2016v-21n47p100>. Acesso em: 5 mar. 2022.

DIÓGENES, Fabiene Castelo Branco. **Os novos papéis da biblioteca universitária brasileira**. 2012. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade

de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/12305>. Acesso em: 15 mar. 2022.

FINKELSTEIN, Gladis. **Análise da adequação do modelo das Bibliotecas Estaduais de Agricultura (BEAGRIs), para descentralizar, a nível dos estados, a operação do Sistema Nacional de Informação e Documentação Agrícola (SNIDA), coordenado pela Biblioteca Nacional de Agricultura (BINAGRI)**. 1981. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação) – Departamento de Biblioteconomia, Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Universidade de Brasília, Brasília, 1981. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34763>. Acesso em: 15 mar. 2022.

GARCIA, Maria Lucia Andrade. **Plano nacional de bibliotecas universitárias: planejamento e permanência**. [Brasília]: FINEP, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Ibict em 1982**. Brasília: Ibict. 1983a. 43 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Relatório Anual**: 1983. Brasília: Ibict, 1984a. 69 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Relatório Anual**: 1984. Brasília: Ibict, 1985. 69 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Aprovada a ação programada de informação em ciência e tecnologia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 13, n.2, p. 167-76, jul./dez. 1984b. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/205>. Acesso em: 15 mar. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Mestrado do Ibict. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 1, p. 83-90, 1983a. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/197>. Acesso em: 15 mar. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Panorama. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 97-105, jul./dez., 1983b. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/189>. Acesso em: 15 mar. 2022.

ODDONE, Nanci. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 45–56, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1152>. Acesso em: 15 mar. 2022.

ROBREDO, Jaime; CHASTINET, Yone Sepulveda; LOBO, Paulo A. The AGRIS data base as a support for the Selective Dissemination of Information Service BIP/AGRI. **Quarterly Bulletin of the International Association of Agricultural Librarians and Documentalists** – IAALD, v. XXII, 1977, Beltsville, Maryland, USA.

ROBREDO, Jaime *et al.* **Uma avaliação do serviço de bibliografias personalizadas em agricultura** (BIP/AGRI). Brasília: 1977. 1v. Trabalho apresentado ao Nono Congresso e Quinta Jornada Sul-Riograndense de Biblioteconomia e Documentação.

SANTOS, Edilene Toscano Galdino dos. **A biblioteca universitária brasileira no contexto do desenvolvimento em ciência & tecnologia: análise histórica do Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNUB-1986)**. 2019. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Ciência) – Instituto de Investigação e Formação Avançada, Universidade de Évora, Évora, 2019. Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/25585>. Acesso em: 15 mar. 2022.

SANTOS, Edilene Toscano Galdino dos. **Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU): uma política de modernidade para as bibliotecas universitárias brasileiras tecida na segunda metade do século XX**. João Pessoa: Ideia, 2021.

SANTOS, Edilene Toscano Galdino dos; NUNES, Maria de Fátima; ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Da biblioteca universitária ao Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNUB): resgate histórico da atuação profissional de Yone Sepulveda Chastinet. *In*: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima (org.). **O protagonismo da mulher na biblioteconomia e ciência da informação: celebrando a contribuição intelectual e profissional de mulheres latino-americanas**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 181–195. Disponível em: https://www.nyota.com.br/files/ugd/c3c80a_6a390ea433624e6e90df1c1a34e72706.pdf. Acesso em: 15 mar. 2022.

TARAPANOFF, Kira. A política científica e tecnológica no Brasil: o papel do Ibict. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 149-158, maio/ago. 1992. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/452>. Acesso em: 22 mar. 2022.

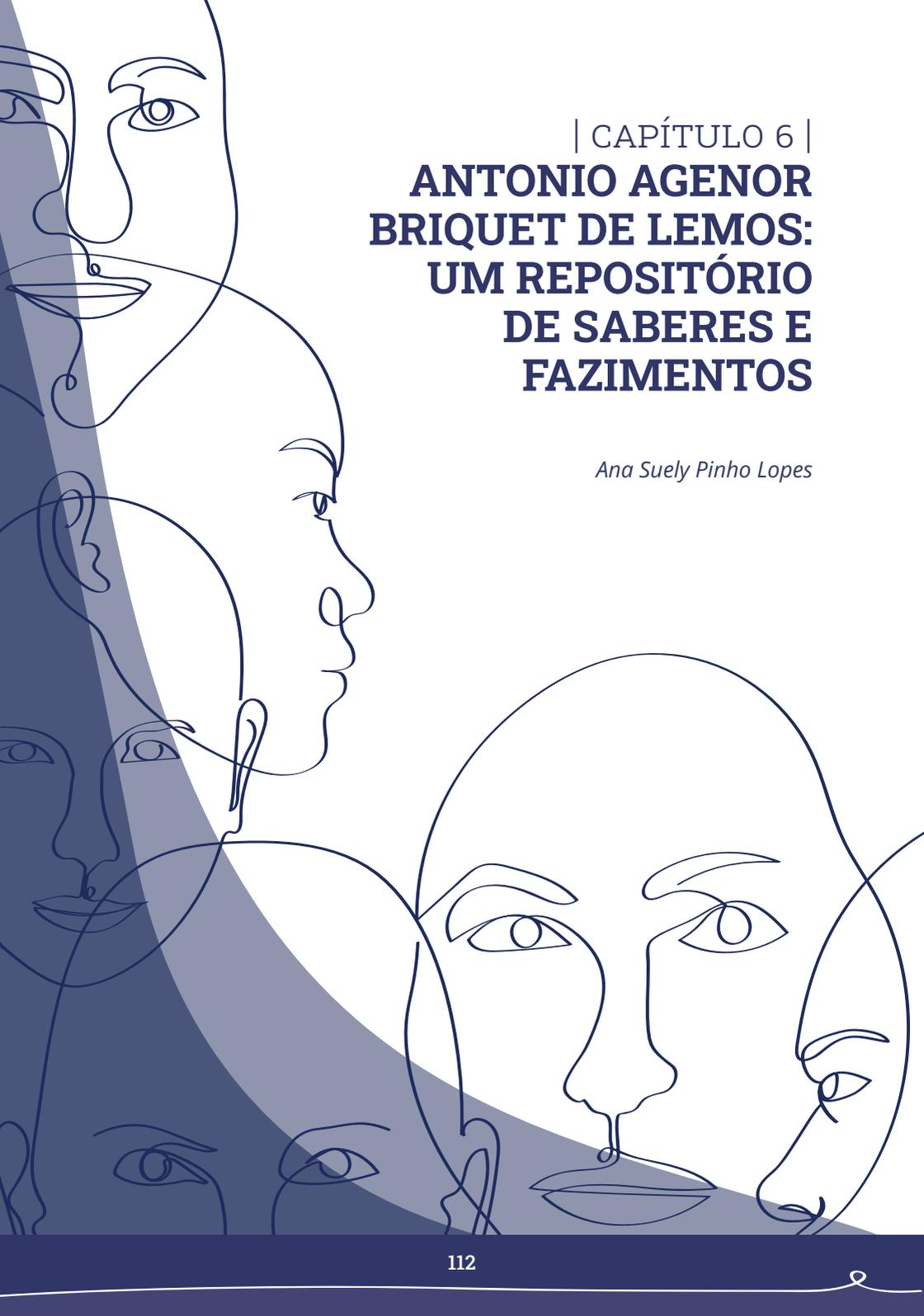
TARAPANOFF, Kira. Planejamento da Informação Científica e Técnica do Brasil. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 284-301, set. 1984. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36477>. Acesso em: 20 mar. 2022.

VIEIRA, Anna da Soledade. **Redes de ICT e a Participação Brasileira**. Brasília: CNPQ/ Ibict, SEBRAE, 1994. Disponível em <http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/437/1/Redes%20de%20ICT%20e%20a%20participa%C3%A7%C3%A3o%20brasileira.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

ZAHER, Celia Ribeiro; CHASTINET, Yone Sepulveda. User profiles: study for future application of SDI to a specific community. *In*: INTERNATIONAL CONGRESS OF DOCUMENTATION, 35., Buenos Aires, 21-24 Sep. 1970. 16 p.

Como citar o capítulo:

DIÓGENES, Fabiene Castelo Branco; LOBO, Maria de Fátima Diniz. Contribuições de Yone Chastinet para o desenvolvimento da informação científica, tecnológica e educacional do Brasil. *In*: CUNHA, Daniela A. P. (org.). **Ibict 70 anos: um resgate histórico daqueles que fizeram o instituto**. Brasília, DF: Ibict, 2023. Cap. 5, p. 86-111. DOI: 10.22477/9786589167457.cap5 .

The background of the page is a complex line-art illustration of human faces. The faces are drawn with simple, continuous black lines. Some faces are shown in profile, while others are frontal. The lines overlap and intersect, creating a sense of depth and multiple perspectives. A large, semi-transparent blue shape, resembling a stylized 'C' or a curved band, sweeps across the left and bottom portions of the page, partially obscuring the line art. The overall aesthetic is clean, modern, and artistic.

| CAPÍTULO 6 |
**ANTONIO AGENOR
BRIQUET DE LEMOS:
UM REPOSITÓRIO
DE SABERES E
FAZIMENTOS**

Ana Suely Pinho Lopes

INTRODUÇÃO

Escrever sobre Briquet de Lemos é juntar as pontas dos meus sonhos de estudante de Biblioteconomia com as pontas de minha vida adulta. Quando entrei no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, em 1981, Briquet de Lemos já era um nome que reluzia e inspirava calouros e veteranos.

À luz dos mestres da UFC, Briquet anunciava conhecimento, saber e empreendedorismo na ainda tão pouco conhecida Ciência da Informação.

Não muito tempo depois, vim à capital e logo corri para conhecer a Biblioteca Central da Universidade de Brasília, que, à época, tinha Briquet de Lemos como diretor.

Se não cheguei a vê-lo, não foi tão decepcionante assim. A atmosfera da BC/UnB transmitia o conhecimento, a sabedoria e a arrojada trama de informações que tanto admiro, eu e todos nós, em Briquet de Lemos.

Já considerada uma bibliotecária cearense-brasiliense tive alguns contatos com Briquet, e fui sabendo, aos poucos, da largura de suas atividades: professor, bibliotecário, editor, executivo, palestrante, tradutor, poeta, livreiro.

Portanto, produzir uma minibiografia de Briquet de Lemos é uma viagem no meu tempo, no tempo do Brasil e do mundo, no universo dos livros e na extraordinária, porém discreta, vida do piauiense Antonio Agenor Briquet de Lemos, filho do tipógrafo Antônio Lemos e de dona Júlia Cavalcante Borges de Lemos.

BIOGRAFIA

Um reservatório de saberes

Antonio Agenor Briquet de Lemos é um dos mais fecundos autores das ciências da informação no Brasil. É autor de textos fundantes para a construção da memória, da visibilidade e da legitimidade acadêmica na Biblioteconomia. Suas obras contêm reflexões que passam várias

áreas do conhecimento. Há nele um agudo pensamento crítico que se move pelo desejo de superar a inércia e a hesitação dos profissionais e pesquisadores da área diante do avanço das tecnologias de informação.

Nasceu em Teresina (PI), em 15 de novembro de 1937. Filho de Julia Cavalcante Borges de Lemos e do jornalista e tipógrafo Antônio Lemos, o caçula de 12 filhos passou a infância vendo o pai fabricar livros.

— Antes de ir para a escola, eu já sabia montar uma chapa, compor tipos na tipografia do meu pai.

Ainda era menino, entre 9 e 10 anos, quando criou uma tipografia de brinquedo e nela imprimia literatura de cordel.

Aos 10 anos, a família se mudou de Teresina para o Rio de Janeiro e a vida do menino Antonio Agenor começou a ser marcada “por fatos inesperados, pelo acaso e pela busca de algo melhor”.

Já era um adolescente quando entrou pela primeira vez em uma biblioteca para exercer a função de mensageiro no Hospital dos Servidores do Estado, que pertencia ao Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE).

Desde então, sua vida foi envolvida definitivamente pela atmosfera dos livros, “fosse limpando o pó que se acumulava neles e nas prateleiras, fosse cuidando de seu uso, de sua organização e de sua produção”.

Na biblioteca do hospital, conheceu personagens fundamentais para a definição de seu futuro. O adolescente conquistou a amizade dos médicos Pedro Abdala, Paulo Barros, Paulo Dias da Costa e o estudante de medicina Luís Vertzman, que o estimulavam a seguir estudando. Duas bibliotecárias, Norma de Oliveira Lima e Irene Gerber Figueira de Melo, sugeriram ao jovem Briquet o exame de ingresso no curso da Biblioteca Nacional que, à época, aceitava alunos sem o segundo grau (ensino médio) desde que estivessem trabalhando em uma biblioteca.

Começou uma rotina árdua: de manhã o curso na Biblioteca Nacional; à tarde, o trabalho na biblioteca; e, à noite, as aulas no Colégio Dom Pedro II, onde cativou amigos que alargavam a sua ideia de mundo e as possibilidades de construir um destino próprio.

Por sugestão de um amigo, entrou para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mas, cheio de dúvidas, desistiu no meio do caminho. Tentou a diplomacia, porém não passou na prova do Instituto Rio Branco. Buscava caminhos outros porque temia que a Biblioteconomia não lhe desse condições de sustentar uma família.

— Quando consegui, mais de três anos depois de formado, o emprego de bibliotecário no Centro Pan-Americano de Febre Aftosa, que pagava um salário condigno, tive a certeza de que era possível sobreviver no Brasil com a profissão com que me envolvera. (Briquet de Lemos era o responsável pela biblioteca e editor das publicações da instituição).

A cidade

Aos 31 anos, com a vida estruturada, casado, três filhos pequenos, emprego garantido, surgiu uma nova cidade no seu caminho, Brasília. Era a chance de entrar para a vida acadêmica, mas, ao mesmo tempo, tinha de lidar com o medo de deixar o Rio de Janeiro para morar em um estranho ambiente moderno do qual o carioca falava muito mal. Era o ano de 1968, um dos mais violentos do período militar.

Um mês depois do convite feito pelo professor Edson Nery da Silveira, a família Briquet de Lemos estava morando na Colina, a quadra residencial destinada a professores da UnB. O novo professor tinha no currículo rápidas experiências de sala de aula, nos cursos preparatórios para o vestibular da Biblioteca Nacional e de Letras da UERJ.

A família começava a se ajeitar na nova capital. A mulher de Briquet, Lucia, também era bibliotecária e logo recebeu o convite para ser chefe da seção de periódicos da Biblioteca Central da UnB.

— Dessa forma a renda familiar aproximava-se da que tínhamos no Rio, com a diferença de que tínhamos à nossa frente a opção de carreiras que nos permitiam avançar profissionalmente.

Foi um período extremo de perseguições políticas, invasões de universidades, prisões, desaparecimentos. Em contrapartida, também foi um período de união da comunidade acadêmica “em torno de um

inimigo comum”. Havia “uma profusão de projetos, de possibilidades, de dedicação à causa. O governo investia, tinha dinheiro”.

Nesse ambiente de contradições intensas, repressão política e luta por liberdade, Briquet criou uma editora e uma livraria. E seus dois filhos, Fê Lemos e Flávio Lemos, participavam intensamente do surgimento da mais forte expressão musical brasileira, o rock Brasília.

— Tudo só foi possível porque optei por Brasília. Foi a experiência na universidade que alavancou tudo o que veio depois: os projetos, a edição de livros e até o envolvimento musical dos meninos.

Seguiu-se um período de pós-graduação, premiações, cargos fora da universidade, criação da editora e livraria Briquet de Lemos: mestrado na Loughborough University, no Reino Unido, que lhe rendeu o Prêmio Sisson & Parker pelos resultados no exame final; Medalha Comemorativa do 120º aniversário do Museu Emilio Goeld (Pará, 1986); curso de especialização em Biblioteconomia Médica pela Emory University (EUA).

Lemos ainda foi secretário de Documentação do Ministério da Saúde; secretário-substituto de Ciência e Tecnologia do Ministério da Saúde; diretor do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) e, finalmente, diretor da Editora Universidade de Brasília.

A editora Briquet de Lemos, que criou em parceria com Lucia Villar, sua mulher, se especializou em um campo até então não desbravado: o de obras especializadas em biblioteconomia, ciências da informação e arquivologia, que lhe permitiu traduzir e publicar títulos inéditos no Brasil.

— Na qualidade de professor, tinha sofrido na pele a carência enorme de obras em português na área a que dediquei a minha vida.

O menino-tipógrafo ampliou os rumos da Editora da UnB até então reduzida à publicação de teses acadêmicas. Briquet pôs pimenta no molho: publicou obras imprescindíveis de autores contemporâneos que não tinham espaço nas editoras comerciais, com especial atenção para as obras de arte, arquitetura, fotografia, design, gastronomia, quando esses assuntos ainda eram espécies raras nas prateleiras das livrarias.

Foi Briquet quem sugeriu que a Feira do Livro de Brasília saísse dos ambientes fechados e fosse para a área externa do Pátio Brasil. Virou outra feira, com mais visitantes e mais contato com a cidade ao redor.

O poeta

Briquet é também poeta, com dois títulos publicados, *O Gesto Desfeito* (1987) e *Olhar do Silêncio* (1989). O poema que dá título a um dos livros tem epígrafe de Shakespeare:

Olhar do silêncio

The silence often of pure innocence/Persuades, when speaking falls

*Calar nem sempre esconde os sentimentos
Mas protege e puros guarda os pensamentos
Que no loquaz se transformar em vã tormenta
De sons nervosos que a alma não alimenta*

*Declara muito mais amor o verde silêncio
O azul sorriso ou a vermelha carícia
Do perfil em pelo contra a janela do meio-dia
Gestos que prometem e prolongam esta agonia*

*Mais verdades e te-amos gritam nesse olhar
Mais saudades e tristezas ecoam nessa ternura
Mais afeto e desejo explodem nessa candura*

*que me abatem e envergonham de tanto falar
E pouco dizer com palavras que desperdicei
Nesta boca inútil que para sempre calei*

O livro *Olhar do Silêncio* foi impresso na Tipografia de Brinquedo, editora caseira que Briquet criou tal qual o menino que brincava de fabricar livros.

— Ele montou em casa uma tipografia de tipos móveis, tradicional, que chamou de Tipografia de Brinquedo, onde compôs e imprimiu quatro livros de poesia, sendo dois dele mesmo. Lá ele brinca de vez em quando — conta Lucia Villar.

O amor

O encontro Briquet-Lucia é daqueles movimentos mágicos do universo. Ela estudava na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, mas decidiu morar com a irmã que cursava Medicina e morava no Rio.

A jovem Lucia Villar procurou informações no curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, e a primeira pessoa que a atendeu foi um moço muito gentil, que a acompanhou na visita ao monumental edifício eclético do Rio Antigo, construído na primeira década do século XX.

O jovem anfitrião não apenas fazia o mesmo curso que a visitante como trabalhava no mesmo local onde a irmã dela dava plantões, o Hospital dos Servidores do Estado do Rio. Estava traçada a trama que os envolveu, os tornou muito amigos e os levou ao casamento e aos três filhos.

O pai

O pai Briquet era um tanto severo, como cabia à época. Fê, um dos filhos, guardou uma cena que parecia banal, mas decisiva para que o adolescente se tornasse músico, criador do *Capital Inicial*, com o irmão, e um dos personagens germinais no surgimento do rock brasileiro.

Num fim de tarde qualquer, Briquet chegou em casa e ouviu uma barulheira vindo do quarto de Fê. O menino de 13 anos estava inaugurando a bateria que acabara de comprar.

No jantar, Briquet interrompeu a conversa com Lucia, virou-se levemente em direção ao Fê e fez uma pergunta que, pelo tom de voz, parecia corriqueira.

— Como você conseguiu essa bateria?

— Simples. Vendi minha bicicleta e com o dinheiro comprei a bateria usada do Rodolfo (um vizinho).

— A bicicleta que eu comprei pra você com todo carinho?

— Ué, eu tinha duas, vendi a velha que eu nem usava mais...

— Você não acha que deveria ter me perguntado antes?

— Ué, a bicicleta não era minha? Eu precisava comprar a bateria!

Briquet lançou um longo olhar para o filho, respirou fundo e retomou a conversa que estava tendo com Lucia.

Passadas mais de quatro décadas, Fê já sabe a dimensão daquele jantar trivial em um apartamento da Colina, em meados dos anos 1970:

— Obrigado, Papi, por ter me dado liberdade para eu escolher o meu destino. Te amo!

Embora sempre tivesse incentivado os filhos na escolha pela música, houve um momento em que o pai Briquet ficou bastante preocupado: foi quando Flávio, estudante de Física na UnB, decidiu abandonar o curso para se dedicar inteiramente à banda.

— Mas, passado o susto inicial, continuou nos incentivando e nos ajudando. Ajudou em nossa mudança para São Paulo e sempre nos apoiou quando precisamos. É de uma generosidade e um caráter abençoados.

Criança, a filha Heleninha, ia de bicicleta da Colina às salas de aula do pai.

— Lembro de esperar enquanto ele dava aula e ouvir os alunos rindo, participando e de sentir orgulho de ser filha desse professor bem-querido. Esse é meu pai: comunicativo, apreciador do senso de humor, disposto a compartilhar o melhor de si. Sempre curioso, sempre aprendendo, movido por uma intensa energia construtiva, otimista, carismático, criativo, mas também sólido. Alguém com quem sempre podemos contar.

O amigo

Foi na UnB que Briquet de Lemos conheceu e criou uma amizade que se desdobrou e se desdobra em feitos criativos que compõem a história de Brasília, da UnB, do rock brasiliense e deles mesmos.

Um dos mais importantes documentaristas brasileiros, Vladimir Carvalho, descreve assim o seu encontro crucial com Lemos:

Apesar do regime militar reinante no início da década de 1970, encontrei na UnB motivos para continuar na lida, iniciando tardia carreira de docente. Dentre eles regozijo-me pelo conhecimento que travei com o professor Antonio Agenor Briquet. Na época estávamos, eu e Fernando Duarte, a braços com a difícil tarefa de restaurar o curso profissional de cinema interrompido em 1965, em virtude da demissão voluntária e coletiva de mais de 200 professores.

A descoberta, por assim dizer, do bibliotecônomo foi providencial, embora ele atuasse numa outra área da universidade. Procurado por nós, a partir da indicação de outros colegas, ele foi de cativante gentileza, afável, atencioso e solidário, aceitando nos orientar em termos metodológicos na montagem de um currículo destinado ao curso de graduação que apresentamos e foi em seguida autorizado pelo MEC.

Desde esse momento pude inteirar-me da importância de Briquet e de sua atuação no curso de Biblioteconomia da UnB, ao lado de mestres igualmente renomados como Rubem Borba de Moraes, Edson Nery da Silveira e João Evangelista de Andrade Filho, todos eles humanistas de carteirinha. E depois como diretor da Editora da UnB, com a mesma proficiência com se conduziu em sua área de conhecimento, atuando não só no Brasil como em inúmeras missões no exterior.

Dos muitos encontros e convivência comum no campus, surgiu, no transcurso de todos esses anos, uma natural amizade, e cresceu, de minha parte, a admiração pelo autor de “Bibliotecas e biblioteconomias: Percursos”, a ponto de animar-me a pedir-lhe uma leitura crítica dos originais do livro sobre o meu filme “O País de São Saruê”. Sem se fazer de rogado terminou por revisar criteriosamente todo o texto e me oferecer importantes sugestões editoriais para a publicação do volume (1986), num gesto de modéstia e desprendimento que caracteriza todas as suas ações.

Mais recentemente, ambos aposentados, acompanhei a curta distância a sua nova atividade, agora como especialíssimo e valioso livreiro, tornando-me privilegiado e assíduo frequentador de sua livraria – ponto de encontro obrigatório da intelectualidade brasiliense.

Foi quando aconteceu mais uma atitude generosa sua para comigo. Obtive dele e de sua estimada esposa Lucia, o ir-restrito apoio na produção de meu filme “Rock Brasília – Era de Ouro”. Puseram-me em contato imediato com seus filhos Felipe e Flávio, residentes em São Paulo, e líderes da vitoriosa banda Capital Inicial, pondo-me igualmente à disposição a própria casa, em Brasília, para a realização das entrevistas que fiz com a guapa rapaziada.

Impossível não mencionar aqui o momento ápice desse longa-metragem em seu epílogo, tão louvado pela crítica cinematográfica. Refiro-me ao reencontro, digamos assim, de Briquet, pai amoroso, com os filhos que tanto o prezam. A funda emoção paterna atropelou suas palavras umedecidas pelas lágrimas, não a ponto de não se ouvir o arremate final: “Nós aprendemos com eles”! Referia-se a Fê, Flávio e Heleninha sua dileta prole. O público entendeu tudo e aplaudiu solidário. Esse é o Briquet que conheço, admiro e venero.

Diante desse conjunto de atributos, torna-se difícil resumir o perfil dessa figura pública, que faz tudo de mais sagrado que se possa imaginar para contribuir com a evolução da academia. Antonio Agenor Briquet de Lemos é, portanto, um intelectual, uma pessoa culta e que muito se destaca por seus feitos, principalmente, em colaboração com a comunidade científica. Mostra-se, por meio de sua trajetória, um empreendedor, um visionário, um ente que faz e é reverenciado por seu comprometimento com a biblioteconomia e o desenvolvimento da educação brasileira. Inúmeras são as suas referências, sejam elas em matérias impressas, virtuais ou por meio de entrevistas, que trazem em seu bojo sua vasta experiência. Generoso e de uma visão crítica que nos suscita a pensar uma educação a favor dos seres humanos, o seu pensamento nos remete a Paulo Freire diante da afirmativa: “Do ponto de vista crítico, é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político” (FREIRE, 1982), entendimento que nos induz a não separar a educação da política.

A vida acadêmica

Antonio Agenor Briquet de Lemos fez o percurso completo da vida acadêmica, aquele com o qual todo país sério sonha ter em suas universidades. Deu aulas nos cursos de especialização, graduação e

pós-graduação, desde as disciplinas básicas da biblioteconomia às mais complexas do mestrado.

Como professor-visitante de várias instituições, deu aulas, cursos e palestras sobre: Fontes de Informação Específicas; Metodologia de Trabalhos Científicos; Cultura, Biblioteconomia e Documentação; Planejamento do Trabalho Científico; Sociologia da Biblioteconomia; Elaboração de Trabalhos Científicos; Elaboração de Tesouros; Curso Preparatório para formar dirigentes de Sistemas de Informação e Bibliotecas; Especialização em Documentação; Especialização em Saúde Pública; Indexação; Treinamento Básico em Banco de Dados; Bibliotecas, Usuários e Acervos; Elementos de Documentação; Atualização para Bibliotecários; Usuário de Informação e de Biblioteca; Especialização em Biblioteconomia e Promoção dos Serviços de Informação; Especialização em Administração de Sistemas de Informação; Pesquisa Bibliográfica em diversos níveis; e cursos sobre Fontes de Informação referentes à Ciência da Informação, especificamente, à biblioteconomia com o emprego de recursos tecnológicos.

De 1968 a 1989, colaborou com vários trabalhos científicos, prestando consultorias em diversos órgãos públicos, como o Ministério do Interior, o Senado Federal e a Secretaria de Modernização Administrativa.

Colaborou com a produção de publicações científicas e treinamento de pessoal técnico na Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e na Secretaria de Modernização Administrativa; na Secretaria de Planejamento da Presidência da República, na área de arquivo e documentação administrativa; no Ministério das Relações Exteriores, sobre Documentação e Arquivo; na Universidade Federal de Sergipe, sobre centralização de serviços de bibliotecas setoriais; na Eletrobrás, sobre elaboração do Tesouro do setor elétrico; no Comitê de Avaliação Científico-Técnica das Atividades de Informação da OPAS, em Washington; na Representação do Brasil da OPAS, em Brasília; na Universidade Federal de Minas Gerais; no *International Development Research Centre (IDRC)*, Canadá; no Ministério da Saúde de Moçambique e no Ministério da Saúde do Brasil.

Participou de centenas de eventos técnicos científicos, como congressos, seminários, encontros e demais reuniões de caráter técnico, científico e cultural, tanto nacional como internacional, na condição de palestrante, representante do Brasil, expositor convidado, ministrante

de cursos, conferencista, observador, especialista, debatedor, relator de tema, presidente de congressos, membro de comissões etc.

Esteve em bancas examinadoras na condição de membro de comissão para seleção de bibliotecários (UnB); examinador da matéria Documentação da prova de transformação para a categoria funcional de bibliotecário do Ministério das Relações Exteriores; membro da comissão julgadora do Prêmio de Biblioteconomia e Documentação do Instituto Nacional do Livro; presidente da banca examinadora de dissertação de mestrado no Ibict; Membro de comissão examinadora de dissertação de mestrado em várias universidades brasileiras.

Ocupou cargos na UnB e no Ministério da Saúde, como membro de comissão, membro de congregação, executor de convênio, presidente de grupo, presidente de conselho, conselheiro, sócio remido, ex-sócio, sócio-fundador, representante de Conselho, membro de comissão de publicações.

Foi membro integrante de vários órgãos colegiados como da Biblioteca Reginal de Medicina (BIREME), Ibict, Programa de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq,) Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), Organização dos Estados Americanos (OEA), Organização Mundial da Saúde (OMS) e UnB.

Foi representante de associações e entidades profissionais, tais como: Conselho Regional de Biblioteconomia, Conselho Federal de Biblioteconomia, Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal; membro do WHO Expert Advisory Panel on Health and Biomedical Information; membro da Câmara Especial do decanato de Extensão da UnB e representante dos órgãos complementares no Conselho de Administração da UnB.

Foi fundador, redator-chefe e membro do conselho editorial da *Revista de Biblioteconomia de Brasília*; *honorary editorial advisor da Interlending Review*, Boston Spa, na Grã-Bretanha; membro do Conselho Consultivo da *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*; membro do Conselho Editorial da revista *Palavra-Chave*; membro do conselho editorial e editor-responsável da revista *A Saúde no Brasil*, editada

pelo Centro de Documentação do Ministério da Saúde; membro do Conselho Editorial da *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*; revisor editorial do livro *O País de São Saruê*, de Vladimir Carvalho; e membro do Conselho Editorial da revista *International Journal of Information and Library Research*, London.

Traduziu diversas obras técnicas dos idiomas francês, inglês, espanhol e italiano para o português e contribuiu com edições e anotações. Participou da Fundação da Associação Brasileira de Profissionais da Informação (Abrainfo) como presidente do Conselho Deliberativo e, depois, como membro do conselho deliberativo.

O IBICT

Desde que viu pela primeira vez um computador, Briquet de Lemos entendeu que era preciso assegurar o acesso mais viável à informação para tornar úteis os conhecimentos produzidos pelas atividades de pesquisa e desenvolvimento adequadas à realidade brasileira.

Defendeu incansavelmente a criação de políticas para o setor de informação em ciência e tecnologia, a adoção de mecanismos que assegurasse a mais ampla difusão de conhecimentos, a multiplicação dos mecanismos de acesso democrático à informação, o fortalecimento dos orçamentos destinados à ciência e à tecnologia nas instituições a fim de alavancar o desenvolvimento das atividades de informação (Revista Briquet de Lemos, p. 53).

Em conferência⁶ proferida na Biblioteca Nacional de Portugal (1986), o então diretor do Ibict, Briquet de Lemos, mostrou que o Brasil tinha interesse no desenvolvimento da informação científica desde o início dos anos 1950, decorrente da decisão da Unesco de promover a instalação de centros nacionais de documentação em um grupo de países em desenvolvimento.

6 Texto adaptado da Conferência realizada na Biblioteca Nacional de Portugal, em 4 de junho de 1986, quando diretor (1985-1989) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). Publicada em “De bibliotecas e biblioteconomias: percursos”. Do autor. 2015, p. 227-241.

Naquela época já existia uma atividade de documentação na área de ciências sociais, particularmente a que se desenvolvia em torno da recém-criada Fundação Getúlio Vargas. A Unesco buscava contatos para que pudesse efetivar a proposta de estabelecimento de um Centro Nacional de Documentação.

Em 1954, por decreto presidencial, nascia o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), vinculado ao Conselho Nacional de Pesquisa, hoje Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O Ibict foi criado com as finalidades de: a) promover a criação e o desenvolvimento dos serviços especializados de bibliografia e documentação; b) estimular o intercâmbio entre bibliotecas e centros de documentação, no âmbito nacional e internacional; e c) incentivar e coordenar o melhor aproveitamento dos recursos bibliográficos e documentários do país, tendo em vista, em particular, sua utilização na informação científica e tecnológica destinada aos pesquisadores.

O Brasil, nesse período, iniciava um novo ciclo de desenvolvimento industrial, marcado por uma crescente intervenção do Estado na economia, com a política de substituição de importações e a construção das indústrias de base.

A energia nuclear era a maior preocupação no campo científico e tecnológico, marcada pela defesa das jazidas de minerais radioativos, até então expostas a uma exploração desinibida e predatória de empresas estrangeiras. A proteção desse recurso mineral motivou a criação do Conselho Nacional de Pesquisa.

Naquele tempo eram restritos os serviços de informação especializados em ciência e tecnologia. Havia apenas algumas bibliotecas em instituições de ensino e pesquisa no âmbito das ciências médicas e biológicas, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

De início, o Ibict concentrou suas atividades em três linhas de ações: a questão do acesso aos documentos primários, o controle bibliográfico da produção científica nacional e o aperfeiçoamento de recursos humanos.

Entre suas primeiras ações, temos: a produção de um catálogo coletivo nacional de publicações periódicas; a busca por cópias de artigos científicos obtidas em bibliotecas do país e do exterior; a compilação e publicação de bibliografias especializadas da produção científica brasileira por áreas do conhecimento; e a criação de um curso regular de especialização, após o qual ocorreu, em 1970, a criação do curso de mestrado em ciência da informação.

O plano de trabalho

Com a restauração do regime democrático, criou-se o Ministério da Ciência e Tecnologia o qual o Ibict passou a ser diretamente vinculado. Briquet de Lemos assumiu a gestão do instituto em julho de 1985, com o cuidado de evitar mudanças bruscas e de aproveitar todos os planos e programas anteriores desde que se adaptassem ao novo momento político do País.

Foram definidos vários subprogramas. Alguns deles são:

Apoio ao desenvolvimento de serviços especializados de informação em ciência e tecnologia. Incluía atividades de identificação de necessidades de informação, levantamento de potencialidades, prestação de assessoramento e assistência técnica especializada.

Difusão de informações em ciência e tecnologia. Previa o fortalecimento do serviço de informação referencial do Ibict para melhor esclarecer aos interessados quais as instituições que, no País, podiam atender às suas necessidades de informação. Incluindo a continuação da publicação de periodicidade mensal, iniciada em 1986, dos *Sumários Correntes Brasileiros*. Contemplava os serviços de disseminação de informações oferecidos pelo Ibict à comunidade de especialistas em informação.

Registro da produção científica brasileira. A inexistência de um controle adequado da produção nacional em todas as áreas do conhecimento, tanto de materiais convencionais quanto não convencionais, era vista como causa de muitas deficiências na provisão de serviços de informação satisfatórios. O Ibict pretendia orientar e apoiar outras instituições para que produzissem, de forma descentralizada, as bibliografias ou bases de dados bibliográficos por

especialidade, disciplina ou problema. Pretendia também iniciar a implantação de uma base de dados multidisciplinar da literatura científica brasileira, publicada em periódicos, com as características de um índice de citações.

Divulgação científica. Era preciso que o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico implementasse um programa integrado de divulgação científica, do qual participassem suas diferentes unidades. Esse programa visava a levar ao conhecimento da população em geral os benefícios sociais que a adequada aplicação da ciência e da técnica poderia proporcionar. A ação do Ibict voltou-se para a orientação da formação de um núcleo de materiais audiovisuais para ampla utilização dos interessados, o reprocessamento de informações científicas e técnicas para linguagem acessível, sua divulgação nos meios de comunicação social e a realização de palestras e exposições sobre ciência e técnica direcionadas ao público em geral.

Acesso a documentos primários. Este subprograma englobava as atividades do Programa de Comutação Bibliográfica. Era mantido em conjunto com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação, o que possibilitava a operação de uma rede cooperativa, de âmbito nacional, de fornecimento de cópias de artigos científicos e do Sictex, que, sob a responsabilidade executiva do Ministério das Relações Exteriores, coletava informação de difícil acesso em alguns países industrializados. Esse subprograma incluía o Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas, que abarcava informações sobre seu acervo de mais de 80 mil títulos de periódicos em quase 900 bibliotecas. O referido documento era totalmente computadorizado e utilizava metodologia e programas desenvolvidos pelo Ibict. Era ligado à rede nacional de Comutação por Pacotes, o que facilitava a sua consulta por usuários remotos, em linha, por meio de terminais de computador.

Acesso a bases de dados em ciência e tecnologia. Incluía a manutenção, no Rio de Janeiro, em colaboração com o Instituto Nacional da Propriedade Industrial, de um terminal de acesso a bases de dados estrangeiras sediadas em grandes sistemas, como o Dialog, Orbit, Questel e, no futuro, o STN, da Alemanha Federal e o Infoline. A partir de 1977, Ibict esforçou-se no sentido de adquirir, para processamento em centros nacionais, fitas magnéticas de sistemas de informação estrangeiros. O seu papel foi fundamental na instalação do Centro de

Informações Nucleares, da Comissão Nacional de Energia Nuclear, no Rio de Janeiro, que então processava localmente a base de dados do Sistema Internacional de Informação Nuclear (INIS). Segundo Briquet de Lemos, cerca de 40 das mais importantes bases de dados estrangeiras eram, naquele tempo, regularmente adquiridas por instituições brasileiras. O seu uso, no entanto, quase sempre era limitado aos utilizadores das instituições onde essas bases eram instaladas. Lembrou que, a fim de criar condições de acesso aos usuários remotos, o Ibict, juntamente com outras instituições, realizou um estudo relativo à implantação de um sistema de acesso público a bases de dados. Fazia parte desta linha de atividades o desenvolvimento, de forma descentralizada, de bases de dados nacionais.

Informação para apoio ao planejamento de ciência e tecnologia.

Para Briquet de Lemos, a criação do Ministério da Ciência e Tecnologia veio tornar mais premente a necessidade de se contar com meios adequados para coleta e processamento de informações de todos os tipos, os quais possibilitassem subsidiar a formulação da política nacional de ciência e tecnologia. Nessa linha, o Ibict processava e difundia, por processos informatizados, dados relativos a pesquisas em andamento no País e sobre instituições atuantes em ciência e tecnologia. Foi prevista, a médio prazo, a implantação de bases de dados que possuíssem indicadores estatísticos em ciência e tecnologia.

Desenvolvimento de recursos humanos. Este subprograma abrangeu diferentes atividades de formação e capacitação de pessoal, incluindo o apoio a programas formais de pós-graduação em biblioteconomia e ciência da informação.

Padronização e normalização. Este subprograma, que incluiu a devida articulação com outras instituições que contemplavam interesses comuns, abrangeu o desenvolvimento de manuais, recomendações, propostas de normas, ferramentas para o trabalho de documentação, metodologias especiais etc.

Desenvolvimento de métodos informatizados. Diante da necessidade de se promover o uso mais efetivo de computadores nas atividades de informação, privilegiando a adoção de equipamentos de fabricação nacional, o Ibict empenhou-se no desenvolvimento de suportes lógicos que possibilitassem o processamento de informação bibliográfica em computadores de pequeno e médio porte.

Cooperação internacional. A informação em ciência e tecnologia contava com inúmeras implicações internacionais que atuavam nesse campo e buscavam relacionamento e cooperação com o Brasil. Havia também muito interesse pelo estabelecimento de vínculos de cooperação com outras nações. Em colaboração com o governo de Portugal, foi feita a tradução para o português do tesouro Spines, sobre políticas científicas e tecnológicas. O Ibict, que também participou desse trabalho, tinha a expectativa de que essa colaboração fosse mantida e ampliada. Foi um exemplo de como o Instituto se tornou o canal para estabelecimento de projetos de cooperação internacional no setor de informação. Naquele período, concluíam-se o processo de negociações com a União Latina para a realização de projetos de interesse comum no campo da terminologia científica e da informática linguística.

Briquet de Lemos criou um catálogo coletivo informatizado de traduções de artigos e relatórios técnico-científicos, ampliou e atualizou um cadastro de tradutores, como forma de ampliar as soluções possíveis para a questão da barreira linguística.

Conforme as linhas programáticas do Plano Diretor 1986/1989, o diretor Briquet de Lemos executou variadas atividades que fortaleceram o Ibict de acordo com sua atuação. Dentre elas:

Apoiou o Desenvolvimento de Serviços Especializados de ICT com a implantação de Programas de Apoio: ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT, 1 e 2) nas ações de Desenvolvimento do subprograma de Informação em Ciência e Tecnologia nas atividades de assessoramento ao Grupo Técnico (GT) e preparação de reuniões; ao Sistema de Informação do Subprograma de Instrumentação, com a elaboração de documentos, organização e participação de reuniões; ao Sistema de Informação, Subprograma e Biotecnologia, com participação e realização de diversas reuniões, elaboração de publicação, planejamento de cursos de especialização, Elaboração e revisão do documento sobre a manutenção do Sistema; ao Sistema de Informação do Subprograma de Química e Engenharia Química, com a participação em workshop sobre o Panorama do desenvolvimento tecnológico. Reuniões para compor o Programa Setorial da SEI; reunião com usuários do Microsis; disseminação do Microsis para diversas instituições brasileiras; levantamento de dados para diagnóstico de unidades de informação, assistência técnica ao Laboratório de

Desenvolvimento de Produtos/Desenho Industrial sobre implantação de unidade de documentação e informação; assistência técnica à Embrater sobre montagem de Catálogo Coletivo Nacional; participação como membro em reuniões de Comitês Assessores dos Núcleos Setoriais de Informação em vários seguimentos; e participação como coordenador em reuniões do Sistema de Acesso Público a Base de Dados (PAS), com a CIN/CNEN, Embratel e Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, Recife e Rio de Janeiro.

Realizou difusão de informações em ciência e tecnologia por meio de atendimento na Biblioteca, incluindo alteração e inclusão de novos dados na base Eventos; recebimento e inclusão de teses e dissertações acadêmicas nacionais e inserção de registros na base Teses; reclassificação de monografias da Biblioteca do sistema CDD para o CDU; inclusão de novos registros na base de dados CCI; realização de diversas buscas retrospectivas em bases estrangeiras; diversos serviços de empréstimos a usuários externos; aquisição de novos documentos para a Biblioteca; consulta em vários documentos, inclusão de novos registros na base Filmes/Vídeos; atualização na base de dados CCI, inscrição de novos leitores, elaboração da série Busca Retrospectiva sobre CD-ROM e novas tecnologias da informação; atribuições de novos registros de ISSN; inclusão de títulos no Centro Nacional de Registros de Publicações Seriadas; atualização e correção de títulos para o ISDS e elaboração de várias publicações técnicas, como calendário de eventos, Índice de Teses, Informativo Ibict, Revista Ciência da Informação, Sumários Correntes Brasileiros, Notícias do CCN, Periódicos e seriados brasileiros, Problemas brasileiros de documentação, Tesouro Spines, Índice alfabético da CDU, relatório do 1º SLAIT e Implantação do equipamento de leitura de CD-Rom.

Registrou a produção vários títulos de periódicos técnico-científicos nacionais em bases de dados, com os serviços de indexação e inclusão de sumários. Promoveu a divulgação científica com a elaboração de projetos e propostas para criação e implantação de uma Central de Informações sobre C&T, exibição de vídeos científicos, palestras e pesquisas em títulos de periódicos científicos nacionais.

Promoveu acesso a documentos primários por meio da identificação, revisão, tratamento e indexação de títulos para o Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas (CCN); identificação, revisão

e tratamento de títulos nacionais e estrangeiros de periódicos correntes, para compor o núcleo básico de periódicos do Catálogo Coletivo Regional da América Latina e Caribe (CACALC); identificação de títulos nacionais e estrangeiros do Catálogo Coletivo Nacional de Argentina para o CACALC; exclusão de coleções do CCN, atualização de coleções de bibliotecas integrantes do CCN, inclusão de coleções do CCN, inclusão e atualização de títulos novos na base BPS, cadastramento de novas bibliotecas para o CCN, envio de relatórios de crítica de coleções para bibliotecas do CCN e atendimento de diversos serviços de comutação bibliográfica.

Permitiu acesso à base de dados em Ciência e Tecnologia, via Rempac, em várias unidades de informação e de instituições, como a BEM, BPS, CCI, Ciente, Eventos, SEICT, Selap, Teses, CLIP, Filmes e Empresas.

Prestou auxílio informativo para apoio ao planejamento de Ciência e Tecnologia com atualização das bases BEM e SECT, Sistema de Informação sobre o Setor de ICT (SISCT).

Promoveu o desenvolvimento de recursos humanos por meio de treinamento interno, com palestras, laboratórios, treinamentos em serviço de sistemas, seminários, treinamento externo, cursos de manutenção e consultoria de bibliotecas, além de contratar estagiários em normalização e métodos e em difusão da informação.

Desenvolveu serviços de padronização e normalização em terminologia, formatos, elaboração de normas e de manuais técnicos.

Gerenciou o desenvolvimento de métodos informatizados, como o Gerenciador Integrado de Bibliotecas (Gibi), o Gerenciador de Tesouro (Tecer), o Gerenciador de Informações Referenciais (Gerir), o Sistema Integrado de Publicações Seriadas (SIPS), o Procopia, o Sistema de acesso público à base dados, Acesso, via Rempac às bases do Ibict, o Microísis e o CCN simplificado.

Desenvolveu a cooperação internacional por meio de ações administrativas, reuniões com executivos no âmbito do Programa II, consultorias internacionais, eventos técnicos, e cumpriu várias missões estrangeiras, estudos, pesquisas e participação em diversas reuniões de caráter administrativo.

Os resultados

Considerando o plano de trabalho e o relato de Briquet de Lemos, entende-se que houve muito empenho, ainda que nem todas as propostas tenham sido executadas. No entanto, setores mais amplos da sociedade tomaram consciência da importância da ciência da informação para o desenvolvimento de um país.

Quando a revista *Ciência da Informação* completou 15 anos, em 1987, Briquet quis dar ênfase à divulgação da Ciência da Informação. A ideia era publicar um fascículo com artigos e depoimentos que tratassem de questões relacionadas à Ciência da Informação, com uma série de artigos que refletisse o desenvolvimento da Ciência da Informação no Brasil, nos aspectos conceituais, de ensino, de pesquisa, de aplicação de resultados à prática bibliotecária etc. Mas a edição não foi publicada devido ao “o reduzido número de depoimentos recebidos”.

Sempre atento às constantes mudanças no mundo e, especialmente, no mundo da ciência da informação, Briquet diz que essa é uma atitude “fundamental para a sobrevivência a longo prazo”. Com sua atuação sempre um passo adiante, possibilitou aos especialistas em informação a oportunidade de romper os paradigmas do exercício da biblioteconomia, levando os profissionais da área a repensar sua atuação nas técnicas de planejamento, assim como ao entendimento das dificuldades que abrangem a elaboração de serviços adaptados às necessidades da sociedade.

Tal fato conduz ao entendimento de que uma vez que as práticas profissionais evoluem, induzem os profissionais da informação a acompanharem a rapidez das mudanças tecnológicas. Diante delas, é preciso acelerar o passo. Tudo mudou, até a noção do tempo, desde que o analógico deu lugar ao digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A extensa, múltipla, contínua, pragmática, propositiva e inventiva atuação de Briquet de Lemos nos últimos 60 anos, sendo tantos anos

no Brasil, com mais de 50 deles em Brasília, é um retrato preciso e fiel da vida do menino que nunca deixou de ser o filho do tipógrafo e que, atentamente, acompanhava o pai fabricando livros.

Aos 84 anos, Briquet segue interferindo afirmativamente no girar da roda da vida, do jeito muito discreto de sempre. Em casa, no Lago Norte, ao lado de Lucia, conta a rotina de agora:

— Passo o dia escrevendo, lendo, vendendo os livros que restaram do estoque da livraria; respondendo a entrevistas, participando de lives; desbastando a biblioteca pessoal. De tempos em tempos passeando em São Bento do Sapucaí (SP), onde nasceu a mãe de Lucia e onde moram duas irmãs dela, assistindo a filmes na TV.

Também está revendo textos antigos para uma edição ampliada do seu livro *De Bibliotecas e Biblioteconomias: Percursos*. (Talvez Briquet de Lemos não saiba, mas esse livro, esgotado, é vendido a preço de ouro em sebos virtuais.) Daí se conclui que a Ciência da Informação ainda tem muito a ganhar com as reflexões de Briquet de Lemos, um dos mais importantes bibliotecários e pensadores da biblioteconomia e áreas afins no Brasil.

REFERÊNCIAS

Livros

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.

LEMOS. Antonio Briquet de. **De bibliotecas e biblioteconomias:** percursos. Briquet de Lemos: Brasília, 2015.

LEMOS, Antonio Briquet de. **Olhar do silêncio.** Brasília: Tipografia de Brinquedo, 1989.

Endereços eletrônicos

ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS E PROFISSIONAIS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DO DF. **Sócio remido - Briquet de Lemos**. Publicado em: 30 nov. 2018. Brasília: ABDF, 30 nov. 2018. Disponível em: <https://abdf.org.br/component/k2/item/1142-socio-remido-3/>. Acesso em: 24 fev. 2022.

A BRIQUET de Lemos, principal editora da área de biblioteconomia, vai encerrar suas atividades. **Biblioo**: cultura informacional. Por: Da redação. Publicado em: 28 set. 2017. Disponível em <https://biblioo.info/briquet-de-lemos-encerra-atividades/>. Acesso em: 24 fev. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA (Brasil). **Nomes importantes da biblioteconomia**: Briquet de Lemos. Fonte do post: APEX Conteúdo. Publicado em: 26 abr. 2021. Disponível em: <https://pages.facebook.com/conselhofederaldebiblioteconomia/photos/a.1487420248213443/2905746823047438/?type=3>. Acesso em: 16 mar. 2022.

LEMOS, Briquet de. Entrevista Briquet de Lemos. Por: Chico de Paula. **Biblioo**: cultura informacional. Publicado em: 27 jul. 2013. Disponível em: <https://biblioo.info/briquet-de-lemos-2/>. Acesso em: 25 fev. 2022.

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. Entrevista colaborativa com Antônio Agenor Briquet de Lemos – 19/11/2014. **XVIII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias**, 16 a 21 novembro, Belo Horizonte, MG. Belo Horizonte: SNBU2014, 2014. Disponível em: <https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/noticias/entrevista-colaborativa-com-antonio-agenor-briquet-de-lemos-19112014/>. Acesso em: 25 fev. 2022.

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. **Briquet de Lemos dá entrevista aos Blog Caçadores de Bibliotecas**. [S. l.]: Conselho Regional de Biblioteconomia da 6ª Região (CRB-6), 5 ago. 2013. Disponível em: <https://crb6.org.br/materias/briquet-de-lemos-da-entrevista-ao-blog-cacadores-de-bibliotecas/>. Acesso em: 27 fev. 2022.

MAGALHÃES, Soraia. Briquet de Lemos em sua felicidade clandestina. **Bibliotecários sem fronteiras**. Publicado em: 26 jul. 2015. Disponível em: <https://bsf.org.br/2015/07/26/briquet-de-lemos-em-em-sua-felicidade-clandestina/>. Acesso em: 5 mar. 2022.

[PROJETO LUPA]. [Entrevistado: Briquet de Lemos]. Disponível em: <https://projetoLupa.com/feed/briquet-de-lemos-> Acesso em: 11 mar. 2022.

REPORTAGEM com Briquet Lemos. **O signo da Lua**. Humor ácido. Capital inicial como ninguém nunca viu. Blog dedicado ao baixista Flávio Lemos. Publicado em: fev. 2011. Disponível em: <http://signo-dalua.blogspot.com/2011/02/reportagem-com-birquet-lemos.html>. Acesso em: 3 mar. 2022.

Periódicos

FREITAS, Conceição. Uma editora eclética tipo exportação. **Correio Braziliense**, Brasília, 26 dez. 1990. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=028274_04&pagfis=17822. Acesso em: 15 mar. 2022.

FREITAS, Conceição. O livreiro de Brasília. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 30, 1 ago. 2012. Crônica da Cidade. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_06&hf=memoria.bn.br&pagfis=89344. Acesso em: 15 mar. 2022.

NOGUEIRA, Carolina. Senhor dos livros. **Correio Braziliense**, Brasília, 21 abr. 2002. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_05&Pesq=senhor%20dos%20livros&pagfis=8511. Acesso em: 15 mar. 2022.

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. Informação em C&T: o que fazer. **Revista Brasileira de Tecnologia**, Brasília, v. 19, n. 7, p. 52-53, jul. 1988. ISSN 0100-6711.

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. Planejamento e coordenação da informação científica e tecnológica no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 107-115, jul./dez. 1986. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/231>. Acesso em: 15 mar. 2022.

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. Editorial. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 111, jul./dez. 1987. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/254>. Acesso em: 15 mar. 2022.

Lives

LIVE sobre “Eu, bibliotecário”. Participação de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Transmitido ao vivo em: 25 abr. 2020. Publicado no canal do youtube Webconceb. 1 vídeo (1h35min24seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PNYxFp4Alok>. Acesso em: 15 mar. 2022.

LIVE com Briquet de Lemos. (Tema: Lembranças do curso de Biblioteconomia da UnB). Participação de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Transmitido ao vivo em: 27 jun. 2020. Publicado no canal do youtube Biblio Fora da Caixa. 1 vídeo (1h55min58seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YISJDHX0SSo>. Acesso em: 15 mar. 2022.

Documentários

ROCK Brasília: era de ouro. Um filme de Vladimir Carvalho. Produção Marcus Ligocki. Fotografia e câmera André Carvalheira. Montagem Vladimir Carvalho e Sérgio Azevedo. Publicado no canal do youtube Minhas Músicas Preferidas. Postado em: 29 mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lgdj3giiwfM>. Acesso em: 15 mar. 2022.

Outras fontes e contatos

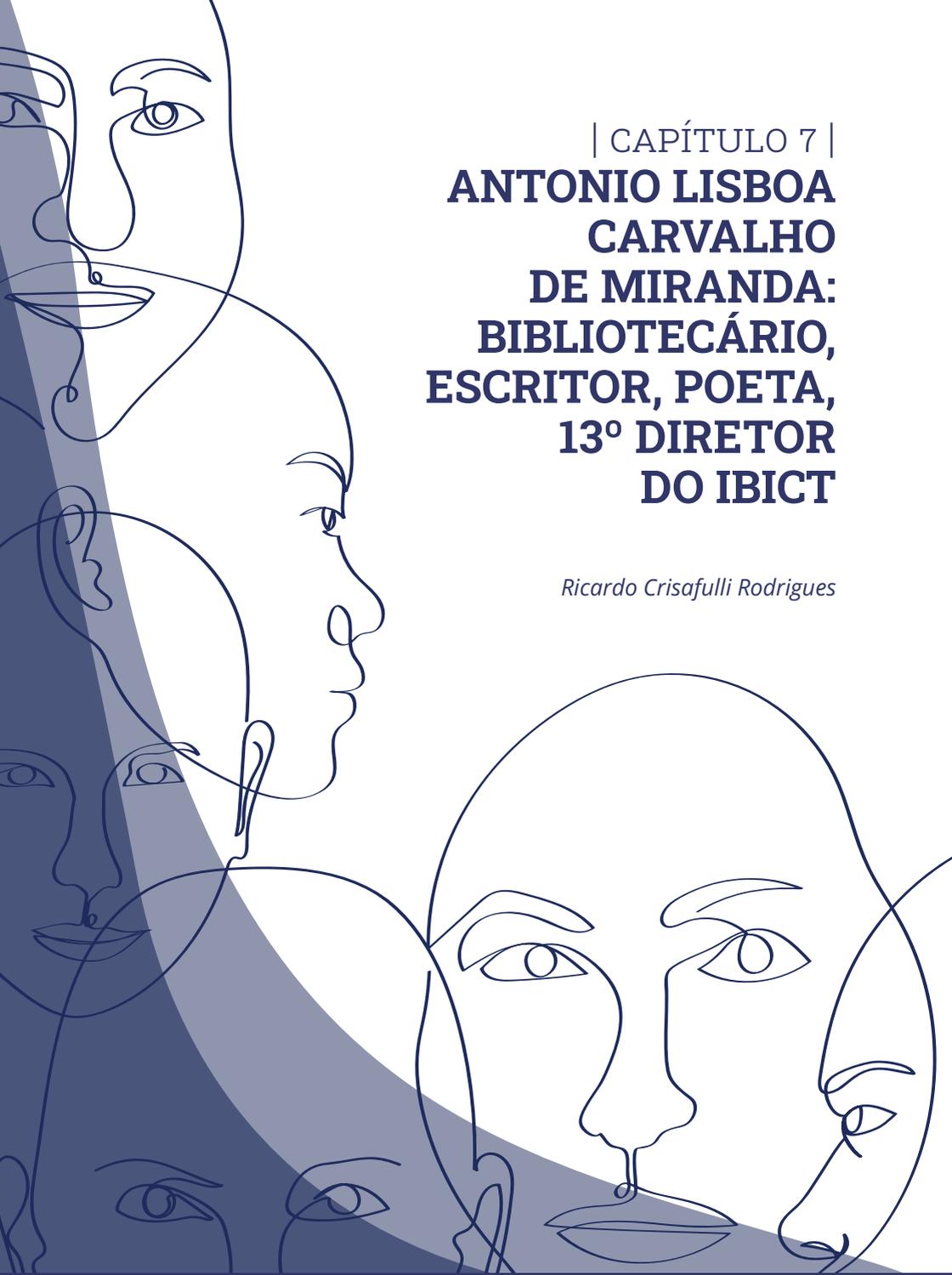
BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Industrial, Ciência e Tecnologia. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico. **Relatório das atividades de 1988**. [De acordo com as linhas programáticas do Plano Diretor 1986-1989]

LOPES, Ana Suely Pinho. **[E-mail]**. Destinatário: Briquet de Lemos. 2022.

LOPES, Ana Suely Pinho. **[Mensagem por redes sociais]**. Destinatário: Briquet de Lemos. 2022

Como citar o capítulo:

LOPES, Ana Suely Pinho. Antonio Agenor Briquet de Lemos: um repositório de saberes e fazimentos. *In*: CUNHA, Daniela A. P. (org.). **Ibict 70 anos: um resgate histórico daqueles que fizeram o instituto**. Brasília, DF: Ibict, 2023. Cap. 6, p. 112-137. DOI: 10.22477/9786589167457.cap6 .



| CAPÍTULO 7 |
**ANTONIO LISBOA
CARVALHO
DE MIRANDA:
BIBLIOTECÁRIO,
ESCRITOR, POETA,
13º DIRETOR
DO IBICT**

Ricardo Crisafulli Rodrigues

INTRODUÇÃO

Foi com muita alegria que recebi o convite para escrever um capítulo sobre Antonio Miranda no livro que versará sobre os ex-diretores do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict).

Para mim, falar de Antonio Miranda é, ao mesmo tempo, fácil e difícil. Fácil, porque o conheço desde o fim dos anos 1970, como professor, poeta, escritor, bibliotecário e, sobretudo, amigo. Nessa época, ele acreditou em mim como profissional e no meu trabalho; e, embora eu fosse recém-graduado em biblioteconomia, convidou-me a integrar a equipe de planejamento do Programa de Comutação Bibliográfica (Comut), indicando-me, posteriormente, à direção da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para ser o primeiro secretário executivo – gerente – do programa. Difícil, porque Miranda realizou tantas ações profissionais e artísticas, publicou tantas obras, apoiou e ajudou uma quantidade de pessoas, dirigiu vários órgãos, que corro o risco de deixar de lado, por esquecimento, muito a ser dito.

Trabalhamos juntos em diversas ocasiões, nas quais sempre pude aprender algo novo. Viajamos e participamos de eventos nacionais e internacionais – principalmente na Espanha, durante as versões do *Seminário Hispano Brasileiro de Investigación en Información, Documentación y Sociedad*, no qual estivemos desde a primeira realização, em 2012, na condição de palestrantes e/ou moderadores. Também fizemos exposições conjuntas – inclusive na Espanha – e publicamos três livros temáticos: ele com as poesias e eu com as fotos.

Ao escrever, busquei subsídios no *Portal da Poesia Iberoamericana* (c2004), de Antonio Miranda, consultei o arquivo do Ibict e resgatei algumas conversas informais que tive com ele, além das informações que eu tinha de memória. Para facilitar o entendimento, dividi o capítulo conforme as facetas apresentadas por Miranda, incluindo dados pessoais, acadêmicos, profissionais, artísticos e sua atuação como diretor do Ibict. Espero ter conseguido escrever, em poucas páginas, a essência desse grande mestre.

O HOMEM

Antonio – assim mesmo sem acento – Lisboa Carvalho de Miranda, simplesmente Miranda para os mais íntimos e amigos, e professor Miranda para um sem-número de alunos e profissionais da biblioteconomia e ciência da informação, poetas, escritores, literatos, colecionadores.

Nascido em Bacabal, no Maranhão, em 5 de agosto de 1940, migrou ainda jovem para o Rio de Janeiro com sua família – costuma dizer que sua família *Pegou um Ita no Norte e foi pro Rio Morar*⁷ —, onde construiu uma parte de sua vida como pessoa, estudante, profissional e intelectual.

Homem de extraordinária cultura, escritor, poeta, escultor, colecionador, viajero com inúmeros países na bagagem – como visitante e, em outros, como residente –, é, ao mesmo tempo, um dos grandes expoentes da biblioteconomia e da ciência da informação nacional e internacional. Possuidor de um humor sarcástico/irreverente e de uma sinceridade ímpar no falar e se expressar, consegue ser um grande amigo de seus amigos, um excelente conselheiro e incentivador daqueles que desejam conquistar um espaço profissional e intelectual.

Poeta, escreveu poemas em várias métricas e de várias formas, até chegar aos seus recentes poemas visuais. Criou, em 2008, o *Portal da Poesia Iberoamericana* (c2004), que, além de poesia, inclui outros tipos de obras literárias, de ciência da informação, e inúmeras outras informações relacionadas à ciência e à cultura. Estão relacionados, hoje, cerca de 9.070 poetas ibero-americanos – e alguns africanos e asiáticos de países lusófonos – com as suas principais poesias.

Recebeu vários prêmios e honrarias por sua produção poética, sendo os principais o Maximum Cultus do programa *Um Piano ao Cair da Noite*, da Brasília Super Rádio FM, em 24 de abril; o da Academia Internacional de Cultura, em 2015; a Medalla de Oro en el Día del Poeta Peruano, cujo prêmio foi entregue por Pepe Vargas, em abril de 2013, em Lima, Peru.

7 Trecho da música *Peguei um Ita no Norte*, interpretada por Dorival Caymmi.

Escritor, compôs romances, peças teatrais premiadas internacionalmente, crônicas, artigos para jornais e revistas. Muitas vezes adotou heterônimos para suas obras, entre os quais Nirham Eros, Barão de Pindaré Jr. e Secret para testar experiências antes de torná-las públicas.

Nos anos mais difíceis da ditadura militar, exilou-se na Venezuela, onde fundou uma companhia teatral e criou um de seus mais premiados espetáculos: *Tu País Está Feliz* (MIRANDA, [2004?]).

Atualmente é membro vitalício da Academia de Letras do Distrito Federal e da Associação Nacional de Escritores, tendo sido colaborador de revistas e suplementos literários como o *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*; no *La Nación*, Buenos Aires, Argentina; e no *Imagen*, Caracas, Venezuela.

Em 1971, foi agraciado com o prêmio Festival Internacional Teatro, em Medellín, Colômbia, Municipalidad de Medellín, Antioquia e, em 1972, com o prêmio principal do Festival Latino-Americano de Teatro, Universidad de Puerto Rico.

Foi *Hour Concours* do Prêmio União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, Personalidade Literária e Artística por sua Brasilidade, União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro, em 2013.

Além da produção literária, é um dos mais profícuos autores nas áreas de biblioteconomia e ciência da informação, com inúmeros livros, artigos e conferências proferidas nessas áreas.

Colecionador, possui uma das maiores coleções de cartões postais do mundo – mais de 100 mil peças –, que contêm relevantes informações imagéticas históricas, culturais e antropológicas, principalmente do Brasil, em diferentes aspectos socioculturais, considerando, conforme palavras de Miranda, que “o postal foi o meio de comunicação do fim do século 19 e início do século 20, prenúncio da internet no sentido da comunicação interpessoal”.

A coleção já foi usada em muitos livros e em estudos específicos; grande parte foi digitalizada pelo Ibtct e será recepcionada, em breve, pelo IMAGO⁸, banco de imagens do Instituto.

Escultor, executou lindas peças modernas, em concreto e metal, inclusive a escultura que adorna os jardins internos da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB).

Professor, formou a base de incontáveis alunos, possibilitando-lhes o desenvolvimento de múltiplas competências profissionais, não só nas salas de aulas, mas também por meio de orientações de mestrado e doutorado.

Hoje, já aposentado da vida acadêmica como professor, continua em plena produção intelectual contribuindo para as atividades profissionais na sua área de atuação, na literatura e na poesia.

O somatório de suas atividades, seu caráter, seu temperamento e, acima de tudo, seu compromisso com a sociedade e com aqueles que o cercam, fazem de Miranda uma figura extraordinária, um grande amigo e um homem excepcional.

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Segundo relatos pessoais, Miranda frequentava no Rio de Janeiro, desde a sua juventude, algumas bibliotecas públicas e, posteriormente, a Biblioteca Nacional, onde frequentou, durante um semestre, o curso de Biblioteconomia. Concluiu o curso na Universidad Central de Venezuela, em Caracas, em 1970, durante o período de seu autoexílio.

Em 1975, como bolsista da Loughborough University of Technology (LUT), na Inglaterra, concluiu o mestrado em Biblioteconomia.

8 MACÊDO, Diego José; BRASILEIRO, Ítalo Barbosa; SHINTAKU, Milton. IMAGO: uma proposta para o banco de imagens do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. In: WORKSHOP DE INFORMAÇÃO, DADOS E TECNOLOGIA, 5., Espírito Santo, 5 e 6 dez. 2022. **Anais [...]**. Espírito Santo: UFES, 2022. p. 115-120. Disponível em: <https://widadat2022.ufes.br/wp-content/uploads/2023/04/widadat-2022-anais.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2023.

A dissertação abordou o planejamento bibliotecário no Brasil, com o título *Planning library information systems for Brazil* (MIRANDA, 1975), e recebeu o prêmio Sisson & Parker, conferido pela LUT.

A dissertação deu origem ao livro homônimo – *Planejamento Bibliotecário no Brasil: a Informação para o Desenvolvimento* (MIRANDA, 1977) – lançado em pela LTC Editora, e que foi muito utilizado pelos profissionais e alunos de biblioteconomia. Em 1987, concluiu o doutorado em Ciência da Comunicação na Universidade de São Paulo. A tese tratou do *Acesso ao Documento Primário* (MIRANDA, 1987), tema bastante relevante no Brasil e no mundo naquele momento.

O PROFESSOR

Professor da FCI, antigo Departamento de Biblioteconomia, da UnB desde 1978, Miranda foi um dos formadores dos bibliotecários, arquivistas e museólogos de hoje. Além de professor, tornou-se amigo e orientador daqueles que tiveram a sorte de serem seus alunos.

Ministrou disciplinas na graduação, como Introdução à Biblioteconomia, Formação e Desenvolvimento de Acervos e Reprografia. Na pós-graduação, Biblioteconomia Comparada, Prática de Pesquisa, Informação, Desenvolvimento e Sociedade, além de Seminário Avançado em Ciência da Informação.

Com seu olhar crítico e construtivo e o vasto conhecimento técnico e humanista, orientou diversas dissertações de mestrado e teses de doutorado, garantindo, com isso, a excelência dos trabalhos de seus orientandos – inclusive de vários que se tornariam professores da própria FCI e de outros cursos da UnB, e de universidades no Brasil e em outros países. Participou, ainda, de incontáveis bancas de mestrado e doutorado em escolas nacionais e no exterior.

Foi coordenador do programa de pós-graduação e, posteriormente, diretor da FCI. Como diretor, estabeleceu contatos com várias instituições na área de ciência da informação, incluindo as universidades espanholas Complutense de Madri e Carlos III, com as quais foram firmados acordos de cooperação.

Hoje, é pesquisador colaborador sênior atuando na linha de pesquisa Comunicação Científica da Informação, que engloba modelos e processos da comunicação da informação científica, tecnológica, comunitária, arquivística, organizacional e para negócios.

Incluem-se, na mesma linha de pesquisa, os suportes informacionais tradicionais e eletrônicos, o direito autoral, e a influência dos contextos acadêmico, industrial, empresarial, organizacional e social no comportamento da informação.

Além de seu papel como professor na UnB, ministrou, e ainda ministra, cursos, palestras e conferências por todo o Brasil e exterior, principalmente na América Latina e Caribe. Entre outros, recebeu títulos importantes como professor: Professor Honorífico da Universidad Complutense de Madrid, em 2015, conferido por meio do Departamento de Biblioteconomia y Documentación de la Facultad de Ciencias de la Documentación; e Professor Emérito – consagrado por aclamação —, conferido pela Reitoria da UnB em 2014.

O BIBLIOTECÁRIO

Após concluir o bacharelado em Biblioteconomia, foi convidado para chefiar o Centro Bibliográfico da Biblioteca Nacional da Venezuela, em Caracas, onde ficou de 1970 a 1973. Em 1977, além de professor no Departamento de Biblioteconomia da UnB, foi convidado pelo então diretor da Capes, Darcy Closs, para atuar como assessor de planejamento bibliotecário.

Coube a ele o planejamento inicial de um Programa de Bibliotecas Universitárias, que incluiu desde a construção de bibliotecas universitárias, a organização técnica, o acervamento, a formação de profissionais, a modernização de atividades, entre outros.

Nessa ocasião, com base em experiência realizada anteriormente na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), da qual havia sido funcionário, idealizou as bases do Comut, institucionalizado em 5 de agosto de 1980 – coincidentemente, na data de seu aniversário – pelo então ministro da Educação Eduardo Portella.

O Comut foi, na época de sua criação, um importante marco para a informação científica e tecnológica do Brasil, que dependia basicamente de informações caras, oriundas da British Library Lending Division (BLLD) da Inglaterra, e do Online Computer Library Center (OCLC), dos Estados Unidos.

Após sua saída da Capes, mudou-se temporariamente para o Rio de Janeiro onde realizou pesquisas para sua tese de doutorado, tendo, na ocasião, recebido convite para coordenar o Departamento de Ensino e Pesquisa do Ibict, atual Coordenação de Ensino e Pesquisa, Ciência e Tecnologia da Informação (COEPE), onde permaneceu de 1981 a 1983.

Em 1983, foi assessor especial da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BN/RJ) a convite da então diretora Celia Ribeiro Zaher. Em 1990, realizou um de seus sonhos, que era a direção do Ibict – assunto que será abordado adiante – no qual teve possibilidade de colocar em prática uma série de ideias profissionais de grande relevância para a biblioteconomia brasileira.

Em 1993, após deixar a direção do Instituto, foi convidado para realizar consultorias e ministrar cursos em Porto Rico, onde morou durante um ano e produziu obras técnicas e uma das suas mais irreverentes e interessantes obras literárias intitulada *Relógio, Não Marque as Horas: Crônica de uma Estada em Porto Rico* (MIRANDA, 1996).

Após um período em que atuou basicamente como professor, consultor e assessor em assuntos de biblioteconomia e ciência da informação no Brasil e exterior, incluindo a participação ativa nas discussões sobre a sociedade da informação no Brasil, foi convidado para a direção da Biblioteca Nacional de Brasília (BNB), de 2007 a 2011, sendo o primeiro diretor da BNB.

Recém-construída na época, a BNB permanecia fechada ao público, apesar de várias inaugurações políticas. Coube a ele o planejamento e a organização funcional, ocasião em que vários defeitos técnicos de construção foram corrigidos, adequando o prédio às necessidades de uma biblioteca (MIRANDA, 2008).

Em parceria com o Ibict, a BNB criou bases para a inclusão digital, com espaços dedicados às crianças, além de outros dedicados ao

acesso *on-line* à informação. Nesse período, a BNB, sob a sua supervisão, realizou a *I Bienal Internacional de Poesia*, que teve a participação de inúmeros poetas e intelectuais do Brasil e do exterior.

Após um período de afastamento, foi novamente convidado para assumir a direção da Biblioteca, no período de 2015 a 2017. Na ocasião, encontrou uma BNB praticamente destruída e sem os grandes serviços criados durante a sua primeira gestão. Todavia, com sua garra profissional, foi, aos poucos, resolvendo problemas estruturais básicos e graves relacionados à infraestrutura do prédio, deixando para seus sucessores várias soluções efetivadas.

Após sua saída da BNB, dedicou-se basicamente ao magistério e à pesquisa, atuando, sobretudo, nos estudos dos fenômenos da comunicação da informação com – de acordo com suas palavras – “interesse nos processos criativos, estéticos e éticos da animaverbivocovisualidade no âmbito da convergência tecnológica.” (ANTONIO..., 2022).

Na sua vida profissional, visitou centenas de bibliotecas no Brasil e exterior, inclusive bibliotecas nacionais de grande importância na Inglaterra, nos Estados Unidos, na França, na Alemanha, em Hong Kong – quando ainda estava ligado à Inglaterra —, no Japão, em Moçambique, Canadá, no México, na Argentina etc.

Recebeu várias condecorações e títulos honorários como profissional de informação, incluindo os títulos de Membro Honorário, Colegiado de Bibliotecólogos del Peru, Lima, em 2014 e de Membro Honorário da Sociedad de Bibliotecarios de Puerto Rico, em 1991.

Foi eleito presidente da Comissão Latino-Americana da Federação Internacional de Documentação (FID/CLA) em 1981, tendo como secretária executiva a bibliotecária Ana Flávia M. da Fonseca. A FID foi fundada em 1895, por Paul Otlet e Henry La Fontaine e, infelizmente, por questões estruturais, extinta em 2002. Já a FID/CLA foi criada em 1960, tendo como primeira presidente Lydia de Queiroz Sambaquy.

Na sua gestão como presidente, Miranda organizou várias atividades, entre as quais a criação de um comitê de comutação bibliográfica. Em Buenos Aires, realizou um Seminário sobre Comutação Bibliográfica, com apoio do Comut, em dezembro de 1982, permitindo que vários

países, principalmente da América Latina e do Caribe, tomassem conhecimento do Comut e adotassem seu modelo inovador.

Miranda também criou durante sua gestão a *Revista Latinoamericana de Documentación* que, infelizmente, foi descontinuada após sua saída da presidência, na qual foram publicados importantes artigos na área de biblioteconomia e ciência da informação.

De 1977 a 1981, foi presidente da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, atual Associação dos Bibliotecários e Profissionais da Ciência da Informação do Distrito Federal (ABDF). Na sua gestão, a ABDF era uma das mais respeitadas associações de bibliotecários do Brasil e da América Latina. Foi criado o *Boletim ABDF*, uma mistura de documento informativo e técnico, com a publicação de trabalhos produzidos por especialistas da área. Também foram organizados vários cursos, entre os quais um curso de especialização *lato sensu*, em parceria com a Universidade Católica de Brasília (UCB), que permitiu o aperfeiçoamento de inúmeros profissionais.

A administração financeira do Comut, pactuada com a Capes por meio de convênio, garantiu a agilidade necessária ao Programa, além de render a editoração e comercialização de livros técnicos.

Miranda também publicou cerca de 60 artigos, 59 livros como autor/coautor/organizador; escreveu mais de 50 capítulos de livros; 25 artigos em jornais e revistas; e 50 trabalhos apresentados em congressos nacionais e internacionais.

Além dessa profícua produção intelectual, proferiu palestras e conferências em eventos diversos. Nos dias atuais, sua ação como bibliotecário mescla-se com as atividades acadêmicas como pesquisador colaborador sênior da FCI da UnB, além de consultorias, palestras e cursos.

O DIRETOR

Miranda assumiu a direção do Ibict durante um período histórico do Brasil, em que o País teve seu primeiro presidente eleito por voto direto depois de 21 anos de regime militar, tendo exercido a função de diretor de 18 de maio de 1990 a 11 de novembro de 1992.

Muitas novidades, algumas boas e outras ruins, foram implementadas nos primeiros dias do novo governo democrático, e a Secretaria de Ciência e Tecnologia (SCT), com status de ministério, foi dirigida no período por dois grandes nomes, conhecidos pelo papel relevante que desempenhavam para a educação, ciência e tecnologia: José Goldenberg e, posteriormente, Edson Machado de Souza, que deram grande apoio à gestão e ao desenvolvimento da informação científica e tecnológica.

No Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), ao qual o Ibict ainda era subordinado, foram empossados Gerhard Jacob como presidente e Darcy Closs como diretor de programas, também bastante engajados e comprometidos com as questões da informação.

Conhecedora de sua capacidade técnica, intelectual e das realizações profissionais no campo da biblioteconomia e da ciência da informação, a nova direção do CNPq convidou Miranda para assumir a direção do Ibict, instituição que, naquele momento, incorporou importantes serviços e atividades antes executadas por outros setores federais no campo da informação tecnológica.

No início do governo Collor, a Secretaria de Administração Federal (SAF) solicitou aos órgãos administrativos uma avaliação de suas atividades com o intuito de modernizá-los e de racionalizar as suas administrações. Essa modernização deveria incluir não só a parte operacional, mas também as questões relacionadas ao pessoal técnico e administrativo.

No âmbito do Ibict, foi criado um Grupo de Trabalho com o objetivo de avaliar o Instituto por meio de uma revisão crítica de suas atividades e seus serviços. Os resultados levaram à criação de uma nova estrutura, que incluiu a modernização da sua informática por meio da criação do Departamento de Tecnologias da Informação (DTI), e de um Departamento de Cooperação e Intercâmbio, responsável pelas questões de relacionamentos técnicos e políticos junto a outras instituições nacionais e internacionais.

Os resultados dessa avaliação auxiliaram na elaboração do Plano de Ação 1990/1991, que teve como eixos principais:

- × a realização de estudos das reais necessidades de informação dos usuários, não só em nível nacional (acadêmico, tecnológico, empresarial, terceiro setor etc.), mas também em nível internacional, principalmente em relação à América Latina e ao Caribe, zonas de maior influência do Instituto;
- × a realização de estudos de viabilidade econômica para novos produtos a serem criados pelo Ibict com base nas sugestões da comunidade científica e tecnológica;
- × a criação de instrumentos de divulgação de serviços, produtos e ações do Instituto e uma grande participação em eventos nacionais e internacionais;
- × a criação de mecanismos de vendas para produtos e serviços, de modo a oferecer as informações requeridas pelas comunidades científicas e tecnológicas; e
- × a criação de mecanismos que permitissem uma maior integração do Ibict com outras instituições de ensino e pesquisa, indústria e empresas, terceiro setor etc.

A idealização do Plano de Ação 1990/1991 contou com a participação ativa dos funcionários da casa por meio de uma assembleia interna, constituída pelos servidores e colaboradores, para análise, avaliação crítica e proposta de novas linhas de ação.

No campo dos serviços realizados à época, cabe salientar a produção e divulgação de vários guias de fontes de informação em diversas áreas do conhecimento, conforme as atribuições do Instituto, além do atendimento rotineiro dos seus produtos e serviços, como o Catálogo Coletivo de Publicações Seriadas (CCN), Programa Comut em parceria com a Capes, o Bibliodata em colaboração com a Fundação Getúlio Vargas, revista *Ciência da Informação* etc.

A grande capacidade de relacionamento de Miranda e o seu reconhecimento profissional favoreceram a participação do Ibict em inúmeros eventos no Brasil e no exterior, permitindo ao Instituto elevar seu papel de liderança na sua área de atuação. O Ibict esteve em várias edições do *Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação* (CBBD) e do *Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias* (SNBU),

além de eventos regionais promovidos por universidades, institutos de pesquisa e associações de classe.

Um dos grandes acontecimentos na administração do Miranda foi a transferência da secretaria executiva do Comut para o Ibict.

A extinção da Capes no início do governo Collor, e sua reinstalação posterior por pressão do Congresso Nacional, levou à perda de parte dos seus funcionários incluindo aqueles do Comut que foram realocados para outros setores. A insegurança causada preocupou os dirigentes da Capes e do Ibict, que concluíram que a melhor solução seria a transferência da secretaria executiva do programa para o Ibict, tendo em vista a sua melhor situação institucional no momento.

Dada a importância do Comut para a pesquisa científica e tecnológica no Brasil, o assunto foi tratado em nível de ministros, principalmente pelo secretário de Ciência e Tecnologia Edson Machado, que durante anos foi diretor geral da Capes e, conseqüentemente, um grande conhecedor do Comut.

Finalizados os acertos formais, realizou-se a transferência e o programa foi incorporado ao Ibict, diretamente ligado ao seu diretor, mantendo o status que tinha na Capes e de acordo com os convênios de cooperação técnica assinados entre Capes, Ibict, Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESU/MEC) e Financiadora de Estudos e Projetos (Finep).

Outra atividade de grande importância na administração de Miranda foi o prosseguimento do Sistema Público de Acesso a Bases de Dados (SPA), dentro das ações do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT II), que permitia o uso compartilhado de bases de dados de informação nacionais e internacionais, uma espécie de Oasis na época. Posteriormente, em 1993, foi denominada Rede Antares, atendendo à demanda de informação da comunidade científica e tecnológica nacional. A modernização das atividades do SPA e, posteriormente, sua transformação na Rede Antares foram possíveis, em grande parte, devido à modernização das atividades de informática e à criação do DTI.

O PADCT foi criado em 1984 para permitir a implementação de uma política de desenvolvimento científico e tecnológico no país. Isso foi

possível após a assinatura de um acordo de empréstimo entre o governo brasileiro e o Banco Mundial para ser operacionalizado por agência brasileiras, entre as quais o CNPq, a Capes e a Finep.

Foram criados subprogramas fins em várias áreas prioritárias para o Brasil e, para dar suporte operacional, vários subprogramas de apoio, entre os quais o Grupo de Trabalho em Informação Científica e Tecnológica (GT/ICT), coordenado pelo Ibict.

O PADCT encerrou suas atividades em 1989 e foi continuado em 1990 com o começo das operações do PADCT II, tendo o GT/ICT reiniciado suas atividades na administração de Miranda. Uma das principais ações do GT/ICT nessa fase foi apoiar as atividades do SPA e sua posterior transformação na Rede Antares.

Além de continuar com suas ações como membro da FID/CLA, Miranda ainda possibilitou a assinatura de um convênio entre o CNPq/Ibict e a FID para a manutenção e comercialização da Classificação Decimal Universal (CDU) no Brasil. Esse convênio vigeu até 1992, ano de formação de um consórcio de editores, o Universal Decimal Classification Consortium (UDCC), que assumiu a responsabilidade e é, atualmente, o gestor e detentor dos direitos autorais e de publicação do sistema. Atualmente, desde 1997, o Ibict é o detentor da licença para edição em língua portuguesa, concedida pelo UDCC.

Outros acordos internacionais de cooperação foram assinados pelo CNPq/Ibict na administração Miranda, entre os quais o acordo de cooperação técnica com o Russian Institute for Scientific and Technical Information of the Russian Academy of Sciences (VINITI). O VINITI, criado em 1952, tem a missão de coletar informações científicas e técnicas de fontes de todo o mundo e disseminá-las para a comunidade científica russa.

Foi também assinado, nesse período administrativo, a renovação do convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por meio da estrutura acadêmica da sua Escola de Comunicação, para prosseguimento do curso de mestrado do Ibict. Nessa mesma época, foram iniciados estudos sobre a viabilidade de criação de um curso de doutorado, concretizado em 1994.

Em 1990, Miranda conseguiu mudar a sede do Ibict para seu endereço atual, após negociação com a então secretária de Ciência e Tecnologia. O prédio estava ocupado desde 1985 pelo ministério, e a mudança para a Esplanada dos Ministérios permitiu ao Ibict retornar à sua antiga sede.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição de Antonio Miranda para a ciência da informação, no Brasil e no exterior, é inquestionável, não só no campo das atuações técnicas e administrativas, mas também no ensino e na pesquisa.

As bibliotecas universitárias devem a ele grande parte do seu desenvolvimento, notadamente em relação à construção de seus prédios, estruturação de acervos, acessibilidade e disponibilidade documental e idealização do programa Comut.

Os anos como assessor de planejamento bibliotecário na Capes foram fundamentais para o desenvolvimento dessas bibliotecas, principalmente porque conseguiu vender suas excelentes ideias para os diretores Darcy Closs, Cláudio de Moura Castro e Hélio Barros.

No ensino, tanto no Ibict como na UnB, formou e orientou centenas de alunos na graduação, mestrado e doutorado. Como presidente da ABDF, criou, em conjunto com a UCB, o curso de especialização em Administração de Sistemas de Informação, que permitiu o aperfeiçoamento de vários profissionais de biblioteconomia. Além disso, promoveu, como presidente da FID/CLA, cursos técnicos que contaram com a participação de profissionais de vários países da América Latina e do Caribe.

Como pesquisador, tem uma produção acadêmica impressionante, conforme vimos na parte que o descreveu como bibliotecário. Muitos de seus trabalhos técnicos embasaram decisões político-administrativas em instituições nacionais e internacionais.

Como escritor e poeta, é respeitado e lido em muitos países, com vários prêmios por sua produção e inúmeras homenagens. O *Portal*

da Poesia Iberoamericana (c2004), criado por ele, recebe milhares de visitas de usuários dos cinco continentes.

Como ser humano, muito teria a ser dito e escrito sobre ele, mas, tendo em vista a limitação de espaço, procurei fazer neste capítulo um apanhado geral de forma a mostrar um pouco de sua personalidade pessoal, intelectual, artística e profissional. Espero ter conseguido.

REFERÊNCIAS

ANTONIO Lisboa Carvalho de Miranda. **Currículo lattes**. Texto informado pelo autor. Atualizado em: 19 jul. 2022. Brasília: CNPq, 2022. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4421435908492751>. Acesso em: 23 fev. 2023.

MIRANDA, Antonio. Biblioteca Nacional de Brasília: do pesadelo ao sonho. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 219-221, jul./dez. 2008. Ensaio. DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v1.n2.2008.1254>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/1254>. Acesso em: 23 fev. 2023.

MIRANDA, Antonio. **Relógio, não marque as horas**: crônicas de uma estrada em Porto Rico. Brasília: [s. n.], 1996. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/obras_publicadas/relogio_n_horas.html. Acesso em: 23 fev. 2023.

MIRANDA, Antonio. **Tu país está feliz**. [Brasília: s. n., 2004?]. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/obras_publicadas/obrascomentarios/tupais_port.pdf. Acesso em: 23 fev. 2023.

MIRANDA, Antonio Lisboa Carvalho de. **Acesso ao documento primário**. 1987. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

MIRANDA, Antonio Lisboa Carvalho de. **Planejamento bibliotecário no Brasil**: a informação para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

MIRANDA, Antonio Lisboa Carvalho de. **Planning library information system for Brazil**. 1975. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Loughborough University of Technology, Inglaterra, 1975.

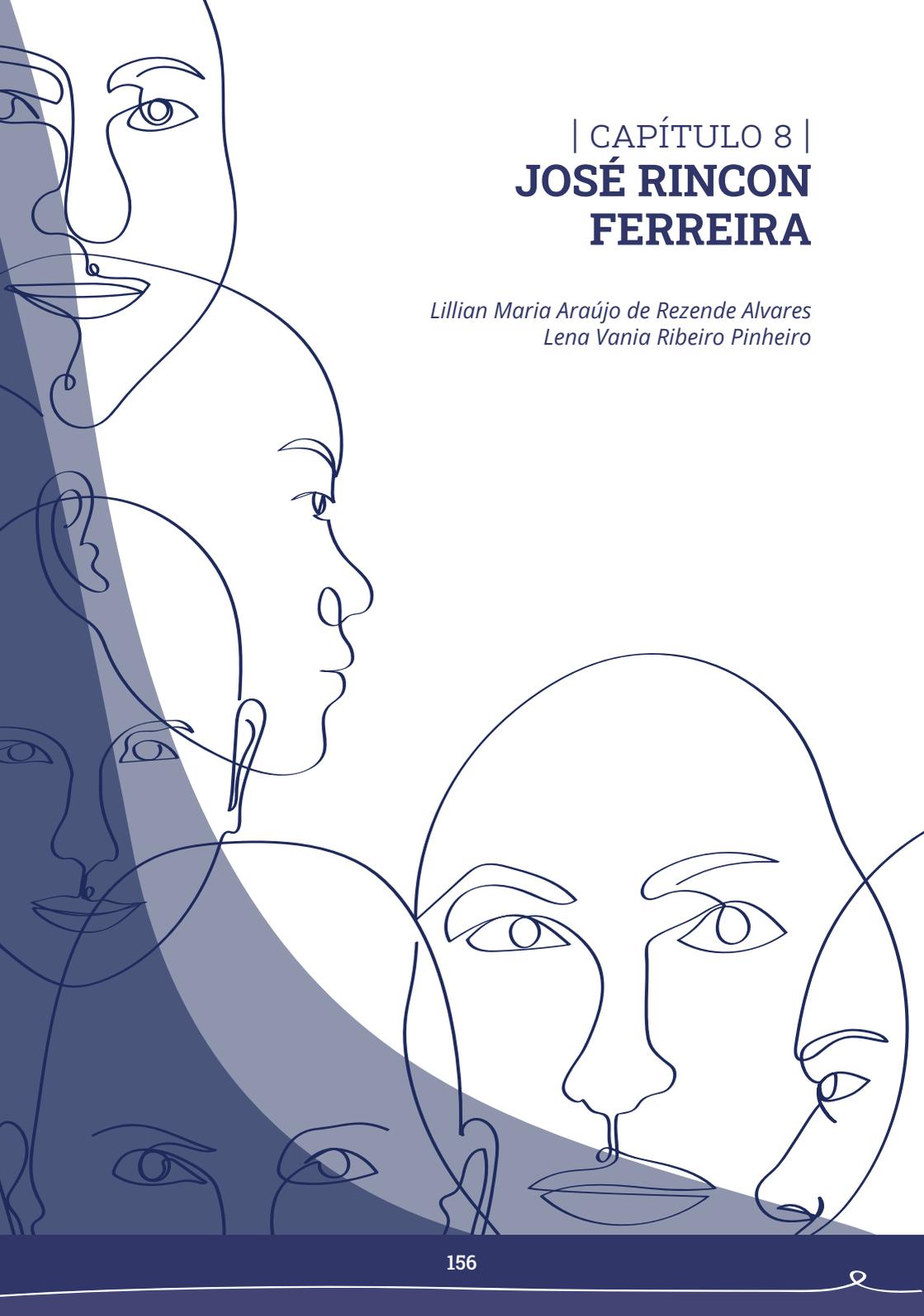
MIRANDA, Antonio Lisboa de. Entrevista. Entrevista cedida a Carolina Fraga. Revista Eletrônica da ABDF, Brasília, v. 1, n. 3, p. 7-14, out./dez. 2015. Disponível em:

PORTAL DE POESIA IBEROAMERICANA. Brasília: Antonio Miranda, c2004. ISSN: 2447-1178. Disponível em: <http://www.antoniomiranda.com.br/index.html>. Acesso em: 23 fev. 2023.

Como citar o capítulo:

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. Antonio Lisboa Carvalho de Miranda: bibliotecário, escritor, poeta, 13º diretor do Ibict. *In*: CUNHA, Daniela A. P. (org.). **Ibict 70 anos: um resgate histórico daqueles que fizeram o instituto**. Brasília, DF: Ibict, 2023. Cap. 7, p. 138-154. DOI: 10.22477/9786589167457.cap7 .



The background of the page is a complex line drawing of human faces. The faces are drawn with simple, clean lines and are arranged in a way that they appear to be overlapping and looking in various directions. Some faces are more prominent than others. The drawing is set against a white background with a dark blue vertical band on the left side. The overall style is minimalist and artistic.

| CAPÍTULO 8 |
**JOSÉ RINCON
FERREIRA**

*Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares
Lena Vania Ribeiro Pinheiro*

INTRODUÇÃO

Por Profa. Dra. Lillian Maria Araujo de Rezende Alvares

Tenho acompanhado meu amigo/irmão José Rincon Ferreira por toda uma vida. Estamos juntos desde minha formatura, e aí já se vão mais de 30 anos de amizade que resultaram em inúmeras realizações e incontáveis momentos de alegria. Aqui estão também o apoio e os conselhos, estes geralmente enlaçados pela espiritualidade e a poesia que nele vive. Tamanho companheirismo despertou em mim infinita admiração pelo professor, graduado em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Bibliotecologia pela Universidade de Puerto Rico e doutor em Ciência da Informação pela Universidade Fernando Pessoa de Portugal, cujos ensinamentos estão em mais de uma geração de cientistas da informação.

E pelo gestor que, como diretor do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), representou o Brasil nas negociações sobre ciência e tecnologia no Mercosul e no Programa Geral de Informação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Também foi presidente da Rede de Informação Latino-americana e do Caribe em Ciência e Tecnologia (Infolac) e membro do conselho da lendária Federação Internacional de Informação e Documentação (FID). A presidência do Centro Franco-Brasileiro de Documentação Técnica e Científica (Cendotec) se deveu, sobretudo, a sua determinação na criação do curso de especialização em Inteligência Competitiva no Brasil, a partir da iniciativa do Instituto Nacional de Tecnologia (INT), que, por sua vez, era membro da Rede de Núcleos de Informação Tecnológica do Ibict, iniciativa que protagonizou a informação tecnológica por todo o País. De fato, o campo da informação tecnológica está indelevelmente associado ao nome de José Rincon Ferreira, e não só no Brasil. Sua atuação se estendeu ao Canadá, Dinamarca, França e México, na busca por parcerias para concretizar a gestão da informação tecnológica. Hoje são múltiplos os caminhos dessa área que ele ajudou a expandir.

No Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, sua história começa com o aporte de informação ao Programa Nacional do Alcool (Proálcool) e segue como diretor de Articulação Tecnológica,

onde recebeu a distinção do World Summit Award (WSA) pela criação do Programa Telecentros de Informação e Negócios, conferido pela Unido, Unesco e Internet Society. Como diretor, foi membro do Conselho Superior do Instituto Euvaldo Lodi da Confederação Nacional da Indústria (IEL/CNI), do Conselho da Fundação Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras (CERTI), do Conselho Superior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), do Conselho de Administração do Centro de Ciência, Tecnologia e Inovação do Polo Industrial de Manaus (CT-PIM), do Comitê das Atividades de Pesquisa e Desenvolvimento da Amazônia (CAPDA) e coordenador do Comitê de Informação no Fórum Permanente da Microempresa e Empresa de Pequeno Porte.

Eu o admiro, ademais, por seu espírito empreendedor, que alcançou o ápice como curador dos Prêmios Prof. Samuel Benchimol e Banco da Amazônia de Empreendedorismo Consciente. Sem dúvida, hoje o certame alcançou o lugar da mais importante premiação concedida em prol do desenvolvimento da Amazônia. Já por sua iniciativa constam as reedições de publicações do célebre especialista da região, Prof. Samuel Benchimol, e a constituição do banco de dados que reúne ideias e soluções econômicas, ambientais, sociais e tecnológicas para a região, resultante de quase 20 anos das propostas enviadas aos prêmios.

Pela admiração, amizade e respeito, tudo em sua vida importa para mim. Suas alegrias e tristezas importam para mim. Seus amigos importam para mim. Sua família importa para mim. Sua Pires do Rio importa para mim. Suas conquistas importam – e como importam! Foi assim que percebi a oportunidade de compartilhar aqui, neste capítulo, a homenagem que Rincon recebeu em 2021 por ocasião do lançamento do livro *Os Múltiplos Cenários da Informação Tecnológica no Brasil do Século XXI* (ALVARES; ITABORAHY, 2021), no memorável texto escrito pela professora Lena Vania Ribeiro Pinheiro (2021).

Querido Rincon, *“não te procurei, não me procurastes – íamos sozinhos por estradas diferentes. Indiferentes, cruzamos. Passavas com o encargo da vida... Corri ao teu encontro”*. Esse trecho da poesia *Meu Destino*, da goiana Cora Coralina (2013), é para você, na esperança de que nosso encontro não termine nunca.

PIONEIRO NA GESTÃO E NA FORMULAÇÃO DE POLÍTICAS INSTITUCIONAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NACIONAIS DE INFORMAÇÃO TECNOLÓGICA

Por Profa. Dra. Lena Vania Ribeiro Pinheiro

Diferentemente da maioria dos bibliotecários e profissionais de informação brasileiros, que começaram e têm experiência principalmente em informação científica, José Rincon Ferreira, formado em Biblioteconomia na Unb em 1973, inicia a sua vida profissional na década de 1970, em informação voltada ao setor produtivo. O Polo Comercial de Camaçari, no município baiano de mesmo nome, foi o ambiente em que Rincon deu seus primeiros passos profissionais.

A sua trajetória ganha maior importância por sabermos que, enquanto nos Estados Unidos os *information brokers* (agentes de informação) têm espaço nas empresas, em nosso país são praticamente desconhecidos, inexistentes. Progressivamente, José Rincon Ferreira vai se tornando um dos poucos especialistas e agente da informação tecnológico-industrial no Brasil, além de Afrânio Carvalho Aguiar, engenheiro e ex-diretor do Ibict, já falecido. Consequentemente, são incipientes os estudos e pesquisas sobre esse tipo de informação, bem como debates sobre seus conceitos e definições. Merece destaque um artigo de Aguiar (1991) dedicado aos conceitos e definições solidamente construídos da variada tipologia de informação, inclusive tecnológica.

Em 1976, o Ibict desenvolvia atividades concentradas em informação científica, desde o tempo de sua criação, em 1954, quando recebeu a denominação de Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). O Ibict deve a José Rincon Ferreira, sobretudo no período em que foi seu vice-diretor e diretor, a formulação de políticas institucionais e nacionais direcionadas à informação tecnológica. Nesse sentido, ele exerceu papel fundamental na articulação com as principais instituições e empresas industriais para formação de uma rede na qual cada participante teve intensificadas as suas

atividades em informação tecnológica. O período mais expressivo ocorreu quando o Brasil aderiu ao Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT), por meio de um acordo entre o governo brasileiro e o Banco Mundial, no qual o Ibict esteve integrado ao Subprograma de Informação em Ciência e Tecnologia (ICT) e ao Subprograma de Tecnologia Industrial Básica (TIB).

Em decorrência do PADCT, o próprio Rincon (1991) descreve, em breve editorial da revista *Ciência da Informação* do Ibict, a rica concentração de atividades de informação tecnológica no Instituto. Dentre elas, destaca-se a Rede de Núcleos de Informação Tecnológica, uma iniciativa concebida no âmbito do TIB que abrangia as principais ações de informação tecnológica e industrial no país. Era dividida em Núcleos Básicos de Informação Tecnológica dedicados aos documentos fundamentais para as atividades, ou seja, especificações, normas, regulamentos técnicos e patentes, núcleos setoriais de informação tecnológica, atuando em nível nacional e especializado por setores industriais, e, também, um Núcleo de Capacitação em Informação Tecnológica.

A Rede de Núcleos articulou-se por meio de acordos de cooperação com diversas iniciativas em curso de interesse à informação tecnológica, como os sistemas estaduais de informação em ciência e tecnologia, instituições do complexo científico-tecnológico e as secretarias estaduais de ciência e tecnologia, por meio do Fórum de Secretários Estaduais para assuntos de Ciência e Tecnologia. A Rede incluiu instituições públicas e entidades privadas sem fins lucrativos, como, por exemplo, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), a Confederação Nacional da Indústria (CNI), por meio do Departamento de Assistência à Média e Pequena Indústria (Dam-pi), e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai).

José Rincon Ferreira não se dedicou à vida acadêmica, tanto que sua produção científica não é vasta, mas é muito relevante por reunir informações tecnológicas, antes dispersas, em textos esclarecedores sobre a formulação de políticas públicas para informação no setor industrial. Além disso, o seu apoio foi decisivo para que profissionais de informação pudessem se especializar em informação tecnológica, o que pode ser comprovado principalmente por duas ações relatadas a seguir.

A primeira, durante a sua gestão como diretor, pelo incentivo aos funcionários do Ibict e de outras instituições a estágios no exterior

em duas instituições conhecidas internacionalmente por sua expertise em informação tecnológica: no Canadá, o Centre de Recherche Industrielle du Québec (CRIQ), e no México, o Centro de Investigación e Innovación en TIC (INFOTEC).

A segunda é seu apoio decisivo à implantação do curso de especialização em Inteligência Competitiva e Gestão do Conhecimento, criado pelo Instituto Nacional de Tecnologia (INT), instituição com reconhecida experiência em informação tecnológica e fundadora do primeiro Centro de Informação Tecnológica (CIT) do Brasil. O Curso foi oferecido em associação ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do IbiCT, em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sua receptividade foi significativa, certamente devido à excelência do corpo docente, com a presença de professores estrangeiros, sobretudo Henri Dou e Luc Quoniam, aos quais o Brasil muito deve nessa área. Além desses dados, outros podem ser acrescentados, como a presença de alunos de grandes empresas nacionais e a circulação do curso, que foi oferecido em diferentes estados brasileiros em convênio com instituições locais, sobretudo universidades. Informações detalhadas podem ser obtidas no relatório completo, elaborado por Lillian Alvares (2010), alguns anos depois.

A dedicação e o esforço de José Rincon Ferreira para formação de recursos humanos em informação tecnológica e industrial ultrapassou o Brasil, sendo reconhecida pela Universidade Fernando Pessoa (Porto, Portugal), que em justa homenagem concedeu a ele o grau de Doutor Honoris Causa em Ciência da Informação, em 13 de junho de 2008. O nome de Rincon transcendeu o mapa brasileiro não somente em Portugal, mas especialmente na América Latina, a começar pelo seu mestrado em Porto Rico, além de consultorias e representações em missões no restante do continente.

Em todo caso, a dedicação de José Rincon Ferreira ao Brasil prevaleceu. Ele estabeleceu fortes laços profissionais na Amazônia com o Conselho Superior da Fapeam, Conselho de Administração do CT-PIM e CAPDA. Hoje é curador da mais importante premiação de apoio ao desenvolvimento amazônico, o Prêmio Prof. Samuel Benchimol e Banco da Amazônia de Empreendedorismo Consciente.

Ao repensarmos a trajetória profissional de Rincon, traçamos um mapa que começa em Pires do Rio/GO, onde nasceu, depois fixa

residência em Brasília, onde desenvolveu a maioria de suas atividades profissionais, circula mundo afora, desempenhando inúmeros papéis, e passa algum tempo na Amazônia, antes do bom guerreiro voltar ao seu porto seguro, Brasília. Nesse ínterim, foi agraciado com homenagens, prêmios e destaques nacionais e internacionais por seu legado à cooperação, à tecnologia e à informação.

Na medida em que fui escrevendo esta homenagem a José Rincon Ferreira, mesmo tendo com ele convivido e, sobretudo, compartilhado muitas atividades e desfrutando de sua amizade, percebi como ele é maior do que aquilo que ele mesmo permite enxergar. Não conhecia algumas dessas, como tenho certeza de que aqueles que não o conhecem bem desconhecem muitas ações por ele empreendidas – e não podem aquilatar a sua importância, não somente para informação tecnológica e industrial, mas para o nosso País. Ao constituir a cooperação de empresas e instituições em prol da informação tecnológica e industrial, além de promover cursos e estágios para profissionais da área, Rincon estabeleceu e articulou uma rede ampla e poderosa, que poderá, no futuro, contribuir para as necessárias mudanças e enfrentamento dos impasses do mundo contemporâneo, como as graves questões do meio ambiente que ameaçam a vida em nosso planeta. Se as indústrias são responsáveis pela poluição em variados níveis e intensidade, elas têm grande responsabilidade na renovação de modelos de produção. Nesse ponto, a obra de Rincon assume dimensão maior, por ter priorizado a informação na base das transformações tecnológicas imprescindíveis ao Brasil.

Finalmente, quem é este ser humano capaz de tanto e cujas ações são omitidas por sua humildade? Não me lembro de gestos arrogantes ou autoritários. Ao contrário, a bondade e a serenidade emanam de seu semblante, aprendidas talvez no seu tempo de seminário, que semeou o aprendizado na vida de um verdadeiro cristão.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Afrânio Carvalho. Informação e atividades de desenvolvimento científico, tecnológico e industrial: tipologia proposta com base em análise funcional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 20, n. 1, 1991. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/409>. Acesso em: 26 maio 2022.

ALVARES, Lillian (org.). **Cooperação franco-brasileira em inteligência competitiva**: parte 1: fragmentos históricos da origem e evolução da área no Brasil sob a perspectiva do setor público. [Brasília: UnB], mar. 2010. Disponível em: <http://lillianalvares.fci.unb.br/phocadownload/Apresentacoes/RelatorioIca.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.

ALVARES, Lillian Maria Araujo de Rezende; ITABORAHY, Anderson Luis Cambraia (org.). **Os múltiplos cenários da informação tecnológica no Brasil do século XXI**. Rio de Janeiro: Ibict, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/43602>. Acesso em: 16 fev. 2023.

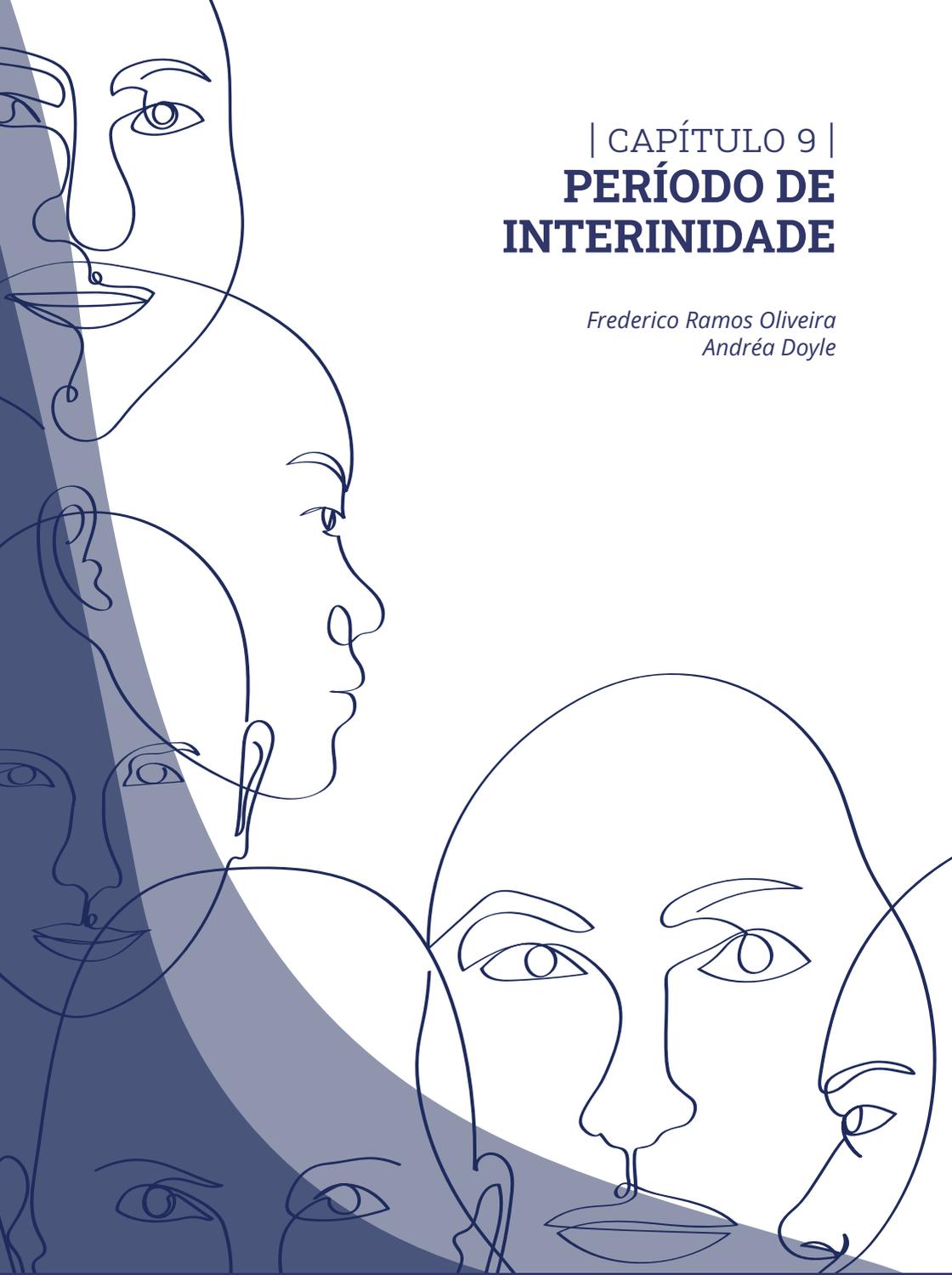
CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. 18. ed. São Paulo: Global, 2013.

FERREIRA, José Rincon. Ações do IBICT para a integração das atividades de informação tecnológica. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 20, n. 1, 1991. DOI: 10.18225/ci.inf.v20i1.408. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/408>. Acesso em: 26 maio. 2022.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Homenagem à José Rincon Ferreira. *In*: ALVARES, Lillian Maria Araujo de Rezende; ITABORAHY, Anderson Luis Cambraia (org.). **Os múltiplos cenários da informação tecnológica no Brasil do século XXI**. Rio de Janeiro: Ibict, 2021. p. 11-14. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/43602>. Acesso em: 16 fev. 2023.

Como citar o capítulo:

ALVARES, Lillian Maria Araujo de Rezende; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. José Rincon Ferreira. *In*: CUNHA, Daniela A. P. (org.). **Ibict 70 anos: um resgate histórico daqueles que fizeram o instituto**. Brasília, DF: Ibict, 2023. Cap. 8, p. 156-163. DOI: 10.22477/9786589167457.cap8 .

The background of the page is a complex line drawing of multiple human faces. The faces are drawn with simple black outlines and are arranged in a way that they overlap and interact. Some faces are shown in profile, while others are shown from the front. The drawing is set against a white background with a large, dark blue, curved shape on the left side that partially obscures some of the faces. The overall style is minimalist and artistic.

| CAPÍTULO 9 |
**PERÍODO DE
INTERINIDADE**

*Frederico Ramos Oliveira
Andréa Doyle*

INTRODUÇÃO

Na virada do atual milênio, a gestão do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) passou por um período de instabilidade. Diversas pessoas ocuparam a diretoria por pouco tempo, ou até mesmo de forma *pro tempore*, não tendo a oportunidade de imprimir sua marca na condução do instituto. O presente capítulo tem o objetivo de apresentar essas pessoas a partir de suas trajetórias profissionais, científicas e acadêmicas, comentando suas realizações.

O Ibict foi conduzido, entre setembro de 1999 e abril de 2005, por cinco diretores e uma diretora: Carlos Américo Pacheco (diretor interino de 03/09/1999 a 31/12/2000), Almiro Blumenschein (diretor de 13/03/2001 a 29/12/2001), Eloi de Souza Garcia (diretor interino de 29/12/2001 a 06/12/2002), Marisa Bräscher Basilio Medeiros (diretora de 06/11/2002 a 20/06/2003), Nilson Lemos Laje (diretor interino de 11/06/2003 a 29/04/2004) e Paulo Blanco Barroso (diretor interino de 29/04/2004 a 13/04/2005).

O presente trabalho tem caráter quanti-qualitativo e se vale de pesquisas documentais e bibliográficas para cumprir sua proposta e traçar um panorama geral do período de interinidade. Foram consultados os currículos dos diretores, assim como documentos públicos, textos jornalísticos e bases de dados públicas. O capítulo está estruturado de forma cronológica, de modo a favorecer uma leitura linear do período.

CARLOS AMÉRICO PACHECO

Nascido em Curitiba, em 1957, Carlos Américo Pacheco graduou-se em engenharia eletrônica pelo Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), na turma de 1979. Em 1983, concluiu especialização em Política Científica e Tecnológica, oferecida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Sua dissertação de mestrado, que discute a urbanização das regiões de Araraquara e São Carlos e sua relação com a economia cafeeira, foi defendida em 1988. Já o doutorado foi finalizado em 1996 e sua tese discute a desconcentração econômica no Brasil e a organização da economia regional pós-1980. Seu pós-doutorado foi realizado na Columbia University, nos Estados Unidos.

Pacheco foi professor na Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita (Unesp) entre 1983 e 1988. Desde 1988, é professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Entre 1999 e 2002, foi secretário executivo da Ordem Nacional do Mérito Científico, dentro do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). No período, atuou ainda como membro do conselho deliberativo do CNPq. Também atuou como presidente do Conselho de Administração da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) entre 1999 e 2003. Foi membro do Conselho de Administração do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (Impa) em 2001.

Carlos Pacheco recebeu, em 1998, o Prêmio Brasileiro Política e Planejamento Urbano e Regional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR). Foi condecorado com a Medalha Carnino Felipe da Comissão Nacional de Energia Nuclear, em 2000, e a Medalha Mérito Santos Dumont do Ministério da Defesa, em 2012, é Grão-Cruz da Ordem do Mérito Científico em 2000 e Grão-Mestre da Ordem do Mérito da Defesa em 2013. É, também, Comendador da Ordem do Mérito Aeronáutico em 2000 e Grande Oficial da Ordem do Rio Branco em 2000.

Em 2011, tornou-se reitor do ITA. Desde 2016, foi diretor-presidente do Conselho Administrativo da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP). Pacheco participou de diversos conselhos consultivos e deliberativos relacionados à pesquisa e à inovação, atuando, ainda, em órgãos e autarquias de todas as esferas do Poder Executivo. Enquanto Secretário Executivo do MCT, Pacheco foi diretor interino do Ibict entre 03 de setembro de 1999 e 31 de dezembro de 2000. Sua gestão foi marcada pela dedicação do instituto à pesquisa sobre a sociedade da informação, especialmente a publicação do livro *Sociedade da Informação no Brasil: Livro Verde* (TAKAHASHI, 2000).

À época, o Grupo de Implementação do Programa Sociedade da Informação reunia pesquisadores de universidades, associações e institutos de pesquisa de todo o país. O Ibict era um dos participantes de tal projeto, apoiando tanto administrativamente como academicamente o programa. Carlos Pacheco participou de reuniões do Programa Sociedade da Informação, realizadas em 13 meses. O organizado por Takahashi (2000) sintetiza as contribuições dele, do Ibict e de diversos pesquisadores brasileiros.

ALMIRO BLUMENSCHIN

Nascido em Araguari, em 1932, o engenheiro agrônomo Almiro Blumenschein formou-se em 1954 pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (USP). Em 1957, defendeu o doutorado com uma tese relatando estudos citológicos em orquídeas, também na USP. Blumenschein defendeu o segundo doutorado em 1961, esse na University of North Carolina, que investigava cromossomos responsáveis por diferentes tipos de milho. Ainda em 1961, tornou-se livre-docente da USP.

Seu estudo sobre aspectos genéticos do milho resultou no livro *The Chromosomal Constitution of Races of Maize*, que é considerado seminal. A publicação é assinada em conjunto com sua orientadora de doutorado, Barbara McClintock, e Takeo Ángel Kato em 1981. Participou de organizações internacionais como o Consultative Group for International Agricultural Research (CGIAR), o Centro Internacional de Mejoramiento de Mays y Trigo, a West Africa Rice Development Association, a Agency for Agricultural Research and Development, dentre outros. Tornou-se professor titular da USP em 1975, onde continuou lecionando até 1985, quando se aposentou. Em 1997, tornou-se professor da Universidade Federal de Goiás (UFG). Também atuou como docente da Faculdade Lions, em Goiânia, onde coordenou o Núcleo de Negócios.

Recebeu o prêmio Epiácio Pessoa em 1955, oferecido pela USP. Em 1974, foi condecorado com a Medalha do Jubileu de Prata pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Recebeu a Comenda do Rio Branco em 1984, a Comenda da Ordem Nacional do Mérito Científico, em 1996, e a Medalha do Mérito Científico, em 2000. Em 2004, o laboratório de aulas práticas de genética da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da USP foi denominado como Sala Almiro Blumenschein. O pesquisador foi reconhecido pelo governo indonésio por sua relevante contribuição à agricultura local, em 1992. Em 1981, foi laureado, ainda, com o Distinguished Service in the Cause of Human Welfare pelo Centro Internacional de Agricultura Tropical.

Foi assessor da FAPESQ (1968-1979), diretor-executivo da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), entre 1974 e 1979, diretor-executivo da Fundação de Apoio à Pesquisa da UFG, de 1995 a 2001, e diretor de programas temáticos e setoriais do CNPq (2000-

2001). Atuou em conselhos e em funções de consultoria na Sociedade Goiana de Agricultura e Pecuária (SGPA), na Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba, na Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo e na McKnight Foundation. Entre 13 de março e 29 de dezembro de 2001, foi diretor do Ibict.

Durante seu período como diretor, Blumenschein iniciou um processo de reestruturação do instituto, que não foi finalizado. Como diretor, colaborava com um periódico da *Ciência da Informação*, “programas e atividades em andamento no Instituto estão sendo avaliados e revistos, e novos programas e ações estão sendo propostos e implementados.” (BLUMENSCHHEIN, 2001b). Naquele contexto, o Programa de Informação para Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação (Prossiga), então sob responsabilidade do CNPq, era transferido para o Ibict (BLUMENSCHHEIN, 2001b). No entanto, tal transferência foi complicada, o que resultou em conflitos internos no instituto.

Em sua gestão no Ibict, a revista *Ciência da Informação* ganhou nova marca, que buscava refletir novos paradigmas na comunicação científica e na tecnologia da informação (BLUMENSCHHEIN, 2001a, p. 5). Além disso, foi proposta a Biblioteca Digital Brasileira, repositório de publicações científicas *on-line*. O sistema buscava “[...] disponibilizar, em um mesmo ambiente virtual, os mais importantes serviços de informação do país e esforços similares do exterior.” (BLUMENSCHHEIN, 2001b).

Almir Blumenschein faleceu em outubro de 2019, deixando relevante legado científico na pesquisa agrônômica. Sua pesquisa sobre a genética do milho foi reconhecida internacionalmente e originou diversas linhas de investigação. Sua colaboração em organismos nacionais e internacionais ilustram a rede de pesquisas criada por ele. No Ibict, sua gestão foi marcada pelo início da reestruturação do instituto.

ELOI DE SOUZA GARCIA

Nasceu em 1944 em Santa Rita do Sapucaí, Minas Gerais. É médico veterinário formado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), no ano de 1967. Tornou-se doutor em 1978, defendendo a tese *Enzimas proteolíticas de Rhodnius Prolixus: importância, caracterização e proliferação* na Escola Paulista de Medicina, hoje Universidade

Federal de São Paulo (Unifesp). Realizou três estágios de pós-doutorado, sendo um ano no National Institute Of Health (1979-1980) e dois períodos no Instituto Max Plank (1985 e 1988). Foi professor na Universidade Federal Fluminense (UFF), na Unifesp e pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Eloi Garcia é membro da Academia Brasileira de Ciências desde 1987. Participa da Academia Brasileira de Medicina Veterinária desde 1996. Entre 1988 e 1995, foi membro Steering Committee of Chagas Disease da Organização Mundial da Saúde (OMS). Participou de diversas comitivas internacionais do governo brasileiro e recebeu o título de Comendador da Ordem Nacional do Mérito em Ciência e Tecnologia em 2000. No mesmo ano, foi condecorado com a Medalha de Ouro Oswaldo Cruz. Em 2002, recebeu a Medalha Jorge Careli de Direitos Humanos e, em 2009, a Medalha do centenário da UFRJ.

Entre 1989 e 1993, editou as Memórias de Oswaldo Cruz. Entre 1990 e 2001, foi um dos membros da presidência da Fiocruz, e entre 2001 e 2002 atuou no MCT. Foi diretor do Ibict entre 29 de dezembro de 2001 e 06 de dezembro de 2002. Sua gestão no instituto foi marcada pela consolidação do Prossiga no âmbito do instituto e, ainda, pelo projeto da Biblioteca Digital Brasileira. Também foi o período de reorganização interna e mediação de conflitos.

Em sua gestão teve início o projeto Gestão Estratégica da Informação para Inovação, o G-Inova, que buscava atender micro, pequenas e médias empresas. Objetivava “o preenchimento de lacunas e gargalos tecnológicos relacionados principalmente às necessidades informacionais das empresas, com um foco especial na pauta de exportação” (GARCIA, 2002, p. 5). Tal projeto reunia o Ibict, o Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), a Confederação Nacional de Indústria (CNI), o Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) etc.

MARISA BRÄSCHER BASILIO MEDEIROS

Marisa Bräscher Basílio Medeiros é professora e pesquisadora com sólida carreira e importante contribuição para a ciência da informação. Além da docência e da pesquisa, ela ocupou importantes cargos de

gestão não só no Ibict, como também sendo coordenadora de área para as Ciências Sociais Aplicadas 1 – antigo nome da área de Comunicação e Informação –, na Coordenação de Acompanhamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), e foi presidenta da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB).

Graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília (UnB) no ano de 1980, Marisa Bräscher seguiu direto para o mestrado, durante o qual foi orientada pelo professor doutor Ulf Gregor Baranow. Na época, os mestrados duravam quatro anos e eram majoritariamente orientados por professores doutores estrangeiros, que vinham capacitar as futuras mestras e mestres em Ciência da Informação. Sua pesquisa, intitulada *Terminologia Brasileira da Ciência da Informação* (MEDEIROS, 1985), defendida em 1985, foi agraciada com o Prêmio Rubens Borba de Moraes, oferecido pela Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF).

Para seu doutorado, Marisa escolheu pesquisar automação e recuperação da informação. Ela iniciou sua formação em 1995, na UnB, sob orientação de Enilde Faulstich, e fez um período sanduíche de dois anos na Université de Nice Sophia Antipolis (França), sendo orientada por Henri Zinglé. Sua tese, intitulada *Tratamento Automático de Ambigüidades na Recuperação de Informações* (MEDEIROS, 1999), foi defendida em 1999.

Em 2002, Marisa ingressou como docente na UnB e deu aulas nos cursos de Biblioteconomia na graduação e de Ciência da Informação na pós-graduação. Nessa época, seu interesse de pesquisa e ensino se voltava para as áreas de análise da informação, indexação e tesouros.

Já em 2011, Marisa Bräscher se mudou para Santa Catarina e iniciou sua docência na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) até sua aposentadoria, em 2019. Ela atuou na graduação em Biblioteconomia e na pós-graduação em Ciência da Informação, assumindo a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN) da UFSC entre 2012 e 2014.

Ao longo de sua carreira acadêmica, Marisa Bräscher produziu⁹ 40 artigos, 2 livros, 20 capítulos, prefácios ou traduções. Ela fez mais

⁹ Dados coletados do currículo Lattes de Marisa Bräscher em 8 de abril de 2022. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8951909489273046> Acesso em: 8 abr. 2022.

de 50 comunicações em congressos, entre trabalhos publicados em anais e apresentações orais. Além disso, desenvolveu softwares e sistemas de organização do conhecimento, especialmente para produção de tesouros.

Marisa Bräscher tem em seu currículo¹⁰ 49 orientações de trabalho de conclusão de curso (TCC), quatro orientações de Iniciação Científica (IC), 26 dissertações de mestrado, sete de doutorado, e uma supervisão de estágio pós-doutoral. Também desenvolve, desde 2004, diversos projetos de pesquisa sobre tesouros, ontologias, taxonomias e tratamento temático da informação. Ademais, ela é avaliadora de diversos periódicos do campo, além de ser revisora de projetos de pesquisa nas principais agências de fomento nacionais. Sua trajetória acadêmica é especialmente relevante para a área da organização do conhecimento e representação da informação.

Durante a pesquisa de mestrado, em 1982, Marisa Bräscher entrou para o Ibict como servidora tecnologista. Na chegada do novo milênio, atuou como diretora adjunta por um ano, entre setembro de 1999 e setembro de 2000. Nessa capacidade, ela promoveu a reformulação do design tanto da logomarca do Ibict quanto da revista *Ciência da Informação*, entendendo-a como “[...] o produto mais tradicional do Instituto [...]” (MEDEIROS, 2000). Segundo ela, a nova representação estética veio para acompanhar as mudanças nas Tecnologias da Informação e da Comunicação aceleradas nesse momento.

Pouco tempo depois, Bräscher foi nomeada para a direção do Ibict, em novembro de 2002, cargo que ocupou até junho do ano seguinte. Apesar das instabilidades no instituto e do pouco tempo de gestão, a ela se atribuem algumas importantes realizações, como o Sistema de Informação em Tecnologia Básica Industrial (Sistib) e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

O Sistib foi um projeto que propunha ser uma base na web que juntasse as ofertas e as demandas por tecnologias industriais no país. Quando lançado, disponibilizava

[...] informação sobre aproximadamente 6 mil serviços de mais de 300 instituições ofertantes de serviços tecnológicos.

10 Dados coletados do currículo Lattes de Marisa Bräscher em 8 de abril de 2022. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8951909489273046> Acesso em: 8 abr. 2022.

Oferece possibilidades de busca, bem como navegação em tabelas estatísticas por tipo de serviços, setores da indústria e região.” (SUAIDEN, 2007, p. 43).

Embora seu lançamento tenha sido realizado posteriormente ao término da gestão de Marisa Bräscher, ela teve papel essencial na definição do sistema.

Posteriormente, o Sistib deu origem ao site, existente até hoje, para armazenamento e disponibilização de Avaliação do Ciclo de Vida (ACV). A ACV é um estudo que avalia o impacto de um produto desde as origens, como a extração das matérias-primas até seu descarte e decomposição, sendo um importante vetor de soluções mais sustentáveis para a cadeia produtiva nacional.

Já a BDTD foi um projeto ousado e colaborativo, que teve diversas fases e contou com importante financiamento da Finep (SOUTHWICK, 2006). Inicialmente, em 2001, o Ibict formou “[...] um grupo de estudo para analisar questões tecnológicas e de conteúdo relacionadas com a publicação de teses e dissertações em texto integral na Internet.” (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2022).

Diversas instituições participaram dos trabalhos que tinham o objetivo de estabelecer um Padrão Brasileiro de Metadados de Teses e Dissertações (MTD-BR). A USP, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) e a UFSC, membros do grupo de estudo que já estavam desenvolvendo seus repositórios digitais, participaram de um projeto-piloto para testar o padrão. Diante do sucesso da iniciativa, foi lançado, em abril de 2003, o Sistema de Publicação de Teses e Dissertações (TEDE), testado em outras quatro universidades, sendo estabelecido como padrão nacional e que seria implantado em todo o território nacional na sequência. Mesmo sendo um projeto iniciado antes e continuado depois de sua gestão, Marisa Bräscher contribuiu amplamente para o desenvolvimento da BDTD.

A gestão de Marisa Bräscher, apesar de curta, foi importante para a articulação do Ibict com outras instituições. Ela participou de diversos eventos do campo, amplificando a centralidade do instituto nas discussões sobre informação científica e tecnológica. Além disso, continuou participando da gestão do instituto mesmo depois, exercendo importante papel no planejamento estratégico da instituição

e na elaboração de seu *Plano Diretor* de 2011-2015 (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2006).

NILSON LEMOS LAGE

O Ibict “surgiu como alavanca do progresso, função maior da informação, então, agora e sempre” (LAGE, 2003). Assim sintetizou Nilson Lage, ao comemorar o cinquentenário do instituto em editorial na *Ciência da Informação*. Sua gestão no Ibict começou em 11 de junho de 2003 e seguiu até 29 de abril de 2004. Foi marcada por uma profunda reestruturação do Ibict e suas atuações e, ainda, pelo encerramento do complexo projeto Prossiga.

Nilson Lage nasceu no Rio de Janeiro, em 1936. Começou a carreira como repórter do *Diário Carioca*, no ano de 1955. Em 1977, graduou-se em Letras, tendo finalizado o mestrado em 1978. Seu doutorado foi concluído em 1986, com pesquisa sobre semântica. Lage foi um pesquisador do texto jornalístico e sua sintaxe, organizando diversos manuais utilizados ainda hoje nos cursos de graduação.

Foi docente do curso de jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) entre 1977 e 1991. Lecionou ainda na UFF, entre 1970 e 1988. Também foi professor nas universidades Estácio de Sá, Gama Filho, na UFSC, entre outras. Sua aposentadoria se deu na UFSC, por ter completado a idade máxima para trabalho como servidor público.

Sua carreira jornalística, que iniciou no *Diário Carioca*, seguiu pelo *Jornal do Brasil*, pelo *Última Hora*, pela revista *Manchete* e *O Globo*. Lage colaborou, ainda, na TVE do Rio de Janeiro, participou de comissão de avaliação do curso de jornalismo na Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação, foi membro de comissões no Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e na Finep. Tornou-se membro da Academia Brasileira de Jornalismo Científico em 2005 e foi finalista do Prêmio Jabuti em 2006.

Quando indicado para a direção do Ibict, recebeu a incumbência de promover mudanças significativas no instituto. Como descreve o então ministro da ciência e tecnologia, Roberto Amaral, em editorial para a *Ciência da Informação*:

[...] o IBICT está mudando. Cabe-me ao professor Nilson Lage, um executivo e acadêmico que convoquei para essa empreitada, dar o passo inicial para transformar nossa instituição em órgão ágil, com produtos eficientes, e comprometido com os programas sociais do governo [...]. A agilidade é, aí, pré-condição para a estabilidade institucional em um meio que continuará a mudar permanentemente.

Tudo terá de ser feito com a melhor relação custo-benefício possível, com o maior entrosamento possível com os demais centros de pesquisa e as universidades, tendo por público-alvo não apenas cientistas e pesquisadores, mas igualmente aqueles que se podem beneficiar da informação científica e tecnológica – empresários, líderes comunitários, formadores de opinião, professores, estudantes, pais, mães, filhos, cidadãos (AMARAL, 2003, p. 5).

Amaral (2003) destaca, em seu editorial, um contexto complexo de transformações, como aponta o ministro, a

[...] instituição quase cinquentenária, enfrentou transformações tecnológicas em ritmo vertiginoso e períodos de instabilidade administrativa que certamente consolidaram relações e sentimentos que reforçam o desejo da permanência, da estabilidade. (AMARAL, 2003, p. 5).

A gestão de Lage promoveu, assim, algumas mudanças significativas na organização do IbiCT.

O ex-diretor faleceu em agosto de 2021, deixou uma diversidade de publicações que fundamentam o ensino do jornalismo no país. É autor de *A estrutura da notícia, teoria e técnica do texto jornalístico* e *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e Pesquisa jornalística*, entre outros. Sua relevância na pesquisa em jornalismo fez com que a revista *Estudos em jornalismo e mídia* abrisse chamada para um dossiê póstumo, reunindo as contribuições do autor na área. No IbiCT, Lage deu prosseguimento a um processo de reestruturação das funções do instituto.

PAULO BLANCO BARROSO

Nascido em 1948, na cidade de São Paulo, possui graduação em Física pela Universidade de Brasília, em 1971. Paulo Blanco Barroso é

mestre em informática pela PUC-Rio, tendo defendido sua dissertação em 1975. Iniciou o curso de doutorado em 1976, interrompendo-o em 1979. Entre 1973 e 1975, foi gerente de banco de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Trabalhou no Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro) entre 1976 e 1979.

Coordenou a assessoria de informática do Ministério Público do Trabalho entre fevereiro e abril de 1996, e, de novembro de 2001 a março de 2003, atuou na coordenação do projeto do Cartão Nacional do SUS. Foi Coordenador Geral de Desenvolvimento Institucional e Tecnologia do Ministério do Trabalho, de abril de 2003 a abril de 2004, quando assumiu a direção do Ibict. Posteriormente, atuou no governo do Distrito Federal.

Foi professor de cursos de extensão em informática na PUC-Rio, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tendo ministrado aulas na graduação na PUC-Rio e no Centro Universitário de Brasília (CEUB) - Faculdade de Tecnologia. Atuou como consultor do Centro de Informática da UnB entre 1998 e 2003. Ainda desenvolveu projetos na iniciativa privada e atuou como consultor na área de tecnologia da informação.

Foi o gestor do Ibict entre 29 de abril de 2004 e 13 de abril de 2005. Sua gestão foi marcada pela reestruturação técnica, organizacional e administrativa do instituto. Teriam início, ali, práticas que seriam consolidadas pelo próximo diretor. Foi por meio dele que a revista *Ciência da Informação* tornou-se totalmente digital. Destaca-se também o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), tradução do *Open Journal Systems* (OJS), disponibilizada pelo Ibict naquele ano (BARROSO, 2004). Foi o último diretor interino do instituto, sendo sucedido por Emir José Suaiden.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre 1999 e 2005, a gestão do Ibict foi dividida entre diretorias interinas, com pequenos mandatos, o que limitou a extensão de sua atuação. Tal período foi marcado pela pressão ministerial por uma reestruturação do instituto, bem como tensões internas advindas de tal processo. No entanto, foi também um período de excelência de pesquisa, com a efetiva participação do instituto nas publicações

científicas brasileiras. Da participação nos estudos sobre sociedade da informação à implantação da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, o IBICT cumpriu seu papel de disseminar a informação científica sobre ciência e tecnologia.

No início dos anos 2000, o Ibict participou ativamente dos estudos sobre a sociedade da informação, dentro do projeto homônimo. Tal participação está sintetizada no Livro Verde, que apresenta contribuições de pesquisadores do instituto e é fruto da colaboração desses com outros investigadores de diversos grupos de pesquisa. Vale ressaltar que o grupo de trabalho moldou os debates sobre a sociedade da informação em nosso país, assim como determinou critérios para execução do referido projeto.

Posteriormente, a movimentação para a implantação de um repositório digital consolidado na gestão de Marisa Bräscher permitiu a reunião da pesquisa brasileira em um único ambiente, disponível gratuitamente e com alimentação colaborativa. A BDTD marca a pesquisa brasileira, que dispõe, a partir de então, de uma fonte de informações de literatura cinzenta e outros tipos de produção científica. Ênfase semelhante deve ser dada ao SEER, sistema que apoiou a digitalização dos periódicos brasileiros e garantiu sua adequação aos novos contextos de pesquisa em ambientes digitais. Tal plataforma permitiu, inclusive, que o periódico *Ciência da Informação* fosse publicado em uma edição 100% *on-line*.

Além disso, foi um período de mudanças significativas na gestão administrativa do instituto. Seja pela inserção do Prossiga como projeto desenvolvido pelo Ibict ou a reestruturação encampada pelas gestões interinas, tal contexto não foi livre de desafios. O instituto, porém, se reafirmou como espaço de pesquisa e inovação, desenvolveu estratégias de gestão para solucionar conflitos relacionados a esse contexto conturbado e, ainda, manteve seu papel essencial para a ciência brasileira.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Roberto. Editorial. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 2, p. 5, maio/ago. 2003. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1000>. Acesso em: 16 fev. 2023.

BARROSO, Paulo Blanco. Revista Ciência da Informação 100% eletrônica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 1, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1062/1148>. Acesso em: 16 fev. 2023.

BLUMENSCHNEIN, Almiro. A revista Ciência da Informação ante o novo contexto da comunicação científica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 5, maio/ago. 2001a. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/918>. Acesso em: 16 fev. 2023.

BLUMENSCHNEIN, Almiro. O IBICT ante os novos paradigmas da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, jan./abr. 2001b. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/932>. Acesso em: 16 fev. 2023.

GARCIA, Eloi de Souza. Editorial. **Ciência da Informação**, v. 31, n. 1, p. 5, 2002. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/972>. Acesso em: 16 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Plano Diretor 2011-2015**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2006. Disponível em: http://sitehistorico.ibict.br/sobre-o-ibict/copy2_of_IBICTPDU2011201513.04.2011Versofinal.pdf. Acesso em: 16 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Assuntos. Informação para Pesquisa. **BDTD**: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Histórico. Publicado em: 2 ago. 2021. Atualizado em: 6 abr. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/ibict/pt-br/assuntos/informacao-para-a-pesquisa/bdtd>. Acesso em: 16 fev. 2023.

LAGE, Nilson Lemos. Um sonho de meio século. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, set./dez. 2003. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/983>. Acesso em: 16 fev. 2023.

MEDEIROS, Marisa Bräscher Basílio. Revista Ciência da Informação 2000. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 1, jan./abr. 2000. Disponível em <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/893>. Acesso em: 16 fev. 2023.

MEDEIROS, Marisa Bräscher Basílio. **Terminologia brasileira em ciência da informação**. 1985. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação) – Universidade de Brasília, Brasília, 1985.

MEDEIROS, Marisa Bräscher Basílio. **Tratamento automático de ambigüidades na recuperação da informação**. 1999. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) — Universidade de Brasília, Brasília, 1999. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34370>. Acesso em: 16 fev. 2023.

SOUTHWICK, Sílvia Barcellos. The Brazilian electronic theses and dissertations digital library: providing open access for scholarly information. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 103-110, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1145>. Acesso em: 16 fev. 2023.

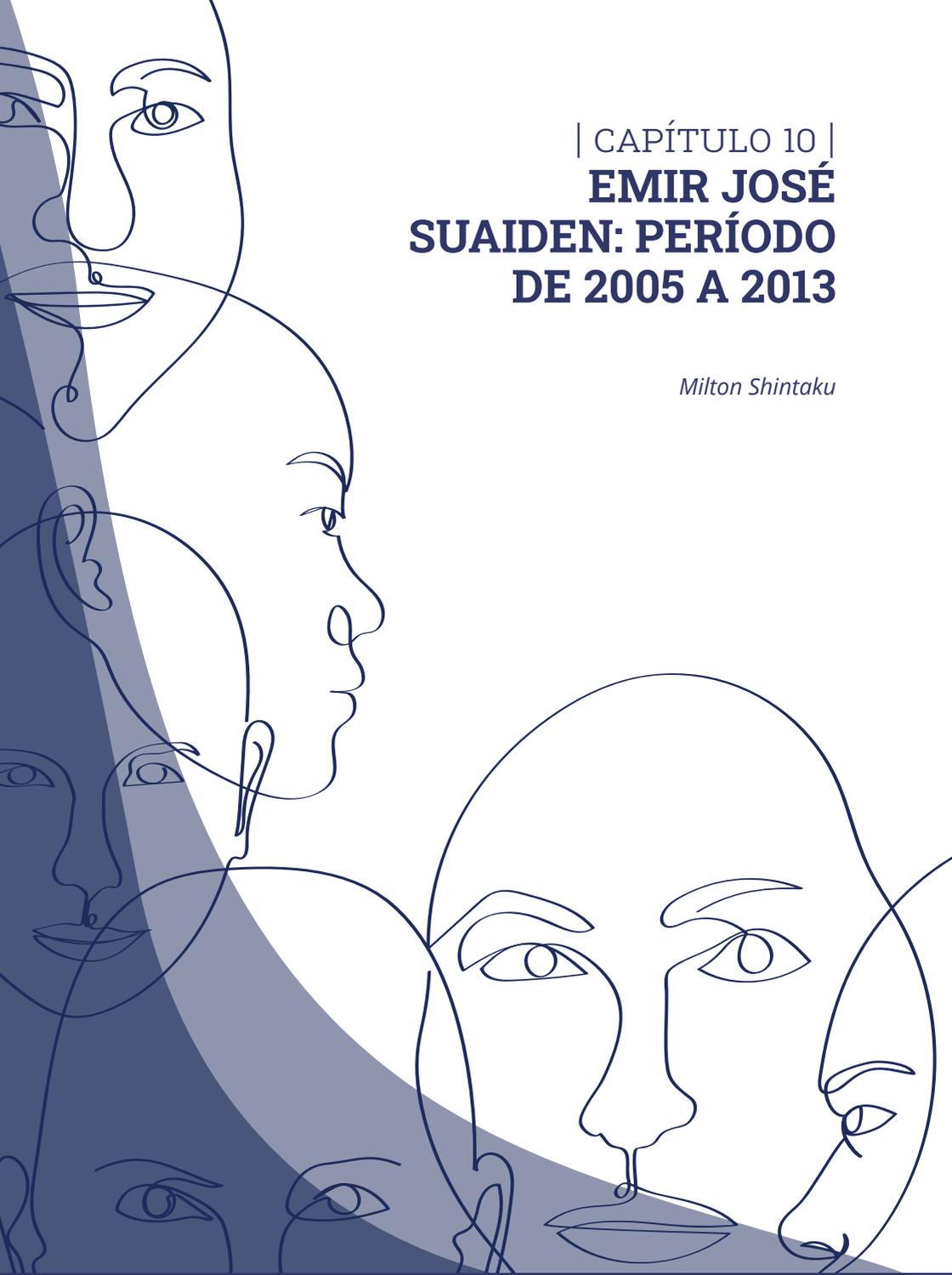
SUAIDEN, Emir José. Informação científica e tecnológica: a web e a teia da vida. **PontodeAcesso**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 30-52, jun. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/1397>. Acesso em 16 fev. 2023.

TAKAHASHI, Tadao (org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, set. 2000. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/handle/1/434>. Acesso em 16 fev. 2023.

Como citar o capítulo:

OLIVEIRA, Frederico Ramos; DOYLE, Andréa. Período de interinidade. *In*: CUNHA, Daniela A. P. (org.). **Ibict 70 anos: um resgate histórico daqueles que fizeram o instituto**. Brasília, DF: Ibict, 2023. Cap. 9, p. 164-178. DOI: 10.22477/9786589167457.cap9 .



The background of the page is a complex line drawing of human faces. The faces are drawn with simple black outlines and are arranged in a layered, overlapping fashion. Some faces are shown in profile, while others are frontal. The drawing is set against a dark blue gradient that is lighter on the left and darker on the right. The overall style is minimalist and artistic.

| CAPÍTULO 10 |
**EMIR JOSÉ
SUAIDEN: PERÍODO
DE 2005 A 2013**

Milton Shintaku

INTRODUÇÃO

A história do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), desde os tempos do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), foi construída pelas ações de seus colaboradores, que trazem de suas experiências pessoais o aporte necessário à sua execução. Dentro dessa história, há homens e mulheres que brilham em suas carreiras e vida pessoal, contribuindo para o engrandecimento do instituto.

Com a digitalização, algo ficou claro, uma instituição é feita dos resultados das atividades das pessoas, tanto que têm aparecido organizações virtuais que reúnem profissionais sem, necessariamente, um prédio com salas, mobiliário etc. Da mesma forma, no Ibict, mais que os seus prédios, a sua equipe é que faz a diferença, e os resultados das suas atividades administrativas e de pesquisa e ensino o colocam como inovador e precursor, principalmente na ciência da informação.

Assim, as histórias de vida dos colaboradores do Ibict ajudam a construí-lo, e muitos desses colaboradores acabam ficando no anonimato, mesmo que tenham apoiado muitas atividades executadas. Outros são reconhecidos, visto a sua posição na administração do instituto ou mesmo em razão dos resultados obtidos nas pesquisas ali efetuadas. Em todos os casos, tanto na pesquisa, quanto na administração do instituto, contar a história dos dirigentes é, em parte, contar a história de todos que colaboraram para a sua melhoria.

Nesse caminho, falar sobre o professor doutor Emir José Suaiden, diretor do Ibict por dois mandatos – de 2005 a 2013 –, é falar da estabilização do instituto depois de um período de interinidades, com vários diretores que permaneceram por pouco tempo. Com isso, propiciou um ambiente fértil para novas ideias de gestão e pesquisa, com orientações que apoiaram as diretorias que se sucederam.

Dito isso, este capítulo engloba a biografia de Emir José Suaiden, sua trajetória profissional, sua atuação no Ibict, além das imensas contribuições à ciência da informação e à biblioteconomia, embora não seja tarefa simples tentar, em apenas algumas páginas, relatar um pouco de todas essas facetas.

EMIR JOSÉ SUAIDEN

Toda pessoa é multifacetada, podendo se destacar em alguns papéis que assume em sua vida diária, mesmo que esses papéis se mesclêm e nem sempre seja possível separar um do outro. Assim, torna-se um desafio discorrer sobre estes três papéis desempenhados pelo professor Emir José Suaiden: homem, professor e diretor do Ibict.

Biografia

Pode-se dizer que a história do professor Emir começa no Líbano, a partir da história de seu pai, o professor Elias Suaiden, que, em 1915, migrou para o Brasil, assim como tantos outros compatriotas, em busca de uma vida melhor. Conforme a história do Líbano, em 1915, o país ainda estava sob o domínio turco, passando por um processo de transição para colônia francesa, que se estabeleceu em 1918, uma época violenta e problemática, quando muitos libaneses emigraram para outros países.

De acordo com relatos do professor, a decisão de Elias Suaiden vir ao Brasil foi motivada pela violência ocorrida em sua vila, onde o seu pai – avô do professor Emir –, também chamado Elias, foi assassinado. Ele viajou de navio, como todos os migrantes da época, sem dinheiro para pagar a passagem; viagem que foi paga com trabalho no próprio navio. Quando emigrou, o Líbano não existia ainda como país e é possível que tenha entrado como turco em terras brasileiras, da mesma maneira que os sírios, o que provocou muitas desavenças, já que a Turquia era considerada, pelos sírio-libaneses, um país invasor.

Em vista disso, o professor Emir junta-se a tantos outros descendentes importantes do que hoje é o Líbano, com ênfase na política, como o ex-presidente Michel Temer, por exemplo.

Voltemos, no entanto, ao relato sobre a vinda de seu pai, Elias Suaiden, ao Brasil. Este estabeleceu-se, inicialmente, em Penápolis, interior do Estado de São Paulo, onde vendia sorvetes na rua para se manter. Penápolis, à época uma recém-emancipada cidade¹¹, atraía

11 A emancipação de São José do Rio Preto ocorreu em 1913.

muitos migrantes, como todas as cidades do oeste paulista, devido ao ciclo do café. Por isso, havia mais migrantes estrangeiros – de origens diversas, como japoneses, alemães, letões, italianos, entre tantos outros – naquela região do que brasileiros natos.

Nessa trajetória, em 1925, conheceu Chamen Abeid, também de origem árabe, com quem se casou e teve cinco filhos, em ordem: Jamil, Meire, Ivone, Samir e o mais novo, Emir José Suaiden. Para as primeiras gerações de imigrantes, o casamento com pessoas da mesma etnia facilitava muito, por questões linguísticas e de costumes. Em uma época de pouca circulação de informações sobre outros países, suas línguas e seus costumes, o impacto cultural era ainda maior.

Posteriormente, Elias Suaiden mudou-se para Mandaguari, cidade do norte do Estado do Paraná, que, por conta da ação de companhias inglesas, era originalmente chamada de Lovat, em honra ao Lord Lovat (Simon Frazer). Mandaguari, mesmo nome de uma espécie de abelha nativa brasileira, cujo habitat é próximo ao ribeirão que cerca a cidade, foi distrito de Londrina e depois passou a pertencer à comarca de Apucarana, tornando-se município apenas em 1947.

Emir José Suaiden, filho mais novo de Elias e Chamen Suaiden, nasceu em 13 de agosto de 1946, em Mandaguari, quando ainda pertencia à comarca de Apucarana, mas crescia tanto que veio a se tornar uma das maiores cidades do norte do Paraná na década de 1940, como apresenta o Portal de Memória Paranaense¹². Exemplo disso, Maringá já pertenceu a Mandaguari, que era uma das únicas cidades a ter um aeroporto.

Em 1956, a família Suaiden mudou-se novamente, agora para Bauru, no Estado de São Paulo, onde o jovem Emir cursou o primeiro e o segundo graus, que, na época, eram denominados de primário, ginasial e científico, clássico ou normal, posteriormente chamado de colegial. Bauru, na década de 1950, era uma cidade vibrante com o início da industrialização, marcada pela inauguração da Companhia Antarctica Paulista em 1950 e avanços em várias áreas.

12 WILLE, José (ed). Mandaguari foi a maior comarca do Norte do Pará. **Portal Memória Paranaense**. [S. l.]: Portal Memória Paranaense, c2023. Disponível em: <https://memoriaparanaense.com.br/2022/06/28/memoria-mandaguari-foi-a-maior-comarca-do-norte-do-parana-nos-anos-1940/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

Aos 18 anos, em 1964, já com o secundário concluído, o jovem Emir mudou-se para Brasília, em uma época conturbada pelo início do período de intervenção militar. Por ser a capital do país, o ano de 1964 teve vários acontecimentos, como a ocupação da Universidade de Brasília (UnB), por tropas militares. Mesmo assim, indiferente às questões políticas, Brasília continuava sendo um polo de atração de profissionais em busca de realizações.

Ao final da década de 1960, Emir Suaiden ingressou na lista dos colaboradores da Biblioteca Central (BCE) da UnB, no serviço de circulação, parte da história viva de uma instituição de ensino superior ainda em criação. Tanto que, como relata Volpini (1973; 1974), a BCE, mesmo tendo sido criada por meio do Decreto nº 1872, de 12 de dezembro de 1962, teve o seu espaço próprio, ainda que provisório, apenas em 1964, tendo, a construção do prédio atual, sido iniciada apenas em 1970. Ou seja, o então bibliotecário Emir iniciou os seus trabalhos na BCE quando ainda ocupava provisoriamente o prédio SG-12, que, na atualidade, abriga os laboratórios de engenharia.

Em 1971, formou-se em Biblioteconomia e casou-se com a também bibliotecária Vanda Suaiden, constituindo uma família composta de quatro filhos: Leila, Silvana, Elias e Cintia. A família cresceu com os netos, Rania, Jade e Yasmim, filhas da Leila e Ângela, Fernanda e Daniel, filhos da Silvana. Uma história de família vitoriosa, como de outras pessoas que escolheram Brasília para dar prosseguimento à vida.

Em sua trajetória na UnB, iniciada em 1966, o professor Emir José Suaiden atuava no setor de intercâmbio, o que pode tê-lo impactado, visto ter se graduado em Biblioteconomia com a monografia intitulada *O Intercâmbio em Bibliotecas e Centros de Documentação*, que, em 1972, foi publicada como livro, com título homônimo, pela Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF). No prefácio da 3ª edição dessa obra, publicada pela Editora Palas em convênio com o Instituto Nacional do Livro do Ministério da Educação e Cultura, Myriam Gusmão de Martins ressalta a experiência do autor como chefe da Seção de Intercâmbio da BCE da UnB.

Vida acadêmica

Como já foi dito, o professor Emir Suaiden formou-se como bacharel em Biblioteconomia pela UnB em 1971, já atuando na BCE da UnB, que rendeu a publicação da sua monografia na forma de livro. Esse fato o coloca como pioneiro, visto que o curso de Biblioteconomia na UnB tem sua primeira turma formada em 1967, quatro anos antes da sua formatura. Nessa mesma época, ele passa a dirigir o Programa Nacional de Bibliotecas do Instituto Nacional do Livro.

Seguindo a vida acadêmica, o professor Emir cursou o mestrado em Ciência da Informação na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), orientado pelo professor Roberto Jarry Richardson, e com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Sua dissertação, intitulada *Biblioteca Pública: Desempenho e Perspectiva*, cujo texto completo está disponível *on-line* no Repositório Institucional da UnB, trata da biblioteca pública no Brasil e foi defendida em 1980. Esse trabalho apresenta indícios da sua preocupação com o social, em que a biblioteca se insere, viés que acompanha a sua vida acadêmica de várias maneiras. Além disso, esse trabalho estava alinhado com o Instituto Nacional do Livro, onde o professor Emir era diretor do Programa Nacional de Bibliotecas. Na época, segundo ele, foram obtidos financiamentos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação para o programa, de forma a fortalecer as bibliotecas públicas estaduais, para que pudessem ser o ponto focal estadual do Sistema Nacional de Bibliotecas.

O doutoramento, por sua vez, foi desenvolvido na Espanha, em 1989, na Universidad Complutense de Madrid, uma das mais antigas do mundo, fundada em 1499, sendo considerada uma das melhores instituições em ciências sociais e humanas. O texto completo da tese defendida no doutorado, intitulada *Informacion a la Comunidad: Modelo de Planificacion e Implantacion del Servicio em Bibliotecas Publicas de España y Brasil*, também está disponível digitalmente no Repositório Institucional da UnB¹³.

13 SUAIDEN, Emir José. **Informacion a la comunidad**: modelo de planificacion e implantacion del servicio en bibliotecas publicas de España y Brasil. 1989. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 1989. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/12750>. Acesso em: 16 fev. 2023.

Essa tese obteve a menção *Cun Laude* por unanimidade da banca, honraria dada a trabalhos acadêmicos que se distinguem dos demais, que significa, em tradução livre, “com honras”. O trabalho foi publicado pelo Editorial da Universidade Complutense de Madrid e algumas bibliotecas espanholas adotaram o modelo nele proposto. Posteriormente, o professor foi contratado pelo Ministério da Cultura da Espanha para implantar o projeto “Puntos de Informaciones Culturales” e, depois, para o projeto “Indexação e tesouros no Gabinete de Documentação da Universidade Autônoma de Madrid”.

Voltando ao Brasil, em 1993, ingressou no corpo docente da UnB, dando início à vida acadêmica propriamente dita, onde continua atuando mesmo depois da aposentadoria como professor titular, com orientações ainda em andamento. Nesse período, foi bolsista de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), nível 1-B, concedido a pesquisadores produtivos em suas áreas.

Como experiência profissional internacional, em 1996, o professor Emir ministrou disciplinas no Departamento de Ciência da Informação da Universidad de Puerto Rico (UPR), instituição de ensino superior nascida no início do século XX, sendo a maior do estado livre vinculado aos Estados Unidos da América do Norte. Em 1997, propôs o currículo para o curso de Biblioteconomia para a Universidad de la Plata, Argentina, aprovado pelo conselho da universidade. Em 2002, por meio do estágio de pós-doutorado na Universidad Carlos III de Madrid, passou a ministrar aulas de doutorado naquela instituição.

Como pesquisador, conforme registros em seu Currículo Lattes¹⁴, atua em seis linhas de pesquisa, sendo a mais atual Planejamento e Gestão da Informação e do Conhecimento. Nessa evolução, nota-se que todas as linhas de pesquisa estão ligadas à ciência da informação, especialmente à biblioteconomia, mas com uma diversidade de atividades e tópicos de estudos próprios da interdisciplinaridade dos estudos. Nesse sentido, pode-se verificar que foram registrados nove projetos de pesquisa, todos tendo o professor como coordenador, com grandes pesquisadores integrantes, como Jaime Robredo (*in memoriam*), Kira Tarapanoff, Cecília Leite de Oliveira, entre outros.

14 EMIR José Suaiden. **Currículo lattes**. Atualizado em: 18 maio 2022. Brasília: CNPq, 2022. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5651552109380543>. Acesso em: 16 fev. 2023.

O reconhecimento dos estudos do professor pode ser validado pela sua participação em periódicos científicos, sendo membro de corpo editorial de 14 revistas científicas nacionais e internacionais e revisor de 11 revistas. Geralmente, convites para participar de comitês editoriais de revistas são feitos apenas para estudiosos reconhecidos, pois é um dos critérios de avaliação. Por isso, pode-se verificar a visibilidade dos seus estudos na área de ciência da informação.

O reconhecimento profissional do professor também pode ser observado pela quantidade de prêmios recebidos, totalizando 16 desde 1978, como o bibliotecário do ano, dado pela Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB). Esses prêmios, concedidos por organizações nacionais e internacionais, revelam o reconhecimento pela contribuição dos estudos efetuados pelo professor à ciência da informação e à biblioteconomia.

Quanto aos resultados de estudos publicados, o professor Emir possui mais de 80 artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais. Nesse compêndio, tem-se publicações nas mais diversas revistas científicas, das mais conhecidas nacionalmente a iniciantes à época, destacando o posicionamento colaborativo e generoso com a disseminação da informação científica.

Parte das publicações do professor Emir estão em língua espanhola ou portuguesa, e a maioria versa sobre bibliotecas, principalmente as públicas. Nesse caminho, tem trabalhos colaborativos com grandes estudiosos da Ciência da Informação nacional, como: Suzana Mueller, Antônio Miranda e Kira Tarapanoff da UnB, por exemplo. Uma das poucas publicações em língua inglesa, o artigo *The Social Impact of Public Libraries* (SUAIDEN, 2003) possui 38 citações no Google Acadêmico, estando disponível *on-line* pelo portal de revistas da Emerald Insight¹⁵. Em língua portuguesa, há algumas publicações clássicas, como os artigos *Funções Sociais e Oportunidades para Profissionais da Informação e A Biblioteca Pública no Contexto da Sociedade da Informação*, com 139 e 175 citações, respectivamente, no Google Acadêmico.

15 SUAIDEN, Emir José. The social impact of public libraries. **Library Review**, v. 52, n. 8, p. 379-387, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1108/00242530310698520>. Acesso em: 16 fev. 2023.

A produção científica do professor Emir ainda é composta de grande quantidade de livros, capítulos de livros e artigos publicados em anais de eventos. Entretanto, pode-se ainda destacar sua visibilidade na assinatura de prefácios e apresentações de obras importantes como o prefácio, o posfácio e a apresentação da versão de 2007 da *Classificação Decimal Universal*, 2ª edição.

Outro ponto a ser apresentado refere-se às orientações. São 21 orientações de mestrado e 18 de doutorado, no período de 1998 a 2018, ou seja, 20 anos de atuação no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UnB, fora algumas ainda em andamento. A primeira orientação de mestrado, defendida em 1999, foi do atual professor de Biblioteconomia e da Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Pará (UFPA), Hamilton Vieira de Oliveira. A primeira tese orientada, com defesa efetuada em 1998, foi de Eliany de Alvarenga de Araújo, professora titular da Universidade Federal de Goiás (UFG).

No entanto, possivelmente, a grande discípula do professor Emir é a doutora Cecília Leite de Oliveira, que defendeu o seu doutorado em 2003, e sucedeu o professor Emir na direção do Ibict, assegurando a continuidade das ações e promovendo novas. A parceria entre o professor Emir e a doutora Cecília prosseguiu depois da defesa, à época em que elaboraram o projeto Escola Digital Integrada, que viria a se transformar em Lei no Distrito Federal – Lei n. 3.275, de 31 de dezembro de 2003.

Diretor do Ibict

Após alguns anos com diretores interinos, em 2005, por meio de um concurso público, no qual concorreram funcionários do Ibict, como Hélio Kuramoto, e professores de universidades como Sueli Mara Soares Pinto Ferreira, Emir Suaiden torna-se diretor do Ibict, ficando na casa por dois mandatos. A disputa acirrada contou com certa desconfiança inicial por parte dos colaboradores do instituto, logo dissipada pela forma humana como o professor iniciou o seu mandato.

Por intermédio da condução do professor Emir, o Ibict começou a perceber a estabilidade necessária ao desenvolvimento de suas ações, seus projetos e programas, desde os primeiros dias de mandato.

Ao colocar o professor Hélio Kuramoto, servidor de carreira do Ibict, de longa data, na vice-diretoria, aplacou desconfianças de alguns colaboradores da instituição e gerou grande apoio da casa. Essa visão humanista tornou-se constante na diretoria do Ibict, embora, posteriormente, devido a problemas pessoais e de relacionamentos, mudanças na direção tenham sido feitas para melhorar o funcionamento da instituição.

No âmbito administrativo, sob a orientação do professor, o Ibict, mantendo a sua vanguarda, passou a ser a primeira Unidade de Pesquisa (UP) vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) a firmar um Acordo de Cooperação Técnica Internacional (PRODOC) com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Em vista disso, a execução de projetos e programas do Ibict tornou-se mais dinâmica, haja vista a implementação de um instrumento que facilitou o desenvolvimento de ações do instituto, possibilitando a contratação de especialistas de alto nível.

Outro ponto de destaque nessa administração, foi a estruturação do Ibict a partir de três grandes coordenações gerais: Coordenação Geral de Pesquisa e Desenvolvimento de Novos Produtos (CGNP), Coordenação Geral de Pesquisa e Manutenção de Produtos Consolidados (CGPC) e Coordenação Geral de Tecnologias de Informação e Informática (CGTI). Essa estrutura procurou manter os serviços tradicionais, mas com abertura a novos caminhos, próprios da nova era digital, e levando em conta o seu amadurecimento no instituto.

As mudanças na orientação da instituição logo se fizeram presentes, principalmente a questão social, por meio do tema inclusão na sociedade da informação, com foco na discussão científica. Um dos resultados obtidos foi a criação do periódico científico *Inclusão Social*¹⁶, com financiamento inicial da Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 2005. Essa revista ainda está ativa e publicando novos artigos, agora com números temáticos.

Quanto aos serviços e produtos tradicionais do Ibict, merece ser destacado, nessa gestão, o início da modernização (atualização tecnológica) da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) em

16 INCLUSÃO SOCIAL. Brasília: Ibict, 2005-. ISSN-e 1808-8678. ISSN 1808-8392. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/index>. Acesso em: 16 fev. 2023.

2012, quando completava 10 anos, que culminou no novo portal e na agregação das teses e dissertações nos repositórios institucionais.

Ao longo desse período, a BDTD se estabeleceu como uma das maiores agregadoras de informação sobre Teses e Dissertações, sendo parte da Networked Digital Library of Theses and Dissertations (NDLTD). Para tanto, contou com o apoio da Capes, que passou a orientar que todos os programas de pós-graduação deveriam disponibilizar as teses e dissertações de forma *on-line*, levando as universidades a criarem suas bibliotecas digitais de teses e dissertações, que podiam ser coletadas pela BDTD.

Concernente aos repositórios, durante parte da gestão do professor Emir, houve o maior crescimento desses sistemas de informação no Brasil, devido, em grande parte, à ação do Ibict, que, por meio do Projeto IBICT-FINEP/PACL/XBDB, teve o seu primeiro edital lançado em 2009. Essa ação do Ibict refletiu-se de tal forma que praticamente todas as universidades brasileiras passaram a possuir Repositórios Institucionais, disseminando a sua produção acadêmica.

Os Repositórios Institucionais, por sua vez, podiam ter os seus metadados coletados pelo Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto (Oasisbr), que teve grande impulso durante a gestão do professor e se integra também aos Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP), aumentando a visibilidade da produção científica nacional.

Nessa onda de integração da literatura científica nacional, o Ibict converteu-se em ponto nacional do consórcio La Referencia, projeto financiado pelo Fundo de Bens Públicos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), coordenado pela Cooperação Latino Americana de Redes Avançadas (RedCLARA). A La Referencia agrega informações de 11 países latino-americanos e da Espanha, sendo um grande agregador de informação científica de acesso aberto.

Um ponto de destaque na primeira gestão do professor é a criação do Sistema Brasileiro de Respostas Técnicas (SBRT)¹⁷. Como descreve Suaiden (2007), o SBRT é um facilitador de acesso a soluções tecnológicas de baixa e média complexidade criadas por especialistas de

17 SERVIÇO BRASILEIRO DE RESPOSTAS TÉCNICAS. Página inicial. [S. l.]: SBRT, c2009. Disponível em: <http://sbrt.ibict.br/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

várias áreas para micro e pequenas empresas. Além disso, constitui uma rede, com sistema informatizado hospedado e desenvolvido pelo Ibict, composto de unidades acadêmicas de várias universidades brasileiras, que, desde 2005, tem aporte financeiro do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), por meio de convênio.

De 2006 a 2015, o Ibict e a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) realizaram o *Seminário sobre Informação* na Internet, para discutir os principais assuntos relacionados à informação na internet. Vários assuntos foram discutidos nos eventos ocorridos nesse período, tais como: movimento de acesso aberto (Open Access) à informação científica, Web 2.0, infodiversidade, impacto social da tecnologia, alfabetização tecnológica, inclusão digital, preservação digital, entre tantos outros.

Possivelmente, o programa de maior visibilidade nascido durante a gestão do professor Emir foi o Programa de Avaliação do Ciclo de Vida dos Produtos (ACV), com o apoio do MCTI e de governos da Suíça e Alemanha, por intermédio de suas embaixadas. A ACV, reconhecida internacionalmente, tem o apoio, no Brasil, da Confederação Nacional da Indústria (CNI), do Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro) e de diversas universidades brasileiras.

Braga (2018) relata que a ACV atende a várias comunidades, como a acadêmica, a empresarial e a governamental, ofertando conteúdos técnicos por meio de um sistema de informação mantido pelo Ibict. A ACV coloca o Ibict como representante de um grande movimento internacional, de preocupação social, produtiva e econômica, centro de muitas discussões. Desse modo, na esteira do sucesso do programa, foi criada a LALCA: *Revista Latino-Americana em Avaliação de Ciclo de Vida* (Lalca)¹⁸ em 2017.

Outro programa de impacto criado no mandato do professor Emir foi a Rede Cariniana, voltada à preservação digital, que mantém relações internacionais com as universidades de Stanford e Harvard. Márdero Arellano (2012) relata a importância da preservação digital no cenário digital em que o mundo se situa, com os desafios a serem enfrentados em vista do uso cada vez maior de informações digitais.

18 LALCA: REVISTA LATINO-AMERICANA EM AVALIAÇÃO DO CICLO DE VIDA. Brasília: Ibict, 2017-. ISSN 2527-0184. Disponível em: <http://revista.ibict.br/lalca>. Acesso em: 16 fev. 2023.

Assim, uma das soluções é o uso de redes distribuídas de preservação digital, como a sustentada pela Rede Cariniana.

Essa rede de serviços possui formas diferentes de adesão, com responsabilidades e atuações diferentes, como os parceiros integrais, os institucionais, o colaborador individual e a instituição usuária. O Ibict é o coordenador geral, mas possui capilaridade que cobre todo o país, de forma a se tornar a rede de preservação digital nacional. Além disso, a Rede Cariniana também possui seu periódico científico, a Revista Brasileira de Preservação Digital, nesse caso, sob a administração da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Nessa gestão, ainda merece destaque a procura pela internacionalização das ações desenvolvidas no instituto, tendo sido criado o Seminário Hispano Brasileiro, inicialmente em parceria com a Universidad Complutense de Madrid. Atualmente, esse evento está em sua décima edição, contando com a participação de diversas outras universidades ibero-americanas.

Por fim, com a visibilidade conseguida nessa gestão, o Ibict passou a atuar no Programa Informação para Todos, do MCTI, vinculado ao Information for All Program (Ifap), criado pela Unesco em 2000. Em vista disso, os colaboradores do Ibict podem apoiar as discussões internacionais sobre o tema, coordenando comitês do IFAP no Brasil, em busca de ofertar acesso amplo à informação.

Com esses exemplos de resultados das duas gestões do professor Emir como diretor do Ibict, pode-se ter noção da importância da estabilidade para o desenvolvimento dos programas e projetos na instituição. Graças a ela, o Ibict pôde evoluir com os produtos e serviços existentes e criar novos, da mesma forma que pôde alçar voos mais altos e longos, com a certeza de ter apoio por um tempo maior.

A vida profissional pós-Ibict

Com o término do segundo mandato como diretor do Ibict em 2013, sendo seguido pela doutora Cecília Leite de Oliveira, o professor Emir foi nomeado diretor da BCE da UnB. No período de direção da BCE, teve todo o apoio do reitor à época, professor Doutor Ivan Carmargo, além do Ibict e do RNP. Com isso, pôde-se aprovar uma nova

estrutura regimental, criando o Sistema de Bibliotecas da Universidade de Brasília, com participação nos diversos conselhos universitários, notadamente considerando a expansão da universidade e a criação dos campi de Planaltina, Ceilândia e Gama, cada qual com uma biblioteca.

O período de direção da BCE foi produtivo, com a publicação dos livros *Aprendizagem Organizacional: o Impacto das Narrativas*, pela Editora Appris, em parceria com Valério Brusamolin, e *Cultura da Informação: os Valores na Construção do Conhecimento*, pela Editora CRV, juntamente com Cecília Leite. Tudo isso sendo feito enquanto dava continuidade às atividades de orientação no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação e à participação em eventos científicos.

Em 2020, o professor Emir foi convidado para ser o diretor do Departamento de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas da Secretaria Especial de Cultura do Ministério do Turismo, com desafios ante aos problemas conhecidos em relação às bibliotecas públicas brasileiras e que se tornaram maiores com a perda de espaço decorrente da incorporação do Ministério da Cultura ao Ministério do Turismo.

Nessa gestão, uma das prioridades foi atuar na Biblioteca Demonstrativa do Brasil Maria da Conceição Moreira Salles (BDB), situada em Brasília. Essa biblioteca fechou por problemas estruturais em 2014, um impacto na vida cultural da cidade, visto que é a biblioteca pública mais antiga de Brasília. No entanto, devido à pandemia, a BDB teve as atividades retomadas aos poucos, sendo que, no início de 2021, voltaram a serem realizadas virtualmente.

Vê-se diante disso, que a contribuição do professor Emir após a direção do Ibict, fora a vida acadêmica, pode ser verificada nas ações da gestão da Biblioteca da UnB e do Departamento de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas, assim como no alinhamento pessoal, acadêmico e profissional na gestão de unidades administrativas voltadas a bibliotecas, em que a questão social e humana se prioriza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um ponto interessante é que Emir ou também Amir, em árabe, é um título dado a um chefe, ou mesmo um príncipe, ou seja, uma pessoa

que conduz o seu povo, tanto que, alguns países são chamados de Emirados para indicar um estado comandado por um Emir. Assim, pode-se dizer que o nome condiz com a pessoa, visto a liderança nata do professor Emir, que, pela sua história pessoal, acadêmica e profissional se mostra realmente um EMIR.

O site do Ibict, ao relatar a sua própria história, menciona a orientação do instituto a partir de 2005, início da gestação do professor Emir. Consta, nesse relato, que o Ibict ampliou a sua atuação ao abranger outros segmentos da sociedade carentes de informação organizada na *web* e que ainda não fazia parte da sua comunidade de usuários, ponto que revela a orientação humana e social que o professor imprimiu na condução do instituto.

Essa visão social gravada no Ibict pode ser vista no Programa de Inclusão Social, nas ações de letramento informacional e outras, que apoiam as políticas públicas voltadas ao campo social, notadamente no que diz respeito à implementação de ações diretas no campo da aprendizagem informacional e digital, como registra o seu site. Essa visão humanística manteve-se na gestão seguinte, capitaneada pela diretora Cecília Leite de Oliveira, grande discípula do professor Emir.

Assim, o legado deixado por esse diretor no Ibict mantém-se vivo por intermédio da orientação humana e social, dos resultados obtidos nos programas e projetos. Como um verdadeiro Emir, condutor de um povo, o professor deixou lições que estão presentes em todos os colaboradores que conviveram com ele e, por tabela, nos que chegaram depois de sua passagem pelo instituto, uma vez que o Ibict se mantém na orientação, com inúmeras inovações das novas gestões.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Tiago Emmanuel Nunes. **Modelo conceitual para gestão da informação tecnológica no Programa Brasileiro de Avaliação do Ciclo de Vida**. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. DOI: <https://www.doi.org/10.13140/RG.2.2.13046.86080>. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34223>. Acesso em: 16 fev. 2023.

MÁRDERO ARELLANO, Miguel Ángel. Cariniana: uma rede nacional de preservação digital. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 41, n. 1, p. 83-91, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1354>. Acesso em: 16 fev. 2023.

SUAIDEN, Emir José. The social impact of public libraries. **Library review**, [S. l.], v. 52, n. 8, p. 379-387, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1108/00242530310698520>. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/00242530310698520/full/html>. Acesso em: 16 fev. 2023.

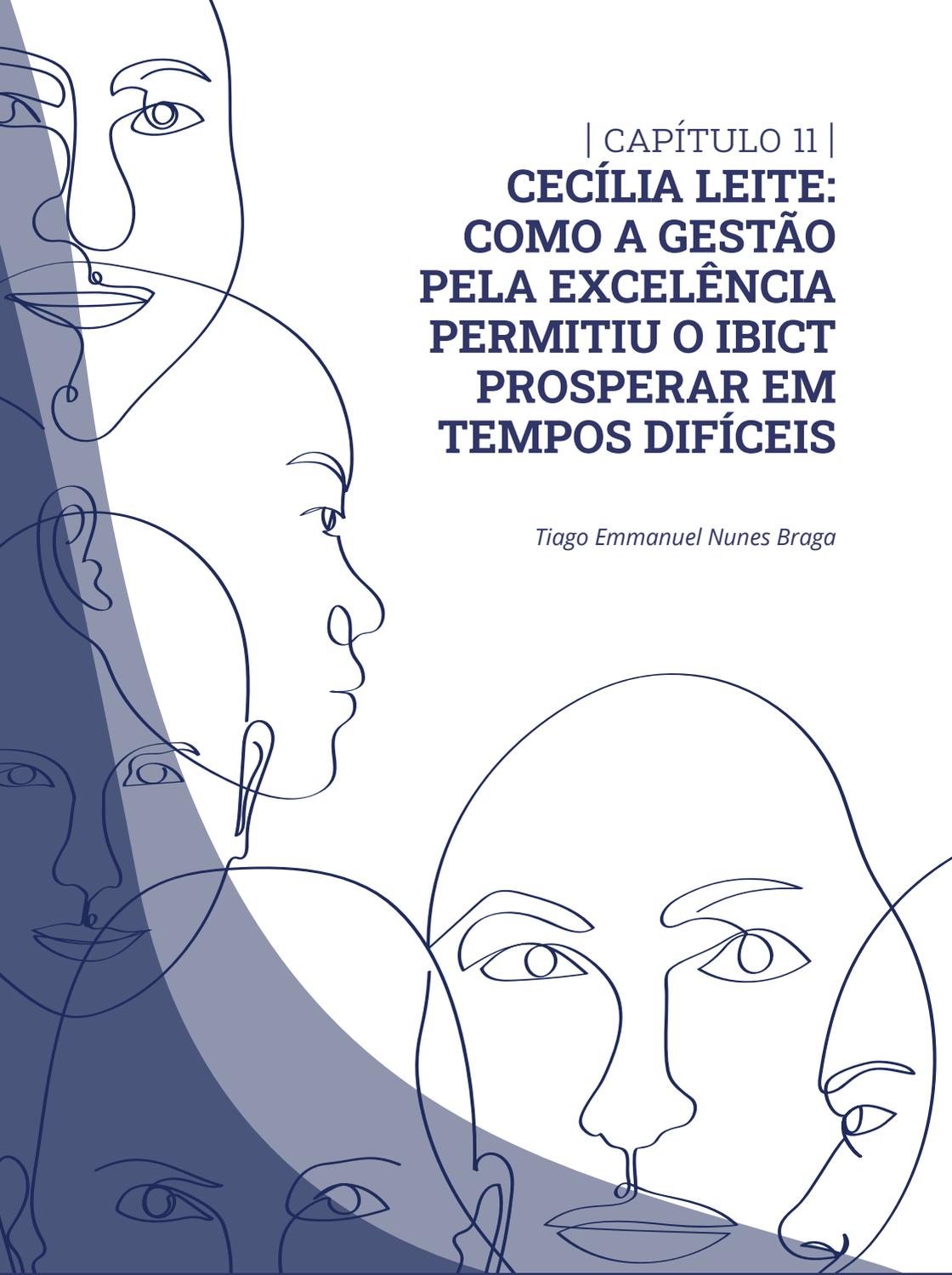
SUAIDEN, Emir José. Informação científica e tecnológica: a web e a teia da vida. **PontodeAcesso**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 30-52, jun. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/1397>. Acesso em: 16. fev. 2023.

VOLPINI, Elton Eugenio. A Biblioteca Central da Universidade de Brasília e o planejamento de seu novo edifício. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 43-50, jan./jun. 1973. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/19871>. Acesso em: 16 fev. 2023.

VOLPINI, Elton Eugenio. La Biblioteca Central de la Universidad de Brasilia. **Revista de Cultura Brasileña**, Madrid, n. 37, p. 101-116, jun. 1974. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=008109&pagfis=4077>. Acesso em: 16 fev. 2023.

Como citar o capítulo:

SHINTAKU, Milton. Emir José Suaiden: período de 2005 a 2013. In: CUNHA, Daniela A. P. (org.). **Ibict 70 anos: um resgate histórico daqueles que fizeram o instituto**. Brasília, DF: Ibict, 2023. Cap. 10, p. 180-195. DOI: 10.22477/9786589167457.cap10 .



| CAPÍTULO 11 |
**CECÍLIA LEITE:
COMO A GESTÃO
PELA EXCELÊNCIA
PERMITIU O IBICT
PROSPERAR EM
TEMPOS DIFÍCEIS**

Tiago Emmanuel Nunes Braga

INTRODUÇÃO

Cecília Leite Oliveira, nascida no Ceará, é uma das seis descendentes de Orlando Vieira Leite e de Francisca Gurgel Leite. O que motivou sua vinda ao Distrito Federal, na década de 50, foi o convite que seu pai recebeu para participar da organização do departamento de música da Universidade de Brasília (UnB).

Como a UnB foi a motivação para sua vinda à capital federal, acabou criando um vínculo muito forte com a universidade, onde, a partir de 1973, optou por realizar toda a sua formação acadêmica. Naquele ano, iniciou seus estudos no curso de Licenciatura Plena em Letras. Seu próximo degrau acadêmico foi a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação, iniciado em 1994 e finalizado em 1996. Para obtê-lo, apresentou a dissertação intitulada *Biblioteca Pública Centro de Convergente das Aspirações Comunitárias: Serviço de Informação à Comunidade nas Bibliotecas Públicas* do Distrito Federal (OLIVEIRA, 1996). Na ocasião, Cecília já demonstrava interesse pelos serviços de informação oferecidos à sociedade, algo que viria a ser fundamental anos mais tarde, quando assumiria a direção do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict).

Entre 2001 e 2003, seus esforços se voltaram para a conclusão do curso de doutorado, apresentando a tese *A Revolução Tecnológica e a Dimensão Humana da Informação: a Construção de um Modelo de Mediação* (OLIVEIRA, 2003). Esse trabalho propiciou-lhe desenvolver um olhar diferenciado do ser humano frente à tecnologia.

Profissionalmente, atuou por vários anos como professora de balé e dança clássica. Depois, continuou atuando na área cultural, quando foi, por exemplo, diretora do espaço Lúcio Costa, diretora do Panteão e diretora do Fundo de Amparo à Cultura. Anos mais tarde, iniciou um período de atuação na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), que culminou, em 2002, com seu ingresso enquanto servidora daquela instituição. Além dessas experiências, foi também docente e atuou em instituições de ensino superior de Brasília, inclusive na UnB. A aproximação com a pesquisa científica se fortaleceu enquanto subsecretária de Estado de Ciência e Tecnologia do Distrito Federal e enquanto coordenadora do Centro Nacional de Referência em Inclusão Digital, ligado à Fundação Biblioteca Nacional.

No Ibict, a atuação da Cecília Leite é marcada por dois períodos. O primeiro, de oito anos, quando foi convidada pelo então diretor do Instituto, prof. Emir Suaiden, para atuar como coordenadora-geral à frente de projetos como o Mapa de Inclusão Digital e o Corredor Digital Rural. O segundo, quando ela foi alçada ao cargo de diretora da Instituição após aprovação em um concurso público promovido pelo Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) por meio de um Comitê de Busca. O texto que aqui se apresenta tenta retratar esse segundo momento, compreendendo os dois mandatos de diretora exercidos por Cecília e estabelecendo como marco temporal os anos de 2014 a 2022.

UMA GESTÃO DE DESAFIOS: AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELA CIÊNCIA E PELO IBICT DURANTE A ÚLTIMA DÉCADA

Entre os anos de 2014 e 2022, o Brasil passou por um momento político intenso. No período, o País contou com três presidentes, e o MCTI teve à sua frente oito ministros de Estado. Além da movimentação política, houve uma grande crise econômica e social, que foi agravada por situações excepcionais, como a guerra no leste Europeu e a pandemia. Durante esse tempo, a sociedade viu emergir a propagação da desinformação em uma dimensão até então inédita, o que afetaria diretamente o valor do principal objeto de trabalho do Ibict: a informação.

Tendo em vista um cenário tão complexo, é de se imaginar que os desafios que se apresentaram foram igualmente de grandes proporções. Esses desafios podem ser separados em duas categorias: os de gestão da máquina pública e os informacionais.

Sobre os desafios de gestão, talvez o mais frequentemente apontado seja a falta de orçamento público. Quando Cecília assumiu o Ibict em 2014, o orçamento oficial destinado à Instituição era de R\$ 9.471.624,00¹⁹. Durante seus anos à frente do órgão, esse valor

19 Referente à Lei Orçamentária Anual do ano.

foi diversas vezes reduzido, contingenciado ou retido, não havendo nenhum ganho absoluto ou relativo até 2022, quando o valor repassado à Instituição, após um imenso esforço ministerial, foi de R\$ 13.550.000,00. Para se ter ideia do impacto disso, caso o valor de orçamento recebido pelo Ibict em 2014 fosse corrigido apenas compensando as perdas inflacionárias, em 2022 o orçamento da Instituição deveria ter sido de R\$ 15.658.412,44. Ao todo, as perdas orçamentárias foram de aproximadamente R\$ 33.000.000,00, ou seja, o equivalente a mais de dois anos de orçamento, se considerados os valores atuais. Essas perdas orçamentárias provocaram – além da incapacidade de contratar serviços necessários ao bom andamento da gestão – o envelhecimento da infraestrutura organizacional, principalmente de seu parque tecnológico e de conectividade.

Outro desafio a se destacar diz respeito à situação da quantidade e disponibilidade de profissionais efetivos da Instituição. O último concurso público realizado, o qual apresentava quantitativo de vagas destacado para o Ibict, ocorreu em 2012. No primeiro ano de mandato dessa gestão, havia 111²⁰ servidores ativos na instituição. Em meados de 2022, esse número era de apenas 74, uma diminuição de 33% no número de pessoal ativo atuante na área. Isso ocorreu, majoritariamente, devido aos pedidos de aposentadoria, mas também pela transferência de pessoal para outros órgãos. Sem uma perspectiva de reposição do quadro de pessoal, há grandes chances de perda do coeficiente intelectual ligado às pesquisas em informação. Com a mudança na estrutura de cargos no governo federal, ocorrida no início de 2019, a maioria das posições de confiança existentes no Instituto deixaram de permitir a nomeação de pessoas externas, restringindo-se à indicação de pessoas para o cargo de chefia, os quais deveriam ser profissionais que já fizessem parte do serviço público. Isso dificultou a atração de nomes de especialistas para os cargos de estratégicos. Os profissionais que se mantiveram na Instituição durante o período de análise estão sem aumento salarial desde 2015 e sem qualquer tipo de recomposição, mesmo inflacionária, desde 2017, o que faz com que o salário real dos funcionários do Ibict seja atualmente cerca de 22% menor do que aquele que se praticava em 2017. Isso consiste em um enorme desafio relacionado à manutenção da equipe motivada.

20 Números fornecidos por equipe interna do Ibict.

Em 2019, a nova gestão que acabara de assumir o comando do MCTI destacou uma de suas áreas para fazer um estudo sobre as unidades vinculadas. A primeira unidade a ser analisada, talvez por sua posição geográfica próxima à do Ministério, foi o Ibict. O relatório dessa análise foi extremamente injusto com o Instituto por não contemplar a realidade vivida naquele momento. Além de apresentar fatos inverídicos, o relatório trazia uma análise subjetiva que era prejudicial à Instituição, o que parecia ser proposital. Apesar de todas as falhas, o relatório foi disseminado internamente no MCTI, chegando ao conhecimento do Ministro comandante da pasta na época. Tal fato deixou o Instituto vulnerável e em grande risco, uma vez que estava sendo apresentada uma perspectiva desqualificadora e de qualidade inferior à nova gestão do MCTI, sem que fossem contemplados os critérios mínimos na análise de resultados da gestão pública, em especial os de pesquisa.

Por fim, entre os principais desafios de gestão encontrados, pode-se destacar a pandemia de covid-19, a qual, entre 2020 e 2022, fez com que diversas instituições precisassem se reinventar. A mudança repentina para o trabalho remoto, a necessidade de repensar as formas de comunicação entre os membros do Instituto e a falta de infraestruturas adequadas para o momento complexificaram muito a forma como a gestão pública poderia ser realizada. Muitas vezes não havia indicações externas sobre como proceder, de modo que foi preciso agir com base nas próprias interpretações e análises acerca da situação.

Além disso, desafios informacionais foram vivenciados nesses anos de gestão da diretora Cecília Leite. Talvez o maior deles tenha sido o questionamento à própria Ciência, que teve seu ápice no decorrer da pandemia. A credibilidade das publicações e avanços científicos foi posta à prova diante da calamidade pública que se instalou. As tradicionais formas de comunicação científica pareciam não ser suficientes para atender a uma população que recebia diariamente uma enorme quantidade de mensagens e informações falsas por meio de aplicativos de comunicação instantânea. O questionamento da Ciência tornou-se um grande tema institucional, já que cabe ao Ibict oferecer as infraestruturas informacionais para suporte da pesquisa brasileira.

Nesse sentido, a propagação de informações falsas e de desinformações provocou o que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) chamou de infodemia²¹, uma questão a ser considerada de forma prioritária no âmbito da Instituição. Desde a publicação de *fake news* em redes sociais até a utilização de sistemas governamentais para fraudar a obtenção de resultados acadêmicos por parte de autoridades, houve um grande movimento de disseminação de informações que não possuíam rastros em estudos científicos ou bases de dados confiáveis. O fenômeno da infodemia é algo com o qual a sociedade ainda não aprendeu a lidar completamente e que requer a atuação consistente de instituições como o Ibict.

Outro desafio que se apresentou no período foi o rebaixamento da nota do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PP-GCI) do Ibict junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Esse Programa é o mais tradicional da América Latina e Caribe, e seu rebaixamento representou um duro golpe, uma vez que poderia comprometer consideravelmente a capacidade do Instituto em se apresentar na vanguarda da área no Brasil e no mundo, bem como em se mostrar atrativo para que novos e promissores pesquisadores buscassem a Instituição.

Por fim, a enorme velocidade com que novas tecnologias informacionais foram surgindo e a demanda por produtos e serviços capazes de compreender a era do *Big Data* e da nuvem também merecem destaque. No período, a conectividade e a interoperabilidade deixaram de ser um atrativo para se tornarem um requisito indispensável. Produtos e serviços tradicionais passaram a não atender mais a demanda da sociedade e os novos desenvolvimentos se viram frente à necessidade de fornecer avanços técnicos e conceituais cada vez mais constantes.

As questões descritas anteriormente foram alguns dos principais desafios vivenciados durante a gestão da diretora Cecília Leite. Para enfrentá-los, foi necessário reinventar a Instituição, tanto do ponto de vista gerencial quanto com relação à sua finalidade: a pesquisa em informação. Apenas desse modo o Ibict poderia continuar contribuindo com o desenvolvimento de infraestruturas informacionais condizentes com as demandas nacionais e com a magnitude da Instituição.

21 Documento da Unesco Montevideo

DOS DESAFIOS À INOVAÇÃO: AVANÇOS NA GESTÃO E NAS ESTRUTURAS INFORMACIONAIS

Nas duas vezes em que se lançou candidata à direção do IbiCT, Cecília Leite se apresentou com propostas ousadas, que vislumbravam inovações na forma de gestão da Unidade. Tais propostas foram organizadas de forma a permitir a sequência entre as gestões e, com isso, estruturar o avanço institucional a longo prazo, uma perspectiva que, embora seja muito apreciada, é pouco usual no serviço público. A abordagem proposta está muito ligada ao fato de o IbiCT ser entendido pela diretora Cecília como um órgão de Estado, com atuação colaborativa com o governo, mas mantendo sua independência, como deve ser o caso para instituições de pesquisa.

No seu primeiro mandato foi proposto o projeto nomeado *Diálogos com a Ciência*, que se baseava na criação de canais de diálogo entre os projetos que eram coordenados pelo IbiCT e seus diversos grupos de interesse, seja na área acadêmica e científica, seja no setor produtivo, no setor governamental ou na sociedade. Já naquela época, a diretora Cecília Leite vislumbrou que apenas o fortalecimento da atuação em rede permitiria que a Instituição se mantivesse ativa e relevante nos cenários nacional e internacional. A primeira ação desse programa foi a realização de uma reunião geral com toda a equipe de colaboradores do IbiCT, que estavam localizados no Rio de Janeiro e em Brasília. O evento possibilitou a aproximação interna e a troca de experiência entre os diversos setores do órgão. A seguir, foram propostas diversas estratégias de atuação, fortalecendo a participação dos pesquisadores e profissionais do Instituto em fóruns técnicos e científicos, a realização de reuniões bilaterais e a promoção de eventos especializados. Toda essa movimentação promovida durante o *Diálogos com a Ciência* também permitiu a identificação de áreas e projetos que demandam esforço institucional e que deveriam ser incorporados ao planejamento estratégico do IbiCT.

Ao final do primeiro mandato, foi possível ter um entendimento aprofundado das carências do País no que tange à infraestrutura informacional em ciência e tecnologia. A segunda gestão de Cecília Leite se apoiou, então, no projeto *Integrar com Ciência*. O que se buscava

era a apresentação do Ibict enquanto instituição capaz de apoiar o desenvolvimento nacional por meio do oferecimento de produtos e serviços de informação voltados para a ciência, a tecnologia e o governo. Para tanto, foi promovida a aproximação do Instituto com diversas outras instituições.

Esse fato promoveu a utilização de produtos e serviços do Ibict em diferentes demandas sociais, permitindo que questões relevantes fossem resolvidas a partir da perspectiva informacional. Essa integração também viabilizou a execução de novos projetos, possibilitando que fossem propostas estratégias de gestão informacional vanguardistas. Muitas inovações surgiram nesse período, que ficou caracterizado pelos avanços e o reconhecimento do Ibict enquanto instituição chave para a valorização da informação de qualidade em nível nacional.

A gestão inovadora foi uma característica muito marcante durante os dois mandatos da diretora Cecília Leite. A partir das perspectivas adotadas nos projetos *Diálogo com a Ciência* e *Integrar com Ciência*, uma série de parcerias foram estabelecidas com distintos públicos: instituições públicas federais, instituições empresariais, instituições públicas de entes federativos estaduais e municipais, instituições e órgãos internacionais e organizações sociais. A disponibilidade em construir parcerias demandou que novas estratégias gerenciais fossem adotadas. Duas se destacaram: a utilização de fundações de apoio e o estabelecimento de projetos de cooperação internacional por meio do Acordo de Cooperação Técnica Internacional (PRODOC).

As fundações de apoio à pesquisa são instituições de caráter privado que possuem como missão apoiar a realização de pesquisas em instituições públicas. Muito comuns em universidades, sua utilização em pesquisas do Ibict era modesta até o ano de 2014, quando foi iniciado um processo de incentivo a esse tipo de apoio. Para que uma fundação pudesse ser habilitada a apoiar as pesquisas do Ibict era necessária a aprovação de dois ministérios, o Ministério da Educação (MEC) e o MCTI. Embora fosse um processo bastante desgastante do ponto de vista operacional, a percepção de que apenas com esse tipo de apoio poderia ser viabilizado o fortalecimento da Instituição serviu como mote para que a autorização com os ministérios fosse obtida. Durante este período, foram habilitadas diversas fundações de apoio e executados dezenas de projetos de pesquisa que promoveram a transformação social por meio de avanços informacionais.

Já o PRODOC tinha como principal função fornecer subsídios para o fortalecimento dos processos de gestão da instituição. A contratação de serviços e consultorias por meio desse mecanismo foi, sem dúvida, um dos grandes diferenciais do Ibict nos avanços obtidos durante as duas gestões da diretora Cecília Leite. Com a execução gerida pela Unesco e autorização do MCTI e do Itamaraty, por meio da Agência Brasileira de Cooperação (ABC), o PRODOC foi utilizado de forma intensa na modernização da compreensão dos desafios organizacionais que se apresentaram.

Os avanços na gestão do Ibict promovidos durante o período de atuação da diretora em questão foram fundamentais para que a Instituição tivesse condições de promover um profundo processo de reestruturação dos seus produtos e serviços de informação oferecidos à sociedade. Esses avanços podem ser organizados em seis principais categorias:

- × Ensino e pesquisa;
- × Informação para a ciência;
- × Informação tecnológica e para sustentabilidade;
- × Informação para o governo;
- × Tecnologias para a informação; e
- × Informação para a sociedade.

A formação em Ciência da Informação oferecida pelo Ibict é a mais tradicional da América Latina. Atualmente, ele se faz por meio de um programa de pós-graduação *stricto sensu* que oferece mestrado, doutorado e pós-doutorado. Sendo organizado conjuntamente com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ele oferece características únicas e é ofertado em formato presencial na unidade do Rio de Janeiro. Durante os mandatos em que Cecília Leite esteve à frente do Ibict, o curso se modernizou de diversas formas. Dentre elas, destaca-se a ampliação da internacionalização das atividades do programa, que pode ser exemplificada pela presidência da International Center for Information Ethics, exercida por professores do quadro

docente da Instituição. Outro avanço foi o oferecimento dos cursos de estação, que capacitaram mais de 5.000 alunos sobre o uso qualificado da informação. O resultado do esforço nessa área pôde ser contemplado com a mudança da nota de avaliação da Capes destinada ao Programa, que saiu de quatro para seis, obtendo um salto qualitativo incomum de ser observado no processo de avaliação da pós-graduação no Brasil.

Tradicionalmente, o Ibict surgiu como uma casa voltada para a organização da informação bibliográfica e documental. Durante décadas, propôs com sucesso modelos e ferramentas que pudessem garantir ao País as infraestruturas necessárias a essas áreas. No entanto, com o avanço das tecnologias da informação e da internet, os produtos e serviços oferecidos pelo Ibict tiveram, durante algum tempo, dificuldades de se manterem relevantes. Na gestão da diretora Cecília Leite foram feitos esforços no sentido de identificar quais seriam as ações necessárias para se retomar o vanguardismo de outrora. É assim que surge, por exemplo, o Pinakes²², uma proposta de integração desses serviços tradicionais que prima por repensar a forma como eles são oferecidos à sociedade.

Houve também, nesse tempo, um esforço enorme na promoção da Ciência Aberta e na integração das ações relativas ao ecossistema da Ciência Brasileira. Essas ações se concentraram, principalmente, no projeto denominado BRcris²³ e, quando estiverem finalizadas, possibilitarão que os elementos que compõem o processo de se fazer ciência no Brasil sejam mapeados, possibilitando a construção de políticas públicas assertivas. Além disso, promoveu-se a inovação por meio de parcerias com outras instituições que discutem a pesquisa nacional, como por exemplo, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Nesse caso, o Ibict

22 INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Notícias. Projeto de pesquisa Pinakes. **Ibict apresenta os avanços do Projeto de Pesquisa Pinakes e a reestruturação dos serviços bibliográficos tradicionais do Instituto.** Publicado em: 22 ago. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/ibict/pt-br/central-de-conteudos/noticias-ibict/agosto/ibict-apresenta-os-avancos-do-projeto-de-pesquisa-pinakes-e-a-reestruturacao-dos-servicos-bibliograficos-tradicionais-do-instituto>. Acesso em: 16 fev. 2023.

23 BRcris: Ecossistema da pesquisa brasileira. Disponível em: <https://brcris.ibict.br/vivo/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

desenvolveu um mecanismo de validar as informações inseridas no banco de currículos acadêmicos Lattes²⁴.

Além de todas as ações relativas ao processo de se fazer ciência, uma área que ganhou muito destaque durante a atuação dessa gestão foi a de Preservação Digital. Diferentes ações consolidaram o Programa, que já existia, mas que foi evidenciado no cenário nacional e internacional a partir das inovações produzidas em parceria com diversas instituições. Nesse cenário, a Rede Cariniana²⁵ tem se destacado. Além das ações já tradicionais relativas à preservação de dados e informações científicas, foram iniciadas outras ações relacionadas à preservação de *websites*, *e-mails*, documentos arquivísticos, dentre outros. Esse conjunto de atividades permitiu que o Ibict fosse procurado nos últimos anos por uma diversidade de instituições que buscava estruturar os seus projetos de preservação digital.

No que tange à informação tecnológica e para sustentabilidade, o Ibict continuou se apresentando como referência em âmbito nacional e internacional. Para a informação tecnológica, alguns avanços podem ser destacados, como, por exemplo, a modernização do Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas (SBRT)²⁶. Durante as gestões ocorridas entre 2014 e 2022, o serviço passou por uma completa reformulação que permitiu sua utilização em novos contextos. O financiamento do serviço também migrou, deixando de ser um modelo integralmente público para se tornar um modelo público/privado. Isso se deu com a adoção do serviço pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), que passou a disponibilizá-lo de forma prioritária a todos os seus usuários.

Já a informação para sustentabilidade ganhou grande destaque durante o período dessa gestão. As ações na temática eram inicialmente focadas na Avaliação do Ciclo de Vida (ACV)²⁷, o Instituto participou de diversos fóruns em que se procurava avançar na temática. Foi lançado, nesse período, o Banco Nacional de Inventários do Ciclo

24 Plataforma Lattes. Disponível em: <https://lattes.cnpq.br>. Acesso em: 16 fev. 2023.

25 Cariniana: Rede Brasileira de Serviços de Preservação Digital. Disponível em: <https://cariniana.ibict.br>. Acesso em: 16 fev. 2023.

26 Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas. Disponível em: <http://respostatecnica.org.br>. Acesso em: 16 fev. 2023.

27 Avaliação do Ciclo de Vida. Disponível em: <https://acv.ibict.br>. Acesso em: 16 fev. 2023.

de Vida (SICV Brasil)²⁸, também houve a adesão à *Life Cycle Initiative* e a participação como membro fundador da *Global LCA Data Access Network (GLAD)*²⁹. Além disso, o Ibict atuou junto com a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) na criação do Lavoisier, uma ferramenta inédita em nível mundial para conversão de dados de ACV entre distintos formatos. O sucesso dessa ferramenta foi tamanho que ela foi selecionada para integrar a plataforma global da ONU Meio Ambiente para ACV³⁰, a já citada GLAD.

Outro avanço importante a se destacar está relacionado à comunicação direta com a sociedade. Nesse período foi repensado o Canal Ciência³¹ e toda a estrutura de divulgação científica digital e presencial. Com isso, o Ibict conseguiu avançar na divulgação da ciência e dos cientistas brasileiros, bem como desenvolver metodologias capazes de situar a pesquisa bibliográfica junto a crianças e jovens estudantes. Pode-se dizer que a criação da plataforma Civis³² consolidou a atuação do Instituto na aproximação com a sociedade por meio da temática da Ciência Cidadã. Essa proposta inovadora permite a atuação direta da sociedade no processo de se fazer e se viver a ciência.

Houve também um esforço comunicacional voltado para o contato direto com os grupos de pessoas que possuem interesse nas ações do Ibict. A criação de um *podcast* e a realização de uma série de programas e lives³³ para a apresentação dos produtos e serviços desenvolvidos internamente permitiu esta aproximação com a sociedade e com os públicos do Ibict de uma forma muito direta. O fortalecimento das revistas *Ciência da Informação* e *Inclusão Digital* culminou com

28 Banco Nacional de Inventários do Ciclo de Vida. Disponível em: <https://sicv.acv.ibict.br>. Acesso em: 16 fev. 2023.

29 Global LCA Data Access network. Disponível em: <http://globallcadataaccess.org>. Acesso em: 16 fev. 2023.

30 HESSEL, Rosana. Software brasileiro será utilizado em plataforma global da ONU. **Correio Braziliense**. Postado em: 22 jan. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2023/01/5067961-software-brasileiro-sera-utilizado-em-plataforma-global-da-onu.html>. Acesso em: 16 fev. 2023.

31 Canal Ciência: Portal de Divulgação Científica e Tecnológica. Disponível em: <https://canalciencia.ibict.br>. Acesso em: 16 fev. 2023.

32 Civis: Plataforma de Ciência Cidadã. Disponível em: <https://civis.ibict.br>. Acesso em: 16 fev. 2023.

33 Canal do Youtube do Ibict. Disponível em: <https://www.youtube.com/@IBICTbr>. Acesso em: 16 fev. 2023.

a classificação das tradicionais publicações no qualis A da Capes para o último período, conforme divulgado em 2022.

É possível afirmar que a área de atuação do Ibict que vivenciou mais avanços durante os mandatos de Cecília Leite foi a de informação para governo. Seja por causa das novas estratégias de gestão proporcionadas pelo PRODOC e pelos Termo de Execução Descentralizada (TED), seja pelo momento do País, o fato é que uma grande quantidade de Ministérios e órgãos públicos passou a buscar no Ibict apoio para suas ações. Um exemplo desse processo foi a construção de observatórios informacionais dos mais distintos assuntos, desde a temática de oceanos até o mapeamento de ações de cooperação internacional.

Essa gestão também foi marcada pela criação de produtos e serviços de informação voltados para que instituições públicas pudessem avançar em suas infraestruturas informacionais. Uma dessas criações é o Sistema Aberto de Observatório para Visualização de Informações (Visão)³⁴. Essa ferramenta mapeia os dados públicos oficiais ao mesmo tempo em que permite que cidadãos, tomadores de decisão, gestores públicos e pesquisadores insiram seus próprios dados e criem suas visões personalizadas. Outro destaque foi o desenvolvimento do modelo de preservação arquivística Hipátia³⁵ que, de forma inovadora, estabelece uma série de procedimentos para preservar a memória arquivística das instituições. Tal fato fez com que o modelo fosse adotado em diversas instituições judiciárias e arquivísticas. A criação de modelos inovadores permitiu o mapeamento e análise estruturada de redes sociais³⁶.

Além da criação de tecnologias computacionais e informacionais próprias, durante esses últimos anos, o Ibict se tornou a principal referência em tecnologias abertas para a gestão de informações científicas, tecnológicas e governamentais. No portfólio da Instituição, além do suporte a tais tecnologias, há a disponibilização de uma série de guias e manuais traduzidos para o português, sendo, muitas vezes, a única fonte em nosso idioma.

34 Visão: sistema aberto de observatório para visualização de informações. Disponível em: <https://visao.ibict.br>. Acesso em: 16 fev. 2023.

35 Hipátia: modelo de preservação digital para implementação de repositórios arquivísticos digitais confiáveis. Disponível em: <https://hipatia.ibict.br>. Acesso em: 16 fev. 2023.

36 Disponível em: <http://monitor.cgti.ibict.br>. Acesso em: 16 fev. 2023.

DA INOVAÇÃO AO RECONHECIMENTO INSTITUCIONAL E INDIVIDUAL

Todos esses avanços promoveram uma verdadeira revolução na atuação do Instituto e marcaram uma nova época, em que o Ibict passou a ser demandado e reconhecido, tanto no âmbito nacional, quanto no internacional. Esse volume de inovação e de desenvolvimento reforçou o papel dos profissionais que formam a casa, marcando também o reconhecimento individual e profissional daqueles que se envolveram nas ações.

Dentre esses reconhecimentos, destacam-se alguns daqueles recebidos pelo Ibict no ano de 2022 e descritos a seguir:

- × Nota 6 no programa de pós-graduação em Ciência da Informação, parceria entre o Ibict e a UFRJ: dessa forma, o curso oferecido pelo Ibict passa a ser um dos dois únicos considerados de excelência no País.
- × Selo nacional de modernização do Estado para o Visão e para o Hipátia: duas infraestruturas informacionais produzidas e mantidas pelo Ibict foram reconhecidas com o selo bronze e prata de modernização do Estado brasileiro, marcando a relevância das ações do Instituto.
- × Prêmio de excelência e gestão MCTI: pela forma como a gestão do Ibict foi conduzida durante os últimos anos.
- × Prêmio de melhor tese da área de Ciência da Informação: concedida pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação durante o ENANCIB 2022.
- × Aprovação da ONU Meio Ambiente Paris da incorporação do *software* Lavoisier, produzido em parceria entre o Ibict e a UTFPR, em sua plataforma global de Avaliação do Ciclo de Vida.

O reconhecimento institucional das gestões comandadas por Cecília Leite possui o valor simbólico de coroar a reconstrução da casa após um grande período de interinidade. No entanto, uma outra marca se fez bastante presente durante esses anos de gestão, o Ibict se posicionou como uma instituição de e para pessoas.

Tal posicionamento possibilitou que os profissionais que atuam na Instituição entendessem a importância das ações e projetos desempenhados pelo Instituto e o papel de cada um nessa construção. A fim de reforçar a valorização do ser humano, foi aprimorada a área de qualidade de vida, que, em parceria com as outras instituições ocupantes do prédio, ofereceu atendimentos diversos tais como: médico, dentista, massoterapeuta, psicólogo, fisioterapeuta, estética, educador físico, dentre outros. Com o advento da pandemia de covid-19, os atendimentos que eram feitos presencialmente foram suspensos, mas, diante do arrefecimento da pandemia, foram resgatados.

Outra importante característica empreendida durante os mandatos de Cecília Leite foi a horizontalização de sua gestão. Com a diminuição da estrutura hierárquica para a tomada de decisões, um ambiente de colaboração e construção coletiva foi viabilizado. A unidade do Rio de Janeiro, que historicamente se mantinha mais distante das ações empreendidas pela sede em Brasília, passou a atuar de forma integrada, possibilitando a construção de ações conjuntas. Um processo similar ocorreu com as equipes internas de trabalho, caracterizadas pelas coordenações-gerais. Foi implantado um sistema de partilha e decisão colegiada. Dessa forma, os posicionamentos, projetos, ações e decisões administrativas são compartilhadas entre os funcionários, possibilitando que sejam ouvidas diferentes percepções e pontuadas propostas com base na percepção dos diversos grupos do Instituto. Uma decisão final é tomada de forma conjunta e validada com a equipe.

Essa mudança na postura de como se constrói as ações do Ibict permitiu que um novo sentimento de pertencimento se apropriasse dos colaboradores. Muitas das conquistas e avanços experienciados durante as duas gestões se deve a essa mudança de postura diante de uma proposta inovadora e acolhedora de gestão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever este capítulo me permitiu revisitar a trajetória dessa fantástica mulher, Cecília Leite, que foi construída com muita paixão, competência e apreço pelo ser humano. Fazer parte dessa história foi um exercício constante de aprendizado, que espero poder levar ao longo de toda minha jornada profissional.

O legado deixado para o Ibict após as duas gestões de Cecília Leite passa por todas as áreas, seja no ensino de Ciência da Informação, na pesquisa teórica e aplicada, ou na gestão inovadora. Sua forma humana e ativa de buscar entender os contextos que se apresentam e propor soluções permitiu avanços únicos no campo da informação, beneficiando a instituição em uma perspectiva mais direta e, principalmente o País, quando se analisa a partir de uma abordagem sistêmica.

Não há pretensão de apresentar essa gestão como um período sem erros. Eles existiram, mas foram minimizados pela quantidade de acertos, bem como pela busca constante pelo aprimoramento em como se fazer ciência e pesquisa em informação no Brasil.

A valorização da informação enquanto matéria prima intelectual do País é fator preponderante para se avançar na construção de políticas públicas capazes de apoiar o desenvolvimento nacional. As contribuições dadas pelo Ibict por meio de infraestruturas informacionais alinhadas com essa percepção, bem como produtos e serviços informacionais para suporte a diversos setores da sociedade, marcam uma proposta institucional vanguardista e acertada. Tal opção foi encampada pelo Ibict durante os últimos anos e compartilhada com seus parceiros acadêmicos, empresariais e governamentais.

O que se tem, após esse período, é um País mais preparado para os desafios constantes que se apresentam nas relações sociais e, acima de tudo, a constatação de que não há limites quando há o interesse genuíno em melhorar a sociedade.

SOBRE O TEXTO

O autor deste capítulo atuou em diversos projetos e áreas do Ibict durante a gestão da diretora Cecília Leite. Ao escrever este texto, buscou trazer percepções próprias acerca das mudanças ocorridas no período de forma a permitir, em alguma medida, a compreensão por parte do leitor sobre as aflições e expectativas experienciadas pelo corpo técnico da Instituição. Tal capítulo não se apresenta como uma pesquisa histórica, muito pelo contrário, busca ser um relato empírico dos desafios e transformações ocorridas no Ibict entre os anos de 2014 e 2022 e foi influenciado pela convivência entre o autor, a diretora e sua gestão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 12.952, de 20 de janeiro de 2014.** Estima a receita e fixa a despesa da União para o exercício financeiro de 2014. Brasília: Diário Oficial da União, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCl-VIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L12952.htm. Acesso em: 16 fev. 2023.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (Brasil). **Plataforma Lattes.** 2023. Página inicial. Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

GLOBAL LCA DATA ACCESS. Homepage. Disponível em: <https://www.globallcadataaccess.org/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

HESSSEL, Rosana. **Software brasileiro será utilizado em plataforma global da ONU.** 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2023/01/5067961-software-brasileiro-sera-utilizado-em-plataforma-global-da-onu.html>. Acesso em: 16 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Avaliação do Ciclo de Vida.** Página inicial. Disponível em: <https://acv.ibict.br/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **BrCris:** ecossistema da pesquisa brasileira. 2023. Página inicial. Disponível em: <https://brcris.ibict.br/vivo/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Canal Ciência.** Página inicial. Disponível em: <https://canalciencia.ibict.br/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Cariniana:** Rede Brasileira de Serviços de Preservação Digital. 2023. Página inicial. Disponível em: <https://cariniana.ibict.br>. Acesso em: 16 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Civis:** plataforma de Ciência Cidadã. Página inicial. Disponível em: <https://civis.ibict.br/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Ecosistema ACV**. Página inicial. Disponível em: <https://sicv.acv.ibict.br/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Hipátia**: modelo de preservação. Página inicial. Disponível em: <https://hipatia.ibict.br/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Ibict apresenta os avanços do Projeto de Pesquisa Pinakes e a reestruturação dos serviços bibliográficos tradicionais do Instituto**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/ibict/pt-br/central-de-conteudos/noticias-ibict/agosto/ibict-apresenta-os-avancos-do-projeto-de-pesquisa-pinakes-e-a-reestruturacao-dos-servicos-bibliograficos-tradicionais-do-instituto>. Acesso em: 16 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Página Inicial do Canal**. Página inicial. Disponível em: <https://www.youtube.com/@IBICTbr>. Acesso em: 16 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas**. c2009. Página inicial. Disponível em: <http://respostatecnica.org.br/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Twitter Monitor**. Página inicial. Disponível em: <http://monitor.cgti.ibict.br/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Visão**. Página inicial. Disponível em: <https://visao.ibict.br/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

Como citar o capítulo:

BRAGA, Tiago Emmanuel Nunes. Cecília Leite: como a gestão pela excelência permitiu o Ibict prosperar em tempos difíceis. *In*: CUNHA, Daniela A. P. (org.). **Ibict 70 anos: um resgate histórico daqueles que fizeram o instituto**. Brasília, DF: Ibict, 2023. Cap. 11, p. 196-213. DOI: 10.22477/9786589167457.cap11 .

SOBRE OS AUTORES





Ana Suely Pinho Lopes

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9194685508526880>

Doutora em Jornalismo e Estudos Mediáticos pela Universidade Fernando Pessoa (Portugal), Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria, Especialização MBA em Gestão de Projetos pela Universidade Católica de Brasília, Graduação em Arquivologia pela Universidade de Brasília, Graduação em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal do Ceará. Membro permanente pelo Brasil no Encontro Latino-americano de Bibliotecas, Arquivos e Museus. Membro do Grupo de Pesquisa Dríade da Rede Cariniana (Ibict).



Andréa Doyle

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0261141207039352>

Doutora e mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Graduação em Métiers de l'Information et de la Communication pela Université de Metz (França). Professora do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondônia, Vice-chefe do Departamento Acadêmico de Ciência da Informação e presidente do Núcleo Docente Estruturante. Membro da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições. Pesquisadora do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). Membro dos grupos de pesquisa LabColInfo (UFRJ), Competência em Informação e Mediação (UNIR), Tecnologias para Construção de Observatórios (Ibict), RedeColInfo.



Fabiane Castelo Branco Diógenes

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4878271793548470>

Doutora e Mestre em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília, Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará. Atua como assessora do Diretório do Grupo de Pesquisas e no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia realiza pesquisas na área de Competência em Informação (ColInfo), atua em serviços técnicos de tratamento de informação, gerência de programas de informação visando acessibilidade ao documento primário em Ciência e Tecnologia, planejamento e administração de sistemas e redes de informação em Ciência e Tecnologia em ambientes virtuais e acompanhamento de projetos de informação.



Frederico Ramos Oliveira

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2791932279957633>

Doutorando em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Mestre em Comunicação, Especialista em Processos e Produtos Criativos e Graduação em Jornalismo pela Universidade Federal do Goiás (UFG). Foi professor no curso de Jornalismo e Produção Cultural na UFBA, no curso de Jornalismo, Publicidade e Propaganda na Faculdade Sul-Americana, no curso de Educação, Comunicação e Mídias na Faculdade de Educação da UFG.



Gustavo Silva Saldanha

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6143079905555041>

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Especialista em Filosofia Medieval pela Faculdade São Bento do Rio de Janeiro, Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (Ibict/UFRJ), do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Líder do grupo de pesquisa Ecce Liber. Editor executivo do periódico Liinc. Membro do Círculo Iberoamericano de Ciencia de la Información Documental. Pesquisador titular do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict).



Lena Vania Ribeiro Pinheiro

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9613980184982976>

Doutora em Comunicação e Cultura e Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Especialista em Rede de Bibliotecas pela Universidade de São Paulo, Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Foi professora de História da Arte na UFPA. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Ibict e professora colaboradora da UFPA. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa BRIQUET: Biblioteconomia, Recuperação da Informação, E-Science e suas teorias.



Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5541636086123721>

Doutora em Sciences de l'Information et de la Communication pela Université du Sud Toulon-Var, França, Doutora em Ciência da Informação e Mestre em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília (UnB), Especialista em Inteligência Competitiva pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Graduação em Engenharia Mecânica pela UnB. Docente da Faculdade de Ciência da Informação da UnB, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Ibict com a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vice-líder do grupo de pesquisa Inteligência Organizacional e Competitiva da UnB, membro do grupo de pesquisa Ciência Aberta e Acesso Aberto à Informação Científica do Ibict.



Luana Farias Sales

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9090064478702633>

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Ciência da Informação e Graduação em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal Fluminense. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do convênio Ibict/UFRJ. Coordenadora-Geral da Rede de Implementação do GO FAIR Brasil.



Maria de Fátima Diniz Lobo

Mestre em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade de Brasília, Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba. Atuou como Bolsista no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação e profissionalmente na Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural no Sistema Nacional de Informação e Documentação Agrícola, no Ibict com participação na estruturação de formato de intercâmbio bibliográfico, no CNPq na gestão de fomento à pesquisa, no Ministério da Ciência e Tecnologia e na Capes com o aperfeiçoamento do Portal de Periódicos.



Milton Shintaku

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8605833104600600>

Doutor em Ciência da Informação e Mestre em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília, Especialista em Análise de Sistemas pela Universidade Católica de Brasília, Graduação em Matemática pelo Centro Universitário de Brasília. Coordenador de Tecnologias para Informação no Ibict. Credenciado no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná.



Nanci Elizabeth Oddone

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2233874942329402>

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília, Especialista em Produção Editorial pela Universidade Católica do Salvador, Especialista em Língua Inglesa pelo Centro de Cultura Anglo-Americana, Graduação em Biblioteconomia e Documentação, Licenciatura em Letras pela Universidade Federal da Bahia e Graduação Bacharel em Letras pela UFRJ. Professora titular da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. É membro do Capítulo Brasil da Association for Information Science & Technology (ASIS&T) e do Capítulo Brasil da International Society for Knowledge Organization (ISKO).



Ricardo Crisafulli Rodrigues

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5374451824471403>

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília, Mestre em Fotografia pela Scuola per la Fotografia di Moda (Itália), Especialista em Administração de Sistemas de Informação pela Universidade Católica de Brasília, Graduação em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. Atualmente é consultor no Ibict.



Ricardo Medeiros Pimenta

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0416440515458304>

Doutor e Mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Especialista em História do Brasil pela Universidade Cândido Mendes, Graduação em Bacharel e Licenciatura em História pela Universidade Gama Filho. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do convênio Ibict/UFRJ. Líder do grupo de pesquisa Memória e Sociedade da Informação do Ibict. Editor associado da revista International Journal of Humanities and Arts Computing.



Rosilene Paiva Marinho de Sousa

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4465533418771961>

Doutora e Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba, Mestre em Direito e Especialista em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho pelo Centro Universitário de João Pessoa, Especialista em História do Brasil pela Universidade Cândido Mendes, Graduação em Biblioteconomia pelo Centro Universitário Claretiano e Graduação em Licenciatura em História e em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande. Foi membro da Comissão de Direitos Difusos e Coletivos e Relação de Consumo e secretária da Comissão de Tecnologia da Informação da Ordem dos Advogados do Brasil da Seccional da Paraíba. Professora do curso de Direito da Universidade Federal do Oeste da Bahia.



Tiago Emmanuel Nunes Braga

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8376134230259399>

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília, Mestre em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Graduação em Sistemas de Informação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Atualmente é diretor substituto do Ibict, Coordenador-Geral de Tecnologias da Informação e Informática. Líder grupo de pesquisa INSUMO: Laboratório de Informação e Sociedade. Editor executivo da LALCA: Revista Latino-Americana em Avaliação do Ciclo de Vida e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do convênio Ibict/UFRJ.

Contar a história do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), por meio das pessoas que o lideraram, humaniza os fatos e os acontecimentos, além de prestar a devida homenagem às pessoas que o engrandeceram. Desde sua criação, ainda no início de 1954 como Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), o Ibict se mostrou vanguardista e, até certo ponto, com uma presença feminina marcante. O instituto foi criado por uma mulher, em uma época em que a presença de mulheres na vida profissional ainda era rara. Da mesma forma, o Ibict teve várias diretoras durante sua história, imprimindo-lhe marcas significativas, o que o torna único entre as unidades de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), não apenas por atuar com a informação, transversal a todas as disciplinas científicas, poderes e esferas governamentais, mas também pela constante adaptação às novas tecnologias e tendências mundiais. Assim, a história do Ibict é de seus diretores e, acima de tudo, de todos os colaboradores que atuam no instituto.

ISBN: 978-65-89167-45-7

